

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – PPGCOM
NÍVEL MESTRADO

MOISÉS SBARDELOTTO

‘E o Verbo se fez bit’

Uma análise de sites católicos brasileiros como ambiente para a experiência religiosa

SÃO LEOPOLDO

2011

MOISÉS SBARDELOTTO

“E o Verbo se fez bit”

Uma análise de sites católicos brasileiros como ambiente para a experiência religiosa

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Orientador: Professor Doutor Antônio Fausto Neto

SÃO LEOPOLDO

2011

S276e

Sbardelotto, Moisés.

“E o verbo se fez bit” : uma análise de sites católicos brasileiros como ambiente para a experiência religiosa / Moisés Sbardelotto. – 2011.

205 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2011.

“Orientador: Professor Doutor Antônio Fausto Neto.”

1. Internet – Aspectos religiosos – Igreja Católica. 2. Comunicação de massa. 3. Igreja Católica – Recursos de rede de computador.
I. Título.

CDD 201.6004

CDU 272:004.738.1

Não existem fatos, apenas interpretações. E isso é uma interpretação.

Friedrich Nietzsche

*Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra.
– Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? – pergunta Kublai Khan.
– A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra –
responde Marco –, mas pela curva do arco que estas formam.
Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta:
– Por que falar das pedras? Só o arco me interessa.
Polo responde:
– Sem as pedras o arco não existe.*

Italo Calvino, *As Cidades Invisíveis*

“Por quê?” é filosofia. “Porque” é pretensão.

Millôr Fernandes

Toda resposta gera uma nova pergunta.

Mikhail Mikhailovich Bakhtin

*Aos meus oito sobrinhos,
Cecília, André, Teresa, Tomás, Milena, Clara, Alice e Luisa,
com quem aprendi a aprender e a gostar de aprender.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, amigo e fonte de vida constante.

À Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos pela acolhida como funcionário e como estudante ao longo desta trajetória de pós-graduação.

Aos amigos jesuítas, principalmente a Inácio Neutzling, pelo fraterno e vigoroso incentivo ao início desta etapa de formação e pelo convívio e aprendizado no Instituto Humanitas Unisinos – IHU; a Pedro Gilberto Gomes, pelo auxílio na construção desta pesquisa desde o seu início; e a Roque Junges, pela amizade e companhia há tanto tempo.

Ao meu orientador, Antônio Fausto Neto, pela dedicação com que me acompanhou neste processo de estudos, abrindo-me novos horizontes de pensamento e permitindo-me dar meus primeiros passos de pesquisa com muita liberdade e confiança.

Também à professora Suzana Kilpp e ao professor José Luiz Braga que, pela qualidade de suas aulas, foram um exemplo e um incentivo a seguir em frente na área acadêmica.

Especialmente a meu pai, Cláudio, e minha mãe, Idena, que, mesmo não tendo alcançado uma formação superior, souberam dar valor ao conhecimento dos seus filhos e investiram na qualidade do estudo que nos proporcionaram.

Ao Mateus (*in memoriam*), melhor irmão do mundo, incomparável, insubstituível e inesquecível, meu muito obrigado pelo exemplo e companhia constantes.

Às minhas irmãs, Cláudia e Cristiane, e esposos, pelo incentivo e companheirismo em todos os momentos. E também por terem mudado a minha vida com o nascimento dos meus sobrinhos Cecília, André, Teresa, Tomás, Milena, Clara, Alice e Luisa. A eles, o meu muito obrigado por serem a diversão e a fonte de alegrias do tio.

À Anne, minha linda, pelo carinho, companhia e estímulo em cada passo meu há quase uma década.

E – *last but not least* – às amigas e amigos, as Missionárias de Cristo Ressuscitado, especialmente as “Anas”, Cristina, Susana, e também Sonia, Paulo, Pedro, Renato e Rovani, pelas conversas e gargalhadas ao longo deste período, entre um copo de vinho e outro.

RESUMO

Com a manifestação de um fenômeno de apropriação da Internet por parte das instituições religiosas católicas, este texto busca analisar o funcionamento das interações entre fiel-Igreja-Deus para a vivência, a prática e a experiência da fé nos rituais online do ambiente digital católico brasileiro. Examina-se particularmente, por meio de uma metodologia analítica qualitativa, fundamentada nas contribuições do pensamento sistêmico e complexo, um corpus de pesquisa de quatro sites católicos: CatolicaNet, Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus – Província do Paraná, A12 e Pe. Reginaldo Manzotti. Perscruta-se, assim, que religião resulta dessa manifestação de práticas religiosas a partir do emprego e da atividade dos meios digitais, com o objetivo de colaborar com a análise das primeiras consequências diretas que esse fenômeno está trazendo para a religião e, particularmente, para a Igreja Católica como a conhecemos hoje. A partir de uma leitura de alguns estudos que abordam a interface entre comunicação e fenômeno religioso na Internet, reflete-se sobre alguns conceitos e perspectivas de análise para a investigação dos sites católicos institucionais brasileiros, como a midiaticização digital do sistema religioso; a questão da técnica transformada em meio; novas modalidades de experienciamento; e novas configurações de tempo-espaco-materialidades na experiência religiosa do fiel-internauta. Em seguida, descrevem-se três modalidades de estratégias de oferta de sagrado por parte do sistema e de apropriação por parte do fiel nos sites católicos brasileiros, a partir de inferências obtidas em nosso corpus de pesquisa: os níveis tecnológico e simbólico da interface interacional; quatro fluxos de interações discursivas; e dois fluxos, com dois subfluxos cada, de interações rituais. Como pistas de conclusão, aponta-se que, por meio dessas estratégias interacionais, a religião que nasce no ambiente online é vivenciada, praticada e experienciada por meio de novas temporalidades, novas espacialidades, novas materialidades, novas discursividades e novas ritualidades marcadas pelos protocolos e processualidades da Internet.

Palavras-chave: Internet; religião; midiaticização; interação; sistema.

ABSTRACT

With the manifestation of a phenomenon of appropriation of the Internet by Catholic religious institutions, this research analyzes the operation of the interactions among faithful- Church-God to the living, practice and experience of the faith in the online rituals of the Brazilian Catholic digital environment. It examines in particular, through an analytical methodology, based on the contributions of the systemic and complex thinking, a corpus for research of four Catholic websites: CatolicaNet, Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus – Província do Paraná, A12 and Fr. Reginaldo Manzotti. It investigates what religion is born from that manifestation of religious practices from the employment and activity of digital media, aiming to collaborate with the analysis of the first direct consequences this phenomenon is bringing to religion, and particularly for the Catholic Church as we know it today. From a reading of some studies that address the interface between communication and religious phenomenon on the Internet, it reflects on some concepts and analytical perspectives for investigating the institutional Catholic Brazilian websites, such as digital mediatization of the religious system; the issue of the technique transformed into media; new modalities of experiencing; and new configurations of time-space-materiality in the religious experience of the faithful. Then, it describes three modalities of supply strategies of the sacred by the system and of appropriation by the faithful in Brazilian Catholic websites, from inferences obtained from our corpus of research: four technological and symbolic levels of interface interactions; four flows of discursive interactions; and two flows, each with two sub-flows, of ritual interactions. In conclusion, it is noted that, through these interactional strategies, the religion that is born in the online environment is lived, practiced, and experienced through new temporalities, new spatialities, new materialities, new discursivities, and new ritualities that are marked by the protocols and processualities of the Internet.

Keywords: Internet; religion; mediatization; interaction; system.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Página da "Peregrinação Virtual" do site A12.....	101
Figura 2 - "Peregrinação Virtual" do site A12.....	102
Figura 3 - Página do ritual "Adoração ao Santíssimo" do site das Apóstolas antes da animação automática	103
Figura 4 - Página do ritual "Adoração ao Santíssimo" do site das Apóstolas após a animação automática	103
Figura 5 - Tipos de cursores.....	104
Figura 6 - Página inicial do site do Pe. Reginaldo Manzotti.....	107
Figura 7 - Detalhe do menu do site do Pe. Reginaldo Manzotti.....	109
Figura 8 - Página inicial do site das Apóstolas	110
Figura 9 - Detalhe do menu "aberto" do site das Apóstolas	110
Figura 10 - Página inicial do site CatolicaNet	112
Figura 11 - Página inicial do site A12.....	113
Figura 12 - Banner de "publicidade" da "Capela Virtual" do site A12	115
Figura 13 - Banner para a "Capela Virtual" do site A12.....	115
Figura 14 - Página inicial da "Capela Virtual" do site do Pe. Reginaldo Manzotti.....	119
Figura 15 - Página inicial da "Capela Virtual" do site das Apóstolas	120
Figura 16 - Página inicial da "Capela Virtual" do site A12	121
Figura 17 - Serviço "Intenção de missa" da "Capela Virtual" do site A12.....	125
Figura 18 - Serviço "Peça uma Oração" do site das Apóstolas	126
Figura 19 - Sequência de páginas do ritual "Acenda sua Vela" do site das Apóstolas	127
Figura 20 - Indicação do número de devotos online no site do Pe. Manzotti.....	128
Figura 21 - Detalhe do sistema de bloqueio a mensagens automáticas da "Capela Virtual" do Pe. Manzotti.....	131
Figura 22 - Diagrama das interações discursivas em rituais online.....	133
Figura 23 - Exemplo de interação discursiva "fiel-Outro" na "Capela Virtual" do site do Pe. Manzotti.....	134
Figura 24 - Exemplo de interação discursiva "fiel-Outro" na "Capela Virtual" do site A12.....	135
Figura 25 - Exemplo de interação discursiva "fiel-Outro" na "Capela Virtual" do site das Apóstolas	135
Figura 26 - Exemplo de interação discursiva "fiel-Outro" na "Capela Virtual" do site do Pe. Manzotti.....	136
Figura 27 - Exemplo de interação discursiva "fiel-Outro" do site CatolicaNet.....	137
Figura 28 - Exemplo de interação discursiva "fiel-Outro" do site CatolicaNet.....	137
Figura 29 - Exemplo de interação "fiel-outro" no site do Pe. Manzotti	139
Figura 30 - Exemplo de interação discursiva "fiel-outro" no site CatolicaNet.....	140
Figura 31 - Exemplo de interação discursiva "fiel-outro" no site CatolicaNet.....	141
Figura 32 - Exemplo de interação "fiel-outro-Outro" da "Capela Virtual" do site das Apóstolas	143
Figura 33 - Exemplo de interação "fiel-outro-Outro" da "Capela Virtual" do site das Apóstolas	143
Figura 34 - Exemplo de interação discursiva "fiel-Outro-outro" do site CatolicaNet.....	145
Figura 35 - Exemplo de interação discursiva "fiel-Outro-outro" da "Capela Virtual" do site A12	145
Figura 36 - Exemplo de interação discursiva "fiel-Outro-outro" da "Capela Virtual" do site das Apóstolas	146
Figura 37 - Exemplo de interação discursiva "fiel-Outro-outro" da "Capela Virtual" do site das Apóstolas	146

Figura 38 - Exemplo de interação discursiva "fiel-Outro-outro" da "Capela Virtual" do site das Apóstolas	147
Figura 39 - Ritual de "Consagração" da "Capela Virtual" do site A12.....	150
Figura 40 - Ritual do "Terço Virtual" da "Capela Virtual" do site A12.....	151
Figura 41 - Oração do "Terço Virtual" na "Capela Virtual" do site A12.....	152
Figura 42 - Encerramento do ritual do "Terço Virtual" na "Capela Virtual" do site A12	153
Figura 43 - Ritual "Via Sacra" da "Capela Virtual" do site A12	153
Figura 44 - Serviço "Mensagem do Dia" da "Capela Virtual" do site A12	155
Figura 45 - Confirmação de participação em novena da "Capela Virtual" do site do Pe. Manzotti	156
Figura 46 - Serviço "Nicho da Imagem" da "Capela Virtual" do site A12.....	157
Figura 47 - Diagrama demonstrativo da "interação ritual de fechamento".....	161
Figura 48 - Formulário para as "Velas virtuais" do site CatolicaNet	163
Figura 49 - Ritual "Vela Virtual" do site A12.....	163
Figura 50 - Acendimento da "Vela Virtual" do site A12	164
Figura 51 - Mensagem de confirmação do acendimento de "Vela Virtual" no site A12.....	164
Figura 52 - Sequência de páginas para o acendimento da "Vela Virtual" no site das Apóstolas .	165
Figura 53 - Opções de "velas virtuais" no site do Pe. Manzotti.....	166
Figura 54 - Confirmação do acendimento de "vela virtual" no site do Pe. Manzotti.....	166
Figura 55 - Detalhe das velas "consumidas pelo tempo" no site das Apóstolas.....	167
Figura 56 - Detalhe das velas "consumidas pelo tempo" no site CatolicaNet	167
Figura 57 - Diagrama demonstrativo da "interação ritual de abertura".....	170
Figura 58 - Diagrama de fluxos de interação.....	172
Figura 59 - Falha de interface na "Capela Virtual" do site A12	174
Figura 60 - Falha de interface na "Capela Virtual" do site do Pe. Manzotti	174
Figura 61 - Falha de interface na "Capela Virtual" do site do Pe. Manzotti	175
Figura 62 - Escape doutrinário presente no site CatolicaNet.....	176
Figura 63 - Escape doutrinário presente na "Capela Virtual" do site A12.....	176
Figura 64 - Escape doutrinário presente na "Capela Virtual" do site do Pe. Manzotti	177

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 UMA LEITURA DE ESTUDOS SOBRE A MUDIATIZAÇÃO DIGITAL DO SISTEMA RELIGIOSO.....	29
2.1 Religião e Internet: Continuidades, Rupturas e Transformações	30
2.2 Religião na Internet: Novas Formas de Ser Religioso	36
2.3 Religião pela Internet: A Prática Religiosa na Era das Mídias Digitais.....	40
2.4 Religião Pós-Internet: As Metamorfoses da Fé Mudiatizada.....	45
3 MUDIATIZAÇÃO DIGITAL DO SISTEMA RELIGIOSO: UM MOSAICO CONCEITUAL.....	51
3.1 MUDIATIZAÇÃO DA RELIGIÃO: SISTEMAS E PROCESSOS COMUNICACIONAIS EM EXPLORAÇÃO.....	52
3.1.1 Para além da mídia: dinâmicas e processualidades da mudiatização	56
3.1.2 Deus e o Fiel-Usuário: um contato mudiatizado	58
3.2 RELIGIÃO EM MUDIATIZAÇÃO: A QUESTÃO DA TÉCNICA	62
3.3 RELIGIÃO EM NOVAS MODALIDADES DE EXPERIENCIAÇÃO: A INTERAÇÃO EM DEBATE.....	64
3.3.1 Interação: As Processualidades da Circulação Comunicacional	65
3.3.2 Interface: As Materialidades da Interação	70
3.3.3 Discurso: Os Enunciados da Interação.....	72
3.3.4 Ritual: As Operações da Interação	76
3.4 RELIGIÃO EM NOVAS CONFIGURAÇÕES DE TEMPO-ESPAÇO- MATERIALIDADES.....	79
3.4.1 Digitalidade: Novas Formas de Existência e Presença.....	80
3.4.2 Ubiquidade: Novas Formas de Acesso e Participação	83
3.4.3 Conectividade: Novas Formas de Vínculo e Interação	85
3.4.4 Hiperdiscursividade: Novas Formas de Discurso e Narrativa	88
4 FUNCIONAMENTO DA RELIGIÃO DIGITAL ONLINE: OS SERVIÇOS RELIGIOSOS CATÓLICOS.....	92
4.1 MUDIATIZAÇÃO DIGITAL DO SISTEMA RELIGIOSO CATÓLICO NO BRASIL: ASPECTOS CONTEXTUAIS	93
4.2 INTERFACE INTERACIONAL: NOVAS MATERIALIDADES DO SAGRADO.....	99

4.2.1 A tela.....	100
4.2.2 Os periféricos.....	104
4.2.3 Estrutura organizacional dos conteúdos	106
4.2.4 Composição gráfica.....	118
4.3 INTERAÇÃO DISCURSIVA: NOVAS NARRATIVAS SOBRE O SAGRADO	123
4.3.1 Interação Discursiva sistema-fiel	124
4.3.2 Interação Discursiva fiel-Outro (“Deus”).....	133
4.3.3 Interação Discursiva fiel-outro (internauta-sistema):	138
4.3.4 Interação Discursiva fiel-outro-Outro	142
4.3.5 Interação Discursiva fiel-Outro-outro:	144
4.4 INTERAÇÃO RITUAL: NOVAS RITUALIDADES AO SAGRADO	148
4.4.1 Interações Rituais de Fechamento.....	149
4.4.1.1 Manifestações de Interação Ritual de Fechamento Externo.....	150
4.4.1.2 Manifestações de Interação Ritual de Fechamento Interno.....	156
4.4.1.3 Análise da análise.....	158
4.4.2 Interações Rituais de Abertura	161
4.4.2.1 Manifestações de Interação Ritual de Abertura Interna.....	162
4.4.2.2 Manifestações de Interação Ritual de Abertura Externa	168
4.4.2.3 Análise da análise.....	169
4.4.2.4 Falhas gráficas e escapes doutrinários	173
5 PISTAS DE CONCLUSÃO.....	180
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	195
ANEXOS.....	205

1 INTRODUÇÃO

*No princípio era o Verbo,
e o Verbo estava com Deus
e o Verbo era Deus.
No princípio, ele estava com Deus.
João 1, 1-2*

No princípio da vida cristã, está o “Verbo”, a palavra de Deus¹. O “Verbo” é também o princípio da vida cristã: uma palavra que *fala*, que *dialoga*, que se *comunica e interage* com o ser humano. E que se comunicou e interagiu ao longo da história até chegar ao século XXI. E hoje, no amplo contexto do fenômeno comunicacional, especialmente a partir do surgimento do computador e do desenvolvimento de redes digitais, percebemos grande emprego e apropriação da Internet no âmbito das práticas religiosas. A religião, em geral, ao dar a conhecer as suas verdades sobre o mundo e sendo portadora do “Verbo” – enquanto manifestação do divino –, independentemente de sua base doutrinária, se apropria dos dispositivos digitais ao seu alcance, através das várias possibilidades desse serviço, para transmitir sua mensagem de fé.

Exemplo disso é a manchete da edição do dia 15 de junho de 2009 da revista *Época*, que afirma: “Deus é pop”. A edição divulga resultados de uma pesquisa feita pelo instituto alemão Bertelsmann Stiftung, com jovens de 21 países, que revela que 95% dos brasileiros entre 18 e 29 anos se dizem religiosos. A pesquisa mostra que, no mundo inteiro, o jovem brasileiro é o terceiro mais religioso e busca novas formas de expressar a sua fé – e também de experimentá-la –, como é o caso da Internet, um templo ubíquo e atemporal: e *à la carte*. A matéria afirma que a Internet “se converteu no veículo ideal de uma religião contemporânea e desregulada, que pode ser exercida coletivamente sem sair de casa e sem submeter-se a qualquer disciplina”. Sintomático é o depoimento da antropóloga Regina Novaes, da Universidade do Rio de Janeiro e ex-presidente do

¹ O Verbo de Deus, para além de todos os debates acerca da tradução da palavra grega usada originalmente no Evangelho de João (“*Logós*”) tem um sentido bíblico de revelação de Deus. Em 2010, ao analisar esse trecho do evangelho de João em um documento oficial, Bento XVI escreve que “a novidade da revelação bíblica consiste no fato de Deus Se dar a conhecer no diálogo, que deseja ter conosco. [...] Portanto, no coração da vida divina, há a comunhão, há o dom absoluto. [...] Por isso o Verbo, que desde o princípio está junto de Deus e é Deus, revela-nos o próprio Deus no diálogo de amor entre as Pessoas divinas e convida-nos a participar nele. [...] É à luz da revelação feita pelo Verbo divino que se esclarece definitivamente o enigma da condição humana”. Esse trecho serve também para ressaltar que o Verbo, Palavra de Deus, se revela, se comunica em diálogo e interação e é ele que “esclarece definitivamente o enigma da condição humana”. Mas essa revelação é feita a “muitas vezes”: “Se no centro da revelação divina – continua Bento XVI – está o acontecimento de Cristo, é preciso reconhecer que a própria criação, o *liber naturae*, constitui também essencialmente parte desta sinfonia a diversas vozes na qual Se exprime o único Verbo”. Disponível em <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini_po.html>.

Conselho Nacional de Juventude, entrevistada pela revista, que afirma que “a Internet virou um templo”. Essas afirmações, entretanto, carecem de um aprofundamento: como a Internet “virou” um templo? E que templo é esse? Quais as suas características? A Internet é apenas um “veículo” para a religião? Será que realmente não há “qualquer disciplina” nessa religião?

As observações que envolvem a construção desta pesquisa revelam que existe hoje, por meio das tecnologias digitais e da Internet, a configuração de um novo “Verbo”, de um novo tipo de interação² comunicacional fiel-Igreja-Deus. Convém antes lembrar que a história da Igreja Católica é, por assim dizer, uma história intimamente relacionada à comunicação – e isso também por mandamento divino. Além do “Verbo” que dá origem ao mundo e se comunica pela pessoa de Jesus Cristo, segundo a tradição cristã, relatos dos evangelhos apresentam o mandato de Jesus a seus discípulos para que vão por todo o mundo pregar a Boa Nova a todos os povos (cf. Marcos, 16, 15 e Mateus 28, 19). Seja pela arte dos primeiros ícones cristãos, pelos manuscritos e iluminuras da Idade Média, pelas primeiras Bíblias e pelas inumeráveis obras impressas que depois se seguiram como instrumentos de evangelização, até chegarmos, bem mais recentemente, aos usos do rádio e da televisão como instrumentos de pregação, a Igreja Católica, passando por processos de midiaticização, sempre procurou responder de forma bastante concreta e universal àquele “ide!” original de Jesus.

Com a Internet, parece despontar, então, uma possibilidade de exponenciar todo esse fenômeno acima exposto. Com o surgimento de uma nova ambiência social, impulsionada pelas tecnologias digitais e online, convertidas em meio comunicacional, a Igreja Católica passa a se posicionar e a definir a sua colocação dentro dessa nova realidade, evidenciando sua especificidade com relação a outras denominações. Aos poucos, ela vai sendo impelida pela nova complexidade social a modificar suas próprias estruturas comunicacionais e sistemas internos para não se tornar totalmente anacrônica – e, poderíamos dizer, *analógica*, em contraposição às recentes tecnologias digitais. Mas tudo isso – paradoxalmente – sem querer perder sua identidade milenar. Assim, a Igreja Católica tenta lidar, aceitar, experimentar, mesmo que vagarosamente, o funcionamento desse novo mundo comunicacional, ainda em exploração, no qual ela precisa corresponder à altura das exigências sociais e comunicacionais contemporâneas.

² Por interação, entendemos, em sentido amplo, uma “ação entre”, ou seja, uma ação recíproca, uma relação entre interagentes. Este conceito será mais aprofundado no capítulo 3.

Estabelece-se, assim, uma interação entre o fiel, por meio da Internet, com elementos do sagrado³ disponíveis na Internet, o que possibilita uma experiência espiritual-religiosa por meio da rede⁴. As lógicas que fundamentam as práticas religiosas do fiel na Internet encontram-se marcadas por um processo de *mediatização*, ou seja, as mídias não são mais apenas extensões dos seres humanos, mas sim o ambiente no qual tudo se move, ou um novo “bios virtual”, um “princípio, um modelo e uma atividade de operação de inteligibilidade social” (GOMES, 2008, p.21). Esse “novo modo de ser no mundo”, essa “nova ambiência” (Id., p.20) para a construção de sentido social e pessoal, por meio das mídias, foi antevisto, de certa forma, por McLuhan (1964) ao afirmar que “toda tecnologia gradualmente cria um ambiente humano totalmente novo”, ambientes que “não são envoltórios passivos, mas processos ativos⁵” (p.10). Isso é possível, sem dúvida, porque “a idade midiática só se estabelece com a convergência dos meios, da computação e das telecomunicações” (SCOTT, 2005, p.120), Não se trata apenas de um avanço tecnológico, mas sim de uma nova configuração social ampla, que gera novos sentidos e novos predicados sociais e humanos em escala complexa e dinâmica, a partir da tecnologia mas para além dela. Nessa perspectiva, como afirma Fausto Neto (2005), “nada existiria fora, portanto, dessa nova conformidade [da mediatização], como possibilidade geradora de sentidos” (p.3). Até mesmo a religião, assim, constrói e gera sentido ao fiel também por meio de processos sociais que ocorrem dentro do fenômeno da mediatização. Nesse sentido, a religião também passa a existir nessa nova cultura, tentando, aos poucos, remodelar suas estruturas para as novas processualidades midiáticas, reconstruindo e ressignificando práticas religiosas tradicionais de acordo com os protocolos⁶ da Internet.

Em suma, a mediatização pode ser considerada como a “chave hermenêutica para a compreensão e interpretação da realidade”, já que “a sociedade percebe e se percebe a partir do fenômeno da mídia, agora alargado para além dos dispositivos tecnológicos tradicionais” (GOMES, 2008, p.21). Como amplo fenômeno social, a religião é embebida por esses mesmos

³ Por sagrado, entendemos aquilo que costuma se chamar por Deus, a “dimensão de imanência e transcendência” (Boff, 2002), o “Totalmente Outro” (Bingemer, 1998; Boff, 2002; Libânio, 2002), o “*superior summo meo*” (superior a tudo, sempre maior) (Boff, 2002), o “numinoso” (do latim *numen* = divindade) (Martelli, 1995), enfim, o “Mistério” (Bingemer, 1998; Boff, 2002; Libânio, 2002).

⁴ O conceito de rede, a partir do termo inglês *net* (teia) e *web* (rede), é entendido aqui como sinônimo de Internet. Essa ideia será mais aprofundada no capítulo 3.

⁵ Poder-se-ia dizer que, mais do que processos, o que a mediatização desencadeia são *processualidades*, ou seja, modos de proceder, modos de existência comunicacional, já que, a partir de uma análise sistêmica e complexa da mediatização, ser humano hoje é estar em comunicação mediatizada (e não apenas midiática: mesmo as formas de comunicação não midiáticas são perpassadas pelas processualidades da mediatização).

⁶ Entendemos por protocolo o conjunto de regras, convenções e padrões que devem ser seguidos para que a comunicação e a interação via computador e em rede possa ocorrer.

protocolos. Ou seja, em uma sociedade em midiatização, o religioso já não pode ser explicado nem entendido sem se levar em conta o papel das mídias. Por isso é relevante analisar que religião nasce da mídia, e, por outro lado, perceber o que a religião em uma sociedade em midiatização revela acerca da mídia. Estão em questão, por isso, os fundamentos de ambos os âmbitos sociais – comunicacional e religioso – em suas interações e afetações.

Todo esse fenômeno é ilustrado, na prática, pela existência de inúmeros sites, que oferecem possibilidades para novas práticas religiosas e para manifestações de novas modalidades de discurso religioso, fora do âmbito tradicional do templo. Em nosso caso, interessamo-nos pelo ambiente católico brasileiro online, pois, além de nossa maior familiaridade com o assunto, é um tema ainda pouco estudado e que merece atenção, pois a Igreja Católica sempre manteve uma relação de “amor e ódio”⁷ com os meios de comunicação, vendo-os como “neutros”, cujo uso é que determinaria seu benefício ou malefício à sociedade e aos fiéis.

Dito isso, percebe-se, hoje, uma disseminação rápida e abrangente de serviços religiosos em sites católicos institucionais brasileiros. Hoje, é quase incomum que uma diocese⁸ brasileira, mesmo que pequena, não possua algum ponto de contato online com seus fiéis por meio de um site institucional. Isso também vale para grande parte das paróquias⁹, movimentos e

⁷ O embate entre discurso e Igreja Católica nunca se manifestou tão grave quanto nos últimos anos. Nunca como agora se viu a Igreja se desculpando publicamente tantas vezes por ter se expressado “equivocadamente” sobre diversos assuntos. O estopim foi um discurso proferido pelo Papa Bento XVI em Regensburg, em 2006, quando ele então citou uma frase do imperador bizantino Manuel II, o Paleólogo, a respeito do Islã, causando o furor da religião muçulmana. Depois, revogou a excomunhão de um grupo de bispos ultraconservadores, os chamados lefebvrianos, sendo que um deles, Richard Williamson, havia recém afirmado em entrevista a um canal de TV sueco que as câmaras de gás do Holocausto não existiram, o que causou, então, uma revolta interna e externa à Igreja. Passo seguinte, devido à pólvora acesa em seu próprio terreno, o Papa, em um gesto histórico, enviou uma carta a todos os bispos do mundo, na qual reconhece: “Disseram-me que o acompanhar com atenção as notícias ao nosso alcance na Internet teria permitido chegar tempestivamente ao conhecimento do problema. Fica-me a lição de que, para o futuro, na Santa Sé deveremos prestar mais atenção a esta fonte de notícias”, referindo-se ao fato de não ter se informado anteriormente a respeito de Williamson nos diversos sites que estamparam suas afirmações negacionistas e também nos vídeos com trechos da entrevista postados na Internet. Depois disso, os “escândalos” midiáticos da Igreja foram se desenrolando um após o outros: relações complicadas com os judeus, questão do aborto na Espanha, da camisinha na África, pedofilia nos EUA, Irlanda, Alemanha, Bélgica etc. E sempre com alguma afirmação categórica – e polêmica – por parte do Papa ou de outro expoente, gerando uma rápida réplica midiática, geralmente instantânea por meio da Internet. Mais recentemente, foi uma declaração do pregador papal, Pe. Raniero Cantalamessa, nas celebrações da Páscoa de 2010, que comparou as críticas midiáticas à Igreja com relação à pedofilia com a perseguição dos judeus, o antissemitismo. No dia seguinte, após a enxurrada de trélicas veiculadas principalmente pela Internet, o religioso fez um pedido público de perdão pela comparação mal feita. Isso, cremos, está também em direta relação com o processo de mudança social provocado pelas tecnologias digitais e online, ao qual nos referíamos anteriormente, no qual a Igreja ainda está tateando em busca de um reposicionamento institucional. A resposta social e midiática quase instantânea às declarações da Igreja é prova disso, revelando ainda mais claramente a dificuldade da instituição em modificar suas próprias estruturas e sistemas internos, por exemplo seu *modus operandi* discursivo-comunicacional.

⁸ Unidade territorial administrada por um bispo, homem sagrado como sucessor dos apóstolos. No Brasil, existem mais de 450 arquidioceses (dioceses maiores em tamanho ou importância histórica) e dioceses. No Rio Grande do Sul, por exemplo, existem 17 dioceses, além da arquidiocese da capital.

⁹ Unidade territorial chefiada por um pároco, subordinada e parte integrante de uma diocese. A arquidiocese de Porto Alegre, por exemplo, possui 155 paróquias em uma região que abrange 29 municípios.

demais associações vinculadas oficialmente à Igreja¹⁰, como por exemplo as grandes redes de comunicação católicas (Aparecida, Rede Vida, Canção Nova, Século 21, Nazaré etc.). Dados disponíveis em sites católicos como a página CatolicaNet¹¹, em seu link “Sites católicos”¹², indicam a existência de mais de 360 sites católicos brasileiros. Já o site Canção Nova¹³, em sua base de dados, lista mais de 750 sites católicos brasileiros. No entanto, sabemos que esse número pode ser muito maior, dado que, em geral, nos sites listados em ambos os bancos de dados, não se encontram as páginas de todas as dioceses e arquidioceses nem, certamente, os de todas as paróquias, congregações e movimentos católicos do Brasil.

O que nos interessa, entretanto, é que, nesses ambientes, além de *informações sobre a religião*, também se promove e se incentiva a *relação e o vínculo* do fiel com seu Deus: o fiel também *pratica a sua fé* no âmbito digital online¹⁴. Ou seja, as pessoas passam a encontrar uma oferta da fé não apenas nas igrejas de pedra, nos padres de carne e osso e nos rituais palpáveis, mas também na religiosidade existente e disponível nos bits¹⁵ e pixels¹⁶ da Internet.

Chama a nossa atenção aqui, portanto, a oferta de serviços online que possibilitem não um conhecimento de tipo “racional” ou “informativo”, como a publicação de documentos ou notícias, mas sim estratégias para uma *vivência de fé*, uma modalidade interacional de *experiência religiosa* por meio da Internet, ou seja, uma modalidade de “percepção da presença do sagrado

¹⁰ Neste texto, ao usar o termo “Igreja” (em maiúsculo), referimo-nos à instituição em geral, e com “igreja” (em minúsculo) fazemos referência ao templo, ao edifício territorializado.

¹¹ Disponível em <<http://www.catolicanet.com>>.

¹² Disponível em <http://www.catolicanet.com/?system=votacao&action=lista_site>.

¹³ Disponível em <<http://www.cancaonova.com>>.

¹⁴ A nosso ver, é necessário fazer uma distinção entre *digital* e *online*: digital é a operação computacional que lida com quantidades numéricas ou informações expressas por algarismos (dígitos). Mas os fenômenos aos quais nos referimos aqui não são *apenas* digitais, mas também *online*, ou seja: o acesso do fiel ao “sagrado digitalizado” se dá por meio da Internet, em rede, em qualquer ponto do tempo e do espaço, numa forma de comunicação instantânea e interconectada por meio de operações digitais. Nesse sentido, o conceito digital-online possui, assim, características que talvez não estejam contempladas, em um primeiro olhar, na noção de “comunicação mediada por computador” (CMC), que ainda estaria restrita a uma comunicação fortemente centrada no computador. Nos padrões atuais de mídiatização, esse aparato técnico já não é central, pois os produtos midiáticos são pensados também para outros dispositivos como celulares, leitores digitais etc., que, além de serem digitais, podem se conectar à Internet e, assim, aos demais aparatos. Em nosso caso, portanto, essa comunicação não apenas é digital, mas também, como afirmamos, *online*, *instantânea*, *em tempo real*, *em rede*, *ubíqua*, a partir das processualidades favorecidas pela Internet. Esses conceitos serão mais aprofundados no capítulo 3.

¹⁵ Segundo a Wikipedia (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bit>), o termo bit é a simplificação para dígito binário, *Binary digiT* em inglês. Um bit é a menor unidade de informação que pode ser armazenada ou transmitida e pode assumir somente 2 valores: 0 ou 1, verdadeiro ou falso. Os bits geralmente são idealizados para armazenar instruções em múltiplos de bits, chamados bytes. Fisicamente, o valor de um bit é, de uma maneira geral, armazenado como uma carga elétrica acima ou abaixo de um nível padrão em um único capacitor dentro de um dispositivo de memória.

¹⁶ Também segundo a Wikipedia (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pixel>), o termo Pixel é a aglutinação de *Picture* e *Element*, ou seja, elemento de imagem. Um pixel é o menor elemento num dispositivo de exibição (como por exemplo um monitor), ao qual é possível atribuir-se uma cor. De uma forma mais simples, um pixel é o menor ponto que forma uma imagem digital, sendo que o conjunto de milhares de pixels formam a imagem inteira.

por parte do sujeito que a faz” (LIBÂNIO, 2002, p.92), independentemente de seu nível¹⁷. Ou seja, ofertas de sentido religioso por meio das quais o fiel, onde quer que esteja, quando quer que seja – diante de um aparelho eletrônico conectado à Internet – desenvolve assim um novo vínculo com a Igreja e o transcendental, e um novo ambiente de culto. Diante da tela do computador, entre bits e pixels, o fiel opera a construção de novas formas de louvor a Deus. Essa experiência da fé pode ser vivenciada por meio dos serviços religiosos oferecidos pelo sistema comunicacional católico online¹⁸, que se configuram como aquilo que chamamos de rituais online¹⁹, em que o fiel *experiencia a sua fé e interage*, por meio desse sistema, com Deus: versões online da Bíblia e de orações católicas; orientações online com líderes religiosos; pedidos de oração; as chamadas “velas virtuais”; programas de áudio e vídeo, como missas, palestras e orientações; dentre muitas outras opções. Muitos desses serviços religiosos encontram-se naquilo que os sites católicos chamam de “Capelas Virtuais”²⁰.

Ainda no início de nossas observações, encontramos um depoimento de um fiel que revela como essa reconfiguração midiaticizada da fé merece atenção, despertando nosso interesse de pesquisa no âmbito comunicacional. No serviço “Padre Online” do site católico Amai-vos²¹, o fiel-internauta “Fabio Santana” consulta:

Moro longe da igreja 85km, assisto a Santa Missa todo domingo pela TV Aparecida, gostaria de participar da santa Missa todo dia mas é impossível então comprei

¹⁷ Conforme Martelli (1995), a experiência religiosa pode ser primária (a realizada pelo místico); secundária (experimentada por aquele que, por meio do ritual e dos símbolos, revive as experiências primárias, próprias ou de outros); e terciária (definida como hábito, “incolor ou quase”, que se “reduz a uma simples adesão da vontade às práticas religiosas fixadas pela tradição”, como pela participação nos ritos, na qual o indivíduo dificilmente “consegue reviver o conteúdo da experiência primária”). Nesse sentido, aqui abordamos o conceito de experiência religiosa em termos amplos. Essa experiência pode ser definida ainda como “uma relação interior com a realidade transcendente” (MARTELLI, 1995, p.135). Ampliando o conceito, Boff (2002, p.39) afirma que experiência é a “ciência ou o conhecimento que o ser humano adquire quando sai de si mesmo (ex) e procura compreender um objeto por todos os lados (peri)”, “objeto” que, na experiência religiosa, é o sagrado, Deus ou a própria religião. Segundo o autor, ela “se expressa em muitas linguagens” e é universalizável, pois “ocorre em todos os lugares e em todas as histórias”, mesmo que as traduções dessa experiência sejam “sempre culturais, localizadas e datadas” (Id., 2002, p.52).

¹⁸ Entendemos por sistema “um complexo de elementos em interação” (Bertalanffy, 1977, p.84). Aqui, portanto, ao usar o conceito de sistema, referimo-nos ao sistema comunicacional dos sites católicos institucionais, ou seja, ao conjunto de elementos comunicacionais e religiosos que interagem no interior das páginas eletrônicas de instituições oficiais, diretamente ligadas à Igreja, elementos esses que, como afirma o autor, diferem em número, em espécie e em relações. Portanto, não analisamos aqui um “todo” como soma das partes: o sistema só pode ser entendido “enquanto total de partes com suas inter-relações” (Id., p.83). Um sistema também existe em uma tensão constante e dinâmica entre “a manutenção e a mudança, [sua] preservação [...] e o conflito interno” (Id., p.261). Esse conceito será mais aprofundado no capítulo 3.

¹⁹ Por ritual, referimo-nos especificamente aos rituais religiosos, ou seja, a atos de fé que possibilitam a experiência religiosa. Ou ainda, práticas de fé que fazem referência e atualizam (presentificam, corporificam, concretizam) o sagrado (virtual). Esse conceito será mais aprofundado no capítulo 3.

²⁰ Ou seja, ambientes específicos dentro dos sites para a oferta de rituais católicos online. Apenas para se ter uma ideia da dimensão do fenômeno, uma busca no Google em dezembro de 2010 revela que existem mais de 96 mil páginas na Internet referentes a “capela virtual”.

²¹ Disponível em <<http://amaiivos.uol.com.br>>.

um pacote de hostias e um litro de vinho, então coloco 5 hostias para mim, meus pais e avós e uma taçinha com um pouquinho de vinho e uma gota de água, oferecendo este sacrifício junto com o celebrante da TV. Gostaria de saber se o meu sacrifício é válido e se pela fé a nossa hostia também se transforma no Santíssimo Sacramento como a da TV. Nós nos confessamos e temos o maior respeito e carinho com a nossa celebração em casa, com sanguíneo, corporal e muito respeito e fé. Muito Obrigado Fabio Santana.²²

Independentemente da veracidade do depoimento e das questões teológico-litúrgicas que fundamentam a possível “consagração” do pão e do vinho e suas condições, esse depoimento expõe uma realidade nova para a Igreja Católica a partir de um processo de midiaticização. Esse depoimento oferece pistas de uma possível quebra da mediação oficial da Igreja entre fiel e Deus, já que o fiel, por meio da mídia, “invade” um espaço antes reservado exclusivamente à hierarquia da Igreja: agora, o fiel se considera apto a ser um “coconsagrador” das espécies sagradas do pão e do vinho, graças à interposição da técnica comunicacional²³. Embora sem abrir mão totalmente da presença institucional da Igreja na figura do sacerdote, o fiel vê na mídia uma plataforma de acesso instantâneo e ubíquo – *à la carte* – a uma ambiência antes reservada a uma realidade espaço-temporal determinada e regulada pelos protocolos da Igreja.

A preocupação do fiel-internauta é respondida então pelo “padre online”, que afirma:

[...] Vocês estão antecipando a Igreja do futuro. Só Deus sabe... só quem viver vai ver. Misteriosamente a nossa Igreja dá passos seguros e lentos para estas coisas. Felizmente por um lado, mas poderia acompanhar melhor o "sinal dos tempos". Hoje em dia até operações delicadas são feitas através da TV... da Internet... Enquanto não tivermos a humildade de aceitar as mediações da técnica, estaremos [s]empre a reboque da história. E a história hoje progride cinquenta anos em um ano. Gostaria de continuar este papo, pois acho que vocês realmente estão abrindo uma esperança de sacramentalidade diferente nos estilos mas igualzinho na essência.

Que “Igreja do futuro” é essa que é antecipada pelas “mediações da técnica”? Que “sinal dos tempos” as inovações fomentadas pela Internet estão revelando para e sobre a Igreja e a religião? O que é vivido pelo fiel por meio da mídia, especialmente pela Internet, é realmente uma sacramentalidade apenas “diferente nos estilos mas igualzinha na essência”?

O que nossa observação, voltada para a construção do problema, foi constatando ao longo do tempo é o *desvio* do olhar do fiel dos templos tradicionais para os novos templos digitais, que estimulam, sob novos formatos e protocolos, a experimentação de uma prática religiosa que encontra suas raízes na realidade offline, mas que é agora ressignificada para o ambiente digital. Existe algo que faz com que o indivíduo prefira praticar a sua fé na Internet, ao

²² Disponível em <http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/servicos/faq_resposta.asp?cod_canal=11&cod_pergunta=3052>. Ver figura G dos Anexos.

²³ Aprofundaremos estes conceitos no capítulo 3.

invés de fazer isso na igreja de seu bairro. Nisso também se encontra mais uma das facetas de uma sociedade em midiatização, pois além de ser fonte de informação, o meio comunicacional – neste caso, a Internet – passa a ser também uma ambiência social de vivência, prática e experiência da fé. Além disso, a Internet também se apresenta como um novo nicho de experimentação do funcionamento do discurso religioso – tanto por parte do sistema comunicacional católico online quando pelo fiel-internauta – agora reestruturado na sua forma: algo que poderíamos chamar de *discurso católico digital online* – ou “narrativas digitais” católicas, nas palavras de Coyne (apud FELINTO, 2005, p.9).

Todo esse processo acima descrito não é simples, nem instantâneo, nem automático. Deus ou o sagrado é codificado, relido, reapresentado, ressignificado em uma processualidade de operações de sentido sociocomputacional-comunicativas. É possível dizer, portanto, que a Internet, por meio de rituais e símbolos católicos, possibilita uma nova forma de teofania, ou revelação e manifestação de Deus – o que poderíamos chamar de *midiateofania* –, ou ainda uma nova forma de revelação e manifestação do sagrado em geral, como em Nossa Senhora, nos santos e anjos católicos – uma *midio-hierofania*.

Por outro lado, essa experiência religiosa é “processada” com diversas opções de endereçamento (quem reza para quem), moldagens (as materialidades da Internet e sua construção simbólica), expressão (discurso) etc. Deus, enfim, é “disponibilizado” na Internet e, ao mesmo, o usuário²⁴, acessando o sagrado por meio da Rede, interage com essa nova modalidade espiritual, segundo suas preferências, dentro das possibilidades e limitações do ambiente online. Ele participa, vive, age e interage em uma ambiência comunicacional religiosa digital, que o remeterá – qual seja a profundidade dessa experiência religiosa mediada pela técnica – independentemente também de quando e onde estiver – para Deus.

Nesse processo, há perdas e trocas de diversos níveis, assim como ganhos e acréscimos. Apropriando-nos de uma analogia bíblica, se um dia o Verbo divino, segundo a concepção cristã, se fez carne, hoje, com a midiatização digital online, não basta apenas ser carne. É preciso ir além: “Deus” precisa também estar presente na Rede, imiscuir-se nessa nova realidade digital, tornar-se informação, fazer-se bit. Em síntese: a grandeza, a magnitude, a vastidão de Deus, do sagrado, do transcendente se “encolhem”, se compactam, se codificam em bits e depois – relidas, ressignificadas, decodificadas pelo usuário – voltam a se “expandir” e a

²⁴ O termo usuário é utilizado neste texto para se referir ao indivíduo que interage com o sistema comunicacional religioso da Internet mesmo sem possuir as competências técnicas nem os conhecimentos especializados de um programador oficial (cf. SCOLARI, 2004).

gerar sentido na vida e nas ações desse indivíduo, por meio de complexas estratégias comunicacionais mediadas pelas tecnologias digitais.

Diante do exposto, anunciamos nosso problema de pesquisa, questão que vai nos acompanhar no desenvolvimento deste estudo: *Como se dão as interações entre fiel-Igreja-Deus para a vivência, a prática e a experiência da fé nos rituais online do ambiente digital católico brasileiro?* Ou seja, quais são as estratégias desenvolvidas para a oferta do sagrado por parte do sistema comunicacional católico online e as estratégias de apropriação desenvolvidas por parte do fiel? Em outras palavras, como se constitui o vínculo entre Deus e o fiel, entre sagrado e fiel, por meio dos serviços religiosos católicos na Internet, que constituem parte da estratégia do sistema comunicacional católico online?

Se a comunicação (suas lógicas, seus dispositivos, suas operações) está em constante evolução, a religião, ao fazer uso daquela, também acompanha essa evolução e é por ela impelida a algo diferente do que tradicionalmente era. Interessa-nos, assim, essa complexidade da interface entre o fenômeno da comunicação, a partir de suas ocorrências concretas, como o caso da Internet, e o fenômeno religioso, a partir da utilização dos dispositivos comunicacionais para a sua ocorrência. Para tal, tomaremos como corpus de pesquisa um mosaico de sites católicos – A12²⁵, CatolicaNet²⁶, o site das Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus – Província do Paraná²⁷ e o site do Pe. Reginaldo Manzotti²⁸ – que mais nos ofereceram indicadores, marcas e sinais simbólicos e discursivos das interações ocorridas entre o sistema comunicacional católico online, o fiel e o sagrado.

Sabemos que esses serviços religiosos encontram-se em portais²⁹ que oferecem diversos outros conteúdos, como produtos para a venda e campanhas de ajuda financeira, em um ambiente com fronteiras fluidas como a Internet, o que também colabora para a construção simbólica que perpassa o usuário em sua navegação. Há elementos não sagrados que interferem diretamente na aura de sacralidade de certos espaços. Portanto, nossa perspectiva de pesquisa nos impulsiona a ir além dos simples objetos (sites ou serviços religiosos católicos online), assim como para além do seu simples contexto de ocorrência (site tal ou qual). Interessa-nos, assim, o

²⁵ Disponível em <<http://www.a12.com>>.

²⁶ Disponível em <<http://www.catolicanet.com>>.

²⁷ Disponível em <www.apostolas-pr.org.br>.

²⁸ Disponível em <<http://www.padrereginaldomanzotti.org.br>>.

²⁹ Um portal é um site na Internet que funciona como centro aglomerador e distribuidor de conteúdo para uma série de outros sites ou subsites existentes dentro, e também fora, do domínio principal.

fenômeno mais amplo da vivência e da experiência religiosa por meio dos dispositivos e protocolos da Internet.

Nesse contexto, de forma mais geral, nosso problema perscruta que religião resulta dessa manifestação de práticas religiosas a partir do emprego e da atividade dos meios digitais. Existe aqui uma preocupação que nos leva a buscar compreender até que ponto um novo tipo de religião está surgindo a partir das interações que ocorrem nesses dispositivos online: que tipo de Igreja (instituição) e de igreja (templo) manifestam-se por meio desses rituais online, como esses diferentes âmbitos ou sistemas se inter-relacionam e interagem entre si, que fiel é esse, que Deus é esse. Assim, perguntamo-nos, em suma, se a Internet, e a mídia em geral, está mudando a nossa forma de fazer e viver a religião.

Nosso estudo, assim, responde ao direto interesse de nossa linha de pesquisa, *Midiatização e Processos Sociais*, ao estudar as “interações sociais e os processos interpretativos relacionados às mídias que ativam uma circulação midiática caracterizada por determinações mútuas entre produção, recepção e crítica social”³⁰.

Embora desafiador, nosso problema de pesquisa também se reporta a um âmbito ainda pouco estudado. Podemos dizer que estamos nos primórdios de um fenômeno que, em âmbito comunicacional, tem apenas duas décadas – a partir do surgimento da Internet massiva –, e menos tempo ainda no âmbito católico – por exemplo, a partir do primeiro site do Vaticano, arauto do que viria depois, como veremos em seguida. Se as mídias digitais online são ainda recentes, ainda mais o são os fenômenos religioso-comunicacionais que a partir delas se desenvolvem. Por isso, nosso estudo visa colaborar com a análise das primeiras consequências diretas que esse fenômeno está trazendo para a religião e, particularmente, para a Igreja Católica como a conhecemos hoje. Se alguns estudos defendem que a imprensa de Gutenberg foi responsável, no fundo, pela Reforma Protestante – e aqui incluímos tudo o que esta significou para a história mundial, sem contar, muito mais radicalmente, para a Igreja Católica –, a midiatização digital online sem dúvida trará – e já está trazendo – novos questionamentos para a concepção e a prática da religião, em nosso caso de pesquisa, para a Igreja Católica.

Com nossa pesquisa, portanto, buscamos aprofundar a reflexão sobre o fenômeno da midiatização a partir de novas ocorrências, específicas e recentes, para colaborar na compreensão mais ampla dessa complexidade comunicacional em desenvolvimento, a partir de uma análise de

³⁰ Conforme resumo de ementa publicado em http://www.unisinos.br/ppg/comunicacao/index.php?option=com_content&task=view&id=38&Itemid=121&menu_ativo=active_menu_sub&marcador=121.

sua manifestação na interface com o âmbito religioso. A partir das interações que ocorrem nos rituais online católicos, pretendemos oferecer pistas de análise da mediação do fenômeno religioso e das relações entre o sistema religioso e os demais sistemas sociais.

Não é nossa intenção pesquisar o que há de teológico no tecnológico, nem analisar as bases teológicas ou filosóficas do tecnológico, tarefa que já foi bem realizada, cremos, por obras como as de Felinto (2005) e de Rüdiger (2002). Também não é nossa intenção promover um estudo para fornecer fundamentos para uma prática pastoral por parte de agentes religiosos católicos, função cumprida por estudos como os de Grienti (2009) – que desde o título deixa clara a sua postura de análise, ao abordar os *perigos* e as possibilidades da Internet para a Igreja – e de Aroldi & Scifo (2002) – livro que, embora com uma postura mais acadêmica, não deixa de oferecer suas “receitas” para o “bom uso” das mídias digitais por parte da Igreja. Ao contrário, partiremos de conceitos já estudados por diversos autores, como “Igreja eletrônica” ou “tele-evangelismo”, que, concretamente, foram as portas de entrada para o surgimento da religiosidade digital e online, revendo-os e tensionando-os a partir da experiência da Internet, participativa e colaborativa, no contexto da mediação, para assim podermos compreender o que há de novo no ambiente digital online. Nosso estudo, portanto, quer contribuir para uma maior compreensão do fenômeno comunicacional religioso, revisando e ampliando, dentro do possível, alguns de seus conceitos-chave. Buscamos assim fazer uma análise crítica e reflexiva de fenômenos sociais, como a relação mídia-religião, para a compreensão do funcionamento das práticas religiosas hoje.

Buscaremos ainda analisar e compreender como se dá e que tipo de experiência religiosa mediada pela Internet surge por meio dos serviços religiosos oferecidos pelos sites católicos. Nossos pequenos avanços teórico-conceituais acerca do diálogo entre a mediação da sociedade e o fenômeno religioso também nos ajudarão a compreender o espaço da experiência religiosa atual fomentada pelos meios de comunicação, em especial a Internet, e a relação com o sujeito que busca aquela por meio desta, trazendo à tona, por fim, elementos para favorecer uma reflexão crítica frente ao fenômeno religioso atual.

Em termos metodológicos, nosso estudo abrange um processo que se encontra, conforme dizíamos, em uma interface do sistema comunicacional com um amplo âmbito social, o sistema religioso, interface que se dá em um processo criativo e contínuo: ou seja, um processo complexo (cf. GOMES, 2009; FAUSTO NETO, 2009). Nesse sentido, o “âmbito de feixes de relações que se estruturam cada vez mais em redes complexas de discursividades e de funcionamento dos signos” (FAUSTO NETO, 2009, p.3) deve ser analisado, dentro dos limites de nosso estudo, em “sua totalidade, com suas relações, conexões e interconexões” (GOMES, 2009,

p.13). Assim, ultrapassa-se o objeto em si para se buscar a apropriação da totalidade dos processos midiáticos, e não mais sua fragmentação em produtor, produção, conteúdo, veículo, público, receptor, recepção (cf. GOMES, 2009). Ou seja, não visamos analisar objetos concretos e separados, mas sim suas interações (cf. MANOVICH apud CABRAL, 2009).

Como indica Italo Calvino, pela boca de Marco Polo, em epígrafe citada no início de deste texto, não nos interessa apenas esta ou aquela pedra que sustenta a ponte, mas sim a curva do arco que estas formam. Mas, ao mesmo tempo, não podemos ignorar que “sem as pedras o arco não existe”. Por isso, partimos aqui, dentro de nossas possibilidades, de um horizonte metodológico de pesquisa baseado no pensamento sistêmico e complexo. A tentativa de ambos os horizontes é a de superar o reducionismo do conhecimento do conjunto ao conhecimento das partes. Há um salto da noção de objeto isolado e mensurável, que existe independentemente do observador e do ambiente – isto é, de um de um mundo objetivo e da objetividade³¹ – para uma perspectiva de análise mais ampla. Com o avanço da ciência, descobre-se que até aquilo que se considerava como a menor unidade da matéria – o átomo (isolado, independente, mensurável) – era, na realidade, um conjunto de partículas em interações mútuas. Surge, então, o conceito de *sistema*, bastante caro à nossa pesquisa, proposto a partir da teoria dos sistemas de Bertalanffy (1977), ultrapassando a compreensão de um todo como soma de partes, ou de átomos isolados.

Para o autor, um sistema é o “total de partes com suas inter-relações” (BERTALANFFY, 1977, p.83), ou ainda “um complexo de elementos em interação” (Id., p.84). Morin (1997), aprofundando esse conceito e defrontando-o com os de outros autores (como Saussure³²), concebe sistema como “unidade global organizada de inter-relações entre elementos, ações ou indivíduos” (MORIN, 1997, p.100). Além disso, o sistema possui algo mais do que a soma de seus componentes: “a sua organização; a própria unidade global (o ‘todo’); as qualidades e propriedades novas emergentes da organização e da unidade global” (MORIN, 1997, p.103).

São essas interações que ajudam a moldar o sistema e sua organização. “A organização de um sistema e o próprio sistema são constituídos por inter-relações” (MORIN,

³¹ Isso não significa, porém, que não tenhamos um *objeto* de pesquisa. Tomado ao pé da letra, objeto é aquilo que é posto diante de, à frente de. Em nosso caso de pesquisa, observamos e analisamos *algo*, mas não necessariamente algo isolado ou fora de nós mesmos. Afastamo-nos, assim, de um pensamento filosófico “duro”, que contrapõe radicalmente o *objeto* – aquilo que está fora da alma – ao *sujeito* – aquilo que está em seu interior. A realidade não é composta por um *fora* ou um *dentro*: estamos todos – nós, enquanto pesquisadores, e nosso objeto – embebidos e envolvidos por uma ambiência mediatizada. Nosso exercício aqui, portanto, é o de abstração, de *tirar para fora* algo que nos faz parte, de analisar nosso objeto *como se* ele estivesse à nossa frente. Mas, reforçamos, especialmente em um período histórico marcado pela mediatização, e tomando como base o pensamento sistêmico e complexo, sabemos que nosso objeto faz parte de nós e nós fazemos parte de nosso objeto.

³² Ferdinand de Saussure definiu sistema com “uma totalidade organizada, feita de elementos solidários que só podem definir-se uns em relação aos outros em função do lugar que ocupam nessa totalidade” (MORIN, 1997, p.99).

1997, p.139). Por isso, em nosso estudo, valemo-nos dessa definição para analisar os sites católicos como *sistema comunicacional católico online* e a religião em geral como um *macrossistema* ou *sistema religioso*, do qual os sites são apenas uma micromanifestação. Esses sistemas são compostos por elementos vários – comunicacionais e/ou religiosos – em uma unidade organizada. O fiel, por sua vez, pode ser tanto ambiente para esse sistema, como também um outro sistema, que interage com o sistema comunicacional católico online.

Cabe aqui ressaltar que essa construção teórica de sistemas e ambientes é uma abstração. Isto é, depende do nosso olhar enquanto observadores. “O isolamento de um sistema e o isolamento do conceito sistema são abstrações operadas pelo observador/conceptor” (MORIN, 1997, p.133). A definição do que é sistema, subsistema, ambiente etc. “depende de seleções, interesses, escolhas, decisões, que por sua vez dependem de condições culturais e sociais onde se inscreve o observador/conceptor” (Id., p.134). Não há uma fronteira nítida entre esses conceitos, que podem até ser permutáveis. Ou seja, “os objetos já não são unicamente os objetos, as coisas já não são coisas; todo objeto de observação ou de estudo deve doravante ser concebido em função da sua organização, do seu meio e do seu observador” (Id., p.345).

Essas interações complexas no interior de um sistema, entre sistemas e entre sistema e ambiente operam também em complexidade, pois, na totalidade, dentro de um sistema, também existem subsistemas, e um sistema sempre é um subsistema por ser parte de um sistema maior. E essas relações entre sistemas ocorrem em constante e dinâmica interação. “Impõe-se o fenômeno-sistema”, já que “a vida é um sistema de sistemas de sistemas” (MORIN, 1997, p.96). O que se costumou chamar de “pensamento sistêmico”, portanto, nos ajuda a pensar, em nossa pesquisa, “em termos de conexidade, de relações, de contexto” (CAPRA, 1996, p.40). Segundo Capra (1996), “as propriedades essenciais de um organismo, ou sistema [...], são propriedades do todo, que nenhuma das partes possui. Elas surgem das interações e das relações entre as partes” (CAPRA, 1996, p.40). Nesse sentido, há um salto teórico em comparação com linhas de pesquisa mais cartesianas, para as quais “o comportamento do todo pode ser entendido inteiramente a partir das propriedades de suas partes” (CAPRA, 1996, p.41).

Daí chegamos à concepção de um pensamento complexo, que é parte da noção de sistema. Ou seja, a abordagem dos “*problemas da complexidade organizada*, isto é, a interação de um número grande mas não infinito de variáveis” (BERTALANFFY, 1977, p.131, grifo do autor). Com essa abordagem, “as propriedades das partes podem ser entendidas apenas a partir da organização do todo” (Id.). A complexidade se manifesta na “diversidade na unidade”, nas “formas de inter-relação cada vez mais flexíveis, dos polissistemas cada vez mais ricos e

emergentes” (MORIN, 2008, p.143). É por isso que o pensamento sistêmico e complexo é contextual: não isolamos a coisa a fim de entendê-la, mas a colocamos no contexto de um todo mais amplo, buscando compreender suas inter-relações. Assim, segundo Morin (2003), o pensamento complexo também ultrapassa a ideia de causa-efeito (visão linear, linearidade retroativa). Busca-se pensar uma circularidade autoprodutiva (visão circular). “Somos [...] produtos e produtores no processo da vida. [...] Produzimos a sociedade que nos produz” (MORIN, 2003, p.17). Dessa forma, o pensamento sistêmico e complexo colocam-se como impulsionadores e desafiadores para “pensar nosso pensamento” e reconhecer também nossas incertezas, enquanto limites e lacunas de nosso estudo.

Assim, na busca de compreender a inscrição dos rituais online e da fé vivenciada e experienciada por meio da Internet em um processo social mais amplo de midiatização, buscamos fazer uma espécie de “*jogo de lentes*” entre o microcosmo das interações que ocorrem no interior de um subsistema do sistema comunicacional católico online e seus interagentes, e o macrocosmo das interações em um sistema de sistemas (como o macrosistema católico) e entre um sistema de sistemas e seu ambiente social (os sites católicos e seus fiéis-usuários).

É importante ressaltar que operamos esses conceitos por *metonímia e metáfora*, já que nos apropriamos – junto com outros autores, como o próprio Luhmann (1990) – de uma construção teórica que nasce da biologia e da física. Por isso, abandonamos desde já qualquer interpretação literal e estrita dos conceitos aqui abordados, visto que foram construídos em outros campos do saber, por razões e em situações específicas. Porém, vemos que são de extrema valia para uma compreensão, justamente, sistêmica e complexa do fenômeno estudado: nesse sentido, o uso dos conceitos aqui é mais amplo e flexível do que o proposto pelos autores originais. No entanto, como um exercício de transdisciplinaridade, tomamos a liberdade de usá-los, de forma, portanto, metonímica e metafórica, para compreender um fenômeno específico – mas nem por isso restrito ao campo da Comunicação.

Esses horizontes metodológicos pervadirão nossas técnicas mais concretas de pesquisa, ajudando-nos a compreender um fenômeno que ocorre em uma ambiência fluida e em constante mudança como a Internet. Esses conceitos, que serão abordados com mais profundidade ao longo desta pesquisa, se referem, assim, à circularidade da comunicação, ou ao seu sistema circulatório. Abordar o fenômeno comunicacional-religioso enquanto fenômeno sistêmico e complexo é analisá-lo não mais a partir de categorias independentes de produção e recepção: do ponto de vista da complexidade, todo sistema que produz recebe, e sempre que recebe produz, e vice-versa. É nessas inter-relações e interações que se manifesta a circulação comunicacional.

Para compreender e descrever as estratégias de funcionamento e manifestação da midiaticização do fenômeno religioso em ambientes digitais, valemo-nos de processos de pesquisa analíticos qualitativos, com observações das estratégias e dos processos comunicacionais dos sites com seu público de fiéis e consultas a documentação que se focaliza sobre a realidade de midiaticização no ambiente digital. Por meio dessa metodologia analítica qualitativa,

analisamos o sistema de interação no qual o problema surge, exatamente do mesmo modo que analisaríamos qualquer outro sistema de interação. Perguntamos que categorias de participantes estão envolvidos na interação, quais são as expectativas de umas em relação às outras, que sanções existem para cada categoria de participantes utilizar em suas tentativas de controlar o comportamento das outras categorias envolvidas. Localizamos o problema metodológico no comportamento das pessoas que participam desse sistema, perguntando o que, nos padrões recorrentes de interação, faz com que as pessoas façam as coisas que nos trazem dificuldades como cientistas (BECKER, 1999, p.30).

Em suma, tentamos “descobrir a lógica inerente à prática convencional” (BECKER, 1999, p.24) que surge no fenômeno comunicacional-religioso. Por ser um fenômeno complexo e difuso, presente na grande maioria dos sites católicos institucionais, optamos, como técnica metodológica, por um exercício de *errância* pelos materiais. Mas não se trata de uma técnica sem organização ou falta de problematização. Pelo contrário: a partir da formulação de nossa pergunta-problema, buscamos, a partir dele, *errar* pelo ambiente online católico, vagar e caminhar pelo fluxo comunicacional digital para coletar – em forma de pistas, marcas, traços, fragmentos e pedaços – sinais que nos levassem a construir, em suma, um *texto* de problematização de nossos registros nesse percurso.

Aproximamo-nos, até certo ponto, de um método chamado *flânerie*, construído a partir do conceito de *flâneur*, do poeta francês Charles Baudelaire, ou seja, de alguém que caminha pela cidade para experienciá-la. Em termos comunicacionais,

flanar numa cidade ou navegar por hipertextos evoca um mesmo processo: leitura (relação corpo-texto) e mapeamentos (relação corpo-espço), fundindo as figuras do leitor (que segue o mapa) e do escritor (que faz o mapa), do conformista que segue e do aventureiro que faz (LEMOS, 2001, p.46).

Porém, ao mesmo tempo, afastamo-nos radicalmente dessa concepção justamente pelo seu caráter “ocioso e gratuito”, quando o *flâneur* é definido como “aquele poeta-vagabundo cuja atividade se caracteriza pelo andar ocioso, gratuito” (LEMOS, 2001, p.45). Se o flâneur é alguém que caminha sem objetivos definidos, apenas por uma razão estética, então o que não queremos ser é um *flâneur*. Embora navegar pela Internet seja um processo não linear, descentralizado e aleatório – no sentido de ser movido por desvios e deslocamentos, fomentados

pela *sedução* dos links disponíveis, em um movimento de busca por aquilo que se quer e abertura àquilo que nos atrai –, isso não significa que não se possa *apreender e construir sentido* a partir dela. Mas não sem engajamento em torno de algumas conjecturas. Não sem uma *paixão*, um projeto que seja. Um problema de pesquisa não pode estar desvinculado de um problema com o qual nos defrontamos na nossa experiência de mundo.

Tomamos da *flânerie*, portanto, o seu caráter de errância: mas não uma errância ociosa, puramente observacional, mas sim uma errância engajada e participativa nos processos pelos quais “erramos”. Isso não significa falta de objetividade (retomando o que já foi discutido anteriormente sobre a complexidade), mas sim o reconhecimento de que nenhuma abordagem, mesmo a mais *blasè* e indiferente como poderia ser a *flânerie*, está isenta de um posicionamento diante da realidade pesquisada – mesmo a indiferença já é um posicionamento. Nesse sentido, o que *não faremos* neste texto é descrever “objetivamente” nossa caminhada “ociosa” pela religiosidade online. Faremos sim uma tradução, uma reconstrução, uma transmutação do nosso andar e, assim, do nosso *envolvimento* com essa cidade comunicacional.

Avançando na reflexão sobre o que faremos metodologicamente, nossa intenção é a de caminhar errantes *dentro das possibilidades do nosso problema de pesquisa*, deixando-nos tocar pelo fenômeno analisado *a partir de uma pergunta, de um problema*. De certa forma, uma *errância metódica*, ou seja, em busca de uma meta: possíveis respostas a nosso problema. No mundo específico de nosso objeto, pelo qual vagamos errantes – tentando de alguma forma responder ao fluxo comunicacional ininterrupto da Internet –, coletamos pistas, marcas e fragmentos que nos pareciam corresponder de alguma forma àquela pergunta, que nos pareciam levar àquela meta. Por outro lado, outros traços só foram coletados após diversas observações, como que impelidos pelo próprio objeto.

Dessa forma, juntamos isso a uma forma de analisar a complexidade do fenômeno religioso na Internet a partir do *método em mosaico* sugerido por McLuhan, justamente “uma metáfora de um olhar em fragmentos, disperso no real” (LEMOS, 2002, p.23). Somado à nossa “errância metódica” inicial, “o mosaico é uma abordagem em movimento, atenta a fragmentos do real” (Id.). Analisando seu problema de pesquisa a partir de uma *galáxia* ou *constelação* de eventos, McLuhan “adota e desenvolve uma abordagem dos seus problemas por campo, apresentando-os sob a forma de um mosaico de numerosos dados e citações que os evidenciam ou comprovam” (MCLUHAN, 1972, p.15). Essa sua compreensão é justamente uma tentativa de fugir dos estudos de “sistemas fechados, determinados e fixos, para buscar uma análise de um ‘campo aberto’, de uma ‘sociedade aberta’” (Id., p.25), possibilitados pelas trocas, interações e

cooperações promovidos pela comunicação. Esse “modelo de mosaicos de percepções e observações” (Id., p.353), é, para o autor, uma tentativa de fugir do ponto de vista fixo, homogêneo ou especializado para ir a busca do que está em processualidade.

Hoje em dia, nossa ciência e método esforçam-se não por chegar a um ponto de vista, mas por descobrir como não ter um ponto de vista: não é o método fechado de limitação e perspectiva, mas o de “campo” aberto e de julgamento suspenso (MCLUHAN, 1972, p.367).

Busca-se, assim, evitar a posição do ponto de vista e da perspectiva em favor de um mosaico, ou seja, das relações existentes entre as diversas variáveis de um quadro de análise incerto e complexo. Em nossa observação, por isso, procuramos *ir clicando* pelos caminhos disponíveis no sistema comunicacional católico online, desvendando essa ambiência em busca da meta – respostas ao nosso problema. Juntando fragmentos e materiais desse ambiente, construímos e montamos um mosaico de percepções e observações diversas. Neste texto, assim, analisamos essas variáveis já como constituintes de uma constelação maior, o fenômeno religioso na Internet. Enfim, um processo de *caminhar* (navegar), *coletar*, *montar*, *analisar* e *(d)escrever*.

Já diria Italo Calvino, na voz de seu personagem Marco Polo, em “Cidades Invisíveis”, que “quem comanda a narração não é a voz: é o ouvido”. Valendo-nos dessa máxima, aqui, quem comanda a narração é o olhar do nosso leitor sobre a cristalização textual do nosso olhar e do nosso fazer enquanto pesquisadores. Porém, para uma melhor organização e disposição de nossas ideias e ações de pesquisa desenvolvidas, sistematizamos este texto de forma a *tentar conduzir* o leitor, dentro do possível, pelos meandros e trilhas de nosso trajeto de pesquisa desenvolvido. O resultado final desse diálogo silencioso dependerá também dos “ouvidos” que ouvirem a nossa narração.

Assim, nosso sumário está organizado da seguinte maneira: no capítulo 2, faremos primeiramente a descrição e a análise crítica de alguns estudos já realizados sobre a relação entre religião e Internet, comentando-os a partir de nosso problema e objeto de pesquisa.

A partir de alguns conceitos-chave mais relevantes do debate do capítulo anterior, refletiremos mais aprofundadamente no capítulo 3 sobre alguns aspectos teóricos centrais, que servirão de eixos para esta pesquisa. Analisaremos o fenômeno da mediatização enquanto processo social para a manifestação dessas práticas; a questão da técnica na relação Internet-religião; conceitos como interface, discurso e ritual; as modificações espacial-temporais na experiência religiosa do fiel-internauta no ambiente digital em rede, a partir de conceitos como digitalidade, ubiquidade, conectividade e hiperdiscursividade.

Esses eixos teóricos permearão, assim, nosso estudo empírico, descrito no capítulo 4, de alguns sites católicos brasileiros específicos, que formam nosso corpus de pesquisa. A partir de uma análise sistêmica e complexa, examinam-se, nesse contexto, algumas modalidades de interfaces interacionais e de interações discursivas e rituais que se manifestam nos serviços religiosos desses sites, a partir da perspectiva das processualidades da mediação.

A partir das observações desenvolvidas, buscamos apresentar, no capítulo 5, algumas pistas de conclusão acerca de nosso problema de pesquisa, indicando novos horizontes de análise da mediação do fenômeno religioso.

2 UMA LEITURA DE ESTUDOS SOBRE A MUDIATIZAÇÃO DIGITAL DO SISTEMA RELIGIOSO

*O Verbo era a verdadeira luz que,
vindo ao mundo, ilumina todo homem.
Ele estava no mundo e o mundo foi feito por meio dele,
mas o mundo não o reconheceu.
Veio para o que era seu,
mas os seus não o receberam.*
João 1, 9

Neste capítulo, apresentaremos e comentaremos alguns estudos que nos oferecem luzes para iluminar nosso entendimento sobre a relação mídia-religião, especificamente no ambiente da Internet. Tentaremos, dentro do possível, enfatizar dimensões que mais se aproximam de nosso objeto de pesquisa – a saber, os serviços religiosos ofertados por sites católicos.

Como o conjunto de estudos que abordam a relação mídia-religião na Internet é imenso, restringir-nos-emos aqui, portanto, especificamente, às pesquisas que correspondam a alguns critérios de escolha: 1) que abordem a interface comunicação e fenômeno religioso, 2) especificamente na Internet, 3) principalmente em ambientes cristãos, e 4) que nos ofereçam elementos que indiquem sua relevância para um diálogo e/ou contraponto às nossas observações, que serão apresentados ao longo deste estudo.

Cabe salientar ainda que a grande maioria dos estudos aqui analisados são bastante recentes, quase todos com menos de uma década de publicação. Assim, além de analisarem um fenômeno muito fluido como a Internet, são pesquisas que ainda se encontram em um período de maturação. Alguns autores, como veremos, já publicaram novos estudos nesse breve período de tempo, revendo alguns de seus conceitos anteriores, o que manifesta a fluidez dos fenômenos comunicacionais online. Por outro lado, a atualidade desses estudos também nos ajuda a acompanhar, tensionar e aprofundar um percurso de pesquisa que vem sendo realizado no campo comunicacional, também em âmbito internacional, aproximando-o do nosso foco de estudo.

Os demais estudos, também de grande importância, mas que não correspondem integralmente aos critérios aqui apontados, foram incluídos em nossas referências bibliográficas, como sugestões de aprofundamento e pesquisas posteriores.

2.1 RELIGIÃO E INTERNET: CONTINUIDADES, RUPTURAS E TRANSFORMAÇÕES

As relações entre Internet e religião “envolvem interconexões em camadas entre símbolos, interesses e sentidos religiosos e a moderna esfera midiática dentro da qual grande parte da cultura contemporânea é produzida e conhecida” (HOOVER, 2001, p.1)³³. Ou seja, estão embebidas pelo fenômeno da midiaticização, pois a mídia já não é apenas um fator de mediação ou de extensão das capacidades comunicacionais e religiosas do ser humano, mas torna-se a ambiência em que esses fenômenos sociais ocorrem. Como afirmam Højsgaard & Warburg (2005, p.5), “além de ser uma plataforma virtual para novos tipos de gêneros de comunicação religiosos, a Internet também está funcionando como um suplemento ou apenas como um reflexo da religião na sociedade moderna e pós-moderna em geral”³⁴.

Em uma sociedade midiaticizada, “as janelas das casas vão sendo suplantadas pelas telas dos televisores e dos computadores, e as praças públicas e ruas, outrora lugares coletivos dos encontros, para um número crescente da população vão sendo mudadas pelos chats e as incursões nos sites da rede” (OROZCO apud CARVAJAL, 2009, p.28). A questão em jogo na relação mídia-religião é “adaptar-se ou morrer” (CARVAJAL, 2009, p.28).

A mensagem religiosa é complexa, de difícil difusão em nível massivo por sua própria composição, especialmente hoje. Antes, o átrio da igreja era suficiente para chegar a uma comunidade. Atualmente, são necessários outros canais para chegar a uma população cada vez mais ampla e dispersa (CARVAJAL, 2009, p.28).

Por isso, é preciso estar atento aos “modos de consciência e [à]s formas de comunalidade possibilitados e promovidos pelas tecnologias e práticas da comunicação” (O’LEARY, 2004, p.38)³⁵. Com a apropriação da Internet como ambiência para a prática e a vivência da fé, o indivíduo passa a contar com novos predicados e encontra-se com uma nova gama de possibilidades em sua relação com o sagrado, uma mudança, em certo sentido, a partir da vivência e da prática da sua fé como vinha sendo feita nos templos territorializados ou em seu cotidiano pré-Internet. Dentro desse contexto,

cada uma das formas de comunicação utiliza um complexo diferente dos sentidos e [...] o complexo particular peculiar às práticas materiais de comunicação em cada cultura – o

³³ Tradução nossa do original: “Involves layered interconnections between religious symbols, interests, and meanings and the modern media sphere within which much of contemporary culture is made and known”.

³⁴ “Besides being a virtual platform for new kinds of religious communication genres, the Internet is also functioning as a supplement to or just a reflection of religion in modern and postmodern society at large”.

³⁵ “Modes of consciousness and forms of communality enabled and promoted by communication technologies and practices”.

‘sensorium’ – tem um profundo impacto sobre a formação da identidade individual e cultural (O’LEARY, 2004, p.38).³⁶

Acerca da construção e da representação da experiência religiosa do fiel na Internet, cabe a afirmação de que

o computador [...] é uma estranha espécie de máquina de visão. Ele envolve o usuário, primeiramente por meio da visão, em formas de telepresença que podem imitar cada um ou todos os sentidos. Provavelmente, aqueles que mais imergem na cultura da Internet desenvolvem uma espécie de sinestesia que lhes permite exercer todos os sentidos por meio de seus olhos e de seus dedos (WILBUR apud YOUNG, 2004, p.102).³⁷

Por causa da irrupção desse novo *sensorium* possibilitado em especial pela Internet, a mídia está passando a se constituir em um domínio em que a noção do Eu (*self*) passa a ser construída por meio de um trabalho espiritual, transcendente e profundamente significativo (HOOVER, 2001). Forma-se, portanto, uma nova identidade individual, cultural e até mesmo religiosa a partir de uma religião midiaticizada moldada por um conjunto de práticas cômodo, terapêutico e personalizado. Assim, convergindo, ambos os sistemas sociais moldam e caracterizam o mundo cotidiano da experiência vivida do indivíduo. Ou seja, há uma “multiplicação de vozes”:

Crenças, práticas e autoridades organizacionais convencionais ou exclusivas estão sendo confrontadas com soluções alternativas, com visões de mundo concorrentes e formações sub ou intergrupais. Nesse ambiente interativo de crescente pluralismo, reflexividade e múltiplas possibilidades individuais, novas formas de estruturar e de pensar questões como realidade, autoridade, identidade e comunidade estão emergindo inevitavelmente (HØJSGAARD & WARBURG, 2005, p.7).³⁸

Portanto, hoje, com a Internet, há uma oferta de novos espaços comunicacionais, pois “cada avanço histórico dos meios de comunicação foi marcado por uma nova maneira de fazer e de perceber” (AÑEZ, 2003, p.92). Com o desenvolvimento das tecnologias digitais, não só se podem fazer novas coisas, mas também são modificados os “padrões cognitivos, os modos perceptuais de ver, os mecanismos de contato com a realidade social e com nosso imaginário

³⁶ “Each of the forms of communication utilizes a different complex of the senses and [...] the particular complex peculiar to the material practices of communication in each culture – the ‘sensorium’ – has profound impact on the formation of individual and culture identity”.

³⁷ “The computer [...] is an odd sort of vision machine. It involves the user, primarily through vision, in forms of telepresence which may mimic any and all of the senses. It is likely that those who become most immersed in Internet culture develop a sort of synesthesia which allows them to exercise all of the senses through their eyes and fingers”.

³⁸ “Conventional or exclusive beliefs, practices, and organizational authorities are being confronted with alternative solutions, competing world-views, and sub- or inter-group formations. In this alternative environment of increasing pluralism, reflexivity, and multiple individual possibilities, new ways of structuring and thinking about issues such as reality, authority, identity, and community are inevitably emerging”.

peçoal” (Id.). Mas não é apenas uma questão puramente tecnológica, já que “a Internet não gera religião, [mas sim] apenas as pessoas”, pois os sites religiosos “*estão* sendo produzidos e usados por pessoas que não vivem toda a sua vida ‘na tela’” (HØJSGAARD & WARBURG, 2005, p.9³⁹). Ou seja, aqui retomamos a centralidade de pensar a comunicação a partir de suas processualidades a partir da midiatização, pois passamos de um nível de análise puramente factual, voltado às tecnologias, para uma reflexão fenomenológica, a partir dos processos sociais desencadeados por essa relação técnica-ser humano, a partir das novas tecnologias da comunicação. Como veremos adiante, não é simplesmente uma questão de *determinismo* tecnológico, mas sim de *coevolução* entre mídia-religião, a partir das possibilidades oferecidas pela Internet e pelos usos e apropriações por parte do usuário. E isso não se dá apenas no interior das processualidades puramente da técnica, mas também em todos os demais âmbitos da vida social, agora permeados e embebidos pela midiatização.

Para O’Leary (2004, p.37), por isso, é preciso “explorar as questões potencialmente problemáticas acerca do futuro das instituições religiosas em uma era de comunicação mediada por computador”⁴⁰. Segundo o autor, o computador trouxe uma nova forma de participação pública em uma comunicação ritual que constitui novas congregações virtuais. Ou seja,

o mundo cibernético [...] não é simplesmente um locus informacional, seja ele livre ou não. Ele é uma arena da vida pública, onde relações de autoridade e poder são desempenhadas, o que influencia como as pessoas se comunicam e se interconectam (BRASHER, 2004, p.X).⁴¹

Esse ambiente digital online provoca algumas consequências, em particular as afetações que a religião online causa sobre “a forma e o alcance da autoridade religiosa ao alterar o modo como a informação religiosa é transmitida e recebida, assim como o modo pelo qual as comunidades religiosas são formadas e mantidas” (BRASHER, 2004, p.XII)⁴². O problema está na adaptação da religião ao ambiente online, pois, segundo Brasher (2004), as religiões, dessa forma, precisam se redefinir em um ambiente orientado por menus e determinado por protocolos

³⁹ “The Internet does not generate religion, only people do [...] *are* being produced and used by persons who do not live their entire lives ‘on the screen’”.

⁴⁰ “Exploring potentially troubling questions about the future of religious institutions in an era of computer-mediated communication”.

⁴¹ “The ciberworld [...] is not simply an informational locus, whether free or otherwise. It is an arena of public life where relations of authority and power are played out, which influences how people communicate and interconnect”.

⁴² “Online religion is affecting the shape and reach of religious authority by altering how religious information is conveyed and received, as well as how religious communities are formed and sustained”.

em que as imagens reinam. Isso leva as organizações religiosas rumo ao reducionismo, à minimalização da diversidade e da complexidade de sua herança tradicional.

Brasher (2004) também é consciente de que a religião online, ao desencadear mudanças notáveis na experiência religiosa, transforma o caráter da própria religião. Ou seja, a religião online é tanto sinal quanto produto da mudança.

Como as sinagogas da Diáspora do Judaísmo depois do Segundo Templo, como as catedrais do Cristianismo Latino medieval, e como as Bíblias do Protestantismo Europeu, a religião online é uma forma de nova prática religiosa que possui a capacidade de transformar as alternativas religiosas com as quais ela agora compete pela atenção humana (BRASHER, 2004, p.23).⁴³

Por isso, “a fácil coexistência de tantas visões diferentes e abertamente heterodoxas no ciberespaço expõe o internauta a um ambiente doutrinal mais fluido, que tem o potencial de encorajar os indivíduos à experimentação religiosa e espiritual” (DAWSON & COWAN, 2004, p.3)⁴⁴. Tanto pela sua estrutura quanto pelos seus usos, essa fluidez da Internet não encontra relações diretas com a estrutura e a doutrina rígidas da Igreja. Esse “embate” extremamente contemporâneo e ainda em suas origens nos parece ser um sinal importante para compreender a religiosidade católica do século XXI. Por isso, podemos questionar: a tradição católica “está sendo trivializada ou fortalecida por esses ciber-serviços e ciber-ritos?” (Id.)⁴⁵. Para os autores,

a Internet pode estar mudando muitas das sensibilidades básicas religiosas/espirituais dos usuários, mas às vezes de formas que, na verdade, marcam um retorno a uma compreensão historicamente mais primitiva da experiência religiosa e da vida” (DAWSON & COWAN, 2004, p.4).⁴⁶

É esse aparente paradoxo entre velho e novo na relação entre experiência religiosa e Internet – que retoma, ressignificados, processos e valores históricos e, ao mesmo tempo, intensifica mudanças que já estão ocorrendo na sociedade, fomentando possibilidades inteiramente novas – que está em jogo em uma compreensão mais aprofundada da religiosidade digital online. Como indicam os autores, esse processo ocorre em continuidade com processos anteriores, como o tele-evangelismo possibilitado pelo rádio e a TV. Porém, apesar das

⁴³ “Like the Diaspora synagogues of Judaism after the Second Temple, like the cathedrals of medieval Latin Christianity, and like the Bibles of European Protestantism, online religion is a form of new religious practice that possesses the capacity to transform the religious alternatives with which it now competes for human attention”.

⁴⁴ “The easy coexistence of so many different and openly heterodox views in cyberspace exposes the Net surfer to a more fluid doctrinal environment, one that has the potential to encourage individual religious and spiritual experimentation”.

⁴⁵ “Being trivialized or strengthened by such cyber-rites and services?”.

⁴⁶ “The Internet may be changing many of the basic religious/spiritual sensibilities of users, but sometimes in ways that actually mark a return to an historically earlier understanding of religious experiences and life”.

continuidades, o que importa são as diferenças ainda a serem exploradas, marcadas, justamente, com o selo da Internet.

Um dispositivo como a Internet “condiciona a circulação da mensagem – construção, consumo e reconstrução” (CARVAJAL, 2009, p.28). Assim, é importante entender a tecnologia como um processo social, que pode ser modificado por seus usuários. “A tecnologia, como a Internet, é incorporada à esfera social, sofrendo uma espécie de ‘domesticação, de acordo com os valores da comunidade onde está inserida” (Id.). “O consumo midiático, a recepção e reelaboração de mensagens, depende da audiência, de fatores como seu estado de ânimo e ritmos de vida” (FUENZALIDA apud CARVAJAL, 2009, p.28). Ou seja, é preciso estar atento à “constante interação entre os fatores técnicos e sociais, tanto no design como no uso do suporte” (CARVAJAL, 2009, p.28).

Nesse novo paradigma comunicacional, “a virtualidade, o multimidiático, o hipertexto, a interatividade não são mais do que os signos instrumentais de uma nova informática que incide sobre os modos de produção e recepção de mensagens” (AÑEZ, 2003, p.88). Hoje, então, manifesta-se “um tipo de discurso arraigado na existencialidade do homem, que desdobra sua riqueza mítica, icônica e simbólica em um suporte tecnológico de vanguarda como a Internet” (Id.). O religioso católico seria, assim, marcado por uma “tendência a transplantar, sem modificar nem alterar, a iconografia utilizada historicamente por meio dos diversos meios de comunicação” (Id., p.103). Porém, cabe questionar se esse “transplante” realmente ocorre “sem modificar nem alterar”. Embora, para as Igrejas, isso ocorra dessa forma, como se se passasse o vinho de um odre velho para um novo (para utilizar uma analogia bíblica), o que significa essa transferência? Parece-nos que ocorrem graves modificações e alterações, tanto para a mensagem, para a Igreja, para o usuário, quanto para as modalidades de interação entre eles – nesse sentido, novamente, uma verdadeira *coevolução* desses fatores.

Em uma análise histórica ampla, portanto,

o conteúdo propositivo e a forma apresentacional da religião nas comunidades eletrônicas do futuro irão diferir enormemente de suas encarnações contemporâneas assim como os ensinamentos de Jesus diferem da teologia dialética dos Escolásticos medievais, ou assim como as cerimônias eucarísticas dos cristãos primitivos diferem da Missa Latina. [...] nós podemos ser sensíveis à verdadeira novidade, enquanto, ao mesmo tempo, permanecemos conscientes da continuidade da tradição, das inúmeras maneiras em que ela se adapta e sobrevive para prosperar em um novo ambiente comunicativo (O’LEARY, 2004, p.46).⁴⁷

⁴⁷ “The propositional content and presentational form of religion in the electronic communities of the future will differ as greatly from their contemporary incarnations as the teachings of Jesus differ from the dialectical theology of the medieval Scholastics or

Assim, é importante analisar como se dão essas “encarnações contemporâneas” da religião, por meio da mídia, e como elas lidam com a “continuidade da tradição”, como esta “se adapta e sobrevive” nesse “novo ambiente comunicativo”. Para Brasher (2004), para que o sagrado tenha substância e corresponda às necessidades de cada época, cada geração articula ideias do divino que devem ser críveis e significativas ao seu próprio período histórico. Nesse sentido, ao longo da história, os encontros com o sagrado são contados pelas gerações, especialmente as originárias, como eventos da vida cotidiana: Moisés que, em seu pastoreio, encontra uma sarça em fogo; o anjo Gabriel que se manifesta a Maomé no deserto ou a Maria enquanto faz seus afazeres domésticos; Jesus que opera seus milagres em situações corriqueiras da vida do povo etc., “hierofanias” do divino na vida diária. A partir disso, afirma, o ciberespaço é o componente dominante da paisagem do século XXI. Nesse contexto, há sinais do transcendente dentro de seus domínios, e, como Moisés, as pessoas sobem essa montanha digital porque veem uma chama em seu topo, fazendo uma analogia dos fiéis que buscam a presença de Deus na Internet, como Moisés e a sarça ardente.

Segundo Brasher (2004), cabe questionar, como indicava McLuhan, o que cada nova tecnologia torna obsoleto. Ou seja, mais especificamente, com o surgimento das modalidades digitais online de religiosidade, que outras modalidades se tornam obsoletas? “A questão não é *se*, mas sim *como* e *quando* as tradições e as organizações religiosas irão mudar e ser mudadas pelo envolvimento no mundo online” (Id., p.XIV, grifo nosso)⁴⁸. Para isso, “afirmações acrílicas sobre a Internet como algo ‘novo’ e separado de outros processos na sociedade precisam ser questionadas” (HØJSGAARD & WARBURG, 2005, p.5)⁴⁹.

Portanto, cabe-nos agora compreender alguns pontos centrais dessa transição de elementos do sagrado do mundo offline para o mundo online. Aqui, novamente, estão em jogo algumas continuidades e rupturas, mas principalmente *metamorfoses*. Compreender não simplesmente o que se perde ou se ganha, mas sim *como ocorre a mudança* é que nos parece ser de extrema relevância.

as the Eucharistic ceremonies of the earliest Christians differ from the Latin High Mass. [...] we can be sensitive to true novelty while at the same time retaining awareness of the continuity of tradition, of the manifold ways in which it adapts, mutates, and survives to prosper in a new communicative environment”.

⁴⁸ “The question is not whether but how and when religious traditions and religious organizations will change and be changed by involvement in the online world”.

⁴⁹ “Uncritical claims about the Internet as something ‘new’ and separate from other processes in society need to be questioned”.

2.2 RELIGIÃO NA INTERNET: NOVAS FORMAS DE SER RELIGIOSO

“As pessoas estão fazendo de forma online grande parte daquilo que fazem offline, mas estão fazendo isso de forma diferente” (DAWSON & COWAN, 2004, p.1)⁵⁰. É a partir dessa afirmação – aprofundando-a e questionando-a – que comentaremos aqui algumas análises a respeito das manifestações do fenômeno religioso no ambiente online. Nesse sentido, cabe o questionamento: “Essa nova forma de ser religioso [na Internet] irá fazer alguma diferença em como a religião será concebida e praticada no futuro?” (Id.)⁵¹. Segundo Dawson, um problema se apresenta quando ocorre uma completa substituição do ato de dar as mãos entre corpos reais em tempo real por palavras digitadas ou imagens e sons gerados por computador. Essas microalterações na vivência da fé não são apenas uma isenta mudança de forma, mas sim, em sentido McLuhaniano, uma mudança de conteúdo: técnica e humano, aqui, coevoluem de forma midiaticizada, gerando novos predicados que serão por nós, posteriormente, descritos e analisados.

Na verdade, “há muito pouco no mundo real que não está eletronicamente reproduzido online, e há muito pouco online que não tenha fundamento ou referente offline” (DAWSON & COWAN, 2004, p.6)⁵², o que manifesta que grande parte do que acontece hoje na Internet não condiz, na maioria das vezes, à retórica e à propaganda inicial a respeito da grande rede presentes em grande parte dos estudos anteriores. Segundo Dawson (2004), as pessoas parecem usar a Internet em formas que estão em continuidade com suas vidas offline, ou mesmo ampliando-as. Para Dawson (2004), a vida online provavelmente complementa a vida offline, e pode-se dizer o mesmo do uso religioso da Internet.

Nesse sentido, Young (2004) esclarece algumas diferenças entre os conceitos de “*religion online*” e “*online religion*”, ou seja, respectivamente, a “recepção de informações” sobre religião e a “participação em uma atividade” religiosa (p.93). Essa taxonomia está baseada em função do “tipo de comunicação que elas apresentam ao usuário [...] e, paralelamente, do tipo de ‘fazer religioso’ que o usuário está buscando” (COSTA E SILVA, 2005, p.5).

Dentro desse contexto, o conceito de *religion-online* equivale ao uso da Internet “como ferramenta, isto é, ao uso da rede para comunicação um-todos em que a relação do usuário com a informação é controlada por aquele que a disponibiliza” (COSTA E SILVA, 2005, p.5).

⁵⁰ “People are doing online pretty much what they do offline, but they are doing it differently”.

⁵¹ “Will this new way of being religious make a difference in how religion is conceived and practiced in the future?”.

⁵² “There is very little in the real world that is not electronically reproduced online, and very little online that has no offline foundation or referent”.

Isto é, “formas de apresentação de informação religiosa na Internet que não oferecem ao usuário qualquer possibilidade de contribuição ou resposta” (Id.). Por essa razão, segundo Helland, não podem ser qualificadas como uma forma de “fazer” religião. Já a noção de *online-religion* refere-se a “manifestações comunicacionais todos-todos. Essa tipologia está ligada à visão da Internet como lugar ou ambiente” (Ibid.). Exige-se, assim, segundo a autora, um certo tipo de modelo interativo no site.

Para Young (2004), por outro lado, “*religion online*” e “*online religion*”, em vez de opostos, são dois tipos de expressão e atividade religiosa que existem em continuidade um com o outro no cristianismo da Internet. Segundo ela, é importante perceber a religião vivida na Internet como um convite ao fiel para *participar* da dimensão religiosa da vida por meio da Internet. Ou seja, “liturgia, oração, ritual, meditação e homilética se unem e funcionam com o próprio espaço online, atuando como Igreja, templo, sinagoga, mesquita” (HADDEN & COWAN apud YOUNG, 2004, p.94)⁵³. Além disso, segundo Young (2004), a religião online pode ser totalmente online ou ainda estar conectada ao mundo offline. Na primeira situação, ela dá o exemplo de sequências de oração feitas apenas no computador, em que o fiel vai acompanhando na tela do computador. Ou seja, um ritual que ocorre totalmente online. Na segunda situação, a autora exemplifica com os pedidos de oração que remetem para o mundo offline, ou seja, para grupos e comunidades que irão rezar pelos pedidos feitos pelos fiéis via online. Ou ainda as missas e demais ritos gravados e transmitidos via web.

Mesmo assim, defende, um ritual online não pode existir sem fazer referência às vidas offline daqueles que participam no ritual. Os sites que parecem ser “as instâncias mais claras de religião online não existem completamente online. Mesmo ali, a experiência online interage com o mundo offline” (YOUNG, 2004, p.103)⁵⁴. E isso, segundo a autora, pode se dar de duas formas: por meio de uma experiência *lembrada* (para o caso daqueles fiéis que já vivenciaram uma experiência semelhante no ambiente offline, como aqueles que assistem uma missa pela Internet a partir de lembranças das missas em que já participaram pessoalmente) ou mesmo *imaginada* (em que o fiel que nunca acendeu uma vela como ritual, por exemplo, constrói essa experiência na Internet a partir dos elementos religiosos que já possui ou conhece).

Por outro lado, partindo da conceituação de Markham sobre a Internet como *ferramenta*, como *lugar* ou e como *estado de ser*, Costa e Silva (2005) apresenta a sua

⁵³ “Liturgy, prayer, ritual, meditation, and homiletics come together and function with the e-space itself acting as church, temple, synagogue, mosque”.

diferenciação, respectivamente, entre manifestações religiosas *informativas*, *espaciais* e *metafísicas*. No caso da manifestação religiosa informativa (ferramenta), ocorre uma “transferência de informações existentes ou não offline através dos padrões de transmissão” (COSTA E SILVA, 2005, p.10), entendida esta última como atividade do consumidor quando se restringe à recepção de informações produzidas e distribuídas por um provedor central, ou seja, uma comunicação *one-way*, “sem abertura para resposta do usuário – ainda que esse tenha a liberdade de escolher entre uma gama de informações possíveis” (Id, p.11). Segundo a autora, nesse caso, “a religião utiliza a mídia como forma de difusão de suas mensagens, de controle e de poder” (Ibid.). Nesse sentido, não interessa a procedência da informação, mas sim “a escolha de um caminho linear dentro de uma estrutura hipertextual” (Id., p12).

As manifestações religiosas espaciais (lugar), para Costa e Silva (2005), são “discussões religiosas, metafísicas e espirituais que envolvam a interação entre usuários, quanto rituais e práticas religiosas em geral, independente de interação” (COSTA E SILVA, 2005, p.12). Segundo a autora, essas manifestações “envolvem necessariamente a criação de um ‘espaço’ comum, ainda que frágil (como no caso de troca de e-mails), e podem ou não criar comunidades (‘pertencimento’ a um determinado grupo)” (Id., p.13), e “presença”, “pertencimento” e/ou “participação ativa” que vai além da interatividade por escolha de informações. Nesse caso, “a comunicação tem um papel fundamental na partilha e manutenção dos laços comunitários” (Id., p.14). São exemplos disso os fóruns de discussão, chats, listas de discussão, ambientes religiosos 3D, rituais de acender velas, peregrinações virtuais etc.

Por último, as manifestações religiosas metafísicas (modo de ser) referem-se às “formas de alcançar a transcendência online proposta pelas ‘tecno-religiosidades’, isto é, grupos religiosos que vêem na tecnologia a solução dos problemas do mundo e/ou no ciberespaço um espaço sagrado de salvação pessoal” (COSTA E SILVA, 2005, p.15). Isso se deve a um aspecto imaginário – espacial e social –, para o qual “a Internet se torna um meio intensificador da experiência transcendente, de libertação corporal e temporal” (Id.), e também à ideia de que tudo pode ser convertido em informação. Nesse caso, a mídia “é vista como espelho da religião”, como “(re)produtora de uma religiosidade e, em última instância, como uma religião em si” (Ibid.).

Na realidade, o avanço da autora com relação às taxonomias de Helland e Karaflogka anteriormente analisadas não é muito saliente. Ela apenas acrescenta um fator *metafísico* à análise. Mas, nas demais manifestações, a diferença básica ainda continua sendo, como afirmávamos, o

⁵⁴ “Those Web sites that seem to be the clearest instances of online religion do not exist wholly online. Even there, the online experience interacts with the offline world”.

sentido do *fluxo* e a *interferência* realizada pelo usuário no sistema comunicacional. É possível que ocorra uma leitura apenas “linear” em um hipertexto, vendo a Internet apenas como uma ferramenta? Por outro lado, será que apenas determinados serviços criam um “espaço religioso”, vendo a Internet apenas como lugar? Nesse sentido, é preciso partir de uma conceituação mais ampla do fenômeno, a partir dos processos nele envolvidos.

No que se refere às manifestações religiosas católicas, de nosso interesse, é necessário analisar esse fenômeno a partir da liturgia e dos ritos católicos, que, a nosso ver, são vivenciados, cada vez mais crescentemente, por meio da Internet. Além disso, é preciso também responder *em que* as novas modalidades de religiosidade possibilitadas pela Internet *aumentam* ou *complementam* as experiências offline, especialmente no que se refere às interações entre fiel-Igreja-Deus. Se o indivíduo busca essas novas modalidades, é em resposta a uma busca anterior por algo diferente, ou porque o que ele descobriu na Internet *difere em algo* da sua experiência offline que o atrai. A partir de Manuel Castells, Dawson (2004) afirma que as noções tradicionais, a partir da Internet, estão abrindo caminho para uma ênfase sobre outros fatores relacionais. “O estudo da sociabilidade na/pela/com a Internet deve ser situado dentro do contexto de transformação dos padrões de sociabilidade na nossa sociedade” (CASTELLS apud DAWSON, 2004, p.81)⁵⁵. Isso está em direta relação com a noção da mídiatização, pois essa transformação dos padrões sociais e de sociabilidade passam, em grande parte, por um processo possibilitado e fomentado pelas mídias.

Nesse sentido, como defende Dawson (2004), talvez não podemos mais falar de comunidades estruturadas geograficamente, mas sim em “comunidades eletivas” ou “de escolha”. As interações e relações estabelecidas dentro dessas comunidades também não podem ser tão rígidas, já que as comunidades hoje se manifestam, segundo o autor, como “comunidades personalizadas” ou “individualismo em rede”. Em termos de mídiatização, com a reestruturação física dos centros urbanos a partir das novas formas de transporte e comunicação que foram surgindo, as pessoas tendem a ter um alcance muito maior em termos de relações do que no passado, centradas na família nuclear, e em distâncias muito mais abrangentes. Os laços são mais fracos e mais flexíveis. “As pessoas tendem a estar envolvidas em uma série de redes de relações formadas sobre diferentes bases por diferentes durações e em diferentes níveis de intensidade”

⁵⁵ “The study of sociability in/on/with the Internet has to be situated within the context of the transformation of patterns of sociability in our society”.

(DAWSON, 2004, p.82)⁵⁶. São redes que se sobrepõem, divergem, ocorrem simultaneamente etc. “O único denominador comum é o indivíduo no centro de cada rede” (Id.)⁵⁷. O importante é perceber que uma parte fundamental da experiência religiosa e da experiência do sagrado é vivenciada a partir do sentido de comunidade. E o quadro geral da vida social contemporânea, a partir da Internet, pode ser entendido com o conceito de “rede social”, mais do que da concepção tradicional e fixa de comunidade.

2.3 RELIGIÃO PELA INTERNET: A PRÁTICA RELIGIOSA NA ERA DAS MÍDIAS DIGITAIS

Depois de analisar alguns fundamentos da relação entre Internet e religião e de como a Internet perpassa elementos do religioso, nos deteremos agora sobre a *prática do fiel*, sobre como se constitui o vínculo entre fiel-Igreja-Deus e como se dão essas interações.

Poderíamos dizer que ocorre hoje uma “diáspora” (cf. BRASHER, 2004), já que a Internet torna-se o ambiente para o qual grande parte (senão todas) as religiões tradicionais vão, aos poucos, se deslocando. Citando o trabalho de Walter J. Ong, Brasher (2004) afirma que esse deslocamento para as mídias eletrônicas transforma o “sensorium” humano, ou seja, as interações entre som, olfato, visão, tato e até imaginação, por meio das quais experienciamos a vida. Essas interações são agora reconstruídas eletronicamente, criando “novas áreas do desconhecido” e “campos imprevistos de necessidade religiosa” (cf. BRASHER, 2004), o que leva à necessidade, por parte das religiões, de desenvolver novos rituais e mediações teológicas.

Como indica Hoover (2001), um dos conceitos-chave para a compreensão das interações entre religião e mídia é a noção de *prática*, ou a “prática factualmente situada da interação religiosa online” (HØJSGAARD & WARBURG, 2005, p.5)⁵⁸. Desviando o foco das estruturas ou instituições sociais formais, é importante situar-se justamente “no meio dessas coisas, onde indivíduos e comunidades podem ser vistos ativos na construção de sentido” (HOOVER, 2001, p.2)⁵⁹, ou seja, nas “interações entre textos, produtores, receptores e os contextos em que eles residem” (Id., p.4)⁶⁰.

⁵⁶ “People tend to be involved in a series of networks of relations formed on different bases for different durations and at different levels of intensity”.

⁵⁷ “The sole common denominator is the individual at the hub of each network”.

⁵⁸ “Factually situated practice of religious online interaction”.

⁵⁹ “In the middle of these things, where individuals and communities can be seen to be active in the construction of meaning”.

⁶⁰ “Interactions between texts, producers, receivers, and the contexts wherein they reside”.

Aproximando a questão da prática com a teologia, Herring (2005) aborda aquilo que chama de teologia contextual, ou seja, uma teologia que não se interessa diretamente pelo discurso sobre Deus, mas sim pelo *contexto* – as circunstâncias específicas – em que as pessoas interagem com Deus: não como as pessoas creem ou devem crer (*doxa*), mas sim como as pessoas expressam a sua fé (*praxis*). Por isso, essa teologia dá grande importância à fenomenologia como instrumento interpretativo da *praxis*, etnográfica e antropologicamente, postura à qual nos somamos nesta pesquisa, como forma de compreender não apenas o conteúdo da fé vivenciada pelo fiel na Internet, mas sim o *contexto comunicacional* construído por ele em interação com o sistema comunicacional católico online.

Portanto, a análise da interface religião-mídia precisa se deter sobre práticas reais em contextos reais (cf. HOOVER, 2001). Nesse sentido, segundo Hoover (2001), algumas dúvidas merecem nossa reflexão. Por exemplo, as práticas de nosso interesse de pesquisa, como as velas virtuais, são uma experiência *privada* ou *pública* de religiosidade que se desenvolve a partir das mídias? São manifestações *populares* ou *legitimadas* de religiosidade? Estão dentro da corrente católica *principal* ou *marginal*? Sua manifestação (que envolve formas de expressão, símbolos, práticas e história) é *explícita* ou *implícita*? É uma experiência *direta* ou *mediada*⁶¹?

Existe, assim, uma “emergência de novas formas, contextos e experiências de rituais, muitos dos quais são possíveis apenas porque vivemos em um tempo em que a mídia desempenha um papel tão importante” (HOOVER, 2001, p.4)⁶². Por isso, nossa pesquisa aborda justamente as “experiências e práticas [religiosas] que evoluíram na era da mídia” (Id.), ou seja, aqueles fenômenos religiosos que quase dependem da mídia e que, sem ela, não existiriam, como é o caso das experiências religiosas que aqui nos interessam. O que elas possuem de novo? O que essas novas formas comunicacional-religiosas significam para a própria Igreja e para o fiel?

Uma das formas mais específicas dessas novas práticas é o que chamamos de rituais online, que serão mais aprofundados no capítulo 4. Interessam-nos aqueles que emanam, especificamente, de um ambiente religioso católico e que possibilitam uma experiência religiosa. Porém, é bom lembrar, junto com Casey (2008), que um ritual nem sempre é religião, e que a religião nem sempre é ritual. Para a autora, os rituais religiosos são atos de crença, porque são referências e preservam a confiança em realidades invisíveis.

⁶¹ Segundo o autor, a comunicação mediada é pensada para intervir na experiência direta de oração, louvor, piedade etc. e, assim, a prejudica ou mesmo a destrói.

⁶² “Emergence of new forms, contexts, and experiences of ritual, many of which are possible only because we now live at a time when media play such an important role”.

Para uma melhor compreensão do conceito, Grimes (2001) afirma que o ritual é um meio de comunicação, porém representado: é um multimeio, isto é, um

evento de múltiplas mídias circunscrito, fora do ordinário – reconhecido por pessoas de dentro e de fora como distintivamente além do mundano – em que palavras e ações prescritas são repetidas e dilemas cruciais da humanidade são evocados e trazidos a uma resolução sistemática (COMBS-SCHILLING apud GRIMES, 2001, p.228)⁶³.

Para Añez (2003, p.87), “toda crença, cerimonial e ritual religioso constituem em si uma técnica de representação e vivência do sagrado”. Com a revolução tecnológica, especialmente a partir do computador e da Internet, “a velha concepção do poder ritualístico da ação simbólica [...] não morreu; ela sobreviveu dentro dos domínios agora limitados da Igreja e se tornou um novo lar na rede de comunicação global” (O’LEARY, 2004, p.44)⁶⁴. As novas formas inovadoras na comunicação foram acompanhadas por uma bricolagem, com os “fragmentos do velho sistema [sendo] incorporados no novo mosaico cultural” (Id.).

Aqui entram em jogo também os modos para se compreender os processos em que os rituais online estão envolvidos. Nesse sentido, um ritual traz novas questões de espaço-tempo; de comunicação, discurso e narrativa; e de construção de sentido (valores). Cabe ressaltar que

as novas mídias [como a Internet] não apenas acrescentam algo a um ambiente, mas efetuam uma mudança qualitativa no ambiente. [...] O ciberespaço não simplesmente oferece outro “espaço” no qual se performam rituais, mas induz a uma mudança qualitativa naquilo que é considerado um ritual religioso viável (CASEY, 2008, p.2, nota de rodapé).⁶⁵

Surge assim uma nova ambiência e uma nova ecologia midiática (cf. GOMES, 2006), que se manifesta nessa “vasta catedral da mente” (cf. CASEY, 2008) pelos rituais online e seus protocolos e liturgias. De acordo com Willer (2009, p.80), “parece que a fé tradicional simplesmente se apropria do meio pós-moderno e o adéqua a seu serviço”. Assim, em uma afirmação um pouco determinística, afirma que “o santuário virtual substitui um santuário real” (Id.). Para a autora, “os ‘usuários-visitantes’ outorgaram-lhe [à Internet] [a função] de um canal de comunicação direta com a imagem de Cristo ou da santa [conforme seu objeto de análise].

⁶³ “A circumscribed, out of ordinary, multiple media event – recognized by insiders and outsiders as distinctively beyond the mundane – in which prescribed words and actions are repeated and crucial dilemmas of humanity are evoked and brought to systematic resolution”.

⁶⁴ “The old conception of the ritualistic power of symbolic action [...] is not dead; it survives within the now limited domain of the Church and has a new home in the global communication network”.

⁶⁵ “New media don’t just add something new to an environment, but effect a qualitative change in the environment. [...] Cyberspace does not simply offer another ‘place’ in which to perform rituals, but induce a qualitative change in what is considered viable religious ritual”.

Carregar o santuário virtual na tela adquire a mesma função de fazer uma visita real aos santuários reais” (WILLER, 2009, p.80). Embora seja necessário moderar a força de expressões como “substituir” ou “mesma função”, concordamos, sim, que os fiéis encontram nos protocolos da Internet características outras, que *são ou não* encontradas nos santuários do mundo offline. A partir de nossas observações, não acreditamos que se dê um processo de substituição de um por outro, mas sim uma *justaposição* das ofertas religiosas, a partir daquilo que o mundo digital online concede *a mais ou a menos* ou de forma *mais instantânea, acessível ou disponível* do que os santuários tradicionais.

Por outro lado, Willer (2009, p.81) conclui ainda que “o santuário virtual é expressão clara da heterogeneidade cultural”, entendida, esta última, como “a convivência simultânea de várias expressões culturais pertencentes a diversas épocas”. Isso reforçaria, segundo ela, a percepção de que “um meio considerado simbólico da pós-modernidade como a Internet ajuda a viver a fé tradicional – condição pré-moderna” (Id.). Assim, afirma, o meio pós-moderno fortalece e expande a influência da condição pré-moderna dentro da sociedade secular moderna.

Além disso, não podemos mais manter uma análise estrita de ritual como ações e gestos concretos que envolvem elementos concretos como cálice, pão, vinho, incenso etc. Na experiência online, esses elementos são substituídos por simulações textuais, imagéticas e audiovisuais, como vemos na ambiência construída pelos sites católicos em torno dos rituais das velas virtuais e dos pedidos de oração. Isto é, o ritual não requer a presença física dos elementos para ser efetivo. A realidade textual, imagética ou audiovisual, radicalizando o *sensorium* das mídias digitais, busca assegurar a eficiência do ritual. “Significante e significado são fundidos na simulação textual [imagética ou audiovisual] das experiências sensórias offline” (O’LEARY, 2004, p.51)⁶⁶. Até mesmo a realidade geográfica e espacial do ritual não pode ser assumida tão estritamente, já que as noções de geografia e espaço não desaparecem, mas são reatualizadas, a partir das noções de rede, site, pontos de rede, sistemas, canais, interfaces, links, portais etc.

Por isso, para Fernback (2001), é importante analisar a questão dos rituais como um processo, em que os fiéis participam de determinadas formas. Ritual, enfim, seria “a performance de sequências mais ou menos invariáveis de atos e ditos formais não codificadas pelos performancistas” (RAPPAPORT apud FERNBAC, 2001, p.257)⁶⁷. Essa performance, assim, seria a corporificação do contrato social, o que transforma o ritual no “ato social fundamental

⁶⁶ “Signifier and signified are fused in the textual simulation of offline sensory experiences”.

⁶⁷ “The performance of more or less invariant sequences of formal acts and utterances not encoded by the performers”.

sobre a qual a sociedade é instituída” (RAPPAPORT apud FERNBAC, 2001, p.257)⁶⁸. Ou seja, é preciso responder a algumas questões centrais para a compreensão de um ritual: “Quem são os atores? O que constitui o palco e os bastidores? Onde está a audiência? Que roteiros ditam a performance?” (GRIMES, 2001, p.230)⁶⁹.

Para Casey (2008), o ritual, “ao encobrir o intangível em uma forma concreta por meio [de] vários elementos, *torna presente o virtual*” (CASEY, 2006, p.80, grifo nosso)⁷⁰. Assim, ao analisar as práticas de fé nos rituais online, pode-se perceber as formas pelas quais se cria sentido religioso na Internet em um processo de mídiatização. Isso, cremos, também está diretamente relacionado à nossa noção de fiel como um *coa(u)tor* da experiência religiosa, pois mesmo que sua experiência vivida na Internet seja feita em uma dimensão privada, ela também tem seu caráter público, ao estar disponível para a leitura dos demais internautas.

Segundo Grimes (2001), também podemos compreender os rituais online como um processo de ritualização, ou seja, uma forma tácita de ritual, ou, segundo Erwin Goffman, uma “interação ritual”: “um comportamento semelhante ao ritual que carece do reconhecimento social que lhe garantiria o reconhecimento como um rito formal” (GRIMES, 2001, p.222)⁷¹. Exemplo disso é quando um usuário “iconifica” a tela do computador, sentando-se diante dela como em uma forma de “meditação sentada” (cf. GRIMES, 2001). Por outro lado, em alguns casos, o aparelho eletrônico simplesmente “apresenta a *ocasião* para a ritualização, e não o rito em si mesmo”, assim como o “ritual pode ‘conter’ mídia e aparelhos midiáticos” (GRIMES, 2001, p.222, grifo do autor)⁷².

Assim, “o mundo irá testemunhar não apenas uma liturgia assistida pela mídia, mas também uma liturgia centrada na mídia” (GRIMES, 2001, p.223)⁷³, já que a mídia também oferece modelos para a liderança litúrgica, para o espaço litúrgico e para o imaginário litúrgico, o que manifesta que a influência da mídia sobre a liturgia é muito maior do que o contrário.

A partir dessa discussão, é importante também analisar o que resulta dessa interface tão complexa e rica entre religião e Internet. Algumas pistas-chave, a partir de nossas leituras, serão agora apresentadas.

⁶⁸ “The fundamental social act upon which society is founded”.

⁶⁹ “Who are the actors? What constitutes on-stage and off-stage? Where is the audience? What scripts dictate the performance?”.

⁷⁰ “Ritual, by cloaking the intangible in concrete form via these various elements, makes present the virtual”.

⁷¹ “Ritual-like behavior lacking the social recognition that would earn it recognition as a formal rite”.

⁷² “Presents the *occasion* for ritualizing, not the rite itself”. “Ritual may ‘contain’ media and media services”.

⁷³ “The world will witness not just media-assisted liturgy but media-centered liturgy”.

2.4 RELIGIÃO PÓS-INTERNET: AS METAMORFOSES DA FÉ MIDIATIZADA

Como vimos, o vínculo tradicional do fiel com a Igreja é reconstruído histórica, prática e liturgicamente. Por meio da Internet, o fiel brasileiro, por exemplo, pode “participar” de uma cerimônia que já ocorreu e que já ocorreu em outro continente. Pode, por exemplo, rever e *reviver* o funeral de João Paulo II. Ou ainda os ritos do Jubileu do ano 2000, que concediam indulgências plenárias (serão elas concedidas a esse fiel “midiatizado”?).

O importante, por isso, é detectar e delinear os elementos de continuidade e de ruptura – ou ainda os elementos caracterizadores de mudança – existentes na Internet dentro do cenário de midiaticização do campo religioso. Por isso, aqui, mais do que continuidades ou rupturas, podemos falar de *metamorfozes da fé* a partir do fenômeno da midiaticização digital, conceito que será mais aprofundado posteriormente, isto é, as microalterações da vivência da fé e das manifestações da religião somadas aos diversos outros âmbitos sociais e históricos que evidenciam esse processo. Metamorfose é a criação de uma metaorganização que surge a partir de um ponto de saturação da organização original, “que, embora tendo os mesmos aspectos físico-químicos, produz novas qualidades” (MORIN, 2010, online). Como afirma o autor, uma metamorfose começa “por uma inovação, uma nova mensagem desviante, marginal, pequena, muitas vezes invisível para os contemporâneos”. Retomaremos essa discussão mais adiante, porém, cabe aqui indicar alguns pontos luminosos que encontramos em nossas leituras em que essa metamorfose se manifesta de forma mais explícita. Esses pontos serão, ao longo de nosso estudo, retomados e tensionados.

Para Dawson & Cowan (2004), a partir de algumas manifestações desse fenômeno comunicacional-religioso, reconhecem uma mudança de dois sentidos: uma crise da autoridade e uma crise de autenticidade (com a formação de “especialistas instantâneos” [cf. DAWSON & COWAN, 2004], com a falta de garantias com relação a quem realmente está do outro lado afirmando ser um sacerdote ou sacerdotisa pagãos etc.). Nesse sentido, a existência, a natureza e o uso do meio provocaram uma diferença na experiência e na vivência da fé (cf. DAWSON & COWAN, 2004). Isso nos parece central em nosso estudo, pois apesar de serem práticas corriqueiras e singelas dentro do amplo contexto religioso, a forte presença da Internet, que embebe todo esse processo, por meio de sua natureza e do seu uso, causa “microalterações”, como afirmávamos, na estrutura da religiosidade católica como a conhecemos.

O fato de que tenhamos adotado a tecnologia tão rapidamente, porém, significa que estamos em risco de passar por cima do seu significado. Assim como o telefone e a

televisão, ela [Internet] se tornou uma característica rotineira em nossas vidas diárias. Mas as tecnologias da comunicação raramente são neutras em seus efeitos (DAWSON & COWAN, 2004, p.9).⁷⁴

Alguns desses efeitos, segundo Højsgaard & Warburg (2005, p.7) são o “estabelecimento, manutenção e transformação de autoridades institucionais, de experiências pessoais e de interações sociais por meio de limites convencionais de tempo e espaço”⁷⁵. Isso leva Brasher (2004) a afirmar que ocorre hoje uma “revolução no fazer” religioso a partir das novas interações via computador. Para exemplificar, a autora descreve uma visita online a um templo hindu. Nela, percebe que ocorre uma espécie de absorção imaginativa do usuário no sagrado, provocada pela construção multimidiática dessa experiência. Porém, afirma, a tentativa de estimular uma “absorção física” nesse sagrado fica altamente limitada. Comparando a versão digital e offline do templo Kali, de Bangalore, na Índia, a autora afirma que

não há interação com outros peregrinos en route. O templo em si mesmo sumiu. O forte cheiro das flores e das frutas oferecidos desapareceu. Enfim, na transição do templo para a tela, uma alteração radical do estímulo dos sentidos como parte integrante do louvor hindu ocorreu silenciosamente. Consequentemente, a experiência religiosa em si mesma foi alterada (BRASHER, 2004, p.5).⁷⁶

Depois de grandes modificações tecnológicas vivenciadas pelas religiões – da passagem da tradição oral para a escrita e dos pergaminhos aos *códices*, até chegar à televisão e, mais recentemente, ao hipertexto – Brasher (2004) analisa que, interconectando textos, imagens, sons e vídeos, o ciberespaço mina a qualidade numinosa dos escritos sagrados ao tornar os textos religiosos infinitamente acessíveis e maleáveis; possibilita um desvio das hierarquias formais que predominam nos círculos religiosos por ser um meio de base e participativo; estimula a imaginação mas ignora o resto do corpo por ser um não ambiente, que tira a atenção dos demais espaços em que grande parte da vida religiosa tradicional ocorre; e impossibilita o fomento de uma sabedoria integrada que a religião promove por ser um espaço supersaturado de informações.

Por outro lado, Dawson (2004) questiona se ainda é possível falar de comunidades, especificamente religiosas, no ambiente online. O que está em jogo é a “interação face-a-face dos

⁷⁴ “The fact that we have adopted the technology so fast, however, means we are at risk of overlooking its significance. Like the telephone or television, it has become a routine feature of our daily lives. But communication technologies are rarely neutral in their effects”.

⁷⁵ “Establishing, maintaining, and transforming institucional authorities, personal experiences and social interactions across conventional boundaries of time and space”.

⁷⁶ “There is no interaction with other pilgrims en route. The temple itself is gone. The heavy smell of flower and fruit offerings has vanished. In sum, the transition from temple for screen, a radical alteration of the sense stimulation integral to Hindu worship has silently taken place. Consequently, the religious experience itself has been altered”.

indivíduos, mediada pela sua orientação comum ao que eles percebem como divino ou sagrado” (DAWSON, 2004, p.75)⁷⁷. Porém, o autor questiona, assim, quanto disso ainda pode ser considerado a partir do surgimento do fenômeno religioso na Internet. É possível existir comunidades online? Para ele, duas distorções estão em jogo: 1) uma visão muito romantizada de comunidade, a partir da análise de pequenos vilarejos do passado; e 2) a associação da vida religiosa ao modelo congregacional ocidental, marcado justamente por essa noção de comunidade tradicional. O que ocorre hoje é um deslocamento a partir do surgimento das redes sociais. Não assumiríamos o risco de afirmar que “já não se precisa” de uma comunidade, mas sim que ela passa por grandes transformações fomentadas pela Internet. Sem dúvida, há uma forte dose de individualização, e – embora reguladas pela Igreja Católica, por meio dos responsáveis de seus sites institucionais, que oferecem as opções e as modalidades – são feitas escolhas pelo usuário em suas experiências de fé, que redefinem sua própria experiência religiosa, talvez até sem terem sido previstas pelo sistema.

Uma outra modificação trabalhada pela autora é a noção de tempo na Internet. Segundo Brasher (2004), a experiência e a regulação do tempo, ou de noções de tempo, sempre foram fatores centrais para as religiões; na Internet, afirma, essa relação ocorre de uma nova maneira. “O ciberespaço impõe um ritmo contínuo sobre a vida diária. Sem sol ou lua para nascer ou se pôr, o horizonte virtual do ciberespaço abunda de atividade, 24 horas por dia, sete dias por semana, 52 semanas por ano” (BRASHER, 2004, p.49)⁷⁸.

O que esse ritmo significa para as religiões? Para isso, a autora analisa o conceito de tempo sagrado. Se o tempo, como experienciado pelo ser humano, é unidirecional (início-fim) e, por isso, limitado, o tempo sagrado é não direcional e ilimitado, em que todos os tempos convivem ao mesmo tempo, é um “tempo curvado sobre si mesmo, completamente disponível a partir de qualquer ponto” (BRASHER, 2004, p.50)⁷⁹.

Segundo a autora, a tecnologia do ciberespaço provoca grandes efeitos temporais. De certa forma, em sua base, encontra-se uma metafísica do tempo, segundo Brasher (2004): a onitemporalidade, ou seja, a ideia religiosa de eternidade como permanência perpétua, tudo está disponível sempre, a qualquer hora. Por outro lado, uma característica quase intrínseca à Internet é a noção de velocidade de transferência de dados, cada vez mais em cada vez menos tempo. Por

⁷⁷ “Face-to-face interaction of individuals mediated by their common orientation to what they perceive to be the divine or sacred”.

⁷⁸ “Cyberspace imposes a nonstop pace on daily life. With neither sun nor moon to rise or set, the virtual horizon of cyberspace teems with activity, twenty-four hours a day, seven days a week, fifty-two weeks a year”.

⁷⁹ “Time folded upon itself, completely available from any point”.

isso, analisa a autora, “ao nos tornarmos aculturados à velocidade do universo virtual, nossa paciência entre nós mesmos e com nosso ambiente material não virtual diminui” (Id., p.65)⁸⁰. Gera-se uma “expectativa de imediatividade”, que exige, para ser satisfeita, novas tecnologias. Além dessa expectativa, gera-se ainda uma “sensação de carência” por parte do fiel, diante das novas tecnologias: para viver a sua fé, ele sente uma necessidade de ser mediado pela técnica e, ao usar cada vez mais tecnologias, busca viver a sua fé cada vez mais mediado por elas. Essa relação entre a técnica e o humano será mais aprofundada no próximo capítulo.

Nesse sentido, fortalece-se, a nosso ver, uma tríade que entra em tensão com a experiência religiosa: imediatividade, acessibilidade e disponibilidade do sagrado. Na Internet, para existir, é necessário que a “coisa”, seja ela qual for, seja de acesso imediato, esteja sempre acessível e disponível a qualquer hora e em todo o lugar. Não corresponder a uma dessas exigências é estar defasado ou fora de lugar. Isso também diz respeito ao sagrado e àquilo que a Igreja Católica, em nosso caso, por exemplo, deseja oferecer via Internet: é preciso ser imediato, sempre acessível e disponível. É preciso estar atento que a mediação, especialmente em sua fase digital, introduz no leque das experiências humanas, como indica Brasher (2004), fenômenos que dependem do computador e da Internet que são totalmente desconhecidos aos ideais e histórias das religiões tradicionais.

Nesse sentido, para religiões tradicionais como a Igreja Católica, enraizadas em culturas e origens agrárias e pastorais, são necessárias mudanças realmente profundas em seus sistemas simbólicos para que possam ser capazes de responder a todos esses desafios na compreensão de uma nova forma de ver e de viver o mundo que vai nascendo com o computador e a Internet, mudanças que podem estar além de suas capacidades (cf. BRASHER, 2004).

Embora possa parecer uma visão apocalíptica da relação Igreja-Internet, parece-nos que há, realmente, uma preocupação central que escapa à maioria das religiões, especialmente da Igreja Católica. Existe uma mudança epocal em curso, fomentada pelas tecnologias digitais, fortalecendo e ampliando cada vez mais um processo de mediação das sociedades e de seus processos que vai passando despercebido. Noções como tempo, espaço, comunidade, autoridade, presença, participação etc. vão sendo reconstruídos e readaptados a uma nova configuração social que por vezes é combatida pela Igreja e, em outras, tem sua importância diminuída, como um processo localizado e sem grandes repercussões para as estruturas da Igreja. Porém, esse é o

⁸⁰ “As we become acculturated to the speed of the virtual universe, our patience with each other and with our nonvirtual material environment shrinks”.

grande engano, já que a partir das beiradas uma modificação de fundo vai ocorrendo, para o bem ou para o mal, na configuração das religiões tradicionais.

Dentro desse contexto, afirma Carvajal (2009), os rituais na Internet, “chegando a mais pessoas e restabelecendo, em outro suporte, o vínculo da Igreja com seus fiéis”, pode estar produzindo uma “dessacralização dos ritos”, ou, nas palavras de Pou Américo, uma “desritualização do relato” (apud CARVAJAL, 2009, p.29). Assim, “os meios geram um novo espaço e modo de interpelação coletiva dos indivíduos, com outras condições; não é simples cópia da realidade” (CARVAJAL, 2009, p.29). Muda também a relação entre a Igreja e os fiéis, que agora se vinculariam à distância com sua comunidade religiosa, o que antes, historicamente, ocorria “fisicamente”, em um espaço delimitado geograficamente. Por outro lado, a mídia também permite um consumo individual de bens religiosos. “Assim, o fiel passaria de ser um ator de uma cerimônia para ser um espectador à distância” (Id., p.30).

Além disso, se poderia questionar:

O que irá acontecer aos nossos sentidos espirituais quando o próximo passo for dado, isto é, quando os rituais sejam performados puramente no campo do virtual? [...] E se a experiência sensorial completa do ritual for diminuída pela sua redução ao texto, ao som e à imagem agora possível na Rede [...], o que, em troca, pode ser ganho ao trabalhar dentro dessas limitações e quais são as possibilidades para transcendê-las? (O’LEARY, 2005, p.43).⁸¹

No fundo, o risco é o de que a Internet encoraje as pessoas a “optar por não participar do tipo de relações de carne e osso que são uma condição indispensável para os sentidos religiosos compartilhados” (DAWSON, 2005, p.19)⁸². Como afirma Højsgaard (2005, p.60), o digitalismo pode ser “sociologicamente considerado como ‘uma religião sem religião’ (para usar a terminologia de Yves Lambert) ou surrealisticamente rotulado ‘isto não é uma religião’ (para usar a fraseologia de Magritte)”⁸³.

No entanto, essas metamorfoses não podem ser lidas à luz de um determinismo tecnológico puramente. Os rituais online e demais manifestações comunicacional-religiosas estão “em conexão com as dinâmicas e as transformações da religião e da religiosidade na sociedade

⁸¹ “What will happen to our spiritual senses when the next step is taken, i.e., when rituals are performed purely in the realm of the virtual? [...] And if the full sensory experience of the ritual is diminished by its reduction to the text, sound, and imagery now possible on the Web [...], what in turn may be gained by working within these limitations, and what are the possibilities for transcending them?”.

⁸² “Opt out of the kind of flesh-and-blood relationships that are the indispensable condition of shared religious meanings”.

⁸³ “Sociologically be considered a ‘religion without religion’ (to use the terminology of Yves Lambert) or surrealistically be labeled ‘this is not a religion’ (to use the phraseology of Magritte)”.

contemporânea em geral” (HØJSGAARD, 2005, p.61)⁸⁴. Ou seja, enquanto geram e constroem sentido religioso na Internet, os indivíduos “fazem uso e são influenciados pelas possibilidades tecnológicas assim como pelas condições sociais, políticas e culturais do seu tempo” (HØJSGAARD, 2005, p.62)⁸⁵. E o panorama religioso dessa sociedade, embora não sendo uniforme, é marcado, segundo o autor, por uma luta entre forças secularizantes e contrassecularizantes que a religiosidade online reflete de forma bastante clara.

* * *

Toda a retomada de estudos que fizemos até aqui, portanto, nos ajudou a perceber como se manifesta e como é percebido o fenômeno que aqui chamamos de *mediatização* digital do religioso. A partir desses temas, faremos nosso estudo mais aprofundado nos próximos capítulos. Nesse sentido, ressaltamos a ideia de que há uma passagem de âmbitos sociais do fenômeno religioso, passando dos templos para as mídias eletrônicas e, mais recentemente, para as mídias digitais, fenômeno que reforça a ideia de um processo de *mediatização* do fenômeno religioso. Por outro lado, reforçamos o valor de pesquisa daquilo que aqui chamamos de *rituais online*, como manifestação sociocomunicacional do fenômeno religioso hoje. Os fiéis, nesse deslocamento do sagrado, passam a experienciar sua fé em um novo âmbito, um novo sistema de construção de sentido, que traz novos questionamentos.

Portanto, como se dá essa *interação* entre fiel e sagrado nessas novas processualidades comunicacionais? Está ocorrendo – diríamos – uma “metamorfose da fé”, fé essa que vai se moldando e se reconstruindo a partir de movimentos históricos e sociais. Essa metamorfose é hoje ampliada e fortalecida principalmente por meio de um processo de *mediatização* do fenômeno religioso. Portanto, reforça-se nesse sentido, nosso problema de pesquisa: ou seja, *como se dão as interações entre fiel-Igreja-Deus para a vivência e a experiência da fé nos rituais online do ambiente digital católico brasileiro?*

Assim, temos aqui alguns pontos centrais de análise, que nos ajudam a “problematizar nosso problema”, contribuindo com novas questões e perspectivas de estudo. A partir disso, buscaremos aprofundar alguns eixos centrais dos conteúdos aqui apresentados em termos teóricos (capítulo 3).

⁸⁴ “In connection with the overall dynamics and transformations of religion and religiosity in contemporary society at large”.

⁸⁵ “They make use of and they are influenced by the technological possibilities as well as the social, political, and cultural conditions of their time”.

3 MEDIATIZAÇÃO DIGITAL DO SISTEMA RELIGIOSO: UM MOSAICO CONCEITUAL

*Tudo foi feito por meio do Verbo,
e sem ele nada foi feito.
O que foi feito nele era a vida,
e a vida era a luz dos homens.
A luz brilha nas trevas,
Mas as trevas não a apreenderam.
João 1, 3-5*

Neste capítulo, aprofundaremos a reflexão sobre os conceitos e as perspectivas de análise que mais “brilharam” e despontaram na galáxia de estudos apresentados no capítulo anterior. Esses conceitos nos servirão de marco e horizonte teóricos para esta investigação dos sites católicos institucionais brasileiros, a partir de nosso problema de pesquisa, que será descrita especialmente no capítulo 4.

Retomaremos aqui alguns conceitos-chave para nosso estudo, como a noção de *mediatização*, enquanto *sistema complexo* em que o fenômeno religioso passa a se manifestar na Internet); *interações* e *rituais online* (modalidades específicas de vínculo entre o fiel e o sistema comunicacional católico online e de experiência da fé); e, dentro disso, as microalterações dessa experiência, a partir das noções de *digitalidade*, *ubiquidade*, *conectividade* e *hiperdiscursividade* (metamorfoses da *leitura* e do *discurso sobre a fé*, ou as “narrativas digitais” que surgem enquanto ações específicas para a construção do sentido religioso por parte do fiel e do sistema comunicacional católico online).

Como nossa intenção é a de entender como se dão as estratégias desenvolvidas pelo sistema comunicacional católico online e pelo fiel para a experimentação de novas fórmulas de religiosidade no ambiente online, assim como que tipo de religião resulta dessa manifestação específica de práticas religiosas, procuramos nos focar, em primeiro lugar, no conceito de *mediatização* como ambiência global em que esse fenômeno ocorre e sua modalidade específica de manifestação no campo religioso.

Também analisaremos o papel da técnica na instituição e funcionamento desse fenômeno comunicacional, visto que, como dizíamos, foi a convergência das mídias que possibilitou a manifestação dessa nova ambiência. Por outro lado, veremos como a religião se expressa em novas modalidades de experiência, especificamente por meio de um determinado tipo de interação e de ritual. Por último, refletiremos sobre as novas configurações da religião em

termos de tempo-espaço-materialidades a partir do fenômeno da midiática e em que isso altera a experiência da fé por parte do fiel.

3.1 MEDIATEZACÃO DA RELIGIÃO: SISTEMAS E PROCESSOS COMUNICACIONAIS EM EXPLORAÇÃO

Preocupamo-nos aqui com a interação estabelecida pelo fiel, por meio da Internet, com elementos do sagrado católico disponíveis na Internet, o que carrega consigo grandes possibilidades de ocorrência de uma experiência espiritual-religiosa por meio da rede. Este estudo, portanto, pretende abranger um processo que se encontra em uma interface do sistema comunicacional com um amplo âmbito social, o religioso, interface que se dá em um processo criativo e contínuo: ou seja, um processo complexo (cf. GOMES, 2009; FAUSTO NETO, 2009). Nesse sentido, o “âmbito de feixes de relações que se estruturam cada vez mais em redes complexas de discursividades e de funcionamento dos signos” (FAUSTO, 2009, p.3) deve ser analisado, dentro dos limites desta pesquisa, em “sua totalidade, com suas relações, conexões e interconexões” (GOMES, 2009, p.13). Assim, ultrapassa-se o objeto em si para buscar a apropriação da totalidade dos processos midiáticos, não buscando mais sua fragmentação em produtor, produção, conteúdo, veículo, público, receptor, recepção (cf. GOMES, 2009).

Visto que, atualmente, a Internet possui um papel central no processo de mediação social, buscaremos aqui analisar alguns conceitos relativos a esse processo. Em suma, se afirmávamos anteriormente, de forma metafórica, que “o Verbo se fez bit”, tentaremos analisar aqui alguns aspectos centrais para que esse processo pudesse ocorrer e que são centrais, também, para o seu entendimento.

Grande parte dos estudos sobre a relação entre as mídias digitais e online e as manifestações religiosas ainda se referem àquelas a partir de uma perspectiva já ultrapassada – se assim podemos dizer –, ou seja, de uma visão daquela que se costumou chamar de Web 1.0, que surge no período inicial da Internet desde 1991, com pouca largura de banda e acesso muito restrito, marcado por interfaces interacionais mais “duras” e estáticas, com poucas atualizações e aplicativos fechados (sem acesso aos códigos por parte dos usuários), que perdurou até o estouro da chamada “bolha ponto-com” – o rápido crescimento econômico do setor tecnológico (especialmente no setor da Internet), que ocorreu em meados de 2003.

Esse período, mesmo que instável, impreciso e discutível, se confronta com o momento posterior, o da Web 2.0, quando, pela maior banda disponível, houve uma maior

participação dos usuários na organização da Internet. É interessante perceber que, embora não tenha havido grandes mudanças nas especificidades técnicas da Internet, houve sim avanços por parte da postura dos usuários com relação à rede. Surge a possibilidade de as pessoas se conectarem com outros usuários para trocas de arquivos e dados (o chamado *peer to peer*), formando uma espécie de “inteligência coletiva” mundial. A partir disso, houve uma explosão de *wikis* (edição coletiva e colaborativa de documentos online, não necessitando que o conteúdo seja revisto antes de sua publicação, como no caso da Wikipedia), blogs, redes sociais (Twitter, Orkut, Facebook etc.), novos aplicativos e softwares criados em comum por diversos usuários, computação em nuvem, criação e divulgação de conteúdo por parte dos usuários (como no YouTube ou no MySpace) etc.

Essa explosão da participação do usuário na moldagem da Internet seguramente trouxe também novos questionamentos e apropriações para o ambiente religioso online. A instituição religiosa e o fiel passaram a lidar diferentemente com essas possibilidades, especificamente na vivência espiritual ensejada via Internet, como vinham fazendo até então. Se antes, nos primórdios da Internet, o que existia era apenas bancos de dados, grandes repositórios de informação, houve uma mudança de postura, favorecida por certos serviços. Analogamente, passamos de uma imensa biblioteca a uma grande “feira do livro”, com oficinas, trocas de experiências e inovações.

Essa alteração de postura, talvez, ainda não se manifestou nas pesquisas, muito menos nos estudos sobre a interface entre Internet e religião. Muitas vezes, vemos apenas uma visão já superada, extremamente impressionista com relação ao ambiente digital, marcado pelas posições radicalmente pró ou contra, ou então ainda com questionamentos sobre as possibilidades futurísticas de uma suposta “experiência virtual”, isenta do corpo e das relações, que na prática não ocorreu. Por isso, é preciso também avançar na pesquisa por meio de uma análise mais “contida” e que parta da experiência concreta dos usuários, construída por eles, sem futurismos que, em geral, acabam indo por água abaixo. Por isso, não podemos deixar de lado estudos pertinentes ao âmbito da Internet que não possuem relação direta com o conceito de midiatização, mas que nos ajudam a compreender e a cruzar esses conceitos em busca de um maior entendimento do fenômeno da midiatização do religioso pelas mídias digitais.

Muito se fala hoje acerca da cibercultura, ou seja, de uma cultura relacionada à “cibernética, a computadorização, a revolução digital, a ciborguização do corpo humano” (MACEK apud FELINTO, 2006, p.95). Para Felinto (2007), um conceito chave que embasa a ideia de cibercultura é informação. “Essa noção de código capaz de dar conta de toda realidade

(dos sistemas informáticos aos sistemas vivos) constitui o centro da experiência cultural do mundo ‘ciber’” (FELINTO, 2007, p.4). Por outro lado, a cibercultura também seria a “expressão das formas de vida, práticas e problemas antropológicos ligados às tecnologias digitais” (FELINTO, 2007, p.5). Além disso, seria ainda “uma espécie de saber próprio do contemporâneo” (Id.), “o estudo de todos os fenômenos ligados à internet” (Id., p.6).

Felinto (2007) reconhece que, na cibercultura, “as formas de vida e comunicação são continuamente modeladas pela lógica e pela materialidade das novas mídias” (p.10). E afirma: “Se é tão difícil mapear a cibercultura, é porque estamos inteiramente em seu interior, mergulhados [...] num imaginário tecnocultural cada vez mais prenante” (Ibid.). Aqui, assim, retomamos a ideia da mediação enquanto “bios midiático”, uma “nova ecologia comunicacional” na qual “os dispositivos tecnológicos são apenas uma mínima parcela, a ponta do iceberg, de um novo mundo, configurado pelo processo de mediação da sociedade” (GOMES, 2009, p.161). A partir dessa constatação, cremos que a chamada “cibercultura”, a nosso ver, é parte constituinte ou ainda uma das manifestações empíricas, junto a outros fenômenos comunicacionais, de um processo mais amplo – a mediação.

Como indica Manovich (apud CABRAL, 2009, online),

nos anos 90, só se falava de “virtual”, “ciberespaço” e “cibercultura”. Éramos fascinados pelas possibilidades que os espaços digitais ofereciam. O “virtual”, que existe à parte do “real”, dominou a década. Agora, a web é uma realidade para milhões, e a dose diária de ‘ciberespaço’ é tão grande na vida de uma pessoa que o termo não faz mais muito sentido. [...] O “virtual” agora é doméstico. [...] Nossas vidas online e offline são hoje a mesma coisa. Para os acadêmicos que ainda usam o termo ‘cibercultura’ para falar da atualidade, eu recomendo que acordem e olhem para o que existe em volta deles.

Cremos que Manovich compreende, dessa forma, a complexidade dos fenômenos comunicacionais contemporâneos. Assim, não é apenas uma questão de suporte tecnológico, de *mídias, stricto sensu*, mas sim de *mediação*. Devemos estar atentos às lógicas que fundamentam um simples gesto do usuário, como o de “acender uma vela virtual”, que se manifesta, em sua complexidade, justamente, no processo de *mediação social*, ou seja, um novo “bios virtual”, um “princípio, um modelo e uma atividade de operação de inteligibilidade social” (GOMES, 2008, p.21). Ou ainda “um novo modo de ser no mundo”, uma “nova ambiência” (Id., p.20) para a construção de sentido social e pessoal. Como afirma Fausto Neto (2005), “nada existiria fora, portanto, dessa nova conformidade [da mediação], como possibilidade geradora de sentidos” (p.3). Até mesmo a religião, assim, constrói e gera sentido ao fiel também por meio de processos sociais que ocorrem a partir do fenômeno da mediação.

Para compreender esse fenômeno, segundo Gomes (2009), é preciso reconhecer os processos midiáticos, ou seja, “o conjunto de práticas comunicacionais pertencentes ao sistema de meios que opera segundo diferentes linguagens através de diversos dispositivos” (p.7). De certa forma, McLuhan (1964) já havia antevisto esse fenômeno ao afirmar que “toda tecnologia gradualmente cria um ambiente humano totalmente novo”, ambientes esses que “não são envoltórios passivos, mas processos ativos” (p.10). Ao analisar os fenômenos comunicacionais da década de 1960, o autor afirma:

“O meio é a mensagem” significa, em termos da era eletrônica, que já se criou um ambiente totalmente novo. O “conteúdo” desse novo ambiente é o velho ambiente mecanizado da era industrial. O novo ambiente reprocessa o velho tão radicalmente quanto a TV está reprocessando o cinema. Pois o “conteúdo” da TV é o cinema. A televisão é ambiental e imperceptível como todos os ambientes. Nós apenas temos consciência do “conteúdo”, ou seja, do velho ambiente (MCLUHAN, 1964, p.12).

Se McLuhan abordava a TV como um ambiente imperceptível que cerca o sujeito e cria seu próprio espaço-tempo, reprocessando os velhos ambientes, quanto mais se poderia falar dos ambientes contemporâneos multimidiáticos, possibilitados pela Internet. Sem dúvida, “a idade midiática só se estabelece com a convergência dos meios, da computação e das telecomunicações” (SCOTT, 2005, p.120). Assim, o “conteúdo” do fenômeno da midiatização é a convergência das mídias, cada vez mais abrangentes, cada vez mais aceleradas. Não se trata apenas de um avanço tecnológico, mas sim de uma nova configuração social ampla, que gera novos sentidos em escala complexa e dinâmica, a partir da tecnologia mas para além dela.

McLuhan (1964) se aproxima dessa ideia ao afirmar que “toda extensão – seja da pele, da mão ou do pé – afeta todo o complexo psíquico e social” (p.18). Por outro lado, ao falar que “o meio é a mensagem”, o autor busca destacar que “é o meio que configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humanas” (MCLUHAN, 1964, p.23). Portanto, tratando-se aqui das mídias não apenas como uma extensão, mas sim como uma nova ambiência que surge a partir das mídias, a “afetação” sobre o complexo humano, sem dúvida, é de uma escala muito mais ampla e profunda, que incide não apenas sobre o indivíduo, mas também sobre as suas interações com o mundo que o envolve – midiaticamente.

Manifesta-se, assim, não apenas a existência de meios que conectam os polos da produção e da recepção como meros dispositivos neutros e desconexos desses dois polos. Como indica Fausto Neto (2005, p.3), passamos de “estágios de linearidades para aqueles de descontinuidades, onde noções de comunicação, associadas a totalidades homogêneas, dão lugar

às noções de fragmentos e às noções de heterogeneidade”. Surge, nesse sentido, uma nova configuração sociocomunicacional. Nas chamadas sociedades em vias de mediação,

as práticas sociais (modalidades de funcionamento institucional, mecanismos de tomada de decisão, hábitos de consumo, condutas mais ou menos ritualizadas etc.), se transformam pelo fato de que existem meios... [...] [Não há] uma única forma estruturante que explique a totalidade de seu funcionamento. A mediação opera por meio de diversos mecanismos de acordo com os setores da prática social que interesse e produza, em cada setor, consequências diversas (VERÓN apud MATA, 1999, p.83, tradução nossa).

Por isso, ultrapassa-se uma análise cultural, segundo a autora, que interpreta os meios apenas como “transportadores de sentido” ou como espaços de interação entre produtores e receptores. Agora, os meios são mais do que isso: são “marca, modelo, matriz, racionalidade produtora e organizadora de sentido” (MATA, 1999, p.84). Nas palavras de Verón (1997), supera-se uma noção puramente linear entre “causa e efeito” para uma configuração de processos e um “emaranhado de circuitos de feedback” (p.14). Em síntese, “quanto mais uma sociedade se media, tanto mais ela se complexifica” (VERÓN, 2002, p.13, tradução nossa).

Entretanto, segundo Gomes (2009, p.8), “os pesquisadores da comunicação permanecem ainda na descrição do fenômeno, nele não submergindo para compreendê-lo desde dentro, a partir de seus processos intrínsecos de estruturação”. Caberia, portanto, “transcender os fenômenos individuais e se concentrar na análise dos processos midiáticos mais amplos, com suas inter-relações, interconexões na sociedade” (Id., p.9). Em nosso caso, buscamos, portanto, analisar como ocorrem essas inter-relações e interconexões entre o sistema religioso e o fiel, para assim perceber como se constrói o religioso por meio das mídias, especificamente por meio das processualidades da Internet.

3.1.1 Para além da mídia: dinâmicas e processualidades da mediação

Segundo Mata (1999), o agir humano, a partir da manifestação da mediação, revela “o novo caráter ‘ontologicamente privilegiado dos meios de comunicação’ como produtores centrais da realidade” (p.86). A afirmação, de profunda gravidade, demonstra uma grande transformação que ocorre dentro da própria compreensão do papel da mídia na vida e no agir social: de transmissores, transportadores, interlocutores, apresentadores da realidade, são, agora, nesse novo contexto, “produtores centrais” desta. E essa produção, lembra-nos Fausto Neto

(2005), não ocorre apenas a partir das mídias, mas também das “audiências”, que, ultrapassando essa definição, passam a ser também cogestoras das próprias cenas discursivas midiáticas.

Para Mata (1999), nesse sentido, é importante reconhecer ainda que essa “alteração substantiva” produzida pelas tecnologias e meios de comunicação ocorre em duas ordens: a das práticas sociais e a de sua representação. Dessa forma, as experiências sociais sofrem uma alteração concreta em sua manifestação, como, por exemplo, na participação política em que a mídia assume um papel central que descaracteriza a participação política como era concebida antes dessa centralidade (pense-se por exemplo, como sugere a autora, no fato de assistir a uma manifestação pela TV ou dela participar presencialmente). Mas, ao mesmo tempo, esse processo também ocorre com a religião, como afirmávamos anteriormente, ao nos referirmos às microalterações da fé: o que significa, agora, acender uma “vela virtual” e fazer uma oração diante de uma tela de computador, via Internet? Segundo a autora, a cultura midiaticizada apresenta uma “capacidade de confundir o mostrar/ver com o ser/saber na ordem das representações” (MATA, 1999, p.87).

Reconhecendo essa centralidade, Verón (1997) analisa o fenômeno a partir de uma tríade interconexa e inter-relacional de profunda complexidade entre instituições, meios e atores individuais. A partir de sua formulação, essa tríade forma uma complexa rede de interconexões, inter-relações e afetações entre cada integrante do processo ou mesmo entre um integrante do processo e a relação entre os outros dois integrantes. Em suma, o autor defende que os processos são de ida e volta, no sentido de que, da mesma forma que os meios afetam as instituições, as instituições também afetam os meios. E aqui retomamos a noção de complexidade, como dizíamos anteriormente, ou seja, “o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem o nosso mundo fenomenal” (MORIN, 2008, p.20). Aqui, analisamos justamente como isso se dá no âmbito das interações entre o fiel e o sistema comunicacional católico online, em que um “afeta” o outro e vice-versa.

Braga (2006) defende a midiaticização como “processo interacional em marcha acelerada para se tornar o processo ‘de referência’”, ou seja, um processo que “‘dá o tom’ aos processos subsumidos”, uma espécie de “organizador principal da sociedade” (p.2). Entretanto, como lembra Gomes (2008), a reflexão em torno da midiaticização não pretende absolutizar o poder dos meios de comunicação, entrando em uma espécie de conspiração da mídia. Quer-se, no entanto, perceber que, dentre as diversas mediações entre o indivíduo e o mundo, a mídia também é uma mediação que configura os sentidos que as pessoas se dão para explicar o seu ser no mundo – cada vez com mais alcance social. Nesse sentido, os meios não são “veiculadores e nem

gestores isolados de operações de sentido”, mas estão “fortemente em interação com outras dinâmicas sócio culturais” (FAUSTO NETO, 2005, p.8).

Assim, dentro da lógica da midiaticização, os processos sociais midiáticos passam a incluir, a abranger os demais, “que não desaparecem mas se ajustam” (BRAGA, 2006, p.2). Como afirma Mata (1999), surge uma nova racionalidade que supera a interação propriamente dita e manifesta-se mais em um nível sociocultural: nasce, assim, uma nova natureza sócio-organizacional (cf. FAUSTO NETO, 2005). É o caso da religião, que passa a se remodelar e a se reconstruir a partir desse novo contexto social. Por isso é relevante o questionamento de que religião nasce da mídia, assim como perceber o que a religião em midiaticização revela acerca da mídia. Estão em questão, por isso, os fundamentos de ambos os âmbitos sociais – comunicacional e religioso – em suas interações e afetações.

Creemos que Fausto Neto (2005) resume bem essa problemática, ao afirmar que a midiaticização é um fenômeno que transcende e ultrapassa o campo midiático, inserindo-se em processualidades cujas dinâmicas ocorrem “a partir de suas próprias lógicas, operações ‘saberes’ e estratégias *na direção de outros campos sociais*” (p.10, grifo nosso), ou seja, como “afetações” provocadas pela mídia sobre outras instituições sociais e também sobre diferentes práticas sociais.

3.1.2 Deus e o Fiel-Usuário: um contato midiaticizado

Para poder analisar e compreender as estratégias de interação entre o fiel e o sistema religioso por meio dos sites católicos, é necessário refletir sobre o fenômeno da midiaticização desse sistema, em que as mídias passam a ser meios de vivência e prática da fé católica, ou ainda as “estratégias desenvolvidas por instituições religiosas, permeadas por lógicas e operações midiáticas” (FAUSTO NETO, 2004a, p.3).

Como víamos, as relações entre Internet e religião “envolvem interconexões em camadas entre símbolos, interesses e sentidos religiosos e a moderna esfera midiática dentro da qual grande parte da cultura contemporânea é produzida e conhecida” (HOOVER, 2001, p.1)⁸⁶, já que a Internet passa a ser uma plataforma virtual para a construção de novos gêneros de experiência religiosa e um suplemento para a religião na sociedade contemporânea (cf. HØJSGAARD & WARBURG, 2005). Essa nova religiosidade é marcada por “modos de consciência e [...] formas de comunalidade possibilitados e promovidos pelas tecnologias e

⁸⁶ Tradução nossa do original: “Involves layered interconnections between religious symbols, interests, and meanings and the modern media sphere within which much of contemporary culture is made and known”.

práticas da comunicação” (O’LEARY, 2004, p.38)⁸⁷. E também por uma “multiplicação de vozes”, já que, “nesse ambiente interativo de crescente pluralismo, reflexividade e múltiplas possibilidades individuais, novas formas de estruturar e de pensar questões como realidade, autoridade, identidade e comunidade estão emergindo inevitavelmente (HØJSGAARD & WARBURG, 2005, p.7)⁸⁸.

Hoje, com a Internet, há uma oferta de novos espaços comunicacionais, pois “cada avanço histórico dos meios de comunicação foi marcado por uma nova maneira de fazer e de perceber” (AÑEZ, 2003, p.92). Com o desenvolvimento das tecnologias digitais, não só se podem fazer novas coisas, mas também são modificados os “padrões cognitivos, os modos perceptuais de ver, os mecanismos de contato com a realidade social e com nosso imaginário pessoal” (Id.). Mas não é apenas uma questão puramente tecnológica, já que a Internet, enquanto tal, não gera religião, mas sim apenas as pessoas que com ela interagem, pois os sites religiosos “*estão sendo produzidos e usados por pessoas que não vivem toda a sua vida ‘na tela’*” (HØJSGAARD & WARBURG, 2005, p.9, grifo do autor)⁸⁹. A questão, portanto, é que a religião online, ao desencadear mudanças notáveis na experiência religiosa, transforma assim o caráter da própria religião: é tanto sinal quanto produto da mudança.

Sinal disso é que “a fácil coexistência de tantas visões diferentes e abertamente heterodoxas no ciberespaço expõe o internauta a um ambiente doutrinal mais fluido, que tem o potencial de encorajar os indivíduos à experimentação religiosa e espiritual” (DAWSON & COWAN, 2004, p.3)⁹⁰. Porém, é preciso reconhecer que, em grande parte dessas estratégias de interface entre o religioso e o comunicacional, as Igrejas têm visto os meios eletrônicos apenas como instrumentos ao seu dispor⁹¹. Desse modo, “elas não inquiram sobre as consequências dessa imersão no mundo da mídia” (GOMES, 2004, p.2). “Falta a percepção de que o mundo midiático, e a sociedade que o conforma e é por ele conformada, está colocando em tela um novo conceito social e uma nova proposta de religião” (Id.). Nesse sentido, reforça-se a importância de nosso

⁸⁷ “Modes of consciousness and forms of communality enabled and promoted by communication technologies and practices”.

⁸⁸ “Conventional or exclusive beliefs, practices, and organizational authorities are being confronted with alternative solutions, competing world-views, and sub- or inter-group formations. In this alternative environment of increasing pluralism, reflexivity, and multiple individual possibilities, new ways of structuring and thinking about issues such as reality, authority, identity, and community are inevitably emerging”.

⁸⁹ “The Internet does not generate religion, only people do [...] *are* being produced and used by persons who do not live their entire lives ‘on the screen’”.

⁹⁰ “The easy coexistence of so many different and openly heterodox views in cyberspace exposes the Net surfer to a more fluid doctrinal environment, one that has the potential to encourage individual religious and spiritual experimentation”.

⁹¹ Sinal disso é uma declaração do pastor Craig Groeschel, na LifeChurch.tv, para quem “a mensagem da Igreja nunca mudou, mas seus métodos precisam mudar”, como confirmação da necessidade de se “fazer uso” das mídias apenas.

problema de pesquisa, quando questionamos, a partir da experiência religiosa mediada pela Internet, que religião nasce desse fenômeno, ou seja, da interação entre o âmbito religioso e o ambiente tecnocomunicacional.

Muito longe de acabarem, as velhas Igrejas “continuam de pé, atualizando-se por meio de novos rituais, as novas modalidades de práticas de religiosidades oferecidas pelos ‘templos midiáticos’” (FAUSTO NETO, 2004a, p.6). Para Gomes (2004), a interface entre o campo religioso e o campo midiático passou a ser uma “instância de realização e atualização da questão da fé” (p.4).

A consequência mais imediata é o deslocamento do espaço tradicional, acanhado e restrito dos templos, para um campo aberto e multidimensional. Mais ainda, a lógica do templo, direta e dialogal, é substituída pela lógica da mídia moderna que se dirige a um público anônimo, heterogêneo e disperso (GOMES, 2004, p.4).

Em consequência, “uma nova Igreja é criada, universal e virtual”, na qual “os templos são os próprios lares; os púlpitos são os aparelhos de televisão; o sinal da pertença ao grupo se expressa no consumo” (GOMES, 2004, p.5). Por isso, percebe-se que a midiaticização da religião é um “fenômeno generalizado, pois ela se manifesta tanto no âmbito das macroestruturas de poder, como em realidades discursivas muito específicas” (FAUSTO NETO, 2004a, p.3). Porém, para a Igreja, é preciso ir até onde as pessoas estão. Se as pessoas estão online, então é para lá que é preciso ir. Como afirma Fausto Neto (2004a), ocorre “um deslocamento da religião para o céu aberto do mercado simbólico de natureza midiática” (p.3). Porém, segundo Gomes (2004), o modo como a Igreja vê a questão é específico: a análise por ela feita é restrita, nesse sentido, pois não percebe que esse ambiente é construído e se mantém sobre e com as mídias. As mídias não são um “meio” para se chegar a esse areópago: elas sustentam-no. Por outro lado, o ponto de vista da Igreja é de um sujeito social que se encontra em algum ponto fora desse ambiente, que a ele precisa chegar urgentemente, via mídias. Falta à Igreja, portanto, perceber que *estamos e existimos* nesse ambiente, perspectiva que o conceito de midiaticização, aqui discutido com os autores, ajuda a compreender.

Além disso, para Gomes (2004), a perspectiva de análise da mídia como processo nos faz perceber que a esfera midiática “é também um *espaço de construção de identidades e espaço de configuração de comunidades*” (p.10). Afirma que “o que emerge da mídia é uma forma de fazer religião, de ser religioso, individualmente, deixando de lado a integração numa determinada confissão religiosa” (GOMES, 2004, p.10). Essa realidade se manifesta, talvez, com mais explicitação, no âmbito da Internet, porém, diferentemente das demais mídias eletrônicas (como o

rádio e a televisão), em que, “sem pedir licença, eles [os tele-evangelistas] visitam, via televisão, os lares das pessoas, levando-lhes a mensagem do Evangelho” (GOMES, 2004, p.10): há, na Internet, um deslocamento e uma construção simbólica também por parte do fiel. Na Internet, o modo de agir do internauta é por “busca”, por “navegação”. Mais do que na TV, talvez, é o fiel-internauta que se desloca pelo meio e encontra sentido na sensação de harmonização da experiência religiosa online, “pequenos cosmos de harmonia, de paz, de bem-sentir e bem-estar” (HARTMANN, 2004, p.6).

Essa religião midiática, portanto, passa a ser praticada pela “‘mediação’ dos *media*” (cf. FAUSTO NETO, 2004a), processo no qual se manifesta uma dimensão atorizada, em que a construção do sentido religioso passa cada vez mais pelas mãos dos indivíduos e cada vez menos pelas mãos das instituições. Ou seja, operam-se políticas de contato entre o sagrado e o mercado dos fiéis, com base em estratégias midiáticas.

Essa nova forma de “cooperação” entre produção/recepção somente pode ser entendida à luz do conceito de “contrato de leitura” constituído pelas estratégias midiáticas, na medida em que a presença e o trabalho de produção de sentido das “novas aglomerações”, no âmbito dos *media*, é regido por ele (FAUSTO NETO, 2004, p.10).

Como falávamos anteriormente, ocorre nos rituais online uma construção do religioso que se dá pelas interações entre o fiel e o sistema comunicacional católico online. Tais estratégias interacionais “não só são atravessadas pelas lógicas e referências da cultura dos *media*, mas se apropriam de algumas de suas regras, gêneros, operações e ‘leis’, para, a partir daí, instituir [...] novas formas de religiosidades” (FAUSTO NETO, 2004a, p.58). Portanto, as religiões hoje se fazem “muito mais pela mediação das estratégias de produção de sentido midiático e dos seus efeitos” (FAUSTO NETO, 2004b, p.53). Cabe perceber, assim, o papel que a técnica e a linguagem midiáticas têm nessa conversão e tradução da religião em um novo signo, ou seja, aquelas “estratégias pelas quais as instituições religiosas, via-mídia, se enlaçam numa determinada estrutura simbólica voltada para instituir novos laços com a esfera dos fiéis” (FAUSTO NETO, 2004b, p.55), ou ainda como “Deus deixa de ser uma contemplação, e se torna o personagem capturado pelo que propõe a enunciação na forma de objetos, linguagens, emoções e de novos vínculos” (Id.).

Depois de analisar a noção de midiaticização, especificamente em sua modalidade digital a partir do sistema religioso, passaremos agora a compreender como se dá, de forma mais ampla, a relação midiaticizada entre o fiel e o sistema comunicacional católico online. Para tanto, examina-se o papel da técnica nas interações comunicacionais possibilitadas pela Internet.

3.2 RELIGIÃO EM MUDIATIZAÇÃO: A QUESTÃO DA TÉCNICA

A comunicação entre fiel-sistema nos sites católicos manifesta claramente a interposição da técnica nessa interação (cf. LUHMANN, 2005). Embora invisibilizada, transparente, a técnica, transformada em meio de comunicação por meio de complexas operações simbólicas, ganha sentido em uma análise comunicacional por ser o suporte da interação. Por isso, é importante ressaltar, em primeiro lugar, que não foi simplesmente o surgimento das chamadas novas tecnologias de comunicação que desencadearam, “linear e mecanicamente” o surgimento de novas práticas sociais de produção e consumo. Segundo Verón (1997), esses novos dispositivos tecnológicos foram se inserindo em contextos de utilização múltiplos e diversificados que foram moldando, justamente, uma nova “cultura”, novos processos e regularidades sociais em sua posição diante da mídia.

Como afirma Braga (2006), a própria midiatização aparece como “processo social *gerador* de tecnologia”, que gera uma “necessidade de tecnologia”, uma “demanda apriorística por ‘mais tecnologia’” (p.6). Essa necessidade pode também se apresentar como uma carência, ideia que é “uma consequência da parceria bios-téchne, não o princípio causal de tal parceria; em outras palavras, o homem é levado em sentido tecnopoietico a suprir uma percepção de carência, já que esta última é na realidade o resultado da parceria” (MARCHESINI, 2009, p.179).

Nesse sentido, a religião também passa a existir nessa nova cultura, tentando, aos poucos, remodelar suas estruturas para as novas processualidades midiáticas, mediadas pela técnica. Para Gomes (2004), ocorre, assim, uma perda do mistério do sagrado, que se reveste com a “transparência da mídia, onde a imagem é tudo” (p.5). Como veremos no próximo capítulo, essa “transparência da mídia” manifesta-se, em nosso caso de estudo, na utilização da Internet e dos sites católicos como locus de oração: o fiel relaciona-se com Deus mediado por pelo menos duas instâncias: pela instituição e pela técnica, enquanto sistema comunicacional católico online. Porém, como se percebe por seu discurso e pela construção imagética do sistema, essa relação com o divino é compreendida como sendo “direta”, sem mediação.

Porém, não podemos restringir nosso objeto de pesquisa a uma mera consequência da técnica digital, de sua informatização e códigos numéricos. A esse fenômeno, estão ligadas também formas e práticas de vida que são intrínsecas à Internet, que nascem e se desenvolvem com ela, visto que “as atividades técnicas são formas de realização do processo de autocriação do ser humano” (RÜDIGER, 2003, p.17). “Põe-se de manifesto nela [na técnica] um determinado

tipo de humanidade”, nas palavras de Donald Brinkmann (apud RÜDIGER, 2003, p.23). Assim, o problema não é o que a religião faz com a mídia, mas que tipo de religião está nascendo da mídia, em especial da Internet, já que existem processos que distinguem, substancialmente, o espaço religioso do espaço midiático (cf. GOMES, 2009). Portanto, cabe a análise de Gordon Graham (apud RÜDIGER, 2003), para quem as novidades tecnológicas, inclusive a Internet, não são positivas apenas por serem novas, nem negativas apenas por serem tecnológicas. O que deve ser avaliado, portanto, é o “impacto” dessas novas tecnologias no modo de vida das pessoas comuns – incluindo na sua religiosidade – e as apropriações e ressignificações feitas por parte delas, o que desencadeia, em nossa opinião, o que viemos chamando de microalterações da fé. “Estamos habituados a pensar que [...] a questão da influência da tecnologia na vida do homem seja somente um problema no modo de usar” (MARCHESINI, 2009, p.154). Segundo o autor, é justamente isso que entra em eclipse a partir do final do século XX, pois é necessário compreender que a tecnologia não é uma “escrava” a serviço do homem, mas ela mesma é também “teleonômica”, ou seja, imprime significados, e o homem se modifica, e os seus predicados se transformam em várias direções (cf. MARCHESINI, 2009).

E isso também se aplica à relação do fiel com a religião em midiatização, já que “os predicados humanos são considerados qualidades emergentes pela hibridização com o não humano” (MARCHESINI, 2009, p.158). Dessa hibridização, como dizíamos, nasce uma outra religião, a partir das interações entre o fiel e o sistema comunicacional católico online digital. Assim, salta-se do determinismo tecnológico para uma perspectiva de “*indeterminação* inerente aos fenômenos de auto-organização” (OLIVEIRA, 2009, p.106), incluindo também as interações e retroações entre o fiel e o sistema comunicacional católico online. Portanto, nem a técnica determina o humano, mas nem o humano determina a técnica: é a indeterminação do devir dessa interação que merece análise, ou seja, os processos pelos quais os sujeitos se apropriam dos modos de existência através dos quais as técnicas são oferecidas.

Como indica Marchesini (2009, p.173), podemos falar de uma “*coevolução* de bios e *téchne* [...] na definição dos predicados biológicos [e diríamos também humanos e religiosos]”. Ou seja, ocorre uma construção livre, complexa, indeterminável e aberta, “uma mutação que cria uma nova performance” (cf. MARCHESINI, 2009), e não apenas um mero prolongamento, extensão ou magnificação das “possibilidades já possíveis” pelo humano por parte da técnica.

A linguagem, a mídia e possivelmente as novas gerações de máquinas inteligentes que imaginamos pouco acima do horizonte poderiam ser consideradas espécies companheiras que dependem de nós, mas também nos moldam poderosamente através de uma espiral coevolutiva (LENOIR, 2009, p.190).

Essa ideia nos parece de central importância para analisarmos, em eixo comunicacional, a relação do fiel com a mediação tecnológica do sistema comunicacional católico online – e para além dele, no âmbito da midiatização. Essa modificação dos predicados humanos e religiosos, a partir da hibridização entre fiel-sistema, poderá ser apreendida, em alguns de seus aspectos, nos próximos subitens aqui apresentados, especialmente no que se refere às novas modalidades e às novas configurações da religião em midiatização digital.

Assim, a partir disso, cremos já ter em mãos os elementos teóricos mais gerais para aprofundar, agora, os conceitos específicos que serão abordados em nossa análise empírica. Partiremos, então, ao estudo das novas modalidades de religião via Internet, especialmente no que se refere às interações propriamente ditas e aos rituais online, vínculos que provocam microalterações no processo de experiencição da fé por parte do fiel.

3.3 RELIGIÃO EM NOVAS MODALIDADES DE EXPERIENCIAÇÃO: A INTERAÇÃO EM DEBATE

Em um processo de midiatização do fenômeno religioso, começam a surgir novas modalidades de experiencição da fé, a partir do deslocamento das práticas religiosas para a ambiência comunicacional da Internet. Poderíamos dizer que ocorre hoje uma “diáspora” (cf. BRASHER, 2004), já que a Internet torna-se o ambiente para o qual grande parte (senão todas) as religiões tradicionais vão, aos poucos, se deslocando. Como víamos, “as pessoas estão fazendo de forma online grande parte daquilo que fazem offline, mas o fazem de forma diferente” (DAWSON & COWAN, 2004, p.1)⁹². Ou seja, “há muito pouco no mundo real que não está eletronicamente reproduzido online, e há muito pouco online que não tenha fundamento ou referente offline” (Id., p.6)⁹³.

Nesse contexto, nossa pesquisa se aproxima das análises do fenômeno religioso na Internet como “*online religion*”, ou seja, a “participação em uma atividade” religiosa (YOUNG, 2004, p.93). Ou ainda como *religion in*, ou seja, “uma expressão religiosa, metafísica ou espiritual que é criada e existe somente no ciberespaço, ‘gozando de um certo grau de ‘realidade virtual’” (COSTA E SILVA, 2005, p.8). O importante, porém, para além da definição, é perceber como “liturgia, oração, ritual, meditação e homilética se unem e funcionam com o próprio espaço

⁹² “People are doing online pretty much what they do offline, but they are doing it differently”.

⁹³ “There is very little in the real world that is not electronically reproduced online, and very little online that has no offline foundation or referent”.

online, atuando como Igreja, templo, sinagoga, mesquita” (HADDEN & COWAN apud YOUNG, 2004, p.94)⁹⁴.

Como indica Hoover (2001), um dos conceitos-chave para a compreensão das inter-relações entre religião e mídia é a noção de *prática*. Desviando o foco das estruturas ou instituições sociais formais que envolvam sentidos e valores, é importante situar-se justamente “no meio dessas coisas, onde indivíduos e comunidades podem ser vistos ativos na construção de sentido” (HOOVER, 2001, p.2)⁹⁵. Por isso, esta pesquisa aborda justamente as experiências e práticas religiosas que evoluíram na era da mídia, ou seja, aqueles fenômenos religiosos que quase dependem da mídia e que, sem ela, não existiriam, como é o caso das experiências religiosas que aqui nos interessam. O que elas apresentam de novo? O que essas novas formas religioso-comunicacionais significam para a própria Igreja e para o fiel?

No que se refere às manifestações religiosas católicas, que é de nosso interesse, é necessário partir de uma análise mais específica da manifestação desse objeto, a partir da liturgia e dos ritos católicos, que, a nosso ver, são vivenciados, cada vez mais crescentemente, por meio das lógicas e estratégias digitais online. E é dessa relação que é necessário partir para analisar o fenômeno mais geral. Além disso, é preciso também responder *em que* as novas modalidades de religiosidade possibilitadas pela Internet *aumentam* ou *complementam* as experiências offline, especialmente no que se refere às interações entre fiel-Igreja-Deus. Se o indivíduo busca essas novas modalidades, é em resposta a uma busca anterior por algo diferente, ou porque o que ele descobriu na Internet *difere em algo* da sua experiência offline que o atrai. Mas, antes, é importante refletir e definir o que entendemos por interação e por interatividade.

3.3.1 Interação: As Processualidades da Circulação Comunicacional

A partir do conceito de midiatização, ultrapassamos aqui a preocupação específica com relação à produção ou recepção do fenômeno religioso por meio da Internet. Com uma abordagem sistêmica e complexa da midiatização, buscamos compreender como se dá a *interação* entre os elementos de um sistema, entre sistemas ou entre um sistema e seu ambiente, assim como a *circulação* de “matéria” comunicacional-religiosa intra e intersistemicamente. Buscamos compreender aqueles movimentos e processos comunicacionais que se referem à “diferença entre

⁹⁴ “Liturgy, prayer, ritual, meditation, and homiletics come together and function with the e-space itself acting as church, temple, synagogue, mosque”.

⁹⁵ “In the middle of these things, where individuals and communities can be seen to be active in the construction of meaning”.

a produção e o reconhecimento” (cf. VERÓN, 2002). Pois, entre a existência do sagrado – conforme entendido em suas tradicionais manifestações pelos rituais e liturgias históricos –, sua ressignificação e remodelagem na linguagem e nos espaços da Internet e sua apropriação pelo usuário, há complexos “padrões das relações, conexões e interconexões [que] não aparecem na coisa-em-si” (GOMES, 2009, p.14). Isso explica nosso interesse em estudar as *interações* que ocorrem em um determinado ambiente.

Creemos que a “complexidade organizada” que se manifesta nos sites e serviços religiosos católicos e na relação destes com o fiel-usuário apresenta claros sinais de “elementos em interação”. Mas o que é interação? Uma *ação-entre*, uma *reação*, uma *transação*, uma *retroação*. “Interações são ações recíprocas que modificam o comportamento ou a natureza dos elementos, corpos, objetos ou fenômenos que estão presentes ou se influenciam” (MORIN, 1997, p.53). Ou seja, são as ações e transações entre fiel-sistema para a construção de sentido religioso. Por meio dessas ações e transações, fiel e sistema se “agitam”, “perturbam-se” mutuamente, em fluxos contrários e que assim se inter-relacionam, ou seja, formam associações, ligações, combinações: em suma, comunicam-se. Mas é bom lembrar que não são “interações lineares”, em que uma *causa* gera um *efeito* possível de ser previsto e “controlado”: as interações sistêmicas são indetermináveis, complexas, livres, dinâmicas, e por isso não estão dadas de antemão, mas vão se construindo a partir de sua própria ocorrência.

Porém, aqui, em termos comunicacionais, ao falar de sistemas, entendemos que as propriedades essenciais da comunicação, de seus subsistemas, são propriedades do todo: ou seja, existem e se constroem a partir das interações e das relações entre as partes. Portanto, a comunicação se constrói na interação, e a interação constrói comunicação, já que a interação sempre é um processo comunicacional⁹⁶. Mas interação não pressupõe necessariamente simetria (linearidade) entre os interagentes, nem reciprocidade como a do modelo conversacional, ou dialogicidade: interagir é negociar (cf. SANTAELLA, 2004).

Nesse sentido, partimos do pressuposto de que, apesar das simetrias ou assimetrias, da falta ou não de reciprocidade nas trocas simbólico-comunicacionais, *sempre há interação (midiática e midiaticizada)*. De outra forma, não haveria comunicação – e nosso estudo perderia sua razão de ser, pelo menos no âmbito acadêmico em que o inscrevemos. Ao invés, portanto, de nos

⁹⁶ Luhmann (1990) irá afirmar que a comunicação só existe por causa da interpenetração entre sistemas, como veremos no capítulo 4.

focarmos na existência ou não de interatividade – pois a consideramos como dada –, merece nossa atenção *como a interatividade parece estar sendo operada*⁹⁷.

Assim, afastamo-nos de uma visão de interação e interatividade “simplesmente valorativa” (BRAGA, 2000, p.1), em que, havendo reciprocidade dialógica (como em uma conversação face-a-face), é positiva e, ao contrário, negativa. Cremos que, como afirma Braga (2000, p.6), a interatividade é “um processo socialmente construído”, e, portanto, “se um produto midiático é posto em circulação na sociedade, e efetivamente circula, há inevitavelmente interatividade” (Id.). Assim sendo,

todas as experiências culturais, no fundo, podem ser definidas como uma forma de interação. [...] Toda comunicação intermediada por um computador é interativa, por isso [precisamos] desenvolver termos diferentes para os diversos tipos de interatividade (MANOVICH apud CABRAL, 2009, online).

A interação é, em suma, uma “circulação diferida e difusa” (BRAGA, 2006, p.27), já que os sentidos midiaticamente produzidos chegam à sociedade e passam a circular nesta (entre pessoas, grupos e instituições), impregnando e parcialmente direcionando a cultura. Por isso, a compreensão acerca do fenômeno da circulação deve passar pelas proposições do sistema comunicacional religioso online que “circulam”, já trabalhadas, tensionadas, manipuladas, ressignificadas por parte dos fiéis novamente no interior do sistema e para além dele (cf. BRAGA, 2006). Portanto, como veremos mais detalhadamente no próximo capítulo, a religião também passa a ter seus sentidos coproduzidos pelo fiel, a partir de uma oferta do sistema comunicacional católico online. É essa interação mútua, em fluxo, que gera a circulação comunicacional e que reconstrói o religioso, por meio das lógicas e das processualidades das mídias, como a Internet.

Manovich (apud CABRAL, 2009, online) sugere ainda que

não temos que analisar os objetos concretos, e sim as interações. Devemos seguir os internautas enquanto eles navegam por um site e analisar os caminhos pelos quais andam, em vez de apenas analisar o conteúdo do site. [...] Com isso, poderemos usar a tecnologia para captar traços de personalidade e emoções das pessoas enquanto elas lêem um livro, assistem a um filme e interagem com as novas mídias.

A interatividade, portanto, é um conjunto complexo de interações de produção, de recepção, de uso, de reação etc., independentemente do tempo e do espaço. Nesse sentido, a interação social que se constrói a partir das mídias e por meios delas é “uma produção objetivada

⁹⁷ Sem dúvida, diferentemente das mídias anteriores, as mídias digitais permitem que os meios de comunicação possam chegar a seus usuários e receber uma resposta (*feedback*) dessa ação imediatamente. Porém, também buscamos ultrapassar aqui um interesse restrito sobre os possíveis *graus* de interatividade (quem é mais interativo: o telefone, o livro ou a TV e seu controle remoto?), restringindo a perspectiva comunicacional a um cálculo matemático que não leva a lugar algum.

e durável, que viabiliza uma comunicação diferida no tempo e no espaço, e permite a ampliação numérica e a diversificação dos interlocutores”, ultrapassando até mesmo um “recorte simplista ‘ações mútuas entre produtor e receptor’” (BRAGA, 2000, p.8). Portanto, em nosso estudo, analisamos as interações e a interatividade a partir de processos de percepção, de leitura, de decodificação, de reconhecimento, de reconstrução do sentido religioso ofertado pelo sistema comunicacional católico da Internet, especialmente por meio das trocas comunicacionais em nível textual entre enunciador (aquele que fala) e enunciatário (aquele a quem se fala), por negociações e contratos de leitura entre o programador do site e o usuário.

Em nosso caso específico de pesquisa, há produções midiático-religiosas, que duram no tempo e no espaço, que permitem comunicações amplas e diversas (como veremos no capítulo seguinte), diferidas também no tempo e no espaço, que permitem a “presença” de outros interlocutores. Novamente, o conceito de sistemas permite compreender essa complexidade, pois diversos sistemas coexistem em um mesmo ambiente, e suas relações não necessariamente são recíprocas, mas envolvem outros sistemas, assim como entre subsistemas. Em outras palavras, “trata-se de relações amplas entre um subsistema produtor/produto e um subsistema receptor/produtor permeadas ainda em outras mediações” (BRAGA, 2000, p.9).

Novamente, portanto, ultrapassamos uma compreensão de interação e interatividade apenas enquanto “retroações diretas” (BRAGA, 2000, p.9) entre os campos da produção e da recepção. A partir de uma abordagem sistêmica, cremos que só há comunicação se há interação. A partir desse pressuposto, buscamos fazer, então, uma análise das *condições, manifestações e possibilidades* dessas interações intra e intersistêmicas entre os sistemas comunicacional e religioso, ou seja, como se dá a *circulação* comunicacional.

Estudando esse conceito, Fausto Neto (2009) indica que “a circulação deixa de ser um elemento ‘invisível’ no processo de comunicação para ser instituída como um dispositivo com claros níveis de evidência” (Id., p.1). Estabelecem-se “zonas de contato”, “superfícies multi-midiáticas” controladas pelo receptor que indicam “claros níveis de evidência” desse processo circulatório da comunicação. Nele, o sujeito se apropria da linguagem para “referir-se, referir o mundo e referir o seu ‘socius’” (Id., p.5). Porém, hoje, com a expansão da Internet convertida em meio e de novas formas e organizações comunicativas, a circulação não é apenas “uma problemática de intervalos entre elementos de um determinado processo de comunicação” (FAUSTO NETO, 2009, p.9), mas sim um dispositivo central. Cada página ou produto online é construído em vista a um usuário empírico, que, diante da tela, decide se aceita ou rejeita determinada oferta. O usuário, portanto, tem grande influência nessa nova configuração, sendo o

que o autor chama de *cogestor* dos processos de produção e recepção, um “ator do processo” comunicativo, não apenas passivo. Nesse sentido, o fiel online é também cogestor de sua própria religião. Ele não depende mais apenas da sua Igreja para definir onde e como encontrar Deus. Agora, ele também passa a estar imbricado no processo de “construção do sagrado”, definindo-o e sendo definido por ele. Na Internet, o usuário entra em um ambiente em que deverá manipular certos símbolos e realizar certas operações. Se esse contrato não for aceito, ocorrerá a “fuga do navegante” para outro site (cf. SCOLARI, 2004). No entanto, o controle final do processo de produção de sentidos, defende Fausto Neto (2009), ainda é dos chamados “*neo-gate-keepers*”. Mesmo assim, essa apropriação do sagrado modifica e rompe com uma estrutura religiosa consagrada, a das Igrejas tradicionais, seus ritos e liturgias. Da mesma forma, a relação das próprias Igrejas com o seu Deus é modificada, pois esse Deus agora é “manipulável”, de acordo com processos e lógicas internas às operações da mídia.

Em nosso estudo, como afirmávamos, analisamos modalidades específicas da experienciamento religiosa que, a nosso ver, alimentam microalterações da fé a partir da prática do fiel em *interação* com o sistema comunicacional católico online – ou seja, da prática de fé observada a partir de uma perspectiva comunicacional de vínculo entre o fiel e o sagrado digitalizado. Porém, a interação não está dada nem ocorre automaticamente, mas depende de complexos dispositivos. Por isso, para podermos entender como se dão as interações fiel-sistema para a vivência e a experienciamento da fé nos rituais online, analisamos aqui três categorias específicas que favorecem esse vínculo e a experiência religiosa: a *interface* (as materialidades gráficas dos sites católicos), o *discurso* (coisa falada e escrita nos sites católicos) e o *ritual* (operações, atos e práticas do fiel), âmbitos que, a partir da Internet, vão conhecendo novas possibilidades e limites. Isto é, na economia dos sites católicos, essas três categorias possibilitam a interação fiel-sistema, mas não a esgotam: são os usos e apropriações do fiel – as operações por ele desenvolvidas no interior do sistema – a partir dessas três categorias, em modalidades complexas, que permitem que a sua experiência religiosa ocorra nas páginas da Internet.

Por outro lado, a partir de uma perspectiva sistêmica e complexa, as interações fiel-sistema possibilitadas por cada uma dessas categorias não só transformam os sujeitos que participam da interação, mas também modificam toda a rede sociocomunicacional (cf. SCOLARI, 2004). Na prática, essas três categorias são inseparáveis na análise das operações realizadas pelo fiel, pois são elas que favorecem a interação, como dizíamos, e também a construção de sentido por parte do fiel. Aqui, para fins didáticos, buscamos analisá-las separadamente e compreender suas especificidades e características próprias.

3.3.2 Interface: As Materialidades da Interação

Em uma interação fiel-sistema, o sagrado que é acessado pelo fiel passa por diversos níveis de *codificação* por parte do sistema. Ou seja, a interação é possibilitada porque o fiel decodifica o sagrado a partir de sua configuração computacional ofertada pelo sistema. Por meio de instrumentos e aparatos físicos (tela, teclado, mouse) e simbólicos presentes na linguagem computacional e online (navegadores⁹⁸, menus, ambientes), o fiel “manipula” o sagrado ofertado e organizado pelo sistema e navega pelos seus meandros da forma como preferir, uma gramática de ações em “um campo de possibilidades cujas proporções são suficientemente grandes para dar a impressão de infinitude” (SANTAELLA, 2004, p.163).

Interface, portanto, é o *código simbólico* que possibilita a interação fiel-sistema e também a *superfície de contato simbólico* entre fiel-sistema. Em um sentido mais restrito, referimo-nos aqui à *interface gráfica* dos sites, os elementos não textuais presentes no sistema e que orientam a leitura, a construção de sentido e a experiência religiosa do fiel: o layout e a organização interna das informações nele disponíveis⁹⁹. Assim, é por meio da interface que o fiel interage com o sistema: este informa ao usuário seus limites e possibilidades, e aquele comunica ao sistema suas intenções: assim, o sistema não apenas indica ao fiel uma forma de ler o sagrado, mas também uma forma de *lidar com* o sagrado.

A interface do computador age como um código que carrega mensagens culturais em uma grande variedade de mídias. Quando você usa a Internet, tudo o que você acessa – textos, música, vídeo, espaços navegáveis – passa por meio da interface do browser [programa de navegação na Internet] e então, por sua vez, pela interface do sistema operacional (MANOVICH, 2000, p.64).¹⁰⁰

E esses “mecanismos de transporte”, como afirma o autor, raramente são neutros ou automáticos: eles carregam consigo sentidos e afetam a mensagem transmitida. A interface

⁹⁸ Do inglês *browser*, programa que permite ter acesso e navegar pela Internet.

⁹⁹ Cremos que o discurso textual, como veremos no item a seguir, também pode ser compreendido como uma interface interacional entre fiel-sistema, porém, para fins didáticos, utilizamos em nosso estudo o conceito de interface apenas enquanto *interface gráfica*, aquilo que se vê, sua *textualidade icônica*, aquilo por meio do qual o sistema fala ao fiel *implicitamente*. Reservamos assim o conceito de *discurso ao texto* propriamente dito – seja ele escrito ou falado, *aquilo que se lê*, sua *textualidade escrita ou falada*, aquilo por meio do qual o sistema fala ao fiel *explicitamente*. Em uma análise semiótica, poderíamos falar da interface enquanto o *paratexto* dos sites, ou seja, aquelas informações subordinadas ao texto propriamente dito que o prolongam e delimitam a sua interpretação.

¹⁰⁰ “The computer interface acts as a code that carries cultural messages in a variety of media. When you use the Internet, everything you access – texts, music, video, navigable spaces – passes through the interface of the browser and then, in turn, the interface of the OS”.

oferecida pelo sistema molda, dentro de seus limites, a forma como o fiel pode interpretar os símbolos religiosos acessados pela Internet e também fornece linhas pré-determinadas de decodificação do sentido religioso desses símbolos ao organizá-los de determinada forma, como no layout das páginas e em seus menus. Outras configurações, por sua vez, já são fornecidas ainda antes, pela própria linguagem computacional, como as formas possíveis de se lidar com as informações disponíveis: possibilidades como “clique”, “cortar”, “colar”, “copiar”, “deletar”, “acessar” etc. Como sintetiza Scolari (2004, p.239), “cremos usar as interfaces, mas na realidade também elas estão nos modelando”.

A partir de uma perspectiva mais ampla de análise da comunicação, por meio dos processos sociais desencadeados e fomentados pelas mídias, não nos interessamos aqui em um estudo estrito das características computacionais dos sites católicos, mas sim da religião e do sagrado codificados na forma digital que nascem a partir desse fenômeno comunicacional (cf. MANOVICH, 2000). Assim, “longe de ser uma janela transparente para as informações de dentro de um computador [ou da Internet], a interface traz consigo fortes mensagens de si mesma” (MANOVICH, 2000, p.65)¹⁰¹. Essas mensagens começam pela própria configuração inicial do sistema, produzida pelo programador da página da Internet em que, em nosso caso de estudo, os rituais online ocorrem, ou seja, as condições, regras e procedimentos que controlam e condicionam as possibilidades de interação de dado ritual. É nesse sentido que “as informações iniciais fornecidas pelo programador atuam como um genótipo que é expandido a um fenótipo total pelo computador” (Id., p.67). O programador, portanto, é que determina, desde o começo, a caracterização do sistema e suas normas de uso, de seus objetos e de suas propriedades (cf. SCOLARI, 2004).

Porém, a ativação dessas propriedades ocorre apenas a partir do “clique” do usuário: é ele que *faz funcionar* a interface, é ele que a *atualiza* a partir de seus usos e apropriações. Sem ele, a interface só existe virtualmente. Em suma, a questão é que “a navegação responde às nossas escolhas” (SANTAELLA, 2003, p.93). No caso da experiência religiosa, é ele que a desencadeia, é ele que permite que os símbolos falem e que “liberta” o sagrado “estocado” nos subsolos da Internet. E esse processo de atualização da interface se dá por meio de uma espécie de *roteiro de viagem*¹⁰². Ou seja, é preciso que o fiel posicione-se diante de uma tela – estaticamente, ao usar

¹⁰¹ “Far from being a transparent window into the data inside a computer, the interface brings with it strong messages of its own”.

¹⁰² E por isso a imagem da navegação é rica enquanto metáfora (mesmo que toda metáfora ilumine muitos aspectos de seu objeto, enquanto ilumina menos ou esconde diversos outros): um deslocamento de um lugar ao outro através do tempo em determinados suportes (cf. SCOLARI, 2004).

um computador pessoal, ou em movimento, usando um celular –, abra um programa de navegação na Internet clicando em algumas teclas do aparelho e em alguns botões do sistema operacional, digite um determinado endereço e movimente-se entre os links disponíveis por esse serviço. E, nesta movimentação, o fiel se encontra diante de uma *organização, distribuição e hierarquização* das informações estipuladas pelo sistema – alguns ambientes dos sites recebem mais destaque do que outros, alguns estão diretamente relacionados a outros, determinadas informações estão disponíveis em determinados links.

Como indica Scolari (2004), nenhum sistema funciona ou é utilizado conforme o programador previu. Porém, este estabelece um “campo de interações possíveis” (p.160) dentro do qual o usuário navegará autonomamente, em uma “luta” constante entre as estratégias de sentido (ofertas de sagrado) por parte do sistema em sua interface e as estratégias (desejos, necessidades e ações) do fiel. Esse campo, no entanto, pode ser ultrapassado, em situações em que o usuário ou *abusa* do sistema – não correspondendo às suas propostas – ou então *o abandona* em busca de “novos mares”. Assim, mesmo que as possibilidades sejam (de)limitadas por parte do sistema para o usuário, este pode ultrapassá-lo e buscar novas possibilidades. Nesse sentido, quando antes falávamos da coevolução da técnica e as microalterações da fé, referíamos-nos também ao *desequilíbrio* e a *dialética* entre como o sistema é pensado e projetado e como ele é usado na prática pelo fiel. Isto é, o sistema cria o seu próprio fiel, assim como o fiel também ajuda a criar o seu próprio sistema comunicacional religioso. Esse é um dos motores que dinamiza a evolução das interfaces, pois ao se desviar dos usos previstos pelo programador, o usuário empírico está efetuando um trabalho criativo, recriando e redesenhando virtualmente a interface (cf. SCOLARI, 2004) – já que a atualização dessa recriação caberá ao próprio sistema.

Por outro lado, a interação entre fiel-sistema, após o primeiro contato com a interface dos sites católicos, também é construída a partir de uma outra modalidade, isto é, o *discurso*, as trocas comunicacionais por meio do texto e das narrativas sobre o sagrado, que veremos a seguir.

3.3.3 Discurso: Os Enunciados da Interação

É assumida a centralidade do papel e da importância do conceito da “Palavra” dentro da tradição cristã, especialmente para a Igreja Católica. Desde a frase “e o Verbo se fez carne”, do Evangelho de João, até o mandato de Jesus para que seus discípulos “anunciem a boa nova ao mundo”, derivam daí, também, a centralidade e a importância da escritura (texto) e da pregação (fala) para essa corrente religiosa, para a qual “toda a história da salvação é uma prova de como a

Palavra de Deus é viva”, cuja “iniciativa de se comunicar é [de] Deus, fonte da vida” (SÍNODO, 2009, online). Portanto, fé e comunicação, enquanto discurso, para a Igreja Católica, convivem e andam juntas. Assim, a relação com os meios de comunicação é quase “vital” à instituição da Igreja. Esta se sentiria culpada diante do Senhor se não lançasse mão dos meios de comunicação (cf. CONCÍLIO, 1971). Ou seja, a Igreja quer fazer uso da *palavra* também no nível social em geral, não apenas dentro de seus templos e rituais. Fora deles, é *mandato divino* falar, proclamar, anunciar publicamente. Em suma, o discurso é central para a própria existência da Igreja (usando todos os meios de comunicação ao seu alcance), sob pena de descumprir a vontade de Deus e descaracterizar-se enquanto tal.

E não é diferente nos ambientes digitais por nós observados. A Igreja se faz presente na Internet como um complexo dispositivo para a sua evangelização, para a construção de sentido religioso em contato com o fiel. Esse contato passa pelo *discurso*, pela *narração da fé*, pela *Palavra* e pelo *Verbo*: sem a mediação da linguagem textual – desde o comando computacional mais básico até a formulação teológica mais elevada –, o intercâmbio entre fiel e sistema ficaria impossibilitado. É por meio do discurso, também, que se gera o sentido religioso nos sites católicos. Por isso, chamamos aqui de *discurso* uma “realidade material de coisa pronunciada ou escrita”, nas palavras de Foucault (2008, p.8), o fluxo constante de construção de sentido religioso por meio da linguagem nas páginas da Internet.

Nesta pesquisa, referimo-nos ao discurso enquanto uma forma midiático-comunicacional que se expressa por meio do texto, da “coisa escrita”, de *discurso textual*, para sermos mais precisos. E o texto, como indica Manovich (2000), tem um papel privilegiado na cultura computacional, manifestando-se como uma *metalinguagem* da mídia do computador e da Internet, em consequência (cf. MANOVICH, 2000). O texto também é a forma mais básica de comunicação entre o sistema e o fiel: digita-se algo no navegador ou em algum site católico, e o sistema responde com determinada reação ou erro, como abrindo uma determinada página ou mostrando determinada mensagem. Por isso, o discurso aqui analisado faz referência às trocas comunicativas e às conversas simbólicas (cf. BETTETINI apud SCOLARI, 2004) que se estabelecem na Internet.

Por meio do discurso disponível nos sites católicos, podemos entrever, nos enunciados do sistema, marcas e indícios de sua ordenação da dinâmica de consumo do sagrado. E, por parte do fiel, em seus enunciados, podemos perceber marcas e indícios de seu comportamento enquanto interagente simbólico na leitura dos sentidos ofertados pelo sistema (cf. SCOLARI, 2004). Ou seja, o sistema *escreve para alguém*, e, portanto, esse alguém – o fiel – já

está presente – simbólica e virtualmente – no texto produzido pelo enunciador. “O espectador entra simbolicamente no texto e estabelece uma conversação com o sujeito enunciador” (SCOLARI, 2004, p.56). O texto, portanto, indica virtualmente entidades como o enunciador e o enunciatário – entidades que estão *inscritas* e *vivem* no interior do texto –, assim como as regras para as interações entre eles.

Se essa “manifestação protésica” do enunciatário (fiel) no texto do enunciador (sistema) já ocorria nos textos impressos, ela se manifesta muito mais nas interações fiel-sistema, construída em *diálogo* com o fiel, a partir das possibilidades ofertadas pelo hipertexto e das “estratégias potenciais que deverão ser atualizadas pelo usuário” (SCOLARI, 2004, p.56). Em consequência, pode ocorrer ainda uma alteração do sentido desejado pelo enunciador, já que, na fluidez das páginas e dos textos da Internet, o sistema busca direcionar a navegação do usuário por meio de sua interface e dos links disponíveis em seu conteúdo, mas é o usuário quem, no fim, irá definir se o trajeto escolhido será de acordo com o “mapa” oferecido ou irá por caminhos não indicados no percurso desejado pelo enunciador.

Nesse contexto, cabe a diferenciação indicada por Flusser (2007) entre as formas de comunicação *dialógica* e *discursiva*: na primeira, trocam-se diferentes informações disponíveis para sintetizar uma nova informação. Na segunda, compartilham-se informações existentes para que, compartilhadas, possam resistir e ser preservadas. Porém, para o autor, ambas as formas de comunicação são interdependentes, já que, para que um diálogo tenha início, precisam estar disponíveis as informações que foram colhidas em discursos anteriores; e, por outro lado, para que um discurso aconteça, são necessárias as informações produzidas em um diálogo anterior. Em suma, cada diálogo é uma série de discursos, e cada discurso faz parte de um diálogo. Em nosso estudo, portanto, analisamos dois níveis de discursividade: o *discurso* propriamente dito e as *narrativas*, ou seja, aquilo que Flusser (2007) chama de diálogo, ou seja, a série dos discursos sobre o sagrado presentes nos sites católicos. Por meio desses dois níveis, cremos, o sagrado é operado e construído nas interações discursivas online.

Porém, essas construções ocorrem moldadas pelos limites e possibilidades das interações online. A tendência do sistema é a de, justamente, tentar evitar ao máximo os desvios de rota e as mudanças de percurso por parte do fiel.

Em toda sociedade, a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. [...] O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as

lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (FOUCAULT, 2008, p.8-10).

Para Foucault, em síntese, discurso é poder. Por isso, se há discurso, há estruturas que gerem o controle desses mesmos discursos – pois assim também se controla o poder (quem fala, quem escuta, para quem se fala, como se fala, como se escuta etc.). Uma dessas estruturas é determinar as condições de funcionamento dos discursos, “de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras” (FOUCAULT, 2008, p.36). E no discurso, em suas diferentes formas textuais, podemos encontrar também “a representação das suas normas de uso, das suas modalidades de acesso ao seu sentido por meio da articulação semiótica” (BETTETINI apud SCOLARI, 2004, p.55). Justamente nesse sentido, uma das formas mais superficiais e visíveis das regras ou do “sistema de restrição”, como dizia Foucault, é o ritual:

O ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção (FOUCAULT, 2008, p.38).

Por meio dos rituais, portanto, enquanto discursos regulados, delega-se ao indivíduo “propriedades singulares e papéis estabelecidos” (Id., p.39). Por isso, discurso, ritual e poder se cruzam, pois, para a Igreja, seu “poder” está na *mediação* da Palavra de Deus e os fiéis, como “*Mater et magistra*” [Mãe e Mestra]¹⁰³. Daí pode-se entender as relações do fiel com essa palavra, especialmente nos rituais online.

Além disso, é importante perceber que os discursos incluem e manifestam um projeto de interação. “O espectador [...] não se limita a receber o saber comunicado pelo texto, mas se prepara com um ‘projeto de interação com as articulações semióticas que o discurso textual lhe propõe’” (SCOLARI, 2004, p.55). Colocam-se em ação, assim, duas estratégias textuais e discursivas – de enunciadador e enunciatário, de fiel e sistema – que, operadas simbolicamente nos rituais online, possibilitam a interação. Isto é, o discurso do sistema se dirige e se refere *a um determinado fiel*: e assim também constrói e atualiza um determinado tipo de fiel. Por outro lado,

¹⁰³ Esse é o título de uma Carta Encíclica do papa João XXIII, de 1961, em que o pontífice, abordando a “evolução da questão social à luz da doutrina cristã”, inicia seu texto chamando a Igreja Universal de “mãe e mestra de todos os povos”, que tem como missão gerar filhos na fé, além de “os educar e dirigir, orientando, com solicitude materna, a vida dos indivíduos e dos povos”. O texto na íntegra está disponível em <http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater_po.html>.

o discurso do fiel se dirige e se refere *a um determinado sistema comunicacional religioso*: ou seja, também constrói e atualiza uma determinada imagem simbólica de Deus, do sagrado.

Além de interagir com o sistema por meio de suas interfaces e por meio do discurso e da narrativa sobre o sagrado, o fiel também *opera* sobre esse sagrado, *fazendo coisas* que o levam a Deus. Isso se manifesta com grande clareza nos rituais online, como veremos em seguida.

3.3.4 Ritual: As Operações da Interação

O que percebemos nas experiências religiosas da Internet é um deslocamento dos rituais até então celebrados no templo físico para o ambiente online, o que favorece o surgimento de novas ritualidades digitais. No entanto, os ritos presenciais e temporais não perdem sua validade. O que fica literalmente escondido em um canto dos templos territorializados, como o ritual de acender velas, passa a ser exposto abertamente nos ambientes online. Em alguns casos, ocorre apenas a apresentação sobre um ritual pela mídia (um documentário, por exemplo), ou um ritual que é estendido pela mídia (como a transmissão de uma missa), ações rituais realizadas no espaço virtual (como as velas virtuais), a disponibilização de um objeto ritualístico via mídia (como as Bíblias online), ou um comportamento ritualizado com relação a objetos eletrônicos (o computador como espaço para a realização de rituais) etc. Manifesta-se assim não apenas uma liturgia assistida pela mídia, mas também uma liturgia centrada na mídia (cf. GRIMES, 2001), já que a mídia também oferece modelos para a vivência, para o espaço e para o imaginário litúrgicos, o que indica que a influência da mídia sobre a liturgia é muito maior do que o contrário.

De certa forma, há deslocamentos interessantes nesse processo, em que aquilo que é considerado religiosidade popular e marginal pela Igreja em seus templos passa a ser a principal interface de contato entre o fiel e a instituição nos ambientes online. Além disso, se, na prática offline, o fiel tem na vela a sua mediação para o encontro com o divino, pela Internet há uma nova mediação em jogo: o próprio sistema e seus protocolos. Ou ainda o sistema e, depois dele, o padre ou a comunidade offline que irão rezar pelo fiel. Há, no ambiente online, novas mediações que são interpostas entre o fiel e o divino, gerando também uma religiosidade em que o fiel precisa atravessar muitas etapas para ter contato com Deus. Para quem busca alimentar sua fé via Rede, essas práticas de fé possuem uma liturgia e uma sacramentalidade próprias de um ritual religioso, seja diante da tela, digitando uma mensagem para um além, clicando (com tudo o que isso implica) em um botão que nos informa “Enviar”. Todos esses protocolos – incluindo ainda a formatação gráfica dos sites para gerar uma aura de sacralidade, as imagens expostas, o local em

que o usuário utiliza o serviço etc. – colaboram para pensarmos em uma ritualidade já estabelecida na Internet.

Porém, Casey (2008) defende que um ritual nem sempre é religião, e que a religião nem sempre é ritual. Para Peirano (2003), o ritual não deve ter uma definição *apriorística*, rígida ou absoluta. Dependerá sempre da observação feita sobre um grupo específico de “nativos” (o outro, o diferente). Por isso, afirma, “o pesquisador deve, portanto, desenvolver a capacidade de apreender o que os nativos estão indicando como sendo único, excepcional, crítico, diferente” (PEIRANO, 2003, p.9). E rituais estão diretamente relacionados ao repertório cultural dos nativos. Ou seja, ritual é “um fenômeno especial da sociedade, que nos aponta e revela representações e valores de uma sociedade, mas o ritual expande, ilumina e ressalta o que já é comum a um determinado grupo” (PEIRANO, 2003, p.10).

Em nosso caso de estudo, entretanto, interessamo-nos por “fenômenos especiais” que ocorrem a partir de um repertório religioso católico na Internet. Por isso, compreendemos os rituais online¹⁰⁴ como *atos e práticas de fé* desenvolvidas pelo fiel por meio de *ações e operações de construção de sentido* em interação com o sistema comunicacional religioso da Internet para a busca de uma experiência religiosa. Nesse sentido, são operações que remetem ao sagrado e que

¹⁰⁴ Cabe definir porque nos referimos aqui a rituais *online* (e não apenas digitais, ou “virtuais”, como grande parte dos sites católicos preferem utilizar – “capelas virtuais”, “velas virtuais” etc.). Em sua análise do termo “virtual”, Gomes (2009, p.44) afirma que o termo vem do latim medieval (*virtualis*) e do latim clássico (*virtus, virtutis*), no sentido de “força corporal, ânimo, denodo, ferocidade, força de espírito, virtude”. Contemporaneamente, o virtual é um “dispositivo ou serviço que não é, na realidade, o que aparenta ser” (Id.). Ou ainda, em termos gerais, “aquilo que não existe na realidade, mas sim como potência ou faculdade” (Ibid.), e não em ato. Portanto, em seu sentido filosófico mais profundo, virtual é “o que está predeterminado e contém todas as condições essenciais à sua realização” (Ibid.), mas que não existe concretamente. Transferido para a informática, “o virtual é a experimentação de algo antes que seja configurado como real” (GOMES, 2009, p.45). Porém, como questiona o autor, isso não pode ser aplicado à Igreja. Não é possível experimentá-la sem a sua existência prévia no mundo “real”. A Igreja que se encontra na Internet não existe como “potência ou faculdade”. Assim, nesse sentido, cremos que a conceituação de virtual de Lévy (1999) não nos possibilita compreender a Internet e suas processualidades. Segundo o autor, “o virtual existe sem estar presente” (LÉVY, 1999, p.48), e nisso ele é devedor da linha filosófica. Porém, para ele, *justamente por isso*, a Internet é virtual, pelo fato de não poder ser fixada em nenhuma coordenada espaço-temporal. Porém, o que o autor não percebe é que a Internet, sim, pode ser considerada virtual quando o indivíduo está, por exemplo, descansando no campo, longe de um computador conectado. Nesse momento, a Internet, para ele, é virtual. Porém, assim que ele a acessa e interage com a rede, ele já a *atualiza*, a *presentifica*, poderíamos dizer. Passa-se do virtual ao atual. Por isso, mesmo que a informação da Internet esteja “*virtualmente presente em cada ponto da rede onde seja pedida*”, ela se atualiza, fisicamente até, em algum lugar, em determinado momento, em determinado suporte. Como indica Casey (2006, p.80), o “ritual, ao encobrir o intangível em uma forma concreta por meio [de] vários elementos, *torna presente o virtual*” (grifo nosso). Portanto, preferimos aqui utilizar o conceito de *digital*, como explicamos mais detalhadamente acima e o conceito *online* (em linha, em rede, conectado). Digital porque existe essa tentativa de informatizar o sagrado, torná-lo dígito, código, número, dados. Porém, diferentemente de um CD-Rom ou de um DVD de uma missa gravada, a Internet oferece a possibilidade de navegar em rede, possibilita ao fiel não uma navegação restrita e fechada (como nos casos citados, em que as opções de uso do produto já estão delimitadas e restringidas), mas sim uma navegação *aberta e sem mapa determinado*, configurada apenas pelas afetações do internauta e de suas escolhas, como veremos mais adiante, em nosso estudo. Essa é uma característica fundamental na navegação em rede, que não pode passar despercebida, e que afeta sobremaneira os moldes da religiosidade contemporânea. Portanto, para os fins deste trabalho, utilizamos a conceituação de ritual online, subsumindo o termo digital já no conceito online, pois para estar online (nas características da rede digital conformada pela Internet) é necessário ser digital.

têm um elemento comunicativo implícito (cf. PEIRANO, 2003). Por isso, não são apenas uma performance complexa de atos simbólicos, mas também são, eles próprios, um símbolo representado que remete para um além. Novamente, essas operações não são apenas formas de lidar com o sagrado digital disponível na Internet, mas, em nível mais geral, verdadeiras *formas de pensamento e de existência* na era das mídias digitais.

Como afirmávamos, com a revolução tecnológica, especialmente a partir do computador e da Internet, “a velha concepção do poder ritualístico da ação simbólica [...] não morreu; ela sobreviveu dentro dos domínios agora limitados da Igreja e se tornou um novo lar na rede de comunicação global” (O’LEARY, 2004, p.44)¹⁰⁵. O que ocorre hoje é uma bricolagem, com os “fragmentos do velho sistema [sendo] incorporados no novo mosaico cultural” (Id.). Aqui entram em jogo também os modos para se compreender os processos nos quais rituais online estão envolvidos. Nesse sentido, um ritual traz novas questões de espaço-tempo; de comunicação, discurso e narrativa; e de construção de sentido (valores). Cabe ressaltar que

as novas mídias [como a Internet] não apenas acrescentam algo a um ambiente, mas efetuam uma mudança qualitativa no ambiente. [...] O ciberespaço não simplesmente oferece outro “espaço” no qual se performam rituais, mas induz a uma mudança qualitativa naquilo que é considerado um ritual religioso viável (CASEY, 2008, p.2, nota de rodapé).¹⁰⁶

Ritual, enfim, seria a corporificação do contrato social, o que transforma o ritual no ato social fundamental sobre a qual a sociedade é instituída (cf. RAPPAPORT apud FERNBACK). Assim, é preciso responder a algumas questões centrais para a compreensão de um ritual: quem são os atores? O que constituiu o palco e os bastidores? Que roteiros ditam a performance? (cf. GRIMES, 2001).

Para Casey (2008), o ritual, ao encobrir o sagrado em formas concretas por meio de vários elementos simbólicos, *torna presente o virtual* (cf. CASEY, 2006). No caso da Internet, os rituais funcionariam como “novas ‘magias’ midiáticas”, de acordo com Fausto Neto (2004, p.60), que agem por meio de “dispositivos que tratam de constituir os novos processos de reencantamento do mundo”. Porém, mesmo que os rituais partilhem alguns traços formais e padronizados, estes são variáveis, fundados em construtos culturais particulares – como, em suma, ocorre nos rituais online. O que interessa, como afirma Peirano (2001, p.14), é que “o ritual

¹⁰⁵ “The old conception of the ritualistic power of symbolic action [...] is not dead; it survives within the now limited domain of the Church and has a new home in the global communication network”.

¹⁰⁶ “New media don’t just add something new to an environment, but effect a qualitative change in the environment. [...] Cyberspace does not simply offer another ‘place’ in which to perform rituals, but induce a qualitative change in what is considered viable religious ritual”.

esclarece mecanismos fundamentais do repertório social”. Segundo ela, “falas e ritos – esses fenômenos que podem ser recortados na seqüência dos atos sociais – são bons para revelar mecanismos também existentes no dia-a-dia e, até mesmo, para se examinar, detectar e confrontar as estruturas elementares da vida social” (Id.). Porém, um ritual “não é algo fossilizado, imutável, definitivo” (PEIRANO, 2003, p.12). É preciso estar atentos ao fato de que focalizamos os rituais como *ação comunicativa*: “O culto não é simplesmente um sistema de símbolos pelos quais a fé se traduz exteriormente; é o meio pelo qual ela se cria e se recria periodicamente” (DURKHEIM apud PEIRANO, 2001, p.9).

Assim, após ter analisado as três categorias por nós utilizadas para perceber as interações, cabe-nos agora aprofundar a compreensão dos deslocamentos e alterações que ocorrem na interação ritualizada e discursiva via Internet, abordando algumas das características desse amplo processo de mediação digital.

3.4 RELIGIÃO EM NOVAS CONFIGURAÇÕES DE TEMPO-ESPAÇO-MATERIALIDADES

Nos rituais online, como vimos, Deus se faz bit. Porém, todo esse processo não é simples, nem instantâneo, nem automático. Deus ou o sagrado precisa ser engendrado, ressignificado, relido, reapresentado, moldado em uma processualidade informático-computacional-comunicativa, segundo estratégias tecnodiscursivas. É preciso que ele seja “disponibilizado” na Internet e, ao mesmo tempo, que o usuário possa acessar o sagrado por meio da Rede e interagir com essa nova modalidade espiritual, segundo as características do ambiente online. Ou seja: nessa nova modalidade de experiência comunicacional-religiosa, muda o estatuto do receptor (que também passa a ser, de certa forma, criador e definidor da informação “emitida”), muda a natureza da mensagem (que passa a estar aberta em um leque de possibilidades) e também muda o papel do emissor (que não apenas emite, mas também recebe instantaneamente) (cf. SANTAELLA, 2004).

Para compreender o fenômeno da mediação digital do sistema religioso a partir das novas configurações espaço-temporais, partiremos, portanto, de algumas das implicações dessa “disponibilização” de Deus na Rede. Deter-nos-emos, especificamente, em quatro características da experiência religiosa online que nos parecem centrais e que esquematizamos e configuramos a partir dos estudos anteriormente apresentados sobre a mediação digital do sistema religioso, a saber: a *digitalidade* (o sagrado moldado em bits), a *ubiquidade* (o sagrado

acessível em qualquer ponto da Rede a qualquer momento), a *conectividade* (como se dão as conexões/interações em rede entre o sagrado e o fiel e entre fiéis) e a *hiperdiscursividade* (as novas formas de discurso e narrativas sobre o sagrado a partir das lógicas digitais).

3.4.1 Digitalidade: Novas Formas de Existência e Presença

Em nossa observação, vemos que a Internet vem oferecendo à Igreja Católica uma grande capacidade de “estocagem do sagrado”, que passa a estar disponível a qualquer hora e em qualquer lugar – porém agora digitalizado (em formatos como texto, áudio ou vídeo). Isso reforça o fato de que vivemos em um “período de sincronização” de “quase todas as mídias que já foram inventadas [oral, escrita, impressa, de massas, das mídias e digital]” (SANTAELLA, 2003, p.78). Segundo a autora, não vivenciamos uma “superação” de determinada mídia por outra: as recentes tecnologias da comunicação, como o computador e a Internet, não marcam uma passagem para “um outro estado de coisas”, mas sim uma “complexificação”, um “imbricamento de uma cultura na outra”, ou, citando Poster, uma “multiplexidade” (Ibid.). Nesse sentido, o fenômeno religioso passa a estar fortemente embebido pelas mídias, que tensionam e ressituaam o religioso e são por ele tensionadas e ressituidas (cf. GOMES, 2008b).

Nesse processo, há perdas e trocas de diversos níveis, assim como ganhos e acréscimos. Apropriando-nos de uma analogia bíblica, assumindo o risco que isso pode conter, se um dia esse Verbo divino, segundo a concepção cristã, se fez carne, hoje não basta apenas ser carne. “Deus” precisa também estar presente na Rede, imiscuir-se nessa nova realidade digital, tornar-se informação, fazer-se bit¹⁰⁷.

A digitalização consiste em fazer cacos de tudo até obter *bits* e pôr depois o reconstituente da matéria, da vida e da realidade nas mãos de pessoas como vocês e como eu. Como fenômeno de definição do nosso tempo, está movendo o comércio e a indústria do domínio dos átomos ao dos *bits*. Em um nível mais fundamental, está movendo os objetos do domínio do material ao do pensamento. Os *bits* fazem com que a matéria seja mais maleável do que os átomos (KERCKHOVE, 1999, p.18).

Para vivenciar essa experiência religiosa online, exige-se do indivíduo novas percepções de leitura e de reconhecimento dessa realidade, pois ela se apresenta em um novo ambiente, deslocado de seu espaço tradicional, a igreja, o templo. O internauta, confiante na promessa desses espaços religiosos online, espera poder encontrar a mesma experiência do transcendente por meios dos bits e pixels da tela do computador. Sem entrarmos em detalhes

técnicos mais aprofundados por Santaella (2003), a chamada “digitalização” permite que toda informação seja dividida em pequenas partes, quantificada em códigos informáticos sob forma binária (isto é, dois números, 0 e 1 – bits da informação) e, por meio do fluxo dessas microunidades, é possível estocar e reagrupar a informação, que pode ser “manipulada” por qualquer computador. Digitalizar uma informação, portanto, “consiste em traduzi-la em números” (LÉVY, 1999, p.50). Levando esse processo a uma amplitude maior, Santaella (2003) afirma que, “via digitalização, todas as fontes de informação, incluindo fenômenos materiais e processos naturais, incluindo também as nossas simulações sensoriais, [...] estão homogeneizados em cadeias seqüenciais de 0 e 1” (p.83). “Absorvendo muito mais do que apenas números, pode-se digitalizar diferentes tipos de informação” (Ibid.). Ocorreria, afirma Felinto (2006), uma informatização do mundo, “na qual toda a natureza, incluindo a subjetividade humana, pode ser compreendida como padrões informacionais passíveis de digitalização em sistemas computadorizados” (p.101).

Há, de fundo, uma necessidade de eliminar a redundância: “A teoria designa por *redundância* tudo aquilo que, na mensagem, surge como excedente. Assim, é econômico não transmitir a redundância” (MORIN, 1997, p.277). Porém, que processos estão imbricados na digitalização do âmbito religioso? O que a Internet oferece em termos de suportes e possibilidades para o fiel online? Mas, além disso, o que significa, no fundo, “acessar” Deus via Internet? Que *redundância* está sendo eliminada? O que se perde do sagrado nessa transmutação? Nesse sentido, Morin (1997, p.278) afirma que “o bit não é uma unidade de sentido”, já que, grosso modo, a informação pode apenas diminuir da emissão à recepção. “Aquilo que foi recebido nunca pode ser superior em informação àquilo que foi emitido” (Id., p.288). Isso também é reforçado por Manovich (2000), ao afirmar que a digitalização envolve inevitavelmente perda de informação, mesmo que, em termos gráficos, por exemplo, as resoluções de uma imagem cheguem a números estratosféricos de pixels, que são imperceptíveis a olho nu. A questão, como ressalta o autor, é quanto dessa informação é útil ao usuário.

Há aí uma questão delicada de fundo, que pode passar despercebida: Santaella (2003) afirma que, depois de terem sido colocados em formato digital, quaisquer dados (documento escrito, audiovisual, telecomunicacional, informático) podem ser sintetizados em qualquer lugar e em qualquer tempo. Ela se refere à técnica propriamente dita das mídias eletrônicas, mas,

¹⁰⁷ Relembrando, *bit* é uma palavra inglesa a partir dos termos “binary digits”, ou dígitos binários.

abstraindo um pouco, podemos nos questionar a respeito do que, no fundo, essa “sintetização” significa para o indivíduo e para a sua percepção e relação com o sagrado e a religião.

Nosso estudo se inscreve em uma análise da comunicação, que ultrapassa as fronteiras do que é mera informação. Morin (1997) indica que o sentido que escapa ao bit é reencontrado e remetido para o “contexto, ou seja, o metassistema antropossocial onde se efetua não só a comunicação, mas também a produção do sentido” (MORIN, 1997,p.278). Ou seja, embora reduzido a bit, o sagrado o escapa, o supera. Portanto, o que é digitalizado é apenas uma parte do sagrado, que, ultrapassando e superando sua digitalização, gera “restos”, redundâncias, que escapam aos processos digitais. Por outro lado, o sentido do sagrado é construído *a partir da* sua digitalização, visto que é o contexto, o “metassistema antropossocial” e suas interações que desencadeiam a produção de sentido. O sagrado digitalizado está virtualmente sempre disponível. Porém, só será atualizado e “encarnado” a partir da *interação* do sistema com o fiel-internauta.

Por meio da “hibridização de linguagens” (SANTAELLA, 2003, p.95), ocorre uma fragmentação da informação em uma multiplicidade de partes. Dessa forma, “assim como em um mosaico, montamos uma imagem dos acontecimentos a partir de vários pedaços de informação” (Id., p.96). Para Manovich (2000), a noção de banco de dados (*database*) como coleção estruturada de dados é fundamental para compreender o fenômeno da digitalização. Dessa forma, o que os computadores permitem (e a rede complexifica ainda mais) é uma *determinada forma de organizar* os conteúdos, promovendo que os dados sejam buscados e encontrados rapidamente. Portanto, na Internet, o banco de dados é uma forma cultural (cf. MANOVICH, 2000), que nos ajuda a compreender como o usuário se relaciona com essas coleções de dados: visualizando-os, navegando entre eles, procurando-os. Além disso, não é apenas um “espaço”, um “depósito” de informações, mas sim uma ambiência que em que a interação com o usuário remodela-o e reconfigura-o constantemente, por meio de um trabalho em rede, como veremos em seguida.

A partir do momento, então, em que o indivíduo, a partir dessas mídias, pode “manipular”, “montar” e “sintetizar” Deus e o sagrado à sua vontade – em qualquer lugar e em qualquer hora –, que reviravolta está ocorrendo na tradicional noção de religião, tão enraizada no tempo e no espaço? Como indica Santaella (2003), com a digitalização, cada um pode tornar-se produtor, criador, compositor, montador, apresentador, difusor de seus próprios produtos. Na Internet, os usuários podem assumir o controle da tecnologia, aproximando o processo social de criação e manipulação de símbolos e a capacidade de produzir e distribuir bens e serviços (cf. CASTELLS, 1999). Da mesma forma, o fiel online participa desse fenômeno, portanto, como

receptor e produtor da “fé”, em suma. Porém, o que há na base dessa nova postura do fiel diante do sagrado, provocada e estimulada pelas mídias eletrônicas?

Para Rüdiger (2002), as novas tecnologias da comunicação e informação estariam reduzindo a experiência humana, senão a própria figura do homem – e de Deus – a dados que podem ser armazenados, processados e disponibilizados para manipulação. O homem e o sagrado, por conseguinte, passam, assim, a se projetar em um ambiente em que tende a ser reduzido à informação, sujeitando-se, dessa forma, a todo tipo de cálculo, manuseio e reconstrução. Na era digital, a interface da tecnologia com o ser humano redefine uma outra realidade e um novo sujeito, em que o humano e o tecnológico coexistem, codependem e se definem mutuamente. Assim, os sujeitos dessa nova realidade, segundo o autor, poderiam se tornar cada vez mais instáveis, fluidos, múltiplos, difusos e abertos. Assim, poderíamos questionar, em que realidade passamos a existir? Ou, por outro lado, em que “Igreja” passamos a “nos relacionar com Deus” neste mundo que surge? E que Deus é esse?

Quando um fiel, por meio da Internet, pode acompanhar uma missa do Papa que ocorreu no Natal do ano passado, sentado na poltrona do seu quarto, o que isso acarreta para os moldes da religião como a conhecíamos anteriormente? E que religiosidade se apresenta quando um outro fiel, no interior da Amazônia, acende uma “vela virtual” no Santuário de Nossa Senhora Aparecida de São Paulo ou tem a possibilidade de rezar “diante” do nicho da imagem da santa por meio da Internet? É importante perceber que

as tecnologias e agenciamentos virtuais (...) não podem ser vistos como instrumentos a serviço de comunidades e organismos pré-dados, pelo contrário, são eles próprios contextos que trazem consigo novas corporalidades e novas políticas que correspondem a mundos-espaço e mundos-tempo que nunca antes existiram na história humana (HOLMES apud DAWSON, 2004, p.165).¹⁰⁸

A partir das lógicas e das estratégias de vínculo digitais, nascem, portanto, novos hábitos sociais, que demarcam uma nova cultura, da velocidade e das redes, que passa também a embeber também o fenômeno religioso por meio de um processo de midiaticização. Algumas características dessas estratégias, em termos de espaço-tempo, serão analisadas a partir de agora.

3.4.2 Ubiquidade: Novas Formas de Acesso e Participação

¹⁰⁸ “The virtual technologies and agencies (...) cannot be viewed as instruments in the service of pre-given bodies and communities, rather they are themselves contexts which bring about new corporealities and new politics corresponding to space-worlds and times-worlds that have never before existed in human history”.

O fiel, conectado à Internet, pode vivenciar sua experiência religiosa e estabelecer seu vínculo com a Igreja onde quer que esteja e a qualquer momento. O acesso aos mesmos conteúdos religiosos independe do local em que ele os esteja acessando, e estarão lá independentemente do momento em que forem acessadas (a não ser que sejam deletadas pelo sistema). Por isso, utilizamos aqui o termo *ubiquidade*, cuja origem é do advérbio latino *ubique*, “em/por tudo”, ou ainda o estado daquilo que está em toda a parte ao mesmo tempo¹⁰⁹.

Com o surgimento da Internet, sem dúvida, há um salto para uma maior compressão espaço-temporal em comparação com as demais mídias, pois essa característica se encontra somada a outras especificidades da rede. Por um lado, os conceitos de espaço, lugar etc. na Internet são substituídos pela ideia de “acesso” (não importa onde, mas sim *como* chegar); e o conceito de tempo é relativizado e substituído pelo de “instantaneidade” (não importa quando, mas sim *quanto* tempo).

Vivemos uma nova conjuntura espaço-temporal marcada pelas tecnologias digitais-telemáticas onde o tempo real parece aniquilar, no sentido inverso à modernidade, o espaço de lugar, criando espaço de fluxos, redes planetárias pulsando no tempo real, em caminho para a desmaterialização dos espaços de lugar. [...] Podemos estar aqui e agir à distância (LEMOS, 2003, p.14).

Portanto, o tempo não é mais inteiro, mas sim indefinidamente fracionado em muitos instantes e instantaneidades por meio das mídias (cf. VIRILIO, 2003). Nesse sentido, vivemos hoje um paradoxo espaço-temporal, pois, conectados à Internet, temos acesso a informações que se encontram a uma grande distância de nós onde quer que estejamos. Assim vivemos em um *continuum* em termos de espaço-tempo que se constituiu, paradoxalmente, de restos, resíduos (cf. VIRILIO, 2003). Por outro lado, essas informações nos chegam em uma instantaneidade temporal. Vivemos em um mundo cada vez mais “aqui e agora”.

Assim, “a instantaneidade substitui as durações longas, os séculos dos séculos. A noite dos tempos cede lugar ao nascer do dia do instante presente” (VIRILIO, 2003, p.106). Ou seja, a fase da ubiquidade pós-moderna permite escapar do tempo linear e do espaço geográfico (cf. LEMOS, 2002). Porém, se o sujeito pode “escapar” do espaço-tempo tradicional, para um outro espaço-tempo digital, ambos convivem, especialmente no que se refere à Igreja Católica, tão demarcada por estruturas espaço-temporais. Nesse sentido, é preciso levar em conta a

¹⁰⁹ Por um lado, por meio das mídias digitais, o fiel é convidado a “passar” para o outro lado da tela, interagindo nos ambientes digitais. Porém, o próprio ambiente religioso físico passa a ser uma extensão do ambiente digital: as igrejas passam a contar com sensores, câmeras, projetores de vídeo, demais aparatos técnico-comunicacionais que se comunicam e estão interconectados com a Internet, ampliando a abrangência e o alcance dos templos também no ambiente digital online (cf. LÉVY, 1999).

“mensagem” de qualquer meio ou tecnologia enquanto mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz na vida humana. A Internet, especialmente no que se refere ao religioso, acelera e amplia a escala das funções religiosas anteriores (cf. MCLUHAN, 1964).

Por outro lado, essa nova configuração espaço-temporal provoca alterações no âmbito cultural, como a sua *fragmentação, desterritorialização, aceleração, expansão*. Gomes (2006) nos indica que esse fenômeno provoca o aparecimento de culturas que não estão ligadas à memória territorial. Há um ultrapassamento desse caráter cultural, com a formação de comunidades culturais sem suporte geográfico, o que gera ainda “novos modos de operar e perceber a identidade” (GOMES, 2006, p.129). Isso se explica pelo fato de que,

ao tempo extensivo, que tentava aprofundar o caráter integral do “infinitamente grande do tempo”, sucede hoje, um tempo intensivo que, desta vez, aprofunda o infinitamente pequeno da duração, de um tempo microscópico [...]. Eternidade intensiva, onde a instantaneidade permitida pelas últimas tecnologias comportaria o equivalente ao contido no “infinitamente pequeno do espaço e da matéria”. [...] a velocidade supera o tempo e o espaço, assim como a luz supera a matéria, ou a energia, a massa inanimada (VIRILIO, 2003, p.107).

Assim, o universo do sagrado passa a estar ubiquamente presente em cada lugar, em cada instante, por meio da Internet, subvertendo uma experiência religiosa do sagrado de uma duração “pelos séculos dos séculos” e de uma extensão das grandes peregrinações. Tudo isso como que desaparece em nome da instantaneidade, da velocidade, da proximidade. Assim como o sagrado se faz bit, o espaço-tempo de sua experiência também se reduz ao infinitamente pequeno.

3.4.3 Conectividade: Novas Formas de Vínculo e Interação

Para a compreensão dessa nova configuração espacial-temporal, um dos conceitos-chave é a noção de *rede*. A Internet nasce com essa característica, desde suas primeiras experiências, em que alguns estudiosos da informática encontraram uma forma de manterem-se *conectados*, apesar da distância e do tempo, e assim trocar informação. E, segundo McLuhan (1964, p.23), “é o meio [neste caso, a Internet] que configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humanas”.

Portanto, hoje, segundo Castells (2003a, p.7), “a Internet é o tecido de nossas vidas. [...] [e] passou a ser a base tecnológica para a forma organizacional da Era da Informação: a rede”, ou seja, o conjunto de nós interconectados. Como indica Gomes (2009), “na sociedade do conhecimento, a sociedade de redes, todo ponto é início para entrar no todo” (p.167). Ou seja, em

suma, todos os que compõem a rede estão conectados a todos os demais integrantes da rede. Assim, “o conectado se tornou uma alternativa ao individual e ao coletivo”, e a conectividade passou a ser “uma condição para o crescimento acelerado da produção intelectual humana” (KERCKHOVE, 1999, p.26).

Portanto, para entender a rede é preciso analisá-la enquanto rede. Por isso, é preciso se afastar de outras construções teóricas mais hierarquizadas, como a do edifício. Diferentemente de um edifício, em que, retirada alguma parte de seus fundamentos, tudo desmorona, a rede é uma “teia dinâmica de evento inter-relacionados”, de “relações [...], de concepções e de modelos, na qual não há fundamentos” (CAPRA, 1999, p.48). Assim, não há um ponto central de sustentação de uma rede, ela não é uma estrutura linear, mas sim rizomática: retirado ou acrescentado qualquer ponto ou nó, a estrutura da rede se auto-organiza. Assim, “nenhuma das propriedades de qualquer parte dessa teia é fundamental; todas elas resultam das propriedades das outras partes, e a consistência global de suas inter-relações determina a estrutura de toda a teia” (Id.). Por isso, “o desenvolvimento do jogo comunicativo não pertence a uma entidade central, mas a este organismo-rede” (LEMOS, 2002, p.147).

Compreender assim o fenômeno da fé no âmbito digital leva também a novas compreensões da construção do religioso: como uma estrutura hierarquizada como a Igreja institucional se posiciona diante de um cenário tão horizontalizado? Se não há mais “fundamentos”, no sentido de um edifício do conhecimento, mas sim uma rede (que não *está* no espaço, mas *é* o próprio espaço digital), como fica a conservação da Tradição, o monopólio sobre a fé e a doutrina? Por outro lado, que religioso esse “organismo-rede” constrói e em que ele se diferencia do religioso tradicional e hierarquizado? Por isso, é preciso entender a Internet como

um ecossistema complexo onde reina a interdependência entre o macro-sistema tecnológico (a rede de máquinas interligadas) e o micro-sistema social (a dinâmica dos usuários), construindo-se pela disseminação da informação, pelo fluxo de dados e pelas relações sociais aí criadas (LEMOS, 2002, p.147).

Nesse sentido, aqui sempre fazemos referência não apenas a um produto *digital*: o que nos interessa em nosso estudo também é aquilo que está *em rede*, ou, em sua versão inglesa, *online* (em linha). Por isso, não nos referimos a uma “Igreja eletrônica”, conceito que faz referência às primeiras mídias eletrônicas, especialmente o rádio e a televisão. Também nos afastamos, nesse sentido, do conceito de *virtual*¹¹⁰. Estamos agora em uma Igreja *digital*, que

¹¹⁰ Em sua análise do termo “virtual”, Gomes (2009, p.44) afirma que o termo vem do latim medieval (*virtualis*) e do latim clássico (*virtus, virtutis*), no sentido de “força corporal, ânimo, denodo, ferocidade, força de espírito, virtude”.

busca digitalizar o sagrado, torná-lo informação computacional, disponibilizando-o *em rede, online*. Portanto, utilizamos aqui o conceito de *digital online*. Digital porque existe a tentativa de informatizar o sagrado, torná-lo dígito, código, número, dado. Porém, a Internet oferece a possibilidade da navegação em rede e aberta (diferentemente de um CD-Rom ou de um DVD), configurada pelas ofertas do sistema e também pelas afetações do internauta e de suas escolhas. Essa é uma característica fundamental da navegação em rede, que não pode passar despercebida, e que afeta sobremaneira os moldes da religiosidade contemporânea. Como indica Fausto Neto (2005), passamos de “estágios de linearidades para aqueles de descontinuidades” (p.3) para uma “intensificação de tecnologias voltadas para processos de conexões e de fluxos” (p.8), ou, nas palavras de Verón (1997, p.14), para um “emaranhado de circuitos de *feedback*”.

Por meio da rede, portanto, quem produz a tecnologia da Internet – e ela mesma, por extensão – são fundamentalmente seus usuários, em coevolução, justamente por ser uma tecnologia de livre acesso e com códigos abertos (cf. CASTELLS, 2003a). Se os chamados meios de comunicação “de massa” já apontavam para a manifestação de uma sociedade em midiatização, os ambientes online concretizam-na cada vez mais, gerando um “bios comunicacional”, inerente até ao fato de existir hoje em sociedade – se existimos, existimos em comunicação, e em comunicação midiática. Assim, cremos, a Rede online vai ganhando um papel central nesses processos, visto que passa sempre mais a ser o ponto de convergência por excelência de todas as demais mídias, como defende Castells (2003b), ao afirmar que a Internet está se convertendo no coração articulador dos distintos meios, está se tornando um sistema conector interativo da multimídia. Por isso, afirma o autor, “a Internet é – e será ainda mais – o meio de comunicação e de relação essencial sobre o qual se baseia uma nova forma de sociedade que nós já vivemos” (CASTELLS, 2003b, p.256), marcada pela midiatização. Ou ainda “o coração de um novo paradigma sociotécnico” (Id., p.287). Não queremos aqui defender uma centralidade causal (existe midiatização *por causa* da Internet), mas sim uma causalidade central (por causa da Internet, a midiatização ganha força):

Contemporaneamente, o virtual é um “dispositivo ou serviço que não é, na realidade, o que aparenta ser” (Id.). Ou ainda, em termos gerais, “aquilo que não existe na realidade, mas sim como potência ou faculdade” (Ibid.) e não em ato. Portanto, em seu sentido filosófico mais profundo, virtual é “o que está predeterminado e contém todas as condições essenciais à sua realização” (Ibid.), mas que não existe concretamente. Transferido para a informática, “o virtual é a experimentação de algo antes que seja configurado como real” (GOMES, 2009, p.45). Porém, como indica o autor, isso não pode ser aplicado à Igreja e ao sagrado. Não é possível experimentá-lo sem a sua existência prévia no mundo “real”. A Igreja ou o sagrado que se encontram na Internet não existem como “potência ou faculdade”. A Internet, sim, pode ser considerada virtual quando o indivíduo está, por exemplo, descansando no campo, longe de um computador conectado. Nesse momento, a Internet, para ele, é virtual. Porém, assim que ele a acessa e interage com a rede, ele já a *atualiza*, a *presentifica*, poderíamos dizer, passa-se do *virtual* ao *atual*. Por isso, mesmo que a informação da Internet esteja *virtualmente* presente em cada ponto da rede, ela se *atualiza* em algum lugar, em determinado momento, em determinado suporte, deixando assim de ser *virtual*.

A especificidade [da Internet] é que ela constitui a base material e tecnológica da sociedade em rede [e da sociedade em mídiatização, acrescentamos]: é a infra-estrutura tecnológica e o meio organizativo que permitem o desenvolvimento de uma série de novas formas de relação social que não têm sua origem na Internet, que são fruto de uma série de mudanças históricas, mas que não poderiam desenvolver-se [aprofundar-se, diríamos] sem a Internet (CASTELLS, 2003b, p.287).

Compreender esse fenômeno, em que novas formas de religiosidade surgem a partir de uma série de mudanças históricas, mas que teriam sua explicação incompleta sem levar em consideração o papel das mídias, nos parece um grande desafio de pesquisa. Em suma, isso também nos estimula a perceber o que ocorre quando Deus se faz *bit* – e bit conectado, em rede.

3.4.4 Hiperdiscursividade: Novas Formas de Discurso e Narrativa

Na fluidez e na velocidade da Internet, a Igreja encontra-se diante de muitas interrogações, acostumada a um discurso único. Até agora, a tendência da Igreja tem sido a de

usar a Internet [...] para manter sua autoridade como fonte do texto sagrado e de doutrina fixa – em vez de explorar justamente aqueles aspectos da Internet (como a interatividade) pensados para ser a chave da reviravolta revolucionária das autoridades tradicionais online (ESS, 2006, p.12).¹¹¹

Essas relações, inter-relações e interações entre esses três processos discursivos fundamentais para o nosso estudo – Igreja, sistema e fiel –, maleáveis e abertos como a grande rede, mas nem por isso sem regras e restrições, trazem consequências importantes por ocorrer em um ambiente digital e em rede como a Internet, provocando alterações na vivência do tempo e do espaço religioso. Nesse sentido, é importante destacar que a produção e a recepção desse discurso se dão agora em um ambiente digitalizado. De uma tradição tão fundamentada na Palavra e no Livro (a Bíblia sagrada, os Missais, os Breviários etc.), passa-se para uma “nova tradição”, para aquilo que veio a se chamar hipertexto¹¹².

¹¹¹ “Use the Internet [...] so as to maintain their authority as a source of sacred text and fixed doctrine - rather than exploiting precisely those features of the Internet (such as interactivity) thought to be key to the revolutionary overturning of traditional authorities online”.

¹¹² Um “detalhe” pouco conhecido é que, embora o termo hipertexto tenha sido cunhado por Theodor Holm Nelson em 1964, essa função computacional surgiu ainda em 1949, por meio das pesquisas do jesuíta italiano Roberto Busa. Procurando analisar a *opera omnia* de São Tomás (1,5 milhões de frases, 9 milhões de palavras), ele já havia compilado à mão 10 mil cartões só para inventariar a preposição *in*, que ele julgava essencial do ponto de vista filosófico. Porém, ele buscava um modo de relacionar – *linkar* – os fragmentos individuais do pensamento do *Aquinate*, para assim compará-los com outras fontes. Em viagem aos Estados Unidos, Busa pediu uma entrevista com Thomas Watson, fundador da IBM, e, após negociações, sendo até zombado por Watson pela sandice do pedido, o jesuíta conseguiu chegar ao hipertexto, ou seja, um conjunto estruturado de informações unidas entre si por ligações dinâmicas consultáveis no computador com um clique. Afirma Busa: “O primeiro passo da nossa colaboração [com a IBM] foi criar um arquivo de 12 milhões de cartões perfurados, que encheram uma fila de armários de 90

Na hipertextualidade, o leitor, por meio dos links disponíveis em uma página da Internet¹¹³, vai construindo uma leitura de um texto em fluxo, não seqüencial e não linear, que se bifurca e lhe permite o acesso a um número praticamente ilimitado de outros textos a partir de escolhas locais e sucessivas, em tempo real (cf. MARCUSCHI, 1999). O fluxo de leitura é coconstruído entre o leitor e as opções oferecidas pelo autor, sem se prender a uma seqüência fixa nem a tópicos estabelecidos pelo autor, embora estes tentem direcionar a visão do leitor. “Trata-se de uma forma de estruturação textual que faz do leitor simultaneamente co-autor do texto final” (MARCUSCHI, 1999, p.1). Assim, é um processo de escritura/leitura em fluxo, digital, multilinear, multiseqüencial, indeterminado e, portanto, complexo. Nesse sentido, a “revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler” (CHARTIER, 1999, p.13). Se a digitalização permite uma “nova condição da produção de conteúdos, a hipertextualidade é a nova condição do armazenamento e da entrega de conteúdos” (KERCKHOVE, 1999, p.24). O que interessa agora, por meio da Internet, é a “nova forma de textualidade” (MARCUSCHI, 1999, p.1) que se constrói a partir da tecnologia, que permite que o leitor passe de um texto a outro ou mesmo de um texto a um vídeo sem necessitar mudar o “suporte” de sua leitura: tudo está no computador. Por isso, aqui falamos de *hiperdiscursividade*, ou seja, retomando Foucault (2008), analisamos uma realidade material de coisa pronunciada ou escrita construída a partir dos protocolos da Internet: e, complexivamente, uma realidade nunca dada, mas sempre imprevisível, dependendo de quais caminhos são tomados pelo usuário na interação com o sistema.

Essa hiperdiscursividade ocorre moldada pelos limites e possibilidades das interações online. A tendência do sistema é a de, justamente, tentar evitar ao máximo os desvios de rota e as mudanças de percurso por parte do fiel. Como afirma Foucault (2008), a produção do discurso é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos operados

metros de comprimento, com um peso total de 500 toneladas. Pense que, naquele tempo, um processador IBM gastava uma hora para colocar 20 mil palavras em ordem alfabética, uma velocidade que hoje causa graça. O segundo passo foram as fitas magnéticas, um rebanho bastante difícil de apascentar: eu tinha 1.800 fitas, que, unidas entre si, chegavam a 1.500 quilômetros”. Esse jesuíta, assim, encarna o primeiro exemplo documentável na história do homem de utilização do computador para a análise linguística. O seus experimentos foram, depois publicados no “Index Thomisticus”, que hoje está disponível em CD-Rom e impresso: ocupa 56 volumes, em um total de 70 mil páginas. A partir do primeiro tomo, publicado em 1951, o religioso catalogou todas as palavras contidas nos 118 livros de São Tomás e de outros 61 autores. Como diz o próprio Busa, “a vida é um safari: sabe-se de onde se parte, mas não se sabe o que se encontrará”, assim como em uma leitura hipertextual, poderíamos dizer. (cf. “IBM? ‘International Busa Machines’. O jesuíta que criou o hipertexto”, disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=38755>).

¹¹³ É interessante perceber que as próprias formas de acesso do fiel ao sagrado disponível na Internet sempre se darão por meio de um processo hipertextual fluido e aberto: ele poderá acessar um site católico digitando diretamente o endereço dessa página (que também é um link), ou então por meio desse mesmo endereço “lincado” em outro site, ou então por um sistema de busca, como o Google, que lhe dará como resposta diversos links possíveis.

pelo sistema. O discurso, assim, não é simplesmente “aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2008, p.8-10). Por isso, se há discurso, há estruturas que gerem o controle desses mesmos discursos – pois assim também se controla o poder (quem fala, quem escuta, para quem se fala, como se fala, como se escuta etc.). Uma dessas estruturas é determinar as condições de funcionamento dos discursos, “de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras” (FOUCAULT, 2008, p.36). E o próprio discurso, nas diferentes formas textuais, revela “a representação das suas normas de uso, das suas modalidades de acesso ao seu sentido por meio da articulação semiótica” (BETTETINI apud SCOLARI, 2004, p.55).

Porém, a experiência religiosa pode ser encarnada apenas em palavras? “Devemos ter em mente que muitos dos eventos mais significativos na história religiosa são o produto de encontros humanos com palavras [...]. Isso faz parte do poder e da importância das escrituras” (DAWSON, 2005, p.17)¹¹⁴. O que se perde do sagrado nessa transmutação ao discurso digital? Talvez, “os participantes desses rituais preferam a imaginação textualmente invocada como veículo da ação ritual à encarnação virtual dos elementos físicos e sensoriais do ritual” (O’LEARY, 2005, p.41)¹¹⁵.

Além disso, tomando as devidas precauções, é importante reconhecer que o hipertexto permite a sua própria construção “parcialmente pelos escritores que criam as ligações, e parcialmente pelos leitores que decidem os caminhos a seguir” (MARCUSCHI, 1999, p.3): isto é, aquilo que é “tecido” (eis a origem da palavra “texto”) pela interação entre o usuário e o sistema. Isso já acontecia nas leituras em suporte impresso (afinal, nada obrigava o leitor a permanecer em determinada página; em um livro ele também pode ir direto ao fim do livro e descobrir o final da história, ou mesmo trocar de livro). Porém, o que a mídia digital permite é tornar a leitura “*simultaneamente* uma escritura” (MARCUSCHI, 1999, p.4).

Nesse sentido, “o novo suporte do texto permite usos, manuseios e intervenções do leitor infinitamente mais numerosos e livres do que qualquer uma das formas antigas do livro” (CHARTIER, 1999, p.88). Do livro para a tela, as condições de recepção e de compreensão são modificadas. Para o autor, existe uma tríade importante na análise da produção de sentidos: o leitor, o texto e a forma na qual esse texto se encontra. Por isso, afirma, “um romance de Balzac [a

¹¹⁴ “We must keep in mind that many of the most momentous events in religious history are the product of human encounters with words [...]. That is part of the power and the importance of scriptures”.

¹¹⁵ “Participants in these rituals prefer the textually invoked imagination as a vehicle of ritual action to the virtual embodiment of the ritual’s physical and sensory elements”.

Bíblia ou textos sagrados] pode ser diferente, sem que uma linha do texto tenha mudado” (CHARTIER, 1999, p.138), caso seja publicado em formatos diferentes.

* * *

Neste capítulo, refletimos sobre alguns conceitos e perspectivas de análise para o estudo dos sites católicos institucionais brasileiros, que será realizada no próximo capítulo. Aqui, portanto, discutimos a noção de midiatização do fenômeno religioso, enquanto sistema complexo em que o fenômeno religioso passa a se manifestar na Internet. Examinamos ainda o papel da técnica comunicacional no funcionamento desse fenômeno, marcado pela transparência da mídia e pela coevolução comunicacional-religiosa, a partir das interações entre fiel-sistema. Procuramos também compreender as microalterações da fé que ocorrem a partir das novas modalidades de experiência religiosa, por meio da interface, do discurso e do ritual. Por último, refletimos sobre as novas configurações de tempo-espaco-materialidades da fé.

Cabe-nos agora examinar empiricamente como se desenvolvem essas novas modalidades religiosas e o funcionamento da religião digital online no contexto católico brasileiro, a partir de nosso corpus de pesquisa.

4 FUNCIONAMENTO DA RELIGIÃO DIGITAL ONLINE: OS SERVIÇOS RELIGIOSOS CATÓLICOS

*E o Verbo se fez carne
e habitou entre nós,
e nós vimos a sua glória,
a glória que Ele tem junto ao Pai como Filho único,
cheio de graça e de verdade.*
João 1, 14

Pelo que pôde ser percebido até aqui, vemos que, com a Internet, surge uma nova relação mediada e midiaticada entre o fiel-internauta e o sistema comunicacional católico. Essa relação manifesta-se como um lócus de análise relevante para as pesquisas no campo da Comunicação, visto que o vínculo entre ambos os atores se dá por meio de interações em que a Internet desempenha um papel central.

Em síntese, cremos ter em mãos alguns dados relevantes que nos chamam a atenção a partir de nossas observações: o fiel pode vivenciar uma *experiência religiosa* na Internet; isso se dá por meio de *interações* em diversas modalidades que ajudam a construir o sentido religioso, a saber, por meio da *interface* dos sites; do *discurso* e das *narrativas digitais*, conforme a centralidade cristã na “Palavra” e no “Verbo”; e dos *rituais online*, práticas e operações simbólicas por parte do fiel sobre os serviços prestados pelo sistema para interagir com o sagrado.

Passaremos agora, então, a descrever o funcionamento desses serviços e de suas modalidades de interação, a partir de algumas experiências que evidenciam o processo de midiaticação do fenômeno religioso em alguns sites católicos brasileiros.

Nossa intenção é a de perceber como se dão as interações entre fiel-Igreja-Deus para a vivência e a experienciação da fé nos rituais online do ambiente digital católico brasileiro. Assim, estarão em foco de análise aqui as estratégias desenvolvidas para a oferta do sagrado por parte do sistema comunicacional católico e para a sua apropriação por parte do fiel, para assim podermos compreender o que há de novo no ambiente digital online, a partir de um estudo reflexivo dessas estratégias a partir dos conceitos-chave analisados no capítulo anterior. Buscamos assim fazer uma análise crítica e reflexiva diante da interface mídia-religião para a compreensão do funcionamento das práticas religiosas hoje.

4.1 MEDIATEZACÃO DIGITAL DO SISTEMA RELIGIOSO CATÓLICO NO BRASIL: ASPECTOS CONTEXTUAIS

Pretende-se aqui analisar como se dão as interações entre fiel-Igreja-Deus para a vivência e a experiénciação da fé no ambiente católico brasileiro online. Antes, porém, de passar à contextualização de nosso corpus de pesquisa, apresentaremos um cenário geral da mediação digital do fenômeno religioso no Brasil.

Na versão antiga do site do órgão máximo da Igreja Católica em solo brasileiro, a Conferéncia Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)¹¹⁶, antes de sua reformulação em 2009, constava uma seção intitulada “Links”, relacionando os endereços de outros setores da Igreja. Lá, encontravam-se conexões, por exemplo, para as “editoras católicas” (nove sites), “mídia católica” (oito sites), “revistas católicas” (seis sites), dentre outros. Mesmo percebendo-se que essa listagem estava incompleta, pode-se notar a penetração da Igreja no ambiente online, ramificada em seus diversos setores e instituições.

Em geral, no entanto, é quase incomum que uma diocese¹¹⁷ brasileira não possua algum ponto de contato online com seus fiéis por meio de um site institucional. Isso também vale para grande parte das paróquias¹¹⁸, movimentos e demais associações vinculadas oficialmente à Igreja. Ou seja, o número total de sites católicos no Brasil é extremamente grande e complexo de ser definido, visto que não há dados oficiais a respeito, e, na fluidez da Internet, é quase impossível determinar com exatidão o número de páginas católicas oficiais existentes e ativas.

Porém, é possível ter uma estimativa a partir dos dados disponíveis em demais sites católicos como a página CatolicaNet¹¹⁹. No link “Sites católicos”¹²⁰, estão listadas as diversas páginas brasileiras de conteúdo católico presentes na Internet. No total, estão listados mais de 360 sites, em categorias como “Comércio eletrônico”, “Educação”, “Institutos, entidades e fundações”, “Meios de comunicação”, “Música e entretenimento”, “Paróquias, dioceses e arquidioceses”, “Pastorais e movimentos” e “Religiosidade popular”.

¹¹⁶ Disponível em <<http://www.cnbb.org.br>>.

¹¹⁷ Unidade territorial administrada por um bispo, homem sagrado como sucessor dos apóstolos. No Brasil, em 2009, segundo o Diretório da Liturgia e da Organização da Igreja no Brasil 2010, existiam 211 dioceses e 41 arquidioceses (dioceses maiores em tamanho ou importância histórica). Só no Rio Grande do Sul, existem 17 dioceses, além da arquidiocese da capital.

¹¹⁸ Unidade territorial chefiada por um pároco, subordinada e parte integrante de uma diocese. Só a arquidiocese de Porto Alegre possui 155 paróquias em uma região que abrange 29 municípios.

¹¹⁹ Disponível em <<http://www.catolicanet.com>>.

¹²⁰ Disponível em <http://www.catolicanet.com/?system=votacao&action=lista_site>.

O site da Canção Nova¹²¹, criado ainda em 1995, como parte da ação comunicacional de uma comunidade católica paulista com reconhecimento do Vaticano, também possui uma base de dados com uma listagem de sites católicos¹²². Nesse link, estão listados mais de 750 sites.

No entanto, sabemos que esse número pode ser muito maior, dado que, em geral, nos sites listados em ambos os bancos de dados, não se encontram os sites de todas as dioceses e arquidioceses nem, certamente, os de todas as paróquias do Brasil, que, somados, ultrapassariam com sobra o milhar. Além destes, todos os grandes canais de televisão católicos (Rede Vida, Canção Nova, Século 21, Aparecida, Nazaré etc.) também possuem sua página na Internet.

Em geral, a grande maioria dos sites católicos, sendo institucionais, contam com documentos e demais informações oficiais de cada órgão, além de registros históricos, dados gerais e cobertura jornalística de eventos relacionados a cada instituição. Nesses casos, o fiel se *informa sobre* a religião.

Porém, ao mesmo tempo, são oferecidos diversos outros serviços religiosos ao fiel internauta, que são de interesse direto de nossa pesquisa: versões online da Bíblia; orientações de líderes religiosos via online; espaços espirituais (orações feitas na própria página ou pedidos de oração que são remetidos ao site); programas de áudio e vídeo, como missas, palestras e orientações; serviço de recebimento de mensagens religiosas por e-mail ou celular; fóruns de debates; aplicativos para celulares e redes sociais como Orkut e Facebook; dentre muitas outras opções. Ou seja, estando ligados à Igreja Católica, os sites aqui analisados também promovem e incentivam a relação do fiel com seu Deus. Assim, a fé católica também vai se manifestando em práticas religiosas no ambiente digital. Além de se informar sobre sua Igreja, portanto, o fiel também *pratica, vivencia e experiencia a sua fé* no âmbito digital. Ou seja, as pessoas passam a encontrar uma oferta do sagrado não apenas nas igrejas de pedra, nos padres de carne e osso e nos rituais palpáveis, mas também na religiosidade existente e disponibilizada, midiaticamente, na Internet.

Nesse sentido, uma categoria de sites que reúne grande parte desses serviços religiosos são as chamadas “capelas virtuais”, ambientes online que reúnem grande parte dos rituais aqui analisados, ou seja, uma transmutação de rituais tradicionais da Igreja (como as velas, o terço, a leitura orante etc.) para a ambiência digital. Um busca pelo termo “capela virtual” em um sistema de pesquisa como Google ou Yahoo! indica mais de 37 mil resultados. Outros termos

¹²¹ Disponível em <<http://www.cancaonova.com>>.

¹²² Disponível em <<http://www.cancaonova.com/sitescatolicos>>.

buscados – como “sites católicos” ou “Igreja Católica” – remetem a diversos outros sites, sendo que muitos deles são apenas comerciais ou estão desatualizados.

É em razão do acima exposto que o corpus de pesquisa aqui analisado inclui apenas sites católicos brasileiros, ou seja, páginas da Internet de instituições que tenham uma sede física no Brasil e que possuam algum tipo de vínculo oficial com a Igreja Católica, seja enquanto órgãos oficiais da Igreja ou então enquanto demais associações e movimentos que possuam algum tipo de “direito” oficial de se pronunciar e atuar em nome da Igreja. Utilizamos esses critérios para focar e delimitar o nosso objeto de estudo e para contribuir, dessa forma, com uma compreensão específica de uma modalidade de mediatização do fenômeno religioso, ou seja, a do ambiente católico brasileiro.

Nosso corpus de pesquisa é composto por um mosaico de quatro sites – a saber, o site CatolicaNet¹²³, o site das Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus – Província do Paraná¹²⁴, o site A12, do Santuário Nacional Nossa Senhora Aparecida¹²⁵, e o site do Pe. Reginaldo Manzotti¹²⁶. Esse mosaico foi montado a partir de um conjunto específico de “peças”, e por isso, sem dúvida, outras delas foram deixadas de lado: delimitamo-nos a esses quatro sites para que nossa pesquisa fosse possível e viável no tempo e espaço propostos, buscando, no entanto, a máxima abrangência e representatividade possível dentro de nosso corpus.

Assim, entre as variáveis por nós consideradas para a seleção desse corpus estão a sua *relevância* (analisamos sites que possuem um forte e claro vínculo com a Igreja e que demonstram uma grande participação de usuários por meio de comentários e visitas, além de estarem nas primeiras opções de resposta dos sistemas de busca da Internet, como Google e Yahoo!, a termos como “sites católicos” ou “capelas virtuais”, ou então por estarem ligados em demais sites católicos de referência. Assim, deixamos de lado sites que não eram indicados em outras páginas como pontos de referência ou que manifestavam pouca visitação); a sua *atualiza o* (as páginas que utilizamos como objeto de pesquisa, durante o nosso percurso de pesquisa, foram continuamente atualizadas, não sendo apenas um banco de dados esquecido, mas sim um meio de comunicação ativo com uma comunidade de fiéis. Evitamos, dessa forma, sites desatualizados e antigos); a *disponibilidade* das informações (para que nossas análises fossem possíveis era necessário que tivéssemos acesso aos conteúdos dos sites, para podermos perceber

¹²³ Disponível em <<http://www.catolicanet.com>>.

¹²⁴ Disponível em <www.apostolas-pr.org.br>.

¹²⁵ Disponível em <<http://www.a12.com>>.

¹²⁶ Disponível em <<http://www.padrereginaldomanzotti.org.br>>.

as marcas e pistas inscritas pelos fiéis. Deste modo, não analisamos páginas que exigiam um cadastro prévio para o uso dos serviços ou então que não permitiam ler os conteúdos inseridos pelos demais fiéis-internautas, como os “pedidos de oração” ou as intenções pedidas nas “velas virtuais”); e, principalmente, sua *oferta de sagrado* (ou seja, sites que não são meramente informativos, mas que também disponibilizam diversos serviços religiosos para a prática e a vivência da fé por meio da Internet. Desconsideramos, assim, sites que fossem apenas institucionais ou noticiosos, ou então que oferecessem poucas opções de serviços religiosos).

Os quatro sites que compõem o nosso corpus de pesquisa, portanto, buscam representar uma totalidade muito maior e mais complexa. Por meio dos critérios utilizados, cremos ter encontrado uma forma de que essa representatividade fosse o mais forte possível. Dessa forma, da totalidade fluida dos sites católicos institucionais brasileiros, extraímos a página do principal santuário nacional e de sua rede de comunicação (A12), de uma congregação religiosa (Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus – Província do Paraná), de uma “personalidade” e representante ordenado da Igreja brasileira (Pe. Reginaldo Manzotti) e de uma associação e movimento católicos historicamente ligados à Internet (CatolicaNet). Passaremos agora a contextualizá-los.

O CatolicaNet é uma “associação privada de fiéis de direito diocesano” da Diocese de Santo Amaro, em São Paulo, presente na Internet desde 1999 e considerado, segundo o próprio site, como o maior portal católico de língua portuguesa do mundo, com mais de cinco milhões de visitantes anuais. A página também tem suas versões internacionais em inglês¹²⁷ e espanhol¹²⁸.

O site A12¹²⁹ é a página oficial do Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, também conhecido como Basílica de Nossa Senhora Aparecida, a santa padroeira do Brasil, localizado na cidade de Aparecida, em São Paulo. Esse é o terceiro maior templo católico do mundo. Foi inaugurado em 4 de julho de 1980, pelo Papa João Paulo II, e elevado a basílica em 1984. O site A12, portanto, reúne informações da Rede Aparecida, composta pelo Santuário Nacional, pela Rádio e TV Aparecida e pela Editora Santuário, administrados pela Congregação do Santíssimo Redentor (Redentoristas) e pela Arquidiocese de

¹²⁷ Disponível em <<http://www.catholic.net>>.

¹²⁸ Disponível em <<http://es.catholic.net>>.

¹²⁹ É curiosa a escolha do nome desse site. Em 2006, a Rede Globo lançou o seu portal G1, reunindo o conteúdo da TV Globo, GloboNews, rádios Globo e CBN, jornais O Globo e Diário de São Paulo, revistas Época e Globo Rural, entre outras, além de reportagens próprias em formato de texto, áudio e vídeo. Já em 2009, a Rede Record, seguindo a tendência, lançou o site R7, aproveitando os conteúdos da TV Record, da Record News e da Record Internacional, além de conteúdos do jornal Correio do Povo e das rádios Cidade, Record e Guaíba. Agora, foi a vez da Rede Aparecida acompanhar a tendência e reunir seus serviços

Aparecida. Em 2010, foi lançada uma nova versão do site, com a remodelagem de todas as seções internas, inclusive da Capela Virtual. O portal também remete o internauta a todas as redes sociais online utilizadas pela Rede Aparecida, somando quase 60 links externos em que a instituição se faz presente na Internet (em blogs diversos e sites como Orkut¹³⁰, Twitter¹³¹, Facebook¹³², Flickr¹³³ e YouTube¹³⁴). Segundo dados oficiais disponíveis no site, o portal A12 possui mais de mais de 3 milhões de pageviews¹³⁵ por mês e recebe 21.530 visitantes únicos por dia.

O Pe. Reginaldo Manzotti é o fundador da Associação Evangelizar é Preciso, movimento católico de ação evangelizadora, “que hoje conta com milhares de associados de todo o Brasil”, segundo informações oferecidas pelo seu site. Manzotti também é diretor da Rádio Evangelizar AM 1060 de Curitiba, com programas diários de rádio e televisão. É também vigário episcopal da Arquidiocese de Curitiba, responsável por 55 paróquias, e pároco da Igreja Nossa Senhora do Guadalupe. Seu portal na Internet, segundo dados de sua própria página, recebe 400 mil acessos mensalmente. Em sua página, há links para seu blog, perfis do Orkut e Twitter, além de seu canal de vídeos no YouTube. Manzotti é autor de cinco livros, já lançou oito CDs, “sendo três discos de ouro e dois DVDs”, tendo por isso recebido o apelido de “o padre que arrasta multidões”, por reunir até mais de meio milhão de pessoas em suas missas seguidas de shows. Para fins de economia textual, referir-nos-emos a essa página como o site do Pe. Manzotti.

Já o site da Província do Paraná do Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus reúne conteúdos sobre a congregação fundada por Clélia Merloni, em 1894. Em 1900, a congregação já estava presente no Brasil. A Província do Paraná abrange os estados do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul e os quatro países da América Latina: Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai. Para fins de leitura, faremos referência a essa página como site das Apóstolas.

(Santuário Nacional, Rádio e TV Aparecida e Editora Santuário), em um único portal, caracterizando-os também por uma letra e um número.

¹³⁰ O Orkut é uma rede social online filiada ao Google, criada em 2004, disponível em <<http://www.orkut.com>>.

¹³¹ O Twitter é uma rede social online e microblog em que os usuários podem enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos em textos de até 140 caracteres, conhecidos como “tweets”, disponível em <<http://www.twitter.com>>.

¹³² O Facebook é uma rede social online lançada em 2004, disponível em <<http://www.facebook.com>>.

¹³³ O Flickr é um site para a hospedagem e o compartilhamento de fotos de propriedade do Yahoo! Desde 2005, disponível em <<http://www.flickr.com>>.

¹³⁴ O YouTube é um site que permite que os usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital, fundado em fevereiro de 2005 e disponível em <<http://www.youtube.com>>.

¹³⁵ Pageviews são o número de acessos ou número de vezes em que uma página da Internet é visualizada em algum navegador. Diferentemente das “visitas únicas”, os pageviews contam todas as vezes em que um internauta acessa a página em um mesmo dia ou mês.

Analizamos esses sites deixando-nos “atrair” por marcas e fragmentos mais luminosos, percorrendo-os com um mapa relativamente pré-estabelecido. Juntando fragmentos, pistas e marcas deixados pelo sistema e pelo fiel nesses ambientes, a partir de nosso foco de pesquisa nas interações entre fiel-sistema (levando em conta a *interface*, o *discurso* e os *rituais*), montamos e descrevemos um mosaico de percepções e de observações diversas. Por meio de técnicas qualitativas e da descrição das estratégias de interação dos sites que compõem o nosso corpus, examinamos seu funcionamento, chamando a atenção para as interações propostas e existentes. Nesse sentido, destacamos como o fiel-internauta navega dentro de cada sistema, do que resultaria uma religião construída segundo os protocolos e as lógicas digitais. Assim, a metodologia aqui utilizada tem um forte traço descritivo dos formatos e dos processos de interação previstos nos sites, visando recuperar os ideias de uma religião que se formula digitalmente.

Nesse contexto, retomamos também nossa preocupação sistêmico-complexa na abordagem de nosso problema de pesquisa, pois sabemos que o corpus aqui analisado é apenas uma micromanifestação de sistemas comunicacional católicos online do amplo macrossistema ou sistema religioso. Por isso, nossa preocupação é a de entender esse corpus no contexto de um todo mais amplo, buscando compreender suas inter-relações em termos de conexidade, de relações, de contexto. Assim, analisamos aqui este mosaico como um tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que moldam também a complexidade do fenômeno comunicacional: buscamos ultrapassar o objeto para compreender as interações, ou seja, a circularidade autoprodutiva e coevolutiva da interface comunicacional-religiosa, em que mídia e religião são produtos e produtores em suas processualidades. Na interação midiaticizada entre fiel-sistema, a mídia produz a religião que a produz, assim como a religião produz a mídia que a produz, e assim complexivamente.

Portanto, analisamos essas variáveis já como constituintes de uma constelação maior, o fenômeno religioso na Internet. Assim, *navegamos* pelos sites católicos, *coletamos* dados que faziam referência e ajudavam a iluminar as modalidades de vínculo e de interação entre fiel-sistema, e *montamos* um mosaico de observações. Esse mosaico, composto por fragmentos coletados em nosso corpus de pesquisa, será emoldurado por análises referentes, primeiramente, à interface interacional dos sites católicos; em seguida, às interações discursivas entre fiel-sistema; e por último, às interações rituais que se desenvolvem nos rituais online. Passamos, assim, a *analisar* nosso corpus de pesquisa e a *(d)escrever* essa análise, para assim resgatar a lógica dessas

estratégias e modelos de interação e de vínculo entre fiel-sistema e para compreender o conceito de religião que aí se esboça.

4.2 INTERFACE INTERACIONAL: NOVAS MATERIALIDADES DO SAGRADO

Antes mesmo de qualquer interação online possível entre fiel-sistema, existem alguns elementos técnicos e simbólicos que moldam esse vínculo e também ajudam a construir o sentido religioso dessa experiência de fé. Aqui, portanto, retomamos a preocupação com a *interposição da técnica*, claramente manifestada, na interação entre fiel e sites católicos, pela presença de uma tela (de computador, celular, leitores digitais etc.) e de periféricos¹³⁶ de contato, como teclado e mouse. Por outro lado, no interior do sistema comunicacional católico online, o fiel também se depara com *códigos simbólicos* que possibilitam a sua interação com o sistema. Esses códigos atuam como uma *superfície de contato simbólico* entre fiel-sistema.

Assim, em uma interação fiel-sistema, o sagrado que é acessado pelo fiel passa por diversos níveis de *codificação* por parte do sistema, e o fiel decodifica, em interação com o sistema, o sagrado a partir de instrumentos e aparatos físicos (tela, teclado, mouse) e metafóricos presentes na linguagem computacional e online (navegadores¹³⁷, menus, ambientes). Dessa forma, a Internet, técnica convertida em mídia, se oferece e se apresenta como mediação ao sagrado.

Nessa perspectiva, esses dois tipos de interface interacional – tecnológica e simbólica – orientam a leitura e a construção de sentido, e a experiência religiosa do fiel. A interface também indica ao usuário seus limites e possibilidades com relação ao sistema, e aquele, por meio da interface, comunica ao sistema suas intenções: assim, o sistema não apenas oferece ao fiel uma forma de ler o sagrado, mas também uma forma de *lidar com* o sagrado. Portanto, analisaremos aqui aqueles elementos tecnológicos e simbólicos que estão a serviço das interações propriamente ditas que ocorrem no interior do sistema comunicacional católico online. Faremos esse estudo a partir de quatro níveis de interface interacional: 1) a tela; 2) periféricos como teclado e mouse; 3) a estrutura organizacional dos conteúdos; e 4) a composição gráfica das páginas em que se encontram disponíveis os serviços e rituais católicos.

¹³⁶ Periféricos são equipamentos acessórios que, conectados ao computador, permitem o envio ou o recebimento de informações por parte do usuário ou de demais equipamentos.

¹³⁷ Do inglês *browser*, programa que permite ter acesso e navegar pela Internet.

Nossa análise aqui não deseja ser puramente tecnológica ou semiótica, mas também e principalmente *interacional*, visto que a interface é um elemento importante que está a serviço e favorece o vínculo simbólico entre fiel-sistema. São esses elementos que analisaremos neste capítulo, debruçando nossa observação sobre os quatro componentes de nosso corpus de pesquisa.

4.2.1 A tela

Em um primeiro nível de interface interacional, o fiel se conecta ao sistema por meio de uma tela, seja ela fixa, como no caso de um computador pessoal, ou móvel, como em celulares e demais mídias móveis. Conectada à rede, essa tela torna-se uma janela de acesso a lugares distantes: é por meio dela que o sistema *fala e mostra* ao fiel, e, por meio dela, o fiel *imerge* nesse “amplo mar” de navegação. A tela também exige a total atenção do usuário ao que se encontra dentro de sua moldura, ignorando o espaço físico “do lado de fora”: nesse sentido, ela filtra e torna inexistente tudo o que não se encontra dentro do seu marco. Diante de uma tela, o fiel concede ao sistema a “permissão” de dirigir o seu olhar pelos meandros do sagrado. Diferentemente de uma igreja territorializada, por exemplo, em que temos uma visão abrangente do todo e aos poucos vamos dirigindo nosso olhar ao que mais nos atrai, o fiel conectado ao sistema olha para aquilo que este lhe permite ver, hierarquizado de acordo com os enquadramentos oferecidos pelo sistema e pelos menus disponíveis. Além da janela da tela, outras janelas internas – dos programas e demais aplicativos do computador – emolduram um determinado conteúdo, separando-o dos demais dentro da tela do computador. Em seu interior, a tela é um somatório de janelas (de vários programas, de várias janelas do mesmo programa, de várias molduras dentro de uma mesma janela etc.), cada uma remetendo a um “mundo” diferente, em que o usuário é convocado a fazer coisas diferentes: cabe a ele saber gerir essas ofertas, concedendo-as a importância e a relevância que lhe pareça mais apropriada.

Indo além, em determinados ambientes online, a tela não é apenas uma janela: é também um portal de entrada para um outro ambiente, totalmente digital, em que – em nosso caso de estudo – o fiel pode visitar um santuário do outro lado do mundo e “caminhar” dentro das suas dependências. Esse é o caso da “Peregrinação Virtual”¹³⁸ do site A12. Ao clicar nesse link, em destaque no final da página de entrada do site, em forma de “Publicidade”, abre-se uma nova janela com a mesma composição gráfica da página inicial (menu lateral esquerdo e barra superior

¹³⁸ Disponível em < http://www.a12.com/santuario/multimedia/peregrinacao_virtual.asp>.

continuam os mesmos), porém com novos conteúdos centrais referentes à “Peregrinação Virtual” (ver Figura 1).

The image shows a screenshot of the website 'A12' with a focus on the 'Peregrinação Virtual' page. The page layout includes a top navigation bar with links like 'SANTUÁRIO NACIONAL', 'EDITORA SANTUÁRIO', 'RÁDIO APARECIDA', 'TV APARECIDA', 'REDENTORISTAS', 'REDES SOCIAIS', and 'PEDIA'. Below this is a banner for 'Campanha dos Devotos' with the slogan 'Venha para nossa Família!' and a phone number '0300 2 10 12 10'. The main content area features a large image of the Santuário Nacional de Aparecida with the title 'Peregrinação Virtual'. To the left is a sidebar menu with categories like 'Santuário', 'Campanha dos Devotos', 'Responsabilidade Social', 'Multimídia', 'Pastoral', 'Pontos Turísticos', 'Enciclopédia', 'Serviços', and 'Imprensa'. The main text area contains a welcome message, a description of the virtual pilgrimage, and a call to action 'Clique para iniciar a peregrinação' with a 360-degree view image. To the right, there are 'Instruções' for using the virtual tour, including steps for opening the page, navigating, and exiting full-screen mode. The footer contains a 'Mapa do site' and various contact links.

Figura 1 - Página da "Peregrinação Virtual" do site A12

O convite da página dirigido ao fiel-internauta é o de “peregrinar virtualmente pelo Santuário Nacional de Aparecida e pelos principais pontos da cidade que o fará meditar a fé e devoção na Padroeira do Brasil”. Uma das imagens indica: “Clique para iniciar a peregrinação”. Acionando esse dispositivo, abre-se uma nova janela com uma representação visual em primeira pessoa da vista frontal do Santuário, em que o fiel-internauta deverá clicar e arrastar o cursor para a esquerda, direita, acima, abaixo para assim efetuar o “giro do olhar” para a direção que quiser. Acima e à esquerda, existe um mapa geral com a vista aérea do santuário e de todos os pontos possíveis que o internauta poderá visitar pela Internet. Na tela de navegação pelo “santuário virtual”, o fiel poderá pressionar os ícones  e dirigir-se diretamente para outras cenas ou

ambientes indicados pelo sistema, sem a necessidade de “caminhar” pelo santuário digital (ver Figura 2).



Figura 2 - "Peregrinação Virtual" do site A12

A tela também se torna uma janela de acesso ao sagrado no link “Adoração ao Santíssimo” da “Capela Virtual” das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus¹³⁹. Nesse ambiente, após uma animação automática que exhibe o acendimento das velas e a abertura da portinhola do sacrário¹⁴⁰, o sistema mostra ao fiel uma imagem do espaço físico de uma capela do mundo offline, com os bancos vazios, o tapete vermelho que cobre o piso, a luz do sol que entra pelas janelas à direita, os quadros sagrados na parede à esquerda, e, à frente, o altar com velas, flores e o ostensório¹⁴¹ que exhibe a hóstia consagrada (ver Figuras 3 e 4).

¹³⁹ Disponível em <http://200.195.151.19/apostolas/capela/adoracao_santissimo.htm>.

¹⁴⁰ Pequeno armário sobre o altar ou em local separado dentro das Igrejas em que são conservadas as hóstias consagradas.



Figura 3 - Página do ritual "Adoração ao Santíssimo" do site das Apóstolas antes da animação automática



Figura 4 - Página do ritual "Adoração ao Santíssimo" do site das Apóstolas após a animação automática

Diante dessa tela, o fiel concede ao sistema a “permissão” de dirigir o seu olhar, em “adoração”, à hóstia. Dessa forma, o fiel conectado ao sistema olha para aquilo que este lhe permite ver – e totalmente a sós, como indicam os bancos vazios.

¹⁴¹ Objeto sacro em que se expõe a hóstia consagrada.

Em ambos os casos, os ambientes digital e físico parecem coincidir, visto que o fiel *se sente presente no santuário e na capela*, e a técnica *transparece* para o usuário: a tela “desaparece” para o fiel, ele só vê o (e só se vê no) ambiente online. Somada ao sistema de som do computador, a tela torna ainda mais realista essa sensação, com sons ambientes ou músicas sacras, que remetem a um ambiente religioso e envolvem a oração do fiel. Por outro lado, essa reconstrução simbólica do ritual religioso produz uma *sensação de sagrado* para o fiel, que não apenas se sente naquele ambiente, mas também sente (vendo, ouvindo, “apalpando” etc.) o sagrado por meio das processualidades comunicacionais. Quanto mais eficaz é essa sensação, mais transparente é a técnica e mais eficaz é a interface comunicacional nessa interação.

4.2.2 Os periféricos

Em um segundo nível de interface interacional, isto é, com a ajuda dos demais periféricos como teclado e mouse, o computador se torna, assim, “um ser inteligente capaz de se engajar conosco em diálogo” (MANOVICH, 2000, p.94)¹⁴²: é por meio deles que o fiel *se comunica* com o sistema e *manifesta a sua presença* em seu interior. Como vimos no exemplo anterior, o teclado e o mouse permitem que o fiel tenha um nível de interação ainda maior com o santuário digital do que apenas com a tela: é por meio das teclas desses periféricos que o usuário pode indicar ao sistema o que deseja fazer, como abrir novas páginas e navegar por essa ambiência online. Assim, o cursor do mouse indicado na tela – nos conteúdos em geral, sob a forma de uma seta, ou sobre os links, em que o símbolo usado para indicar o cursor é uma imitação de uma mão com o indicador esticado (ver Figura 5) – é uma espécie de extensão do tato na ambiência digital, possibilitando ao fiel-internauta a sua interação com os objetos digitalizados.



Figura 5 - Tipos de cursores

O cursor localiza o fiel nos conteúdos da página digital, diz-lhe onde deve pôr a sua atenção, informa-lhe com a seta o que é apenas conteúdo “estático” (como os espaços “vazios” ou imagens e textos que não remetem a outros conteúdos, como na primeira imagem da Figura 5) e, com o cursor em formato de dedo indicador (e também por meio de outras alterações, como o sublinhado abaixo de uma palavra ou modificações na cor de determinado item, como na segunda imagem da Figura 5), o cursor indica o que é conteúdo “dinâmico” (como os links). Assim, por meio de um clique, o cursor possibilita que o fiel *manuseie* o sagrado digitalizado.

Esses aparatos de interface instauram, assim, uma dinâmica interacional, ou seja, um *regime de visão e de ação* para o fiel-usuário: por meio dessas interfaces, o fiel não interage com o sistema *de qualquer forma ou como quiser*, mas sim, como dizíamos, por meio de um determinado tipo de vínculo, moldado, regulado e determinado – embora com possíveis fugas e escapes – por essas interfaces.

Essa interação, em termos de *sensorium* (cf. ONG apud O’LEARY, 2004), passa pela ponta dos dedos, pelo uso do teclado, do mouse ou de uma tela sensível ao toque, que permitem que o usuário opere e interaja com os símbolos religiosos e o sagrado digitalizados e disponibilizados na Internet. Por outro lado, a interface interacional possibilita a experiência religiosa por meio de um complexo diferente dos sentidos, ou seja, por meio de um *sensorium* particular da vida digital, o que também traz consigo um profundo impacto sobre a formação da identidade religiosa (cf. O’LEARY, 2004). Por meio dessa interface, embebida pelas lógicas e protocolos da linguagem computacional e da Internet, desenvolve-se uma espécie de “sinestesia” (cf. WILBUR apud YOUNG, 2004) em que todos os sentidos passam por meio de olhos e dedos.

O fiel-internauta, por isso, é um homem que não lida mais diretamente com as coisas sagradas, por exemplo, mas apenas com coisas “imateriais” (velas digitalizadas, altares imagéticos etc.). Assim, “as teclas são dispositivos que permutam símbolos e permitem torná-los perceptíveis” (FLUSSER, 2010, p.63). Por isso, o fiel-internauta não faz mais ações concretas; é apenas um *performer*. Ele busca sensações: não quer ter ou fazer; quer vivenciar, experimentar, desfrutar. Porém, aqui também, durante a experiência religiosa online do fiel, a técnica *transparece* para o usuário: por não poder se ocupar de incontáveis tarefas ao mesmo tempo, o fiel-internauta precisa automatizar alguma(s) delas para que a(s) outra(s) possam ser controladas eficientemente. Se o fiel-internauta se concentra na leitura de uma oração ou na assistência de

¹⁴² “A window through which we can enter places thousands of miles away”. “Intelligent being capable of engaging us in dialogue”.

uma missa online, o movimento da mão sobre o teclado e o mouse se automatiza, e a técnica (neste caso, a interface) novamente “desaparece”. Por meio da radicalização do *sensorium* digital, tela e periféricos tornam-se, assim, uma extensão do corpo (do tato, da visão etc.) no ambiente digital (cf. MCLUHAN, 1964).

4.2.3 Estrutura organizacional dos conteúdos

Em um terceiro nível de interface interacional, analisamos a organização e a estrutura dos conteúdos do sagrado ofertados ao fiel-usuário. Essa estruturação, primeiramente, só é possível devido aos programas computacionais específicos que permitem o acesso à Internet¹⁴³. A partir deles, a gramática da interface computacional foi se compondo por – e cada vez mais se cristaliza em – “menus”, ou seja, catálogos com diversas opções que direcionam o usuário a outros programas, aplicativos e links da Internet.

Como quaisquer outros sites da Internet, as páginas católicas são marcadas também por essa estrutura organizacional de menu-catálogo, que permite a seleção e o acesso a itens específicos dentro de um grande banco de dados: por meio dessa estrutura, o sistema indica ao fiel um *mapa de navegação*, e o fiel, *interpretando-o de acordo com seus desejos e interesses*, navega no seu interior. Por isso, a imagem da navegação é rica: em alto mar, tomam-se decisões frequentemente, devido ao balanço do mar, à direção do vento, à resposta do barco etc. Ou ainda é possível ir ao encontro de inúmeras gotas de informação “do mesmo oceano mundial de signos flutuantes” (LÉVY, 2003, p.202). Ou seja, o fiel recebe do sistema uma certa influência sobre o acesso à informação e um certo grau de controle sobre os resultados a serem obtidos (cf. SANTAELLA, 2003). Em suma, o que o fiel faz é escolher e selecionar determinadas coisas em um número pré-definido de menus.

Nossa análise aqui se dirige, portanto, como dizíamos, à estrutura organizacional dessas páginas, pois encontramos aí o “cardápio completo” de oferta de sentido religioso ao fiel. Na página inicial do site do Pe. Reginaldo Manzotti¹⁴⁴, os conteúdos podem ser acessados por meio de três opções de menus: um horizontal logo abaixo do logotipo do site e das fotos de uma cruz e do Pe. Reginaldo que emolduram a página; um vertical, do lado esquerdo da tela; e outro novamente horizontal, no fim da página. A parte central da página – assim como nos demais sites

¹⁴³ Exemplos desses programas são o Microsoft Internet Explorer ou Mozilla Firefox. Aqui, porém, não faremos uma análise detalhada desses programas, visto que nosso foco não é puramente computacional, mas sim *interacional*, a partir da perspectiva da Comunicação.

analisados – são uma oferta de conteúdo já filtrado e selecionado dentre as opções dos menus e que varia de acordo com os interesses momentâneos do sistema, sendo modificados e atualizados frequentemente (ver Figura 6).

The image shows the homepage of the website for Pe. Reginaldo Manzotti. At the top, there is a banner with a religious image and the text "1108 devotos online". Below this is a navigation menu with links: "Página Inicial", "Fale Conosco", "Testemunhos", "Pedidos de Oração", "Blog", "Escute a Rádio", and "Associe-se!".

The main content area is divided into several sections:

- NOVO LIVRO:** "20 PASSOS PARA A PAZ INTERIOR" by Pe. Reginaldo Manzotti. It is available in the virtual store and delivered throughout Brazil. A call to action says "Clique e garanta já o seu >".
- Associado Multiplicador:** A section for becoming a multiplier, with a link to "Envie aqui sua lista >".
- Escute a rádio ao vivo:** A section for listening to the radio live, with a link to "Abra aqui outros meios >".
- Testemunhos:** A section for testimonials. The featured testimonial is titled "Misericórdia Jesus - Hora da Misericórdia" and describes the author's experience during the "Hora da Misericórdia" service. It includes a link to "Partilhar este testemunho >".
- Agenda:** A section listing various events and caravans, such as "EM CURSOS 26/fev Visita da imagem peregrina de Nossa Senhora Aparecida" and "CARAVANA 27/fev Caravana de Farol, PR - Dirnei de Fátima (prefeita)".
- Galeria de Fotos:** A section for a photo gallery, with a link to "Veja todas as fotos >".
- Vídeos:** A section for videos, with a link to "Veja todos os vídeos do Padre no YouTube".
- Twitter do Padre:** A section for the father's Twitter profile, with a link to "Join the conversation".

The footer contains a search bar, a navigation menu, and contact information for the Associação Evangelizar é Preciso, including the address, phone numbers, and a link to "Veja no Google Maps >".

Figura 6 - Página inicial do site do Pe. Reginaldo Manzotti

¹⁴⁴ Disponível em <http://www.padrereginaldomanzotti.org.br>.

Essas três opções de menus acompanham as demais páginas internas do site: clicando em algum link disponível na página inicial, essa composição gráfica e sua estrutura de organização dos conteúdos permanecerão as mesmas.

No menu horizontal superior, são ofertadas as seguintes opções, na seguinte ordem da esquerda para a direita, cada uma remetendo a uma nova página interna do site: “Página Inicial” (link que remete novamente à página inicial do site), “Fale Conosco”, “Testemunhos”, “Pedidos de Oração”, “Blog”, “Escute a Rádio”, “Associe-se!” (link para se cadastrar na Associação Evangelizar é Preciso), além dos ícones para os demais sites de compartilhamento de conteúdos e redes sociais online referentes ao Pe. Reginaldo (como Orkut, Twitter, Facebook, YouTube, Flickr e MySpace¹⁴⁵).

No menu horizontal inferior, consta uma barra de “Busca”, em que o usuário pode digitar alguma palavra e pesquisá-la em todo o banco de dados do site; logo abaixo os links “Página Inicial”, “Fale conosco”, “Testemunhos”, “Pedidos de Oração”, “Rádio”, “Associe-se” e “Indique este site!” (instruções para “colar” um selo do site em um blog pessoal e assim “se tornar um Evangelizador na Internet”); mais abaixo a inscrição “Site projetado e desenvolvido por Thiago Ricieri” (remetendo ao contato do programador do sistema e nomeando-o explicitamente); e, bem abaixo, dados de contato da Associação Evangelizar é Preciso.

Já no menu vertical (indicado pelo cabeçalho “Menu”, reforçando a ideia de catálogo de opções), constam alguns temas gerais que, porém, não são links: são uma forma de organizar os conteúdos que se encontram “dentro” dessas opções. Ao passar o mouse sobre elas, irá se abrir, assim, uma nova janela menor sobre a página do site indicando as demais subopções (agora sim links) referentes a esse tema (ver Figura 7).

¹⁴⁵ O MySpace é uma rede social online criada em 2003, usada atualmente para a divulgação musical a partir do compartilhamento de músicas em formato digital, disponível em <<http://www.myspace.com>>.

Menu:	
Pe. Reginaldo Manzotti	
Canais do Site	
Capela Virtual	Bíblia Virtual
Rádio e TV	Novena Virtual
Santa Sé	Oração e Conforto
	Pedido de Oração
	Vela Virtual
Arquidiocese de Curitiba	
Associação Evangelizar	
Paróquia Guadalupe	
O Padre Recomenda	
Parceiros na Evangelização	

Figura 7 - Detalhe do menu do site do Pe. Reginaldo Manzotti

Essa é uma forma de organizar e hierarquizar os conteúdos sem a necessidade de apresentar todos os links de uma vez só. Estão disponíveis, portanto, os seguintes temas, nesta ordem, de cima para baixo: “Pe. Reginaldo Manzotti” (com links referentes à vida e à obra do sacerdote), “Canais do Site” (um “mapa geral” do site), “Capela Virtual”, “Rádio e TV”, “Santa Sé” (links externos que remetem a sites do Vaticano), “Arquidiocese de Curitiba”, “Associação Evangelizar”, “Paróquia Guadalupe”, “O Padre Recomenda” (links externos indicados pelo sistema) e “Parceiros na Evangelização” (links externos de demais parceiros). Assim como nos demais menus, o portal serve para reforçar, hierarquicamente, a sua *institucionalidade* – o site se afirma em diversas partes como sendo do Pe. Manzotti e faz referência a si próprio constantemente, ou seja, é *autorreferente* e *recursivo* – e a sua *relacionalidade* – o sistema é um mediador entre o fiel e demais instituições da Igreja (como a Santa Sé, a arquidiocese de Curitiba, os “Parceiros na Evangelização” etc.).

Essa forma de organizar o conteúdo sem oferecê-lo todo de uma vez também ocorre no site das Apóstolas, configurado em três menus: dois verticais, à esquerda e à direita, e outro horizontal no final da página (ver Figura 8).

The screenshot shows the homepage of the website 'Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus' for the Paraná Province. The header features the organization's logo and name. A navigation menu on the left lists various categories like 'Apóstolas', 'Célia Merloni', and 'Coração de Jesus'. The main content area includes a news article titled 'Fidelidade é festivamente celebrada' with a photo of nuns, a 'Próxima' button, and a large banner for 'Fundadora e Serva de Deus Célia Merloni 150 Anos de Nascimento'. Below this is a radio broadcast announcement 'Conversas do Coração' and a notice about the 'Fim do Horário de Verão'. The right sidebar contains a 'Serviços' menu, a search bar, and a 'Calendário Geral' for February 2011. The footer contains copyright information and contact details.

Figura 8 - Página inicial do site das Apóstolas

No caso do menu à esquerda, é necessário que o fiel clique na opção desejada para que assim as subopções “deslizem” para baixo. Clicando na mesma opção geral, a listagem inferior fecha-se novamente, e, clicando em outra opção, abre-se novamente uma nova sublistagem, fechando a que havia sido anteriormente aberta (ver Figura 9).

This image shows a close-up of the 'Apóstolas' menu item. The menu is open, displaying a list of sub-options: 'Apóstolas no mundo', 'Brasão', 'Carisma', 'Celebração da Vida', 'Entrevistas', 'Identidade', 'Jubilandas 2010/2011', 'Célia Merloni', and 'Coração de Jesus'. The menu has a yellow background and a dotted line separating the title from the list.

Figura 9 - Detalhe do menu "aberto" do site das Apóstolas

Esse menu oferece diversas opções de conteúdos institucionais da congregação, como “Apóstolas”, “Clelia Merloni” (fundadora da congregação), “Coração de Jesus”, “Província – PR”, “Vice-Província”, “Educação”, “Saúde”, “Ação Social”, “Vocacional”, “Triunfo” (revista da congregação), “GFASC” (Grande Família do Sagrado Coração), “Links”, “Localização”, “WebSisterZu” (conteúdos organizados pela religiosa programadora da página) e “Página Inicial” (para que o usuário possa retornar ao ponto de partida em sua navegação nas páginas). Já no menu à direita, são oferecidos alguns “Serviços” como “Capela Virtual”, “Arquivos”, “Calendário”, “Cartões”, “Fotos”, “Informativos”, “Mensagens”, “Mural”, “Notícias”, “Enquete” e “Contato”, além de um campo de busca, um calendário (em que algumas datas são links para eventos da congregação) e um texto com os contatos da instituição. No menu inferior, estão indicados o “Mapa do portal” (uma página com todos os links organizados de forma linear e hierárquica); o link “Sobre o portal”, com um breve texto explicativo do site; e “Termo de uso”, texto que será analisado no item seguinte deste capítulo. No final da página, consta a inscrição: “Copyright © 2007 - Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus - Todos os Direitos Reservados. Desenvolvido por: MDR Informática - projetos web sob medida”, com um link que remete para a página do programador do site. Diferentemente do caso do site do Pe. Manzotti, a institucionalidade e a autorreferência é muito mais acentuada. Entre as opções dos menus, todas são autorreferentes, com exceção de “Links”, que, por sua vez, está subordinado a todas as opções institucionais, estruturando assim uma página muito mais recursiva, com uma menor abertura externa (links externos) à Igreja e ao mundo no interior do sistema.

Já no caso do site CatolicaNet, a composição gráfica e a organização dos conteúdos é muito mais diversificada, oferecendo em seus menus inúmeras opções de conteúdos possíveis ao fiel-internauta (ver Figura 10). É possível encontrar sete opções de menus na página: cinco horizontais (quatro superiores e um inferior) e dois verticais, à direita e à esquerda. O menu principal do site é o que está à esquerda, com os seguintes temas: “Notícias”, “Interatividade”, “Galeria”, “TopCatolicaNet”, “Informações”, “Igrejas”, “Loja Virtual” e “Doações”, cada um com seus subitens em formato de links. Essa configuração irá se manter no restante das páginas internas do portal, organizando o site de acordo com a hierarquia e a oferta de conteúdos desejadas pelo sistema.

The image shows the homepage of CatolicaNet, a website for the Catholic Church in Brazil. The layout is complex with multiple columns and overlapping elements. At the top, there's a navigation bar with links to 'Loja Virtual', 'TV Catolicana', 'Rádio Catolicana', 'Doações', 'Sobre a Catolicana', and 'Fale Conosco'. Below this is a search bar and a login section. The main content area is divided into several columns: a left sidebar with navigation menus (Notícias, Interatividade, etc.), a central news section with articles like 'Europa preocupada por ataques a minorias religiosas', and a right sidebar with 'Loja Virtual' products and 'CURSOS'. A large banner for 'AJUDA À IGREJA QUE SOFRE' is prominently displayed in the center. The footer contains contact information and social media links.

Figura 10 - Página inicial do site CatolicaNet

Dessa forma, os menus se tornam até repetitivos: por exemplo, o link para a “Loja Virtual” aparece pelo menos três vezes na página inicial: como primeira opção do primeiro menu superior, em um campo específico do menu à esquerda, e com uma listagem de produtos e seus preços no menu à direita; já o campo de busca consta tanto no primeiro menu superior quanto no menu à direita; e o link “Velas Virtuais” está presente tanto no terceiro menu superior quanto no menu à esquerda. Assim, na tentativa de organizar e dirigir o olhar do leitor, os menus acabam sobrepondo-se e confundindo-se. No entanto, percebe-se que o universo de conexões e de opções é o mais amplo de todos os sites aqui analisado e responde a uma expectativa de relacionabilidade

maior por parte do fiel. Na seção “Igrejas” do menu principal, o fiel encontra os links “CNBB”, “Regionais”, “(Arqui)dioceses”, “Paróquias”, “Institutos” e “Casas de Encontros”. Em cada um desses links, abrem-se listas de endereços e contatos referentes a cada categoria. Assim, mediado pelo sistema, o fiel se põe em contato com um universo muito mais amplo da Igreja e do mundo do que o encontrado em sites anteriormente analisados.

No site A12, por sua vez, constam quatro menus: um horizontal na parte superior (abaixo do logotipo A12 e de um banner animado que divulga ações e eventos e que apresenta uma nova “Publicidade” a cada novo acesso à página inicial); um vertical na parte esquerda; outro vertical na parte direita da página inicial; e outro horizontal no final da página. Destes, porém, apenas os menus horizontal superior e inferior permanecem em todos os demais links internos do site (junto com o logotipo do Santuário e o banner animado da parte superior); os menus verticais da esquerda e da direita mudam de acordo com o link selecionado. Portanto, aqueles são os catálogos principais dos conteúdos do site do Santuário: são eles que “organizam” e “modelam” o site de acordo com a hierarquia e a oferta desejada pelo sistema (ver Figura 11).

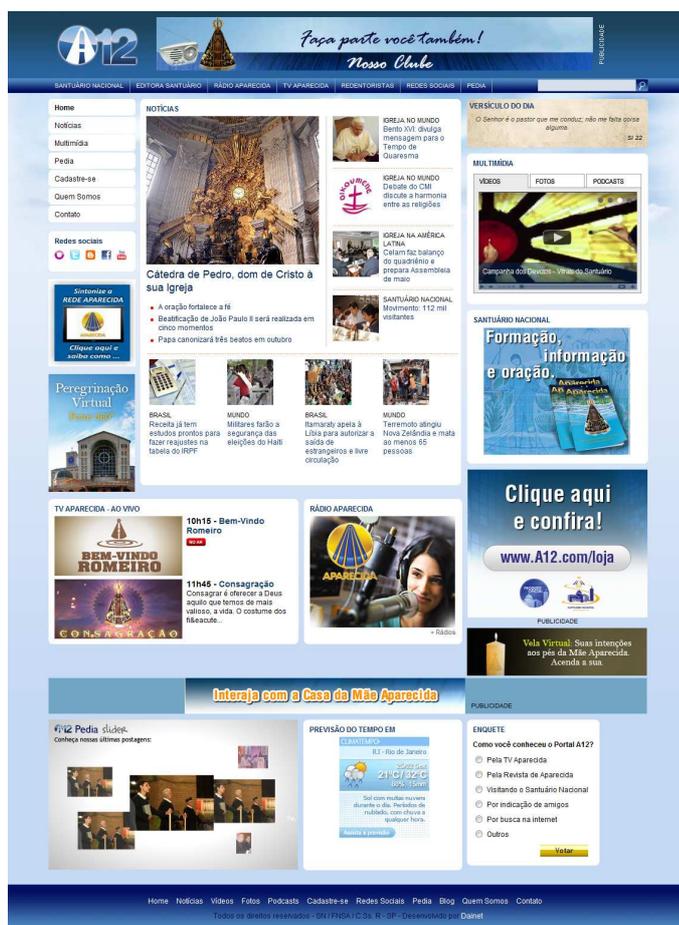


Figura 11 - Página inicial do site A12

No menu superior, estão presentes os links “Santuário Nacional”, “Editora Santuário”, “Rádio Aparecida”, “TV Aparecida”, “Redentoristas”, “Redes Sociais” (página com todas as redes sociais online utilizadas pela Rede A12 – site, Santuário, editora, TV e rádio, e congregação religiosa –, somando quase 60 links externos em que a instituição se faz presente na Internet) e “Pedia” (uma “enciclopédia digital” ou “central de conhecimento das entidades que compõe [sic] o portal A12”). Na parte inferior, há uma barra horizontal, com os links “Home”, “Notícias”, “Vídeos”, “Fotos”, “Podcasts”, “Cadastre-se”, “Redes Sociais”, “Pedia”, “Blog”, “Quem Somos”, “Contato”, e a inscrição “Todos os direitos reservados - SN / FNSA / C.Ss. R - SP - Desenvolvido por Dainet”, com um link de contato do programador do sistema. Novamente, a autorreferência e a institucionalidade se manifestam centralmente na Rede A12, tornando o site a porta de entrada para inúmeras outras “presenças” da instituição na Internet, incluindo até uma enciclopédia própria.

A partir dessa análise, é possível ver que, além de ser uma forma de organizar o conteúdo interno, a composição temática dos menus escolhida pelo sistema é também uma forma de hierarquizar seus conteúdos de acordo com uma certa estrutura, colocando mais à esquerda ou mais acima os conteúdos considerados mais importantes pelo sistema, na tentativa de direcionar, assim, a seleção que será feita pelo internauta. Nesse sentido, a oferta de sagrado também se torna uma opção dentre inúmeras outras. Ela fica subordinada ou subordina determinadas opções. E o fiel, por sua vez, tem acesso a esse sagrado a partir de uma determinada organização das informações nos sites, por meio de um determinado caminho oferecido pelo sistema, que às vezes destaca essa oferta e outras vezes a “esconde” sob outros links. A interface interacional, portanto, promove a oferta do sagrado (serviços e rituais online) com um certo nível de importância dentre as demais opções ofertadas pelos sites.

No caso do site das Apóstolas, é possível ver essa hierarquização no link “Mapa do portal”, que organiza linearmente os conteúdos da página na seguinte ordem: “Institucional”, listando todas as opções do menu à esquerda; “Serviços”, listando todas as opções do menu à direita, incluindo a “Capela Virtual”; “Opções rodapé”, com as três opções do menu inferior; e por último “Página inicial”. Assim, na concepção do sistema, os rituais online da “Capela Virtual” ofertados pelo site estão subordinados à lógica “institucional” da congregação, ou seja, são um “serviço” que merece atenção levando-se em consideração os aspectos institucionais da congregação e são apresentados ao fiel a partir desse viés.

No menu horizontal superior do site do Pe. Reginaldo, as opções “Testemunhos” e “Pedidos de Oração”, segundo a hierarquização dada pelo sistema, são links “mais importantes” do que “Blog”, “Escute a Rádio”, “Associe-se!” e as redes sociais online; porém são “menos importantes” do que “Página Inicial” e “Fale Conosco”. Já no menu vertical da página, encontra-se o tema específico “Capela Virtual”, com diversas opções de rituais online (como “Bíblia Virtual”, “Novena Virtual”, “Oração e Conforto”, “Pedido de Oração” e “Vela Virtual”). De acordo com o sistema, essa divisão temática é “menos relevante” do que “Pe. Reginaldo Manzotti” e “Canais do Site” e mais relevante do que todas as demais opções. Clicando em alguma das opções da “Capela Virtual”, o fiel, então, é remetido a um site com uma nova composição gráfica, que veremos em seguida, contendo todas as opções de rituais online.

No site A12, por outro lado, os serviços religiosos ofertados pelo site estão reunidos na “Capela Virtual”¹⁴⁶ do site. Para acessá-la a partir da página inicial, o fiel pode utilizar caminhos diferentes: pelo banner animado da barra superior, específico da “Capela Virtual” (que, porém, aparece automática e aleatoriamente, dependendo do momento do acesso) (ver Figura 12); por outro banner do lado direito da tela (que também não é fixo e pode ser substituído por outras opções) (ver Figura 13); ou seguindo o seguinte trajeto: na página inicial, clicar no link “Santuário Nacional” do menu horizontal superior, que irá abrir uma nova página com dados sobre o Santuário, e depois, no menu à esquerda dessa página, clicar no link “Capela Virtual”, dentro da seção “Pastoral”). O interessante é notar que um espaço de “Publicidade” (ver Figura 12) dentro do site traz informações sobre o próprio site, neste caso a “capela virtual”, não apenas uma demonstração a mais de sua autorreferencialidade, mas também subvertendo assim o que tradicionalmente se reconhece como um espaço de anúncios.



Figura 12 - Banner de "publicidade" da "Capela Virtual" do site A12



Figura 13 - Banner para a "Capela Virtual" do site A12

¹⁴⁶ Disponível em <<http://ww.a12.com/santuاريو/capela>>.

O site CatolicaNet destaca as opções de serviços religiosos em seu menu na opção “Interatividade” (“Pedidos de Orações”, “Velas Virtuais” e “Especialistas”) e também na opção “Galeria” (como “Santos do Dia”, “Liturgia Diária” e “Bíblia Online”). Por outro lado, algumas opções de serviços são destacadas nos menus superiores, como “Pedidos de Orações” (última opção do segundo menu horizontal superior) e “Vela Virtual”, “Especialistas”, “Santos do Dia”, “Liturgia Diária” e “Bíblia Online” (todas presentes no terceiro menu horizontal superior). Assim, logo na primeira página, o fiel já tem à disposição um menu aberto de opções religiosas, sem a necessidade de procurar por esse conteúdo ou de se desviar no restante do site.

O que se vê, nesse sentido, é que todas essas instituições precisam adaptar seus conteúdos para o ambiente online, definindo-se por meio de menus e protocolos. Isso as leva rumo a um certo reducionismo (um site não resume e não pode conter tudo o que a sua instituição significa nem todo o sentido religioso de uma adoração ao Santíssimo feita em uma capela do ambiente offline) e à minimalização da diversidade e da complexidade dos elementos e da oferta do sagrado (cf. BRASHER, 2004). O que é ofertado passou por uma seleção prévia por parte do sistema e é ofertado segundo critérios de importância e hierarquização que também preveem a seleção por parte do fiel-internauta.

Nesse sentido, o fiel se encontra diante de uma *lógica da seleção*, que leva a uma nova forma de controle por parte do sistema. Como indica Manovich (2000, p.224), “a era do computador trouxe consigo um novo algoritmo cultural: realidade → mídia → dados → banco de dados”¹⁴⁷. Para o autor, a noção de banco de dados (*database*) como coleção estruturada de dados é fundamental para compreender o fenômeno da digitalização. Dessa forma, o que os computadores permitem (e a rede complexifica ainda mais esse processo) é uma *determinada forma de organizar* os conteúdos, promovendo que os dados sejam buscados e encontrados rapidamente. Portanto, na Internet, o banco de dados é uma forma cultural, que nos ajuda a compreender como o fiel-usuário se relaciona com essas coleções de dados e seus menus de oferta: visualizando-os, navegando entre eles, procurando-os, selecionando-os.

Por isso, o banco de dados se torna o centro do processo criativo na era do computador. Não é apenas um repositório fixo e abandonado, mas sim uma ajuda ao processamento, uma ajuda à inteligência, já que ocorre uma “permutação da cultura muito mais ampla, [passando] da produção baseada na memória à produção baseada na inteligência” (KERCKHOVE, 1999, p.25). E, além disso, não é apenas um “espaço”, um depósito de

¹⁴⁷ “The computer age brought with it a new cultural algorithm: reality → media → data → database”.

informações, mas sim uma ambiência que em que a interação e a comunicação social também o remodelam e o reconfiguram constantemente, por meio de um trabalho em rede: os sites nunca são “completos” ou “acabados”; eles sempre podem ser alimentados com novas informações e novas configurações.

Dessa forma, o banco de dados de um site do sistema comunicacional católico online não é apenas como uma biblioteca ou uma coleção de documentos de papel. Na Internet, o fiel pode procurar e acessar qualquer elemento do sagrado quase instantaneamente (contanto que detenha o conhecimento para tal), e em qualquer mídia (seja texto, fotografia, vídeo, áudio etc.). Nesse sentido, a Internet pode ser, para o fiel, uma coleção infindável de elementos do sagrado. Para que essa coleção justamente não seja labiríntica, caótica e desestruturada, os menus operam como uma lista sequencial dos elementos separados e espalhados dos bancos de dados (cf. MANOVICH, 2000): são, assim, uma forma organizada, orientadora e hierárquica sobre quais conteúdos acessar e por quais caminhos.

Assim, instauram-se *gramáticas* da interface interacional, específicas da era digital, que também se encontram presente nos demais programas e aplicativos computacionais: ao contrário, na vida offline, por exemplo, não existem menus que, ao passar o dedo sobre determinada opção, mostrem subconteúdos. Nem podemos “pressionar” determinado botão para que a hóstia consagrada se revele a nós quando queiramos adorá-la. Por isso, para o fiel-usuário, essa é uma nova forma de se relacionar com a oferta de sagrado digital, que lhe permite, por meio da sensação de sagrado construída pelo sistema, “manusear”, “tocar”, sentir o religioso.

A partir de toda essa organização de conteúdos, no fundo, o que significa, por parte do fiel, pressionar uma tecla para clicar em determinado link que direciona para uma determinada opção do menu dos sites analisados? Poder-se-ia dizer que o internauta, nesse caso, toma uma decisão, faz uma escolha, e, portanto, é *livre*. Entretanto, ao pressionar determinada tecla, ao selecionar determinado link, o fiel desencadeia um processo que já estava *programado pelo programa*, ou *sistematizado pelo sistema*, ou seja, é uma opção pré-definida pelo sistema comunicacional católico online. Não é uma decisão tão livre assim, já que é tomada dentro dos limites do sistema, de acordo com as suas regulações. É uma liberdade programada, uma escolha de possibilidades prescritas (cf. FLUSSER, 2010). Embora com uma oferta de opções virtualmente infinitas (links que levam a links que levam a outros links e assim indefinidamente), o fiel sempre estará dentro dos limites (e das limitações) do sistema comunicacional católico online – e, em um nível mais amplo, dentro dos limites macrossistema-Internet. Ou seja, independentemente da decisão que o fiel tomar dentro das opções do sistema (dentro de uma

mesma página ou direcionando-se para uma página totalmente nova), ele ainda navega através de uma estrutura em rede formada por objetos e opções pré-definidos e pré-organizados (em uma determinada hierarquia) pelo sistema.

No entanto, sem dúvida, em uma perspectiva complexa, a construção final do sentido religioso por parte do fiel também será de coautoria dele próprio: o sistema o convida a selecionar e a fazer determinadas coisas e a percorrer determinados caminhos, mas, no final, cabe ao fiel decidir quais são essas coisas, como elas serão feitas e qual será o mapa final dos caminhos percorridos, embora sejam coisas e caminhos virtualmente já previstos pelo sistema (isto é, o fiel escolhe e faz coisas e percorre caminhos específicos que são parte de um grande “todo” que é o sistema comunicacional católico online). De link em link, o fiel atravessa o banco de dados do sistema seguindo uma *determinada trajetória*, a partir de seus desejos pessoais e dos convites feitos pelo sistema. Nesse sentido, a construção de sentido religioso por parte do fiel a partir do que foi estabelecido pelo programador do sistema e por ele ofertado é feita por meio de um caminho totalmente próprio a este fiel, dentre as inúmeras outras trajetórias possíveis: ou seja, é uma *hipernarrativa* construída a partir dos elementos de sagrado ofertados pelo sistema, com uma lógica própria de conexão e de lincagem entre esses elementos executada pelo fiel (ou seja, outro fiel construirá uma hipernarrativa totalmente outra). Embebida pela lógica da seleção, a fé experienciada pelo fiel obedece ao enquadramento do sistema em opções de menus e catálogos digitais, que são ofertados ao fiel, e este, por sua vez, seleciona o que mais corresponde aos seus desejos e interesses. Assim, interagindo, fiel e sistema recondicionam a circulação da mensagem religiosa (construção, consumo e reconstrução) (cf. CARVAJAL, 2009), dando-lhe novo sentido, para além das limitações impostas pelo sistema e para além dos interesses específicos do fiel.

4.2.4 Composição gráfica

Em um quarto nível de interface interacional, analisamos a composição gráfica das páginas referentes especificamente aos serviços religiosos dos sites católicos. Em primeiro lugar, descreveremos a transmutação de elementos do sagrado do mundo offline para a Internet: isto é, imagens, fotos e vídeos do sagrado offline que são digitalizados e ressignificados para o ambiente online. Em segundo lugar, a composição digital de elementos do sagrado. E, por último, uma combinação de elementos digitais e não digitais do sagrado, off e online, elementos do mundo externo e elementos gerados no computador. O que é comum a todos esses elementos – e a tudo o

que faz parte do mundo digital online – é a sua fluidez: tudo pode ser modificado, substituído ou simplesmente deletado do sistema com um simples comando computacional.

A “Capela Virtual” do site do Pe. Reginaldo Manzotti¹⁴⁸ é composta por três elementos gráficos (ver Figura 14). Na parte superior, é exibido o logotipo da capela, uma foto de um vitral de uma igreja offline no fundo e uma foto do padre, em vestes rituais, sustentando uma cruz, sobreposta. Na aba central à esquerda, de fundo branco, estão as opções de serviços da capela, com textos de apoio e figuras que simbolizam cada serviço. Na aba central à direita, de fundo marrom claro, um anjo serve de imagem de fundo para um menu de opções dos mesmos serviços religiosos da aba à esquerda.



Figura 14 - Página inicial da "Capela Virtual" do site do Pe. Reginaldo Manzotti

A construção simbólica, assim, remete o fiel a uma espécie de “capela privada” do padre que é disponibilizada à comunidade dos fiéis-internautas. Essa sensação é reforçada pela presença de sua foto que encabeça a página e pelo logotipo que indica que esta é a “Capela Virtual

¹⁴⁸ Disponível em <<http://www.padrereginaldomanzotti.org.br/v1/capela>>.

Pe. Reginaldo Manzotti”, e não outra capela qualquer. Um anjo também se faz presente nesse composição gráfica, remetendo à aura de sagrado, de coisa do além.

A “Capela Virtual” do site do Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus¹⁴⁹ (ver Figura 15), por sua vez, é emoldurada por uma barra superior que contém o brasão da congregação religiosa, a inscrição “Capela Virtual” e um perfil estilizado de uma araucária (referente ao ecossistema da sede da congregação, no Paraná) e, logo abaixo, uma barra horizontal com o menu de opções da Capela. No centro da página, uma imagem de Jesus de braços abertos, cercado por dois anjos que sustentam um livro sagrado: pelo recorte lateral da imagem, percebe-se que é uma figura manipulada digitalmente. Ao lado, o texto de uma oração. E, abaixo, uma nova barra horizontal, com dados oficiais referentes ao site.



Figura 15 - Página inicial da "Capela Virtual" do site das Apóstolas

Aqui, a sensação de sagrado produzida pelo sistema remete não apenas a uma institucionalidade dessa manifestação do religioso (por meio do brasão da congregação), mas também à sua relação com a cultura e os costumes locais (araucária) e a uma certa tradição (como demonstra a figura de Jesus, esmaecida e com traços de antiguidade). Como analisado anteriormente, a capela também produz uma sensação de sagrado por meio de animações como a do ritual “Adoração do Santíssimo”, em que o sistema oferece ao fiel uma ambiência digitalizada

¹⁴⁹ Disponível em <<http://200.195.151.19/apostolas/capela/capela.htm>>.

de solidão, retiro, quietude, em que o sol brilha, as velas se acendem, a hóstia se revela automaticamente com o acesso do fiel: *Deus se oferece privadamente* a ele. Essa construção simbólica, bastante apurada, faz com que o fiel se abstraia da técnica comunicacional e perceba apenas o que está vivenciando no ambiente online.

Já na “Capela Virtual” do site A12¹⁵⁰, o marco gráfico que a encerra (dentro da composição gráfica já analisada anteriormente) é composto pela inscrição “Capela Virtual Santuário Nacional” em um cartaz do lado esquerdo superior e uma foto do interior do Santuário, com vultos de peregrinos e fiéis. Abaixo, consta um novo menu interno, horizontal, com os links para os diversos serviços ali oferecidos: “Consagração”, “Nicho da Imagem”, “Vela Virtual”, “Terço Virtual”, “Via Sacra”, “Intenção de Missa”, “Meditação do Dia”, “Santo do Dia” e “Mensagem do Dia” (ver Figura 16).



Figura 16 - Página inicial da "Capela Virtual" do site A12

Logo que se acessa a página da Capela, uma imagem de Nossa Senhora Aparecida surge automaticamente, em um movimento de zoom crescente, do fundo do quadro da “Capela Virtual”, até preencher o centro dessa moldura. Uma aura de brilho acompanha a imagem animada, enquanto cinco mãos surgem da parte inferior da imagem (como se saíssem do meio dos fiéis), direcionadas à imagem. Ao pairar sobre as mãos, a imagem derrama pontos de luz sobre elas, remetendo às bênçãos e graças que “descem” da santa. Em comparação aos casos anteriores,

o sistema, agora, faz uso de novas processualidades e de um texto mais complexo para fomentar a sensação de sagrado por parte do fiel, dizendo-lhe que a “capela virtual” é um ambiente em que Nossa Senhora Aparecida se faz presente e se coloca acima de nós para “derramar” suas bênçãos.

O site CatolicaNet, por sua vez, situa seus serviços e rituais online em páginas com a mesma composição gráfica da página inicial, com os mesmos menus acima analisados. Modifica-se apenas a estrutura central da página, onde são oferecidos esses serviços. Uma análise mais aprofundada desses rituais será feita nos itens subsequentes deste capítulo.

Em geral, portanto, é interessante perceber como, no fundo, por meio da composição gráfica da interface interacional, o fiel se relaciona com elementos de sagrado codificados e digitalizados, ressignificados para o ambiente online: se relaciona, em suma, com números (cf. LÉVY, 1999). Assim, retomando Morin (1997), o sagrado em bits pode ser considerado como um subtratamento, um subproduto do sagrado dos ambientes offline, visto que sua totalidade (em termos de *sensorium*) é deixada de lado. Justamente por isso, a tentativa do sistema é a de radicalizar ao máximo a sensação de sagrado, fazendo uso de todas as possibilidades do *sensorium* digital (animações, música, cliques). Como se pôde ver, elementos de sagrado off e online são sintetizados em formas que agradam ao programador do sistema e que lhe parecem ser mais “amigáveis”, de mais fácil acesso por parte do fiel-usuário, para que a navegação responda às escolhas deste (cf. SANTAELLA, 2003).

O que chama a atenção nos casos citados é a capacidade do sistema de desenvolver técnicas gráficas para criar uma única imagem convincente, reunindo elementos “reais” e elementos criados em computador e “não existentes”. Assim, o sistema mistura e combina elementos de sagrado de uma forma até então desconhecida pelo fiel tradicional: nenhuma imagem voa sobre nossas cabeças assim que entramos em um santuário, derramando “pontos de luz” sobre nossas cabeças, e também não foram ainda criadas capelas tão automatizadas a ponto de reconhecerem a entrada de um fiel e darem início a um ritual religioso (como a adoração ao Santíssimo) sem nenhuma interferência humana (ou consagrada, como a de um sacerdote ou ministro). Manifesta-se, assim, um ambiente doutrinal mais fluido (cf. DAWSON & COWAN, 2004), que leva a uma experimentação religiosa e espiritual também mais maleável e aberta: se, por meio do sistema, Nossa Senhora Aparecida pode voar sobre nossas cabeças e derramar suas bênçãos “do outro lado da tela” e, em uma capela online, o sacrário pode se abrir e as velas podem se acender automaticamente, e nós podemos, assim, ficar “frente a frente” com Jesus, por que o

¹⁵⁰ Disponível em <<http://www.a12.com/santuاريو/capela/default.asp>>.

pão e o vinho que eu possuo em minha casa não podem ser consagrados à distância, também por meio do sistema, como questionava o fiel citado em nossa Introdução?

Fragmentado em bits, portanto, o sagrado é montado pela leitura simbólica do fiel a partir de vários pedaços de sagrado espalhados pelos sites e ofertados pela interface interacional. Em um ambiente reduzido à informação, o sagrado é manuseado e reconstruído a partir da oferta, da seleção e da hierarquização do sistema e dos desejos e interesses do fiel, coevoluindo a partir dessa interação. Assim, ambos se tornam cada vez mais instáveis, fluidos, múltiplos, difusos e abertos (cf. RÜDIGER, 2002). O fiel não só pode vivenciar uma nova fé, mas seus padrões e modos de vivenciar a fé também são modificados, por meio dos novos mecanismos e estratégias de contato entre fiel-sistema (cf. AÑEZ, 2003).

Assim, o que vimos até aqui foi apenas uma das modalidades pelas quais a interação entre fiel-sistema é possível, a saber, a interface interacional, analisada aqui em quatro níveis: a tela; periféricos como teclado e mouse; a estrutura organizacional dos conteúdos nos sites católicos; e a composição gráfica das páginas em que se encontram os serviços e rituais católicos. Indo além de uma análise puramente técnica, buscamos analisar como essa interface possibilita a interação entre fiel-sistema para a experiência religiosa.

Além disso, a manifestação midiaticizada do sagrado e sua experiência online também é possibilitada pelo discurso e pela narrativa digitais do fenômeno religioso construídos por meio da Internet. É o que buscaremos apresentar e exemplificar a partir de agora.

4.3 INTERAÇÃO DISCURSIVA: NOVAS NARRATIVAS SOBRE O SAGRADO

A partir das observações da interface interacional dos sites católicos, examinamos aqui como são construídas e como se manifestam as interações discursivas no interior do sistema comunicacional católico online, a partir de inferências de nosso corpus de pesquisa.

Nos sites católicos, o fiel coloca-se em meio a uma encruzilhada de “discursos” que lhe falam: principalmente o da própria Internet em si e de seus protocolos, e depois o das estruturas eclesiais. Ou seja, nos sites católicos, a Igreja fala ao fiel, que também fala à Igreja ou, por meio dela, a Deus e aos demais fiéis. Por outro lado, a Internet também “fala” a ambos, quando determina seus limites e possibilidades de produção discursiva.

Analisaremos aqui, em primeiro lugar, os convites e “promessas” feitas pelo sistema ao fiel-internauta, ou seja, a proposta de interação discursiva sistema-fiel, refletindo sobre como é

administrada, regulada e gerida a participação do fiel dentro do sistema, quando esta opção lhe é possibilitada. Em seguida, analisaremos quatro fluxos de interação discursiva por parte do fiel.

4.3.1 Interação Discursiva sistema-fiel

As opções feitas pelo internauta, em sua navegação no interior do sistema comunicacional católico online, são feitas dentre as pistas e caminhos disponibilizados pelo sistema, pelos links ofertados em sua leitura¹⁵¹. Por isso, “a hipermídia não é feita para ser lida do começo ao fim, mas sim através de buscas, descobertas e escolhas” (SANTAELLA, 2003, p.50) – dentre as opções ofertadas no interior do sistema e também fora delas, ofertas que são indissociáveis de um corpus textual – o da Internet – praticamente infinito. Por isso, podemos falar de uma “palavra fluida” [*fluid word*] (MULLINS apud ESS, 2009a, online), ou seja, de um discurso que se encontra em constante transformação tanto pelos indivíduos quanto pelas comunidades. Um discurso

abert[o], além disso, a praticamente infinitos links hipertextuais da rede que podem ser adicionados mais ou menos por qualquer pessoa: cada novo link, claro, abre então o texto original a mais uma interpretação em uma dança hermenêutica infindável de leitura e criação de novos sentidos (ESS, 2001, online).¹⁵²

O internauta, por isso, precisa ser “assediado” frequentemente pelo sistema a tomar uma decisão, a decidir por onde quer continuar a leitura. Precisa decidir até onde quer ler, por quanto tempo, para onde se dirigirá depois etc. E isso se dá também na interação com o sistema, já que o sistema é moldado de forma a incentivar a determinação e a tomada de decisão por parte do usuário. Para isso, o fiel-internauta deve respeitar a sequência de ações predeterminada pelo programador do sistema. Na interação discursiva entre sistema e fiel, há construção de sentido em ambas as faces dessa interface. Ambos *interagem*, ambos *agem-entre discursivamente*. O sistema oferta, e o internauta se apropria inventivamente daquilo que recebe. O discurso textual, assim, é a cristalização e a sedimentação de uma interação que ocorreu entre fiel-sistema: nele, encontramos as marcas que nos indicam como se deram as trocas comunicativas por meio da Internet. O texto,

¹⁵¹ Antes disso, convém lembrar que o fiel tem acesso ao sistema também pela autorreferência do sistema (cf. LUHMANN, 2005) em seus demais subsistemas, ou seja: as demais mídias católicas (TV, rádio, jornal etc.) remetem constantemente os fiéis a acessar seus conteúdos online. Basta assistir a um programa de TV, ouvir um programa de rádio ou ler algum jornal do sistema comunicacional católico que se percebe claramente como o sistema busca autorreferir-se constantemente, remetendo o fiel às suas demais presenças no ambiente comunicacional.

portanto, indica virtualmente entidades como o enunciador e o enunciatário – entidades que estão inscritas e vivem no interior do texto –, assim como as regras e as regularidades das interações entre eles. Cabe, portanto, percebê-las e reconhecê-las.

O convite à experiência religiosa por parte dos sites é feito por meio de um discurso explícito direcionado ao fiel. No caso do site A12, como dizíamos, a página inicial remete ao ritual das “Velas Virtuais”, indicando: “Vela Virtual: Suas intenções aos pés de Maria. *Acenda* a sua”. É esse “mandato” de acender a vela, imperativo, que leva o fiel da página inicial do site ao ambiente específico da “Capela Virtual”. Ou então a oferta de “oração, meditação e devoção”, como indica o banner de “Publicidade”.

No interior da “Capela Virtual” do site A12, no entanto, o sistema apenas oferece diretamente o conteúdo religioso, sem explicá-lo ao fiel, com exceção do link “Intenção de missa”¹⁵³ (ver Figura 17).

Figura 17 - Serviço "Intenção de missa" da "Capela Virtual" do site A12

Nele se lê: “Muitos são nossos pedidos e agradecimentos. Aqui você *pode colocar* a sua intenção. Essa mensagem será apresentada nas intenções comunitárias da celebração das 16h, no Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida. *Preencha* o formulário abaixo” (grifos nossos). Aqui, o sistema permite que o fiel faça algo e também o convida imperativamente a isso. Manifestam-se, assim, duas formas de lidar com o fiel: para que ele *possa* fazer algo (colocar a intenção), é preciso que ele *faça* outra (preencher o formulário). Em contrapartida, o sistema apresenta um primeiro indicativo de “promessa”: fazendo o que o sistema permite e manda (obedecendo, em suma), a mensagem “será apresentada” na celebração offline no santuário.

¹⁵² “Malleable and open to change by anyone across a network, and open, further, to a nearly infinite web of hypertextual links that can be added more or less by anyone: each new link, of course, then opens the original text up to still another interpretation in an unending hermeneutical dance of reading and creating new meaning.”

¹⁵³ Disponível em <http://www.a12.com/santuاريو/capela/intencao_de_missa.asp>.

Semelhante é o caso do site CatolicaNet, em seu serviço de “Velas Virtuais”¹⁵⁴, em que o sistema oferece ao fiel um texto explicativo sobre o valor das velas para a tradição da Igreja, com a indicação: “Existem no momento ‘X’ vela(s) acesa(s). *Acenda* também a sua!” (grifo nosso), sendo que o valor de X varia de acordo com o momento da visitação, mas os números, em geral, são sempre em torno de 100. Assim, junto com uma permissão, pedido ou ordem, o sistema também instrui, explica: é didático com o fiel.

Esse também é o caso do link “Peça uma Oração”¹⁵⁵ da “Capela Virtual” do site das Apóstolas, em que o sistema também informa o seguinte ao fiel: “*Colocamos* diante do Coração Eucarístico de Jesus as pessoas que passam por nossos caminhos e confiam em nossas orações de louvor, agradecimento e súplica. *Preencha* o espaço abaixo com o seu pedido de oração” (grifo nosso) (ver Figura 18).

Figura 18 - Serviço "Peça uma Oração" do site das Apóstolas

Assim, respondendo à exortação do sistema, o fiel-internauta poderá contar com as “orações de louvor, agradecimento e súplica” das mediadoras do sistema, as religiosas da congregação (“colocamos”). A “Capela Virtual” do site das Apóstolas também fala ao fiel, ainda em seu menu, dizendo, por exemplo, “Acenda uma Vela”. Ao acessar o link, lê-se que

acender velas é um ato sagrado em diversas culturas. Expressa mais do que as palavras podem expressar. Tem a ver com gratidão e fé. Desde tempos imemoriais, as pessoas acendem velas em locais sagrados. O cyber-espço também pode ser sagrado. Faça uma prece e acenda um vela. Daqui por diante, você será guiado passo a passo. Você está

¹⁵⁴ Disponível em <<http://www.catolicanet.com/?system=velas>>.

¹⁵⁵ Disponível em <http://200.195.151.19/apostolas/capela/cap_oracao.php>.

conectado através do Portal das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus. Em "grupo", coloque: ASCJ - para que nossas velas brilhem juntas.¹⁵⁶

Aqui, novamente, o sistema explica essa nova modalidade de sagrado ao fiel por meio de um guia de instrução, de um “manual ritualístico” para o ambiente digital. E, além do convite a “fazer uma prece e acender uma vela”, a “promessa” é de que o fiel será “guiado passo a passo”. Novamente, indica-se que estamos em um ambiente do “Portal das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus”, remetendo mais uma vez à institucionalidade do serviço. Clicando no link inferior (“Comece”), indica-se: “*Por favor, respire fundo e aquiete seus pensamentos*” (grifos nossos). Clicando em “Continue”, o sistema informa: “Para acender uma vela, *entre e clique* em uma que não esteja acesa” (grifos nossos). Clicando em “Entre”, surge, então, a tela com as opções de velas (ver Figura 19).



Figura 19 - Sequência de páginas do ritual "Acenda sua Vela" do site das Apóstolas

Assim, pedindo e ordenando, o sistema conduz o fiel a uma sequência de operações online mas também offline (respirar fundo, aquietar os pensamentos), mas que, por meio da sensação de sagrado criada pelo sistema, ocorrem em uma mesma ambiência em que a técnica transparece. Cada clique (e são vários) remete a uma experiência sensorial diferente (respirar,

¹⁵⁶ Disponível em <http://200.195.151.19/apostolas/capela/acen_vela.htm>.

aquietar, acender, entrar, tocar). Toda essa construção simbólica aumenta ainda mais a sensação de sagrado do fiel, radicalizando ao máximo os limites do *sensorium* digital.

Já a “Capela Virtual” do Pe. Manzotti também é didática e explicativa com o seu fiel. Em sua página inicial, o fiel é “Bem-vindo(a)” à capela. Depois de uma breve explicação do valor da oração e da importância da Bíblia, o sistema faz diversos convites ao fiel. Na seção “Oração e Conforto”, diz-se: “*Aqui* você encontra uma reunião de várias preces e orações para que lhe acompanhem em todos os momentos da sua vida: seja para louvar, para dar graças ou pedir a Deus pela sua intenção. Deus sempre escuta as nossas orações...” (grifo nosso). Em “Novena Virtual”¹⁵⁷, informa-se: “Reze uma novena e, ao término, registre sua oração aqui na Capela. Participe dessa rede de orações”. Já em “Vela Virtual”¹⁵⁸, diz o sistema: “Acenda uma vela por alguém ou alguma causa. Deus o(a) ajudará com toda certeza”. Sempre dirigido pessoalmente a um “você” do leitor, o sistema reforça seu lugar de enunciação (“aqui”), autorreferenciando-se. Assim, convida o fiel a fazer diversas ações em seu interior, prometendo que, ao se relacionar com o sagrado nesse ambiente online, “Deus sempre escuta” as orações e que “ajudará com toda certeza” o fiel em necessidade.

Além disso, o site do padre, em sua página inicial, se apresenta como agregador de fiéis. Do lado direito da barra superior (ver Figura 20), ao lado da foto do padre, consta a inscrição: “X devotos online”.



Figura 20 - Indicação do número de devotos online no site do Pe. Manzotti

O sistema, assim, diz ao fiel que ele não está sozinho e que o portal é também comunidade, congregação de fiéis, assembleia: basta *acessá-lo* e já se é acolhido entre os devotos. Essa é também uma comunidade autorreferente e recursiva, pois, nas construções discursivas que analisaremos em seguida, vê-se que ela se refere a si mesma constantemente, fala entre si e sobre

¹⁵⁷ Disponível em <<http://www.padrereginaldomanzotti.org.br/v1/capela/index.php/novena-virtual>>.

¹⁵⁸ Disponível em <<http://www.padrereginaldomanzotti.org.br/v1/capela/index.php/velas-virtuais>>.

si própria (como na seção de “Testemunhos”), ou fala concentricamente ao padre, ponto central de contato dos “devotos” (nos serviços de “Fale Conosco” e “Pedidos de Oração”, por exemplo).

Portanto, nos sites católicos aqui observados, como dizíamos, diversos discursos se atravessam, e a Igreja tenta lidar com todos eles mantendo-se fiel à sua doutrina, criando determinadas estruturas discursivas que lhe confirmam ainda um certo poder sobre a palavra. Existem “discursos validados” pela doutrina, que “liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbe, conseqüentemente, todos os outros” (FOUCAULT, 2008, p.43). Nesse sentido, manifestam-se também as disputas de poder discursivo, pois, da mesma forma que a Igreja, detentora de certo discurso, busca fazer uso do discurso comunicacional, o fiel, ao fazer uso da Internet e dos rituais online, também é produtor de um discurso que, porém, se dá por meio de um controle, de uma seleção, de uma organização e de uma redistribuição que não lhe pertencem.

Assim, podemos perceber que o poder discursivo em “disputa” entre fiel e sistema é configurado por estratégias, disposições, manobras, táticas, técnicas, funcionamentos entre ambos os atores¹⁵⁹. Se “o poder é um feixe de relações mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado” (FOUCAULT, 1979, p. 248), podemos entender e analisar o poder simbólico em funcionamento no sistema comunicacional católico online a partir de uma perspectiva interacional. Assim, podemos entender o poder em funcionamento nas interações discursivas como uma estrutura de ações que induzem, incitam, seduzem, facilitam ou dificultam, constroem: ou seja, como um conjunto de ações (do sistema) que levam a outras ações (do fiel).

Mas, se onde há poder há resistência, especialmente na Internet, essas restrições operadas pelas estratégias discursivas do sistema podem encontrar também seus pontos de fuga, nos quais o fiel pode tomar posse do discurso, fugindo de uma doutrina e de tipos de enunciação mais centralizadores. Obviamente, para evitar isso, reforça-se o controle da palavra por meio do sistema, construindo-se assim uma série de jogos de força e de poder entre fiéis e instituição.

Isso fica mais claro quando o sistema expõe e define um dispositivo regulatório para a construção do discurso e das modalidades possíveis de interação discursiva. O site CatolicaNet, por exemplo, indica já em sua página inicial a sua “Política de Privacidade”¹⁶⁰. Nela, afirma-se que o sistema busca “garantir a segurança e privacidade de seus usuários” e por isso estabeleceu algumas “condições para o uso de seus serviços” (grifo nosso). Assim, informa-se que “os abusos que venham interferir, direta ou indiretamente, na segurança do site e no sigilo das informações

¹⁵⁹ Isso ficará mais claro nos itens seguintes, ao analisarmos os fluxos comunicacionais que se manifestam nas interações discursivas do fiel para com outro(s).

¹⁶⁰ Disponível em <<http://www.catolicanet.com/?system=news&eid=311>>.

prestadas por seus usuários serão encaminhados às autoridades competentes”. Esses abusos, segundo o sistema, são “qualquer uso com propósitos ilegais, quer logre êxito ou não”; a “propagação de vírus de computador, programas invasivos (*worms*) ou outras formas de programas que causem danos permanentes ou temporários nos equipamentos do destinatário”; o “uso da rede para tentar e/ou realizar acesso não autorizado as áreas internas do site”; a destruição ou corrupção de dados e informações de outros usuários; a violação da privacidade de outros usuários; assim como “forjar endereços de máquinas, de rede ou de correio eletrônico, na tentativa de ocultar a identidade ou autoria, ou de responsabilizar terceiros por mensagens e atos que comprometam a segurança da CatolicaNet e de seus usuários”; e a violação de copyright ou direito autoral alheio, “reproduzindo material sem prévia autorização”. Assim, fica estabelecido um “contrato interacional” com o fiel, que assume e respeita essas regras ou, de outra forma, é excluído da interação. O sistema, em contrapartida, “compromete-se a zelar pela privacidade de seus usuários”, assumindo o compromisso de não revelar, ceder ou compartilhar com terceiros os “nomes, e-mails e demais informações de identificação pessoal de nossos cadastrados”.

Já no site das Apóstolas, o “Termo de Uso”¹⁶¹ informa que “o usuário do Portal das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus entende que é *proibida* a utilização das ferramentas aqui disponibilizadas para envio, distribuição ou publicação de qualquer material impróprio, obsceno, ilegal, ilícito ou que venha a desrespeitar material protegido por direitos autorais” (grifo nosso), definido, de certa forma, como se dará a interação com o fiel-internauta e estabelecendo parâmetros para a sua manifestação. Por outro lado, o sistema também se compromete a não divulgar informações pessoais e material coletado, “exceto em caso em que impliquem obediência a uma determinação legal”. O sistema também se dá o direito de propriedade de “todas as informações contidas no Portal das Apóstolas”. “A utilização *não autorizada* deste conteúdo sujeita o *infrator às penalidades* previstas em lei, em sua máxima aplicação” (grifo nosso), indica.

A partir de Foucault (2001), é possível diferenciar nesses dispositivos regulatórios dois tipos de poder discursivo. O primeiro deles, *disciplinar*, é um poder que tem como “função maior adestrar; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor” (Id., p.143). Assim, a disciplina é um instrumento de poder, cujo controle não é exercido sobre o resultado de uma ação, mas sobre seu desenvolvimento, em uma vigilância perpétua e constante

¹⁶¹ Disponível em <http://200.195.151.19/apostolas/ger_rodape.php?PoUni=1&etp_id=RTER>.

dos indivíduos e do tempo (veja-se o panóptico¹⁶²), que gera uma obediência positiva (“você *deve*”), sob pena de sanção¹⁶³. O segundo tipo de poder discursivo, chamado de biopoder, ou poder de *regulação*, não suprime a disciplina; continua-se prescrevendo para obter obediência e sujeição sob pena de sanção. No entanto, agora também se busca a condução e o governo de indivíduos ou grupos, atuando sobre as possibilidades de ação das pessoas, sobre o seu próprio autogoverno. Governar, nesse sentido, é estruturar o possível campo de ações dos outros, visando à condução das condutas (“você *pode*”). No caso das interações aqui analisadas, esses dois poderes discursivos se misturam e se reforçam.

Por outro lado, o sistema também se utiliza de outra forma de restrição, como o número delimitado de caracteres para a interação discursiva por parte do fiel. No caso da seção “Peça uma Oração”¹⁶⁴ do site das Apóstolas, indica-se que a mensagem poderá conter um máximo de 600 caracteres. Acima disso, o sistema não aceitará a interferência do fiel. Essa delimitação – ainda menor, de 300 caracteres – também está presente no link “Acender Vela Virtual”¹⁶⁵ da “Capela Virtual” do Pe. Manzotti, juntamente com um sistema de bloqueio a mensagens automáticas enviadas por outros computadores (chamado de *Captcha*¹⁶⁶), diferenciando assim se a mensagem provém de uma pessoa ou de um computador (os chamados “spams”). Basta o fiel digitar corretamente a senha indicada e, pronto, a mensagem é aceita (ver Figura 21).

Digite no campo abaixo os caracteres que aparecem na imagem abaixo.

FB97CL

Figura 21 - Detalhe do sistema de bloqueio a mensagens automáticas da "Capela Virtual" do Pe. Manzotti

Além disso, o sistema, ainda na “Capela Virtual” do site do Pe. Manzotti, estabelece o seguinte contrato com seu fiel-internauta:

¹⁶² Segundo a Wikipedia, panóptico é um termo utilizado para designar um centro penitenciário ideal desenhado pelo filósofo Jeremy Bentham em 1785. O conceito do desenho permite a um vigilante observar todos os prisioneiros sem que estes possam saber se estão ou não sendo observados.

¹⁶³ Um exemplo histórico de poder disciplinar, segundo Foucault, são os mosteiros, que desenvolveram uma tecnologia altamente sofisticada para a produção de sujeitos e de subjetividade. Segundo o autor, o mosteiro é uma criação institucional da Igreja moldada por um espaço fechado e repleto de regras e disciplinas, em que a ruptura com o mundo exterior é um meio de maximizar, em seu interior, as regras disciplinares e a transformação da personalidade.

¹⁶⁴ Disponível em <http://200.195.151.19/apostolas/capela/cap_oracao.php>.

¹⁶⁵ Disponível em <<http://www.padrereginaldomanzotti.org.br/v1/capela/index.php/velas-virtuais/acender>>.

¹⁶⁶ Segundo a Wikipedia, *Captcha* é o acrônimo da expressão “Completely Automated Public Turing test to tell Computers and Humans Apart” (teste de Turing público completamente automatizado para diferenciação entre computadores e humanos).

ATENÇÃO: Ao clicar no botão para enviar a sua vela virtual, ela ficará disponível para qualquer pessoa ler e inclusive poderá ser mostrada em páginas de pesquisa como as do Google. Não envie a vela, caso você não queira que outras pessoas possam vê-la ou que o Google adicione ela em seus resultados de pesquisa. Pressionando o botão para envio, você está ciente de que isso poderá acontecer.¹⁶⁷

Assim, essa nova cláusula indica os efeitos de utilização do sistema: a publicização dos conteúdos de origem do fiel. Diferentemente das antigas velas de cera, em que a intenção, quando escrita, era entregue em um recipiente fechado específico para tal, ou em geral, pelo menos, não ficava exposta, agora o sistema publiciza os conteúdos da fé privada a toda a comunidade – às vezes pedindo permissão (como no caso do site A12, em que há a opção “Permitir que minhas intenções sejam visualizadas por outras pessoas”) e às vezes apenas informando que isso faz parte do contrato e não pode ser alterado (como no caso analisado).

Como podemos ver, portanto, as construções discursivas por parte do fiel só podem ocorrer moldadas pelos limites e possibilidades dispostas pelo sistema. A tendência do sistema é a de, justamente, tentar evitar ao máximo os “desvios de rota” e as mudanças de percurso por parte do fiel, controlando, selecionando e organizando o discurso por meio de procedimentos para evitar seus poderes e perigos, seu “acontecimento aleatório” (cf. FOUCAULT, 2008).

Por outro lado, o sistema escreve para um fiel virtual, e, portanto, este se atualiza e presentifica – simbólica e virtualmente – no texto produzido pelo enunciador: um fiel que deseja bênçãos, conforto e graça de Deus – às vezes com a garantia de sua privacidade –, mas também um fiel que precisa de certos limites, para evitar abusos “impróprios, obscenos, ilegais ou ilícitos”.

Assim, nesse contrato de ofertas, regras e promessas, que revelam as disputas de poder discursivo, sistema e fiel estabelecem sua interação discursiva. Portanto, cabe agora analisar a circulação desse diálogo, a partir das construções de sentido por parte do fiel no interior do sistema. Encontramos em nosso objeto de pesquisa a presença de uma rede visível de interações, realizadas e estimuladas no interior do sistema a partir de três atores: o *fiel* (propriamente o internauta orante, intercessor etc.); um “*outro*” (por quem o fiel intercede, tornando-se também mediador, ou a quem o fiel se dirige para que interceda por ele – como outro fiel internauta); e um *Outro*, o destinatário último (Deus, Nossa Senhora ou os santos) (ver Figura 22).

¹⁶⁷ Disponível em <<http://www.padrereginaldomanzotti.org.br/v1/capela/index.php/velas-virtuais/acender>>.

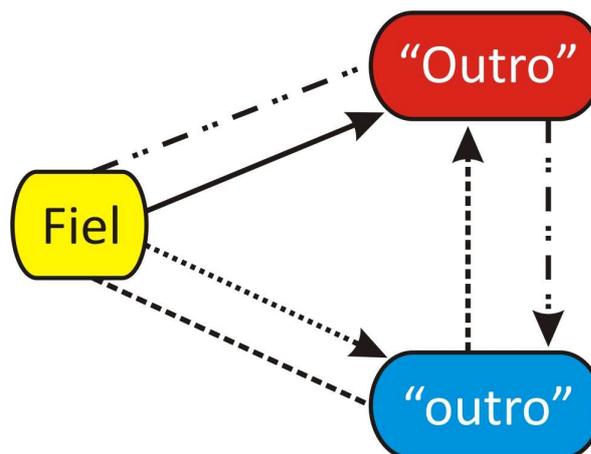


Figura 22 - Diagrama das interações discursivas em rituais online

O diagrama acima busca mapear esses fluxos de forma gráfica: a interação discursiva “fiel-Outro”, dirigindo-se a Deus representada pela linha contínua; a interação discursiva “fiel-outro”, isto é, com os demais internautas, representada pela linha pontilhada; a interação discursiva “fiel-outro-Outro”, ou seja, quando o fiel solicita a intercessão de outro internauta ou de um mediador do sistema para chegar a Deus, representada pela linha tracejada; e a interação discursiva “fiel-Outro-outro”, em que o fiel intercede e se torna mediador, via sistema, diante de Deus por outra pessoa, representada pela linha tracejada e pontilhada.

Por meio desses fluxos interacionais, o fiel é chamado pelo sistema a *coconstruir* o religioso em seu interior, discursivamente. A partir de agora, vamos analisar como é feita essa construção discursiva por parte do fiel-internauta. Para isso, organizamos e mapeamos – mesmo que com lacunas e áreas inexploradas – como essas interações se efetuam discursivamente por meio dos serviços religiosos e rituais online dos materiais de nosso corpus de pesquisa.

4.3.2 Interação Discursiva fiel-Outro (“Deus”)

Referimo-nos, nessa modalidade, à interação que ocorre quando o fiel, impelido pelo sistema, responde à sua oferta e, discursivamente, constrói sentido religioso no interior do sistema. Esta seria uma das interações discursivas na qual o fiel, por meio do sistema, coloca-se na presença de um “Outro” maior, de Deus, buscando alimentar sua relação com o sagrado – a chamada oração silenciosa, individual. Seria assim o reforço de uma tradição de fé – a oração –, o alimento básico do fiel, em que não há outros “interesses” nessa interação (como na oração intercessória – rezar por alguém, por determinada intenção), mas apenas o contato pessoal com

Deus. Aqui podemos destacar rituais como as “velas virtuais” e os “pedidos de oração”, serviços por meio dos quais o indivíduo – apenas ele e um computador – encontra uma forma para pôr-se em contato com Deus.

Percebe-se assim a relação um-um que esses sistemas oferecem, em que o fiel, na sua individualidade, na sua privacidade, encontra, por meio da Internet, um meio para se colocar diante de Deus como indivíduo. A Internet transforma-se no intermediador entre o fiel e o sagrado: não mais o templo, não mais o sacerdote, mas sim o sistema comunicacional católico da Rede. Confere-se ao sistema uma outra dimensão, totalmente espiritualizada e religiosa, de *conexão* entre “este mundo” e o mundo sagrado. Esse ambiente online é sacralizado e convertido em um templo ubíquo e atemporal – poderíamos dizer até *hipertemporal*, já que alguns rituais *ganham vida* a partir do clicar do mouse do internauta e ocorrem *quando e se* o internauta quiser.

Encontramos diversos exemplos dessa categoria de interação discursiva nos sites por nós analisados. Na figura abaixo, da “Capela Virtual” do Pe. Manzotti, a fiel “Marcela” dirige sua oração ao “Senhor” (ver Figura 23).

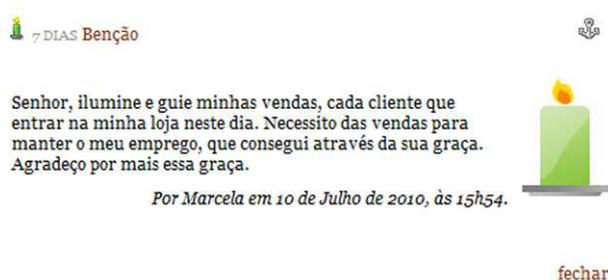


Figura 23 - Exemplo de interação discursiva "fiel-Outro" na "Capela Virtual" do site do Pe. Manzotti

Percebe-se, discursivamente que “Marcela” dirige-se a Deus (“Senhor”) para que realize o que pede por meio da “vela virtual”, à qual deu o título de “Benção”. Sua intenção, aqui, é interagir “diretamente” com Deus *por meio* do sistema – por mais paradoxal que isso possa parecer. Dessa forma, delega-se ao site, ao serviço disponibilizado via Internet, um caráter *mistagógico*, ou seja, de inserção no mistério divino: o fiel “acessa” Deus por meio do sistema. Por outro lado, reforça-se o caráter performativo do que é dito no discurso. A fiel acredita que Deus irá “iluminar e guiar” as suas vendas, tanto é que, ao final, já agradece pela graça: pediu e foi cumprido, assim como já lhe havia acontecido com a conquista do emprego, “que consegui através da sua graça”.

Neste outro caso, o fiel “Joel Alexandre Gonçalves”, de Curitiba (o sistema também informa o local de enunciação do fiel), por meio de uma interação discursiva, apela a “Nossa Senhora de Aparecida” pela sua intenção especial (ver Figura 24). Sua vela, acesa na “Capela Virtual” do site A12, encontra, assim, seu destinatário último por meio do sistema.

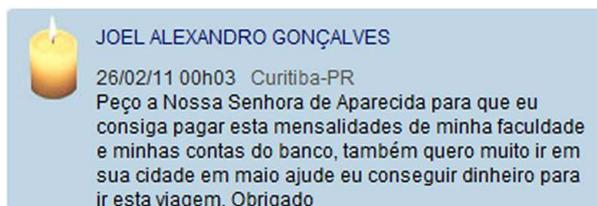


Figura 24 - Exemplo de interação discursiva "fiel-Outro" na "Capela Virtual" do site A12

O caráter do pedido é financeiro (“pagar esta mensalidade” [sic] e “minhas contas do banco”). Assim, o fiel solicita (“peço”), explica o motivo do pedido (“para que eu”). Em seguida, faz um novo pedido financeiro (“ajude eu conseguir dinheiro”), desta vez mais enfático em suas razões (“quero muito”). Além de fonte de graças, manifesta-se, por meio de pedidos como esse, um sagrado “tapa-buracos”, que resolve problemas e soluciona questões de saúde, finanças etc.

Abaixo, o fiel “Vas”, do Brasil (novamente, o fiel fala de um lugar de enunciação demarcado pelo sistema), indica uma complexidade de discurso religioso, apelando às “mãos ensanguentadas de Jesus, mãos feridas lá na cruz”. Quase poeticamente, o fiel constrói o sentido religioso a partir de um certo conhecimento do sagrado e também dirigindo-se a um nível de sagrado mais complexo do que nos casos anteriores (ver Figura 25).



Figura 25 - Exemplo de interação discursiva "fiel-Outro" na "Capela Virtual" do site das Apóstolas

O pedido também indica um nível de construção simbólica e religiosa própria também mais complexo (“vem tocar”, “este filho seu”). Aqui, a interface interacional foi bastante “eficaz” a ponto de levar o fiel a pedir, por meio do sistema, que Jesus lhe “toque”, criando,

assim, uma sensação de sagrado que apela aos seus sentidos mais sensíveis como o tato. A intenção encerra com um apelo por parte do fiel (“misericórdia”), manifestando também o nível de negociação que é feito com o sagrado.

Diferentemente das antigas velas de cera, em que a intenção, quando escrita, não ficava exposta, agora o sistema publiciza os conteúdos da fé privada do fiel a toda a comunidade – às vezes pedindo permissão (como no caso do site A12, em que há a opção “Permitir que minhas intenções sejam visualizadas por outras pessoas”) e às vezes apenas informando que isso faz parte do contrato e não pode ser alterado (como no caso do site do Pe. Manzotti). Vemos um exemplo dessa publicização no caso abaixo (ver Figura 26).

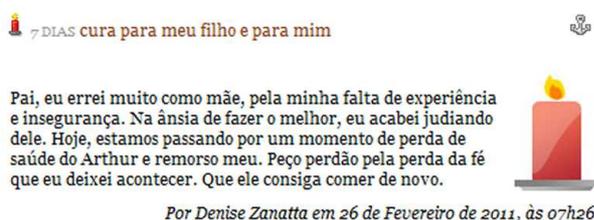


Figura 26 - Exemplo de interação discursiva "fiel-Outro" na "Capela Virtual" do site do Pe. Manzotti

Aqui, a interação discursiva do fiel com Deus é marcada por uma confissão (“eu erreí”) pública da fiel, que até indica seu nome completo (“Denise Zanatta”). O sistema alerta que qualquer vela acesa “ficará disponível para qualquer pessoa ler e inclusive poderá ser mostrada em páginas de pesquisa como as do Google. [...] Pressionando o botão para envio, você está ciente de que isso poderá acontecer”. Assim, aceitando essa cláusula e estando ciente da publicização, a fiel se submete a essa forma de confissão pública de seus pecados em busca do perdão divino.

Outras vezes, o fiel recorre a diversas instâncias de mediação do sagrado por parte do sistema, como nos casos abaixo, recolhidos do site CatolicaNet (ver Figuras 27 e 28).

http://www.catolicanet.com/modules/velas/view.php?id=103217

VELAS VIRTUAIS

SUA VELA: Está acesa desde 25/02/2011



De: JUSSARA
E-mail: teixeirajussara@bol.com.br
Para: jussara
E-mail: teixeirajussara@BOL.com

Intenção:
peço pela minha saúde, pois estou grávida de 31 semanas e estou com a pressão alta e sentindo umas dores na barriga, me ilumine para que minha gestação vá tranquila até o fim, e que eu tenha um bebê perfeito e saudável.

Figura 27 - Exemplo de interação discursiva "fiel-Outro" do site CatolicaNet

De: JUSSARA
Para: jussara

Oração:
peço pela minha saúde, pois estou grávida de 31 semanas e estou com a pressão alta e sentindo umas dores na barriga, me ilumine para que minha gestação vá tranquila até o fim, e que eu tenha um bebê perfeito e saudável.

De: JUSSARA
Para: jussara

Oração:
peço pela minha saúde, pois estou grávida de 31 semanas e estou com a pressão alta e sentindo umas dores na barriga, me ilumine para que minha gestação vá tranquila até o fim, e que eu tenha um bebê perfeito e saudável.

Figura 28 - Exemplo de interação discursiva "fiel-Outro" do site CatolicaNet

Em ambos os casos, a fiel “Jussara” manifesta seu pedido por sua saúde, pela tranquilidade da gestação e para que o bebê seja “perfeito e saudável” [sic]. O que chama a atenção, porém, é que a intenção da Figura 27 foi escrita no ritual “Velas Virtuais”; já a segunda intenção, da Figura 28, foi inserida duas vezes no serviço “Pedido de Orações”. Assim, a fiel não apenas solicita a mediação do sistema junto a Deus, mas também solicita essa mediação sob suas várias formas, em suas várias instâncias, de forma a garantir que seu pedido seja aceito, via sistema, pelo destinatário final.

Nestes casos, portanto, o fiel aceita o discurso e o contrato interacional ofertados pelo sistema e assim também “oferta” ao sistema a sua *recriação e recombinação do sagrado*. É interessante perceber que essa transposição da oração pessoal para um discurso construído no interior do sistema comunicacional católico online não é apenas uma mudança de forma, mas também de *construção de sentido e de experiência religiosa*. Analisando o que acontece com a sacralidade de um texto, por exemplo a da Bíblia, com a mudança de seu suporte, podemos nos questionar o “que resta então da definição do sagrado, que supunha uma autoridade impondo uma atitude feita de reverência, de obediência ou de meditação”, já que “o suporte material confunde a distinção entre o autor e o leitor, entre a autoridade e a apropriação” (CHARTIER, 1999, p.88).

Quando o texto se torna código, dígito, são possíveis dois processos, remodelados em suas estruturas, chamados por Kerckhove (2009) de *descontextualização e recombinação*. Por isso, o texto se liberta do contexto. Na Internet, especialmente pela interface interacional examinada anteriormente, os conteúdos são ofertados de uma certa forma hierárquica por parte do sistema, mas, no momento da apropriação do fiel, são todos códigos independentes que, interconectados por ele, formam um sentido. Essa descontextualização, por sua vez, é o que permite a recombinação. Assim, o indivíduo pode “analisar (fragmentar) a matéria e a linguagem, dividir (descontextualizar) segmentos úteis, e depois combin[á]-los (recombinação) com outros segmentos” (KERCKHOVE, 2009, p.219), reconstruindo o sagrado por meio de sua interação com o sistema.

4.3.3 Interação Discursiva fiel-outro (internauta-sistema)

Nesta outra modalidade de interação discursiva, o ritual já encontra um nível maior de complexidade. Por meio da Internet, o fiel dirige-se aos seus contemporâneos, seja testemunhando alguma graça recebida, seja expressando uma mensagem de incentivo ou de apoio de fundo religioso; ou ainda dirige-se ao próprio sistema, solicitando alguma coisa ou solucionando alguma dúvida, às vezes recebendo contrapartidas por parte do sistema.

Aqui encontram-se os diversos rituais de testemunho e de graças recebidas, nos quais, após determinada experiência religiosa, o fiel dirige-se à comunidade ou a alguém específico, por meio dos serviços e rituais ofertados pelos sites, para manifestar o que vivenciou em termos de fé. O fiel passa a interagir, dessa forma, com os demais “irmãos e irmãs”, aceitando as regras de divulgação no sistema. Ou seja, a relação que se dá entre o fiel e os demais leitores é explícita e, inclusive, regulada pelo sistema. Apontaremos aqui alguns casos.

No caso do site do Pe. Manzotti, a seção “Testemunhos”¹⁶⁸ é destinada à “publicação de testemunhos e agradecimentos de graças alcançadas”. O site informa que “aqui você *pode* compartilhar sua história com os demais visitantes ou ainda ler os testemunhos deixados ao decorrer dos meses” (grifo nosso). E o convite por parte do sistema é claro: “Agradeça a uma graça alcançada!”. Ao acessar o link para escrever a mensagem¹⁶⁹, abre-se uma nova página com um formulário com dados pessoais e o espaço para a mensagem, agora de 700 caracteres. Mas o contrato interacional, desta vez, indica o seguinte: “Nesta área do site você publica o seu testemunho padrão. *Atenção!* Tudo que você escrever *aqui*, exceto seu e-mail, será publicado na página inicial do site e todos poderão ver. *Só prossiga* se for realmente este o seu objetivo” (grifos nossos). É, assim, definido o contrato, regulando o que é possível (“aqui você pode”) e o que é mandatório (“ agradeça”, “prossiga”), delimitando-se os espaços (“aqui”) e as condições (“só prossiga se”).

No caso abaixo (ver Figura 29), publicado nessa seção, a fiel “Aureni” dirige seu testemunho a “todos” os demais fiéis-internautas, relatando como obtém as “forças para seguir em frente” por meio do programa do padre.

Fé e Perseverança

Boa tarde a todos, Só tenho a agradecer a Deus e a Nossa Senhora, minha vida não é fácil como a de todos os brasileiros, problemas no trabalho, com pessoas que amo muito e as vejo sofrer, calúnias contra meu casamento, mas com a fé em Nosso Senhor Jesus Cristo, escutando o programa do Padre Reginaldo e lendo a Bíblia, consigo forças para seguir em frente. Obrigada Senhor Jesus por estar sempre perto de mim. Obrigada padre Reginaldo por fazer este programa de rádio que amo tanto ouvir. Aureni - Niterói - RJ

Testemunho escrito por Aureni, Niteroi/RJ em Hoje, às 15h54.

Figura 29 - Exemplo de interação "fiel-outro" no site do Pe. Manzotti

Além de agradecer ao “Senhor Jesus”, a fiel também se dirige ao sacerdote, agradecendo-lhe pelo programa de rádio, reforçando a autorreferencialidade do sistema comunicacional católico religioso, por meio da qual, ao ouvir um programa de rádio, o fiel é convidado a acessar os conteúdos online e, online, ele agradece pelo programa de rádio. Abaixo, temos mais um caso de interação discursiva em que o fiel dirige-se a “outro” (ver Figura 30).

¹⁶⁸ Disponível em <<http://www.padrereginaldomanzotti.org.br/index.php/testemunhos>>.

¹⁶⁹ Disponível em <<http://www.padrereginaldomanzotti.org.br/index.php/testemunhos/escrever>>.

http://www.catolicanet.com/modules/velas/view.php?id=103234

VELAS VIRTUAIS

SUA VELA: Está a cesa desde 26/02/2011



De: Salete Luiza Mitter
 E-mail: saletemitter@yahoo.com.br
 Para: Guilherme Costa Mitter
 E-mail: guilherme.c.mitter@gmail.com

Intenção:
Pai vc vai vencer mais esta etapa. Teu anjo de guarda esta vigilante te iluminando e protegendo, em nome de Jesus amém.

Figura 30 - Exemplo de interação discursiva "fiel-outro" no site CatolicaNet

Nele, “Salete” envia a sua vela ao seu pai, “Guilherme”, construindo também o seu discurso dirigindo a ele. Por e-mail, seu pai irá receber a confirmação da oração da filha, complexificando também os fluxos do sagrado: no ambiente offline, quando rezamos em algum templo ou acendemos nossa vela, o ritual não nos oferece nenhuma possibilidade de que a nossa oração seja “ouvida” por alguma outra pessoa que se encontre distante de nós e por quem queremos interceder. Por meio do sistema, essa possibilidade nos é dada, e, instantaneamente, assim que fazemos nossa oração, a pessoa por quem intercedemos poderá receber não apenas a confirmação de nossa oração, mas justamente a *própria oração*, reforçando, assim, a ambiência de sagrado comum, possibilitada pelo sistema que, como vemos, transparece para o fiel. O discurso religioso, assim, ultrapassa as barreiras do ritual como era conhecido, instaurando uma nova modalidade de construção desse discurso. Além disso, o “amém” final reforça a dimensão performática desse ritual, em que dizer também é fazer.

No próximo caso, temos o serviço “Especialistas”¹⁷⁰ do site CatolicaNet. Nesse serviço, os fiéis podem enviar seus questionamentos e receber uma resposta por parte do sistema, manifestando assim uma sofisticação da interação discursiva. Nos dois exemplos abaixo (ver Figura 31), vemos que os fiéis, sem serem identificados, enviam seus questionamentos diretamente ao sistema ou aos mediadores por este indicados.

¹⁷⁰ Disponível em <http://www.catolicanet.com/?system=perguntas_especialistas>.

Especialista: Ir. Estevão da Esperança, SE

Pergunta: QUANDO EU TIVER ALGUMA DUVIDA OU NÃO ENTENDER ALGUMAS DAS LEITURAS DA LITURGIA OU DOS EVANGELIOS E POSSO ESCLARECER POR ESTA FERRAMENTA?

Resposta: Pode ser pelo \"Fale Conosco\" também. Um abraço e que Deus te abençoe.

Especialista: Ir. Estevão da Esperança, SE

Pergunta: Tem Direção espiritual via virtual? quais os padres disponiveis?

Resposta: Bom dia minha Irmã. Existe sim e até por isso que existe esta especialidade aqui no \"site\". Caso queira você pode utilizar esta ferramenta aqui enviando suas dúvidas ou pedido de orientação. Ainda pode escrever diretamente para: irestevao17@catolicenet.com.br . Sou monge, sacerdote aqui em São Paulo. Direção Espiritual NÃO é sacramento por isso pode ser feito via internet. Quanto à Confissão terá que procurar um sacerdote pessoalmente.

Figura 31 - Exemplo de interação discursiva "fiel-outro" no site CatolicaNet

No primeiro caso, o fiel manifesta uma dúvida que lhe vem do ambiente offline: as leituras da liturgia ou dos evangelhos. Na resposta, o representante do sistema, “Ir. Estevão”, remete o fiel novamente ao interior do sistema, a uma outra interação discursiva semelhante (“Fale Conosco”), que, porém, preserva ainda mais a privacidade do fiel, pois o que é ali enviado não é de acesso dos demais fiéis. No segundo caso, a fiel (indicada pelo vocativo “minha irmã” usado pelo mediador) solicita ao sistema indicações sobre um serviço religioso online, a “direção espiritual”. O irmão, então, explica didaticamente ao fiel que esse espaço de “Especialistas” existe justamente para orientar os internautas, incentivando o fiel a continuar esse diálogo por intermédio do sistema. Reforça-se, assim, a função de “oráculo” por parte do sistema, indicado também pela nomenclatura do serviço (“Especialistas”), uma instância à qual os fiéis se dirigem para solucionar suas dúvidas e receber uma palavra “especializada”. Porém, esse serviço é restrito aos fiéis que se cadastram, e o sistema indica essa restrição ao se tentar enviar uma pergunta. Mas as perguntas já feitas por fiéis cadastrados no sistema estão disponíveis aos demais fiéis.

Assim, nessas interações discursivas, o que vemos é que o sistema se coloca como um ponto de encontro entre o fiel e os demais usuários ou então com os representantes desse sistema, como os religiosos. Nesse caso, a intermediação da instituição, poderíamos dizer, não desaparece em favor da Internet, mas, ao contrário, ganha sim um novo elemento: a interposição das processualidades da Internet, somadas àquela intermediação. O sistema, então, passa a ser mais uma mediação entre o fiel e o sagrado, em nome da velocidade de resposta e da facilidade de acesso por parte do fiel.

O fiel, poderíamos dizer, *descontextualiza* o discurso ofertado pelo sistema para contextualizá-lo em seu próprio contexto. Também “oferta” ao sistema a sua *recriação*, a sua *recombinação*. Por isso, é importante perceber como as limitações e regras impostas pelo sistema são transgredidas pela invenção, e, por consequência, como as liberdades da interpretação são sempre limitadas novamente pelo sistema (cf. CHARTIER, 1999). Assim, redefine-se o conceito de discurso e narratividade do sagrado. O fiel, na tentativa de acompanhar uma narrativa sobre o sagrado, está atravessando um banco de dados, seguindo links por meio de seus interesses, mas conforme estabelecidos pelo programador do sistema. Assim, essa narrativa interativa – uma *hipernarrativa* em uma analogia ao hipertexto – pode ser entendida como a soma das múltiplas trajetórias e interações discursivas no interior do sistema, que, vistas complexamente, dão um novo rosto ao sagrado, dão forma a um sagrado e a uma fé construídos digitalmente (cf. MANOVICH, 2000).

4.3.4 Interação Discursiva fiel-outro-Outro

Nesta outra modalidade, referimo-nos às interações discursivas em que o fiel, por meio de um outro (seja seus possíveis leitores ou algum outro intermediário oferecido pelo sistema, como padres ou responsáveis pelo site), busca se relacionar com Deus, ou obter deste seus favores. Ou seja, para que o fiel tenha contato com Deus, existe, além do próprio sistema, uma outra mediação: *solicitada pelo fiel* – quando se dirige à comunidade para que interceda por ele – ou *interposta pelo sistema* – como quando se informa que as orações serão repassadas ao padre para que reze por essas intenções ou colocadas, posteriormente, sobre o altar da missa.

No primeiro caso, o fiel, discursivamente, apela aos demais fiéis para que intercedam por ele, como no exemplo abaixo, da “Capela Virtual” do site das Apóstolas. Nele, a fiel “Sandra C. G. Barbosa” pede para que “orem muito por mim”, dirigindo-se à comunidade das Apóstolas, mas também à comunidade dos demais fiéis-internautas, para que assim Deus resolva seu problema de insônia (ver Figura 32).



Figura 32 - Exemplo de interação "fiel-outro-Outro" da "Capela Virtual" do site das Apóstolas

O discurso é construído em torno a um “vocês” (“orem”), isto é, o conjunto das religiosas e dos fiéis-internautas. Para a fiel “Sandra”, o sistema torna-se, assim, um ponto de encontro com uma “comunidade” (a das “ASCJ”, Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus), de alguma forma, embora tão fluida e até mesmo desconectada da sua vida do outro lado da tela: uma nova ambiência em que novas relações entre fiéis passam a ser construídas. Encontramos abaixo mais um caso de mediação solicitada pelo fiel junto a um “outro” (ver Figura 33).



Figura 33 - Exemplo de interação "fiel-outro-Outro" da "Capela Virtual" do site das Apóstolas

Embora de extrema simplicidade, o discurso da fiel “Elismara” é construído em torno a um “vocês” (“rezem”), o conjunto dos demais fiéis-internautas e das mediadoras do sistema. Para a fiel, o sistema torna-se, assim, o ambiente em que essas relações entre fiéis e comunidade passam a ser construídas.

No caso da “Intenção de Missa”¹⁷¹ da “Capela Virtual” do site A12, o fiel dirige-se aos mediadores do sistema com a garantia de que a mensagem ali escrita “será apresentada nas intenções comunitárias da celebração das 16h, no Santuário Nacional de Nossa Senhora

¹⁷¹ Disponível em <http://www.a12.com/santuاريو/capela/intencao_de_missa.asp>.

Aparecida”. Esse também é o caso do serviço de “Pedidos de Oração”¹⁷² do site do Pe. Manzotti. Nesse espaço, um texto, assinado pelo próprio padre, pede que o fiel “preencha com seus dados e depois deixe aqui o seu pedido de oração. *Eu levarei* ao Altar do Senhor, e você receberá no seu email uma resposta automática de confirmação de recebimento. Deus o(a) abençoe filho(a)” (grifo nosso). Nesse caso, o padre, em primeira pessoa, apresenta-se como o mediador (“eu levarei”) junto ao “Altar do Senhor”, prometendo ainda uma “confirmação” de sua mediação e as bênçãos de Deus, desde que o fiel cumpra o contrato (“preencha”, “deixe”).

Assim, não basta um ritual online em que o fiel se coloca diante de Deus por meio das processualidades da Internet: agora, é acrescentado um novo ator nessa interação, personificado, por exemplo, pela comunidade de fiéis do santuário ou pelo sacerdote. Além disso, essa processualidade tecnorreligiosa, já intermediada pelo sistema e pelo ritual online, encontra um novo deslocamento, a partir do envio da mesma informação religiosa (como os pedidos de oração) para outros rituais e ambientes (agora offline, como as missas ou o altar), por meio de outros intermediários (como o padre), como veremos mais adiante.

4.3.5 Interação Discursiva fiel-Outro-outro

Uma das formas de oração também muito utilizadas nos rituais online é a chamada “oração intercessória”, em que o fiel dirige-se a Deus para pedir-lhe que realize determinada ação sobre a vida de um outro (seja uma pessoa, comunidade, evento etc.). É, em suma, a mediação do fiel, por meio do sistema, em nome de outrem, junto de Deus. O fiel torna-se porta-voz de um outro junto de Deus, por meio do sistema. Encontramos no site CatolicaNet um exemplo dessa interação discursiva (ver Figura 34).

¹⁷² Disponível em <<http://www.padrereginaldomanzotti.org.br/index.php/contatos/pedido-oracao>>.

http://www.catolicanet.com/modules/velas/view.php?id=93921 ☆

VELAS VIRTUAIS

SUA VELA: Está acesa desde 10/07/2010



De: Ana Alice Pereira Pires
E-mail: thomer@ig.com.br
Para: Cristiana Aparecida Pereira
E-mail: thomer@ig.com.br

Intenção:
JESUS CRISTO, SALVE MINHA IRMÃ CRISTINA, IMPÕE SUAS MÃOS BENDITAS E ENSANGUENTADAS SOBRE A CRISTINA PARA ELA RECEBER A CURA. AMÉM

Figura 34 - Exemplo de interação discursiva "fiel-Outro-outro" do site CatolicaNet

No exemplo acima, a fiel “Ana Alice” dirige-se a Jesus Cristo para que salve sua irmã. Assim, o fiel, via, sistema se torna o mediador entre outro fiel e Deus. Novamente, manifesta-se um caráter *mistagógico* nessa interação. Assim como na interação fiel-Outro, o internauta dialoga com Deus *por meio do sistema*, poderíamos dizer até “*diretamente por meio do sistema*”, como no caso abaixo, da “Capela Virtual” do site A12 (ver Figura 35).



maria

26/02/11 00h13 varzea grande-MT
Quero acender essa vela pelo meu neto Joao Vitor, para q nossa senhora proteja ele de qualquer perigo e q o seu anjo da guarda esteja sempre do seu lado, quero tbm pra ele muita saude paz e tranquilidade...Amem

Figura 35 - Exemplo de interação discursiva "fiel-Outro-outro" da "Capela Virtual" do site A12

Nessa interação, a fiel “Maria”, por meio do sistema e de suas processualidades manifesta o seu desejo de intercessão (“quero acender essa vela”) por seu neto junto a Nossa Senhora. O “amém” final, novamente, confirma o caráter performático desse discurso, em que, fazendo a oração, a fiel crê que ela realmente ocorre. Porém, como no caso anterior, mesmo reconhecendo que seu pedido é feito por meio do acendimento de uma “vela virtual”, para o fiel, não existe nenhuma intermediação entre ele, o outro fiel e o sagrado: a técnica transparece. Se

muito, há como que um “véu” que o separa de Deus, mas um véu muito tênue – quase invisível – que passa despercebido ao olhar do fiel (mas que contém toda a estrutura, os códigos, as processualidades e os protocolos próprios da Internet).

Como vemos no caso a seguir, a intercessão por parte do fiel também pode ser em nome de uma comunidade de fiéis, como o “grupo Emanuel” (ver Figura 36).



Figura 36 - Exemplo de interação discursiva "fiel-Outro-outro" da "Capela Virtual" do site das Apóstolas

Outras vezes, como no caso abaixo, o discurso religioso pode conter também especificidades do ambiente offline, de forma a indicar ao sagrado que o fiel espera a intercessão de Deus sobre outra pessoa em *determinada ocasião* (“prova”) e *horário* (“hoje 13:00 hrs”) (ver Figura 37).

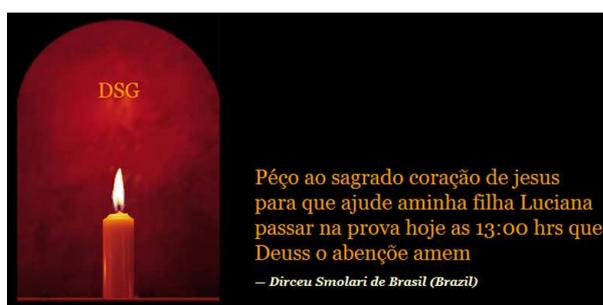


Figura 37 - Exemplo de interação discursiva "fiel-Outro-outro" da "Capela Virtual" do site das Apóstolas

Também pode ser uma intercessão em causas muito pessoais, que, como dizíamos anteriormente, é construída discursivamente de forma pública, como no relacionamento descrito abaixo (ver Figura 38).



Figura 38 - Exemplo de interação discursiva "fiel-Outro-outro" da "Capela Virtual" do site das Apóstolas

Nessa intenção, a fiel “CF”, que fala de Petrópolis, solicita uma intercessão por seu marido adúltero, expondo assim uma delicada situação pessoal. E intercede também, via sistema, junto a Deus, pela própria causa da traição que vem sofrendo (“esta mulher”), para que receba a “luz” do discernimento e, assim, fique “bem longe” de seu marido.

Até aqui, portanto, analisamos algumas modalidades de interação discursiva, tanto por parte do sistema em direção aos fiéis-internautas, quanto por parte dos fiéis no interior do sistema, assim construindo sentido religioso. O que podemos perceber é que os discursos entre fiel-sistema incluem e manifestam um projeto de interação, duas estratégias discursivas – do sistema e do fiel – que, operadas simbolicamente por meio do sistema, possibilitam a interação. Essa “multiplicação de vozes” aqui exposta (fiel, “outro”, “Outro”) revela também que a ambiência digital expõe o internauta a um crescente pluralismo de possibilidades, além de novas formas de estruturar e de pensar a fé e a religião (cf. HØJSGAARD & WARBURG, 2005).

É bom lembrar que todo esse discurso sobre o sagrado, tanto por parte do fiel quanto do sistema, é construído de forma bastante maleável e, como vimos, participativo: para um internauta que visita esses sites, o sentido religioso ofertado pelo sistema não é construído apenas pelo sistema, mas também, como vimos, pela colaboração, a muitas mãos, de outros fiéis-internautas. Nesse sentido, a Internet, sem dúvida, apela a uma fé individualizada, mas que não elimina a figura da comunidade, embora, embebida pelas processualidades e lógicas da Internet, a nova comunidade convocada pelo fiel é extremamente fluida, maleável, passageira e desconectada de sua vida cotidiana.

Mas, além de interagir com o sistema por meio de suas interfaces e depois por meio do discurso e da narrativa sobre o sagrado, como vimos até aqui, o fiel também *opera e age* sobre esse sagrado, *fazendo coisas* que o levam a Deus, no ambiente online. Isso se manifesta com grande clareza nos rituais online, que analisaremos a seguir.

4.4 INTERAÇÃO RITUAL: NOVAS RITUALIDADES AO SAGRADO

Destacaremos aqui, a partir de nossas observações, as formas de interação comunicacional religiosa online que se dão nas experiências religiosas do fiel a partir de um ritual religioso, que se organiza segundo uma liturgia proposta e vivenciada a partir e no interior desse sistema. Nos sites por nós analisados, como víamos, esses serviços e rituais religiosos podem ser versões online da Bíblia; orientações com líderes religiosos via online; orações para serem lidas na própria página ou serviços para o envio de pedidos de oração; programas de áudio e vídeo, como missas, palestras e orientações; serviços de recebimento de mensagens religiosas por e-mail ou celular; fóruns de debates e oração; aplicativos para redes sociais; dentre muitas outras opções.

Porém, como são rituais vivenciados em uma ambiência midiaticizada, o sagrado não é apenas descrito, mas também tornado presente. “Não somos mais meros assistentes, somos ritualistas, uma espécie de participantes” (GRIMES, 2001, p.221)¹⁷³. Assim, o evento ritualístico não está apenas do outro lado da tela, mas sim em um ambiente midiaticizado em que fiel e sistema comunicacional católico online se encontram.

Assim, analisaremos aqui aquelas “interações ritual” (cf. GOFFMAN apud GRIMES, 2001), ou seja, aqueles fenômenos especiais que ocorrem a partir de um repertório religioso católico nos rituais online. Ou seja, *atos e práticas de fé* desenvolvidas pelo fiel por meio de *ações e operações de construção de sentido* em interação com o sistema comunicacional religioso da Internet para a busca de uma experiência religiosa. Retomando Foucault (1979), realizam-se, por meio dessas interações, um conjunto de ações (do sistema) que levam a outras ações (do fiel).

Com os rituais online, surge assim uma nova ambiência e uma nova ecologia midiática (cf. GOMES, 2006), que se manifesta na “vasta catedral da mente” (cf. CASEY, 2008). Analisaremos aqui a oferta de serviços online que possibilitem uma modalidade de *vivência de fé*, uma *experiência religiosa* por meio da Internet. Ou seja, ofertas por meio das quais o fiel, onde quer que esteja, quando quer que seja, diante de um computador conectado à Internet, estabelece assim seu ambiente de culto. Diante da tela do computador, entre bits e pixels, presta seu louvor a Deus por meio de ações, operações e práticas religiosas via online.

Nesse sentido, podemos destacar, a partir de nossas observações, a priori, duas formas de interação ritual online, a saber, as interações rituais de fechamento e de abertura, que explicaremos em seguida. Essas interações ocorrem dentro de um fenômeno comunicacional mais

¹⁷³ “The event is not just described but made present. The rite reaches toward and includes viewers. No longer mere viewers, we are ritualists, participants of sorts”.

amplo, em que a Internet é apropriada pela Igreja e pelo fiel como “lócus” (ambiência) para a experiência religiosa ritualizada. Apresentaremos agora, portanto, essas modalidades de interação ritual, cada uma com dois fluxos interacionais distintos, inferidos a partir da observação de nosso corpus de pesquisa.

4.4.1 Interações Rituais de Fechamento

Nesta primeira modalidade de interação ritual, o fiel, conectado ao sistema, *receberá* dele os elementos necessários para vivenciar sua experiência religiosa. Sua atitude é de *acolhida* (para usar um termo com viés religioso) das imagens de uma missa (ao vivo ou gravada), das mensagens de um texto, das palavras de uma palestra em áudio. Ou seja, o fiel cumpre um contrato previsto pela oferta apenas fazendo uma operação de “ativação” de determinado ritual – o restante fica por conta do próprio sistema. O fiel, assim, poderá vivenciar sua experiência religiosa a partir do conteúdo ofertado pelo site, porém sem deixar sua marca no ambiente online. Como em um grande repositório, o fiel acessa esse arcabouço e dele retira o que lhe convém, apropriando-se disso da forma como quiser, sem informar ao site, por assim dizer, o uso que fez.

Por isso, chamamos essa modalidade de *interação ritual de fechamento*¹⁷⁴, pois o fiel interage com o sistema comunicacional católico online que tende ao fechamento, ou seja: o sistema não é *irritado* pelo fiel, não é *afetado*, nem *transaciona* (só oferta) conteúdo religioso com ele. A interação online, por isso, encerra-se aí: na *oferta*, por parte do site, e na *aquisição*, por parte do fiel, de material religioso. Nesse sentido, o fiel, no interior do sistema comunicacional católico online, opera apenas uma ação de *reação* à proposta do site e de *leitura* (ritualizada) dos conteúdos.

Em nossa observação, pudemos perceber que essa modalidade de interação ritual de fechamento encontra uma grande manifestação nos sites católicos brasileiros, em que a experiência religiosa dos fiéis se realiza em um processo de fechamento do sistema comunicacional católico online. Descreveremos agora algumas das manifestações dessas interações rituais, subclassificando-as em interações rituais de fechamento externo e interno. Depois, passaremos à análise de seu funcionamento e de nossa conceituação aqui utilizada.

¹⁷⁴ Veremos o fundamento teórico dessa conceituação mais adiante, no item 4.4.1.3, “Análise da Análise”.

4.4.1.1 Manifestações de Interação Ritual de Fechamento Externo

Primeiramente, apresentaremos as *interações rituais de fechamento externo*, ou seja, aquelas interações possibilitadas por rituais online em que o sistema fecha-se a *qualquer interferência* (construção simbólica) por parte do ambiente (fiel) no interior do sistema. Ou seja, são rituais totalmente online.

Dentre as opções de rituais oferecidos pela “Capela Virtual” do site A12, consideramos como interações rituais de fechamento os serviços “Consagração”, “Nicho da imagem”, “Terço Virtual”, “Via Sacra” e “Mensagem do Dia”. Ao clicar em “Consagração”¹⁷⁵, por exemplo, o fiel tem à disposição a oração de Consagração à Nossa Senhora em texto e em duas opções de áudio: “Consagração na voz do Padre Vítor Coelho” e “Consagração rezada no Santuário” (ver Figura 39).



Figura 39 - Ritual de "Consagração" da "Capela Virtual" do site A12

Logo abaixo da interface do programa reproduzidor de áudio, o fiel encontra, no formato de texto, a íntegra da oração para rezar ou acompanhar o formato em áudio que inicia automaticamente. Após o texto, o fiel também pode optar pelo texto rezado, com a indicação: “Se preferir, use o texto indicado abaixo”, com duas opções: “Consagração a Nossa Senhora - Texto rezado no Santuário Nacional” e “Consagração a Nossa Senhora - Texto rezado pelo saudoso Pe.

¹⁷⁵ Disponível em <<http://www.a12.com/santuاريو/capela/consagracao.asp>>.

Vitor Coelho de Almeida C.Ss.R”. O cabeçalho superior apresenta uma fotografia editada do interior do Santuário.

Nesse caso, o fiel apenas acompanha a oração oferecida pelo sistema. Sua interação com ele restringe-se a selecionar este link específico, já que, em seguida automaticamente aparecerá o texto da oração, e o áudio irá iniciar também automaticamente. Seu ritual de oração ocorrerá, assim, sem nenhuma interferência sua no sistema. Ele apenas acompanha o que o sistema lhe propõe. A sensação de sagrado, por outro lado, é construída por meio da leitura realizada pelo fiel, que pode ser acompanhada pelo áudio do que está sendo lido.

Já no link “Terço Virtual”¹⁷⁶, o fiel pode rezar “o terço passo-a-passo online”. Bastaria aceitar ao convite do site: “Clique para rezar o terço agora”, que está sobre uma imagem de uma mão que segura o terço, ao lado de outra imagem de outro terço (ver Figura 40).

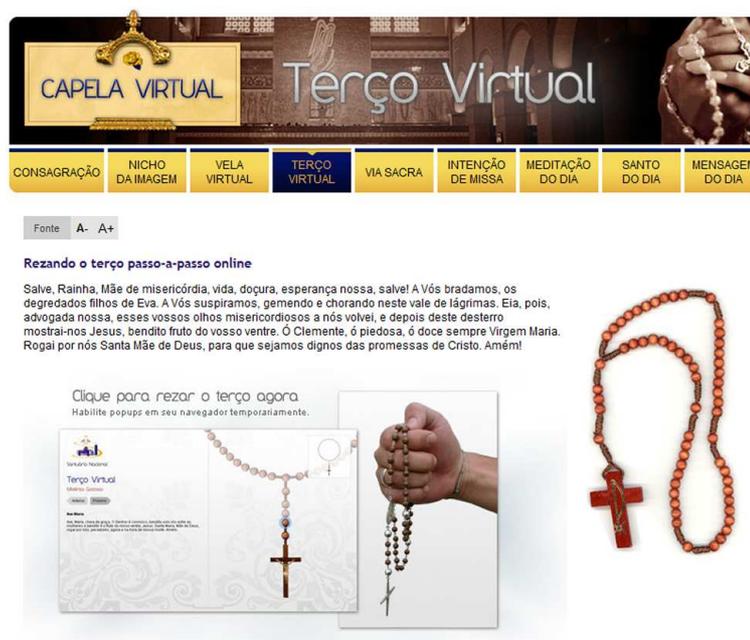


Figura 40 - Ritual do "Terço Virtual" da "Capela Virtual" do site A12

Ao clicar na imagem, abre-se uma janela pop-up¹⁷⁷ com o logotipo do Santuário Nacional, uma imagem do terço e a “oração inicial”, que é lida por um locutor em um áudio que inicia automaticamente, junto com uma música de fundo. Ao clicar no link “Iniciar”, o fiel é remetido para a próxima oração, o “Creio”. Em seguida, aparece o texto da oração do “Creio” e os links “anterior” e “próximo”, que remetem o fiel às orações anteriores ou posteriores. Ao clicar

¹⁷⁶ Disponível em <http://www.a12.com/santuاريو/capela/terco_virtual.asp>.

¹⁷⁷ Janela extra que se abre automaticamente sobre a tela principal.

nos links, o texto das orações aparece automaticamente, e a imagem do terço é aproximada, e um círculo azul surge ao redor da “conta” do terço em que o fiel se encontra (ver Figura 41). Uma imagem de outro terço menor aparece sobre a imagem do terço principal, para indicar ao fiel onde ele se localiza na totalidade da oração.

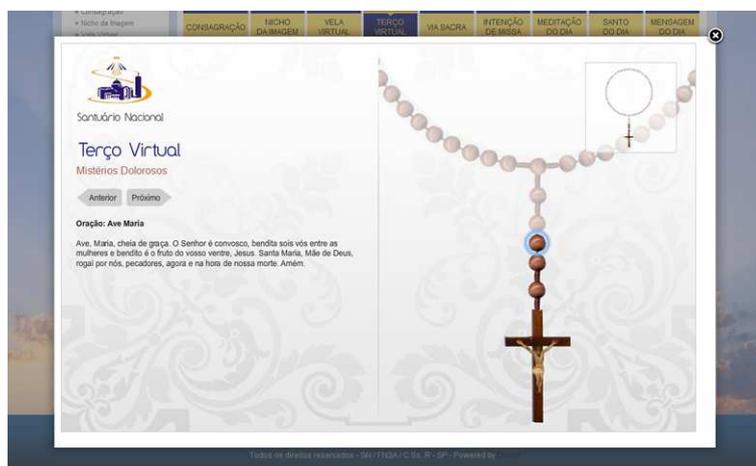


Figura 41 - Oração do "Terço Virtual" na "Capela Virtual" do site A12

Assim, de clique em clique, o fiel vai *manuseando* o terço digital, em que até mesmo as contas vão mudando, como no ambiente offline. Essa sensação de toque, de tato, reforça também a sensação de sagrado, criada pelo sistema, alimentada ainda mais pelas vozes do áudio que rezam as orações junto com o fiel, criando assim, para este, uma “comunidade” de oração online: ele não está rezando sozinho. Porém, a narração das orações não é alterada pelo clicar do fiel. Ou seja, mesmo que ele acione a próxima oração, o áudio continua na oração anterior, sem alterar seu ritmo ou sem quebras na locução. Isso pode provocar uma quebra da sensação de sagrado, ao possibilitar que o fiel perceba a existência da técnica comunicacional por trás desse ritual. Ao chegar ao final, aparece o texto da “Oração final”, e as imagens do terço são substituídas por uma grande imagem de Nossa Senhora Aparecida (ver Figura 42).

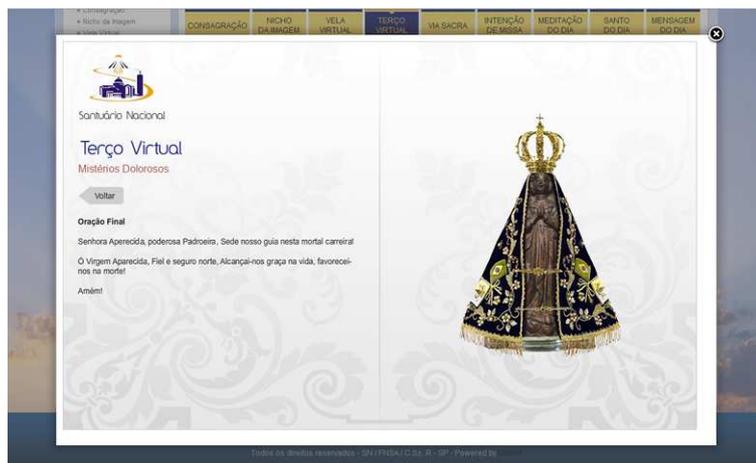


Figura 42 - Encerramento do ritual do "Terço Virtual" na "Capela Virtual" do site A12

O mesmo ocorre no ritual "Via Sacra"¹⁷⁸. Ao clicar nessa opção, automaticamente inicia-se uma música de fundo, e o internauta se depara com uma imagem estilizada de Jesus na cruz e uma caixa de texto ao lado, com o título "Via Sacra" e um texto explicativo que afirma que a "Via Sacra [...] é uma antiga devoção da comunidade cristã que consiste num acompanhamento oracional e meditativo da última caminhada de Jesus" (ver Figura 43). Logo ao lado, encontra-se o link "Próximo".



Figura 43 - Ritual "Via Sacra" da "Capela Virtual" do site A12

¹⁷⁸ Disponível em <http://www.a12.com/santuário/capela/via_sacra.asp>.

Ao clicar nessa opção, o fiel é remetido para a primeira estação da Via Sacra, com uma nova imagem e um texto dirigido ao leitor (“Relembre como Jesus, depois de ter sido açoitado e coroado de espinho, foi injustamente condenado por Pilatos à morte de cruz”) e uma oração a Jesus. Estão disponíveis, logo abaixo, as opções “Anterior” e “Próximo”. O fiel irá encontrar essa mesma formatação nas demais estações, sempre com um texto dirigido a ele, com verbos imperativos (“reveja”, “veja”, “contemple”, “estende” [sic], “aceita” [sic]) e uma oração. Depois da última estação, surgirão uma imagem de Nossa Senhora Aparecida e a caixa de texto com a palavra “Fim”, além do logotipo do Santuário Nacional de Aparecida, reforçando quem lhe oferece este serviço e *onde* o fiel se encontra. Poderíamos dizer até que, além de uma função propagandística, o logotipo opera uma *relocalização* do fiel no sistema, após o potencial *êxtase* vivenciado pela experiência religiosa. Nessa tela, constam também as opções “Anterior” e “Finalizar”, que, ao ser clicada, reenvia o internauta novamente para o início da oração. Assim, se no ambiente offline a Via Sacra tradicional é marcada pelos passos do fiel em movimento ao redor do templo, acompanhando as imagens desse ritual postas na parede, o sistema cria essa sensação discursivamente, solicitando que o fiel “veja”, “contemple” etc. e também clique e acione os próximos “passos”, que agora são dados com a ponta dos dedos.

Novamente, aqui, o sistema opera uma interação ritual de fechamento, já que ele delimita os elementos dessa interação e impossibilita um processo de transação e intercâmbio do fiel, que permanece “silente” diante do sistema (embora saibamos que, por trás dessa “passividade”, encontra-se uma forte apropriação simbólica e religiosa que é operada, com a ajuda do sistema, pelo próprio fiel, como víamos).

Por outro lado, em “Mensagem do Dia”¹⁷⁹, o leitor terá a disposição uma imagem que se assemelha a um livro antigo, com a inscrição do título dessa seção. Ao clicar sobre ela, a imagem faz um movimento automático de virada de página, e surgem agora duas imagens de páginas envelhecidas. Na página do lado esquerdo, estão a data e o título e a origem da mensagem. Do lado direito, consta a mensagem correspondente (ver Figura 44).

¹⁷⁹ Disponível em <http://www.a12.com/santuاريو/capela/mensagem_do_dia.asp>.

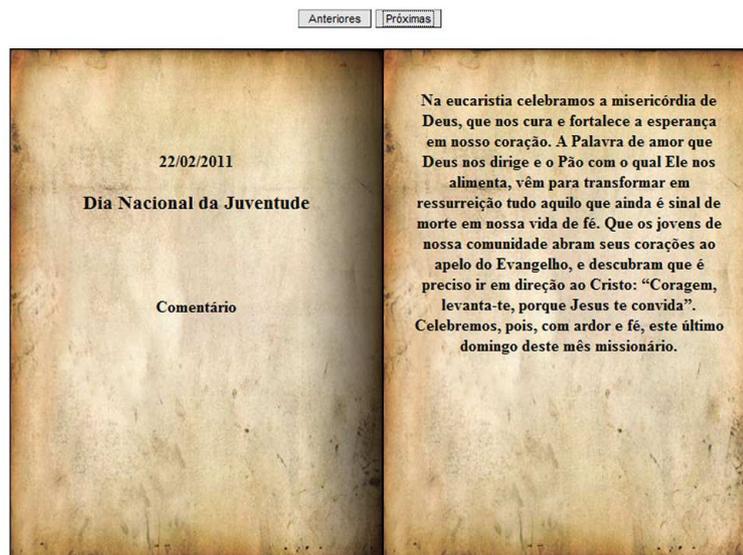


Figura 44 - Serviço "Mensagem do Dia" da "Capela Virtual" do site A12

Clicando sobre as opções “Anterior” ou “Próxima”, novamente ocorre o movimento automático de virada de página e aparece a mensagem do dia selecionado, na mesma formatação descrita. É interessante que a construção visual operada pelo sistema remete diretamente à experiência offline do leitor com um livro sagrado impresso (o movimento de virar a página, por exemplo), mas também com uma simbolização de algo velho e descuidado até, ou esquecido, como demonstram as imagens das páginas do livro eletrônico.

O mesmo ocorre na “Capela Virtual” do site das Apóstolas, em seu link “Orações”¹⁸⁰, em que o fiel encontra diversas “Orações ao Coração de Jesus”, algumas até em quatro idiomas (português, espanhol, italiano e inglês), assim como as orações publicadas na seção “Orações e Conforto”¹⁸¹, da “Capela Virtual” do Pe. Manzotti. Ou então as “Mensagens”¹⁸², em que são disponibilizadas preces e poesias que “alegram, animam, confortam e elevam sua vida e de suas pessoas queridas”. Outro serviço que se enquadra nessa modalidade de interação são as “Bíblias virtuais”, como as disponíveis na “Capela Virtual” do Pe. Manzotti¹⁸³ e no site CatolicaNet¹⁸⁴, ou o serviço “Liturgia Diária”¹⁸⁵ do site CatolicaNet, com as orações indicadas pela Igreja para cada

¹⁸⁰ Disponível em <<http://200.195.151.19/apostolas/capela/oracoes.htm>>.

¹⁸¹ Disponível em <<http://www.padrereginaldomanzotti.org.br/v1/capela/index.php/oracao-e-conforto>>.

¹⁸² Disponível em <http://200.195.151.19/apostolas/capela/cap_mensagem.php>.

¹⁸³ Disponível em <<http://www.padrereginaldomanzotti.org.br/v1/capela/index.php/biblia-virtual>>.

¹⁸⁴ Disponível em <<http://www.catolicanet.com/?system=biblia>>.

¹⁸⁵ Disponível em <<http://www.catolicanet.com/?system=liturgia>>.

dia do ano. Para realizar um momento de oração e reflexão, basta ao fiel acessar esses conteúdos e utilizá-los como material de apoio.

Outra interação ritual de fechamento externo é a que é possibilitada pela “Novena Virtual” da “Capela Virtual” do Pe. Manzotti. Nesse ritual, o fiel é convidado a rezar uma das inúmeras novenas oferecidas (contendo o número de visualizações ao lado de cada uma) e, ao término, “registrar a oração”. Para isso, basta acessar uma das novenas, e, na nova página, irá aparecer o texto da oração e o link: “‘X’ pessoa(s) já rezaram esta novena. Confirmar participação desta Novena”¹⁸⁶. Ao clicar nesse link, abre-se uma janela pop-up com o “registro” da oração (ver Figura 45).

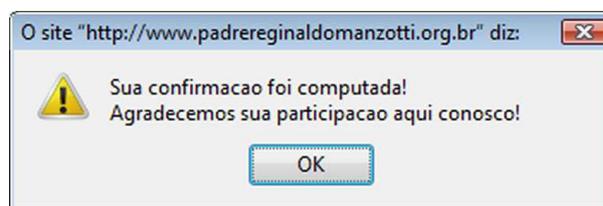


Figura 45 - Confirmação de participação em novena da "Capela Virtual" do site do Pe. Manzotti

Assim, a interação ritual também se confirma, mas o sistema não se abre a nenhuma forma de transação de matéria religiosa com o fiel. Portanto, as interações rituais de fechamento externo são possibilitadas por rituais online em que o sistema fecha-se a qualquer elemento externo, utilizando apenas uma construção simbólica de sagrado ocorrida totalmente no interior do sistema digital. Ou seja, são rituais totalmente online, que independem de uma referência mais explícita ao ambiente offline.

4.4.1.2 Manifestações de Interação Ritual de Fechamento Interno

Analisaremos aqui segunda modalidade de interação ritual, as de *fechamento interno*, ou seja, aquelas interações possibilitadas por rituais em que o sistema se fecha à construção de sentido por parte do ambiente (fiel) em seu interior, mas permite a entrada de elementos externos que, ressignificados pelo sistema, passam a compor a oferta de sentido religioso do próprio

¹⁸⁶ A título de ilustração, as três novenas mais acessadas são as aos Arcanjos (com mais de 30 mil acessos), a Nossa Senhora das Causas Impossíveis (com mais de 20 mil acessos) e a Nossa Senhora Aparecida (com mais de 19 mil acessos). As menos acessadas são a de Santo Antônio de Santa Ana Galvão (com apenas 75 acessos), de São Roque (com 206 acessos) e de São Cristóvão (com 217 acessos).

sistema. Ou seja, rituais online que são a extensão de rituais que ocorreram previamente no ambiente offline.

Isso ocorre na opção “Nicho da imagem”¹⁸⁷, em que um vídeo inicia automaticamente, mostrando um ângulo fixo do local onde se encontra a imagem de Nossa Senhora Aparecida, na Basílica de Aparecida, São Paulo. No vídeo, fiéis rezam e contemplam a imagem no santuário (ver Figura 46).



Figura 46 - Serviço "Nicho da Imagem" da "Capela Virtual" do site A12

Apesar de o vídeo dar a entender que se trata de imagens ao vivo, percebe-se que, em acessos diferentes, as imagens transmitidas são as mesmas. Ao clicar nessa opção, o fiel, onde quer que esteja, “sente-se” presente no Santuário, podendo rezar, *como se* estivesse diante da imagem de Nossa Senhora, inclusive com os sons do ambiente “ao vivo” (crianças falam alto, ouvem-se ruídos de martelo, de pessoas caminhando etc.). A sensação de presença diante do sagrado é reforçada ao máximo pelo sistema, dentro dos limites do *sensorium* disponível ao fiel. Diferentemente de outros sites, em que é utilizada uma música de fundo, neste caso até mesmo as interferências do mundo offline são mantidas e favorecem a construção simbólica do ritual de contemplação da imagem vivenciada pelo fiel por meio do site.

Outra interação semelhante é possibilitada pelo link “TV CatolicaNet”¹⁸⁸, em que, dentre as diversas opções de vídeos, constam alguns que reconstróem, audiovisualmente, rituais do ambiente offline, como missas e demais celebrações, que são, assim, estendidas até o ambiente online. Ou então a programação da rádio “Evangelizar é Preciso”¹⁸⁹, disponível via online no site

¹⁸⁷ Disponível em <http://www.a12.com/santuاريو/capela/nicho_da_imagem.asp>.

¹⁸⁸ Disponível em <<http://www.catolicanet.com/?system=videos&action=vdasx>>.

¹⁸⁹ Disponível em <<http://www.padrereginaldomanzotti.org.br/index.php/radio-evangelizar>>.

do Pe. Manzotti. De acordo com a programação indicada no site¹⁹⁰, há alguns rituais que ocorrem no ambiente offline (como a transmissão de missas e da oração do terço) que, recodificados para a Internet, podem ser experienciados também por fiéis-internautas. No mesmo site, também são indicados alguns links para vídeos externos¹⁹¹, publicados no YouTube, que também remetem a celebrações feitas pelo sacerdote, como missas e bênçãos, que são transcodificadas para o ambiente digital.

4.4.1.3 Análise da análise

A partir da análise aqui feita cabe destacar a utilização dos conceitos aqui trabalhados e de alguns pontos que merecem destaque. Em primeiro lugar, como vimos, o que o fiel faz no interior do sistema, embora em um processo de fechamento, é uma leitura construtiva, não apenas automática ou sem construção simbólica. O internauta, clicando nas opções oferecidas pelo sistema, reage à oferta e, a partir dessa reação, constrói sua experiência religiosa seguindo os estímulos do sistema. É uma *reação consciente*, não apenas “reativa” em sentido mais restrito.

A leitura do conteúdo religioso do sistema também é uma continuidade da leitura do mundo religioso que o fiel reconhece a partir de suas experiências no mundo offline, ou seja, ele realiza uma *leitura de mundo*¹⁹². Caso, porém, os conteúdos religiosos do sistema não sejam do arcabouço simbólico do internauta, a apropriação simbólica feita em sua leitura não será ativada por um processo de lembrança, mas sim de imaginação, de criação por parte do fiel. O conteúdo do site *reconstrói*, de certa forma, algo que o fiel *já vivenciou* no mundo religioso offline e que ele se apropriará por meio da Internet, reconhecendo-o. Ou então, no caso de um internauta “laico”, o sistema oferece os signos necessários para que o internauta se aproprie de seus conteúdos a partir de elementos de um imaginário religioso comum, processo que será alimentado ainda pela própria imaginação do usuário.

Para o internauta, no entanto, essa leitura no sistema é ritualizada, ultrapassando o nível vivencial e experiencial de uma leitura de uma notícia de jornal, por exemplo – a leitura simbólica operada nos rituais online é *algo mais*. Como dizíamos, é uma leitura *performática*, isto é, lendo, o fiel acredita também estar fazendo o que lê. Porém, no caso das interações rituais de

¹⁹⁰ Disponível em <<http://www.padrereginaldomanzotti.org.br/index.php/programacao-radio>>.

¹⁹¹ Disponível em <<http://youtube.com/user/ReginaldoManzotti>>.

¹⁹² Segundo Paulo Freire, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” (in “A importância do ato de ler: em três artigos que se completam”, São Paulo: Cortez: 2001).

fechamento, é um fazer que não lhe pertence (já que dito por outrem), mas que ele assume como próprio e reconhece como válido.

Sem dúvida, além disso, é importante ressaltar que essa leitura simbólica é uma leitura *digital*, com tudo o que isso implica em comparação com uma leitura tradicional do mesmo conteúdo em um livro religioso impresso: na Internet, constrói-se um texto fluido, em fluxo, hipertextual, multilinear, e o ritual vivenciado a partir desse texto também desencadeia uma experiência religiosa física, mental e espiritualmente remodelada e potencialmente aberta. É por isso que, nessa primeira modalidade de interações rituais, a tendência do sistema é de fechar essa abertura sistemática, em uma interação em que o fiel age apenas como um *visitante de passagem*, que não deixa marcas nem sinais dessa visita no interior do próprio sistema – sua construção simbólica se dá fora do sistema.

É por isso que chamamos essa modalidade de *interação ritual de fechamento*, pois o fiel interage com o sistema comunicacional católico online que tende ao fechamento, ou seja: o fiel não *irrita* esse sistema, não o desestabiliza nem o afeta. A ideia de fundo por trás dessa conceituação de Bertalanffy (1977), para quem existiriam sistemas fechados e abertos. No caso das interações rituais de fechamento, interessa-nos, por agora, o conceito de sistema fechado, que, para o autor, são “sistemas que são considerados estarem [sic] isolados do seu ambiente” (BERTALANFFY, 1977, p.63) e nos quais “o estado final é inequivocamente determinado pelas condições iniciais” (p.64). Para Luhmann (1990, p.86), os sistemas “se constituem e se mantêm por meio da produção e da *conservação de uma diferença com relação ao ambiente*, utilizando seus próprios limites para regular essa diferença”¹⁹³ (grifo nosso). A conservação do *limite* (*boundary maintenance*) coincide com a conservação do sistema. Ou seja, é necessária essa limitação entre o sistema comunicacional católico online e o fiel – e que ela seja demarcada e regulada por limites estipulados pelo sistema – para a sua própria conservação.

Porém, abordamos aqui um *processo de fechamento* do sistema, que opera conjuntamente com um *processo de abertura* (como veremos mais adiante), já que, como diversos autores analisaram posteriormente (o próprio Bertalanffy, Maturana, Luhmann, Capra etc.), especialmente nos sistemas vivos e sociais, não existe um sistema *totalmente* fechado ou *totalmente* aberto ao meio, pois isso significaria a própria destruição do sistema devido à complexidade da vida que exige uma *estabilidade* entre sistema e meio. O que existe são graus de abertura e graus de fechamento, que possibilitam as interações necessárias à própria manutenção

¹⁹³ “Si costituiscono e si mantengono attraverso la produzione e la conservazione di una differenza rispetto all’ambiente utilizzando i propri confini per regolare tale differenza”.

da vida. Como indica Morin (1977), um sistema tem de ser aberto e fechado, pois estes termos não estão em oposição absoluta. A organização/estabilidade de um sistema, portanto, só é possível pelas suas relações exteriores, mas também pelo seu fechamento de forma a impedir a sua hemorragia no ambiente, assim como a total invasão do ambiente no sistema. Essa organização viva do sistema garante as trocas e as transformações “que alimentam e operam a sua própria sobrevivência” (MORIN, 1977, p.130). Assim como uma fronteira (que proíbe e autoriza a passagem), a organização de um sistema “abre-se para fechar-se (garantir a sua autonomia, preservar a sua complexidade) e fecha-se para abrir-se (trocar, comunicar, gozar, existir)” (Id.).

Dito isso, as modalidades de interações rituais de fechamento (em ação conjunta com as interações rituais de abertura, que veremos em seguida) operam com uma *tendência* a isolar o sistema do ambiente externo (a se fechar), pois o fiel não tem acesso ao interior do sistema comunicacional católico online, que tende a se fechar para conservar-se enquanto tal. É interessante destacar, nesse contexto, a análise de Luhmann (1990) sobre a obra de Bertalanffy. Segundo o autor alemão, os sistemas fechados são “um caso limite, como sistemas para os quais o ambiente [...] assume significado só por meio de canais específicos” (LUHMANN, 1990, p.71)¹⁹⁴, como as interações rituais que aqui analisamos. O fiel, por isso, apenas responde a um estímulo sem interferir no sistema. O resultado final da interação ocorre sem alterar a configuração das condições iniciais oferecidas pelo sistema. Ou seja, o fiel interage com o sistema comunicacional católico online sem alterá-lo ou desestabilizá-lo – o sistema conserva a sua identidade¹⁹⁵.

Podemos dizer ainda que as interações rituais de fechamento ocorrem por meio de um processo de *diferenciação* entre o sistema comunicacional católico online e o ambiente (neste caso, o fiel) (ver Figura 47). Para Luhmann (1990, p.305), “a relação com o ambiente [...] é *constitutiva* para a formação dos sistemas”¹⁹⁶. O ambiente também constitui “o pressuposto da identidade do sistema porque a identidade é possível apenas mediante a diferença” (Id.)¹⁹⁷. Como se vê no diagrama abaixo, sistema e fiel interagem, mas o processo de fechamento do sistema é bastante forte, o que faz com que apenas o fiel saia “alterado” dessa interação.

¹⁹⁴ “Un caso limite, como sistemi per i quali l’ambiente [...] assume significato solo attraverso specifici canali”.

¹⁹⁵ Isso ficará mais claro ao diferenciarmos a segunda modalidade de interação, de abertura, que gera uma alteração no sistema tanto internamente (com relação à sua própria formatação e usos), quanto externamente (com relação aos desdobramentos de sua abertura).

¹⁹⁶ “Il rapporto con l’ambiente [...] è *costitutivo* per la formazione dei sistemi”.

¹⁹⁷ “Pressuposto dell’identità del sistema perché l’identità è possibile soltanto mediante la differenza”.

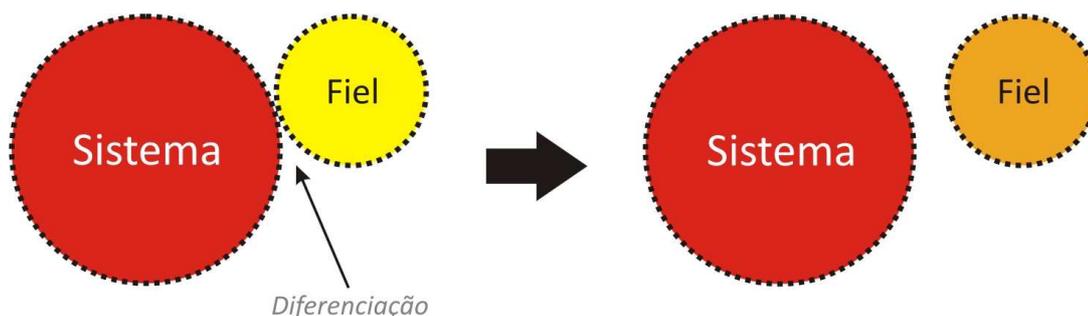


Figura 47 - Diagrama demonstrativo da "interação ritual de fechamento"

Assim, retomando a relação entre o processo de fechamento e o processo de abertura do sistema, podemos falar aqui de um *fechamento operacional*, enquanto resultado do processo de diferenciação, ou seja, operações que garantem a autonomia do sistema frente ao ambiente, tornando-o compatível com a desordem do ambiente (cf. LUHMANN, 1996).

Em suma, dentro desse panorama descrito de interações rituais de fechamento externo e interno, percebe-se que o internauta vivencia o ritual de sua escolha mantendo-se nas delimitações de liturgia do sistema, que o impede de interferir nessas delimitações. A postura do fiel restringe-se a *ler, ouvir e/ou assistir* os conteúdos oferecidos pelo site. Sua experiência religiosa é fomentada por essa interação, que depende, sim, de sua vontade pessoal de *avançar* ou *retroceder* (quando essas opções lhe são dadas), porém sua decisão não vai muito além disso, pois o sistema o restringe a operar em seu interior apenas por meio dessas opções (quando existem).

O sistema, portanto, possibilita uma interação com o fiel em uma processualidade de fechamento ao ambiente externo. Nesse sentido, no interior do sistema, não há *criação* por parte do fiel, não há *construção*, não há *discurso*. O fluxo da interação e da experiência religiosa é marcada pela restrição e fechamento operacional do sistema. Isso irá diferenciar em grande medida a postura do fiel com relação à segunda modalidade de interação que passaremos a descrever e analisar.

4.4.2 Interações Rituais de Abertura

A segunda modalidade se refere a serviços específicos em que o fiel não apenas se conecta ao sistema e se apropria do que lhe é oferecido (como na visualização de um vídeo ou na leitura de um texto, como víamos anteriormente), mas também *interfere* nesse sistema, *altera-o*, *constrói sua experiência religiosa* em seu interior, enviando informações concretas relacionadas à vivência de fé e recebendo contrapartidas por parte desse sistema.

Assim, diferentemente da primeira modalidade, ocorre aqui uma *transação* nessa interação entre sistema e fiel, provoca-se uma *desestabilização* do sistema do seu ponto original a partir de um *processo de abertura*¹⁹⁸ do próprio sistema, que aqui analisamos em algumas modalidades específicas nas interações rituais nos sites católicos. Também faremos uma diferenciação entre as interações rituais de abertura *interna* e *externa*. Em seguida, examinaremos o funcionamento dessas interações e os fundamentos da conceituação aqui utilizada. Por último, analisaremos alguns “escapes” ou lapsos tecnológicos e doutrinários que ocorrem por meio das interações rituais.

4.4.2.1 Manifestações de Interação Ritual de Abertura Interna

Na primeira modalidade, encontram-se as *interações rituais de abertura interna*, ou seja, aquelas interações possibilitadas por rituais online em que o sistema abre-se internamente para a *interferência* (construção simbólica) do ambiente (fiel) em seu interior. Ou seja, são rituais online que ocorrem por meio da ressignificação de elementos offline para o ambiente online.

Para exemplificar essa modalidade de interação ritual, uma das opções de serviço presente em nosso corpus de análise são as chamadas “velas virtuais”, uma remodelagem da antiga tradição de acender velas a Deus em oração.

Na sua versão digital, o fiel, acessando o link específico das velas, preenche seus dados pessoais em um formulário online e inclui seu pedido de oração. No link “Velas Virtuais” do site CatolicaNet, o fiel encontra um formulário de dados para serem enviados ao sistema (nome, e-mail, nome do destinatário, e-mail do destinatário e mensagem) e ainda recebe como oferta do sistema seis modelos de vela à sua escolha (imagens pictóricas, às vezes estáticas, às vezes animadas, em que mudam poucos elementos gráficos, apenas a “textura” daquilo que seria a cera das velas, a grossura e o seu suporte) (ver Figura 48). O texto e a imagem da vela escolhida, após o envio das informações ao sistema, passam a aparecer na página principal do serviço. Depois, acionando-se o botão “Enviar”, a oração é enviada ao sistema.

¹⁹⁸ Veremos o fundamento teórico dessa conceituação mais adiante, no item 4.4.2.3, “Análise da Análise”.

VELAS VIRTUAIS

Seu Nome:

Seu E-mail:

Nome do Destinatário:

E-mail do Destinatário:

Mensagem:

ESCOLHA A VELA QUE DESEJA:

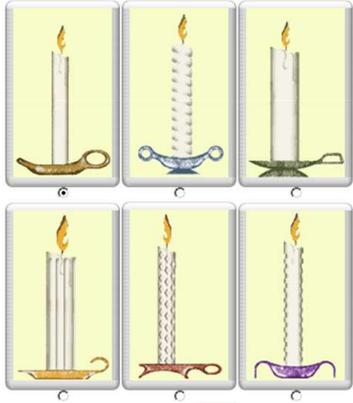


Figura 48 - Formulário para as "Velas virtuais" do site CatolicaNet

No caso do link “Vela Virtual” do site A12¹⁹⁹, para acender a sua vela (acionando a opção “Acender vela”), o fiel é diretamente convidado pelo sistema a preencher um formulário (nome, e-mail, cidade, estado e intenção), além das opções de permitir que a oração se torne pública e de enviar a vela também para um amigo, não lhe sendo oferecidas opções de formato de velas (ver Figura 49).



Figura 49 - Ritual "Vela Virtual" do site A12

¹⁹⁹ Apenas a título de ilustração da grande utilização do serviço por parte dos fiéis, no dia 27 de fevereiro de 2011, estavam acesas no sistema mais de 58 mil velas. Somente nesse dia, foram acesas mais de 3 mil velas pelos fiéis.

Aqui, portanto, o sistema novamente concede ao fiel a possibilidade de remeter a vela a um amigo, via sistema, e também uma nova possibilidade, que é a de ocultar a sua intenção. Após o preenchimento das informações, a imagem da vela que antes aparecia apagada, agora é acesa por meio de uma animação de um palito de fósforo que se aproxima do pavio e a acende (ver Figura 50).



Figura 50 - Acendimento da "Vela Virtual" do site A12

Além disso, uma mensagem automática do sistema, em uma janela pop-up, confirma o acendimento da vela durante sete dias, além de informar o código de acesso à intenção (ver Figura 51).

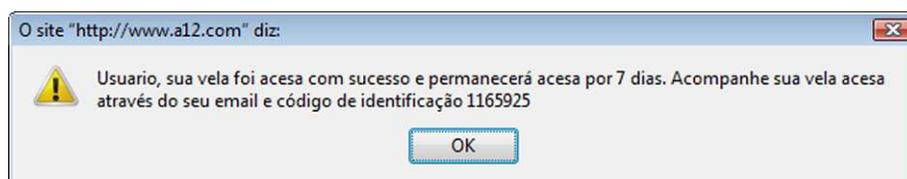


Figura 51 - Mensagem de confirmação do acendimento de "Vela Virtual" no site A12

Assim, tenta-se manter a mesma estrutura operacional do ambiente offline, como a vela apagada cujo pavio é aceso com um palito de fósforo. Porém, somado a isso, que é reconstruído digitalmente, há ainda os acréscimos característicos do ambiente online, como a confirmação de envio, o código de identificação, a opção de tornar pública a intenção e de “enviar a vela” a um amigo.

No site das Apóstolas, as “Velas Virtuais” exigem do usuário algumas operações a mais. Primeiro, como vimos anteriormente, o sistema explica ao fiel a importância das velas, o convida a “respirar fundo” e “aquietar seus pensamentos”, e depois lhe informa que é preciso clicar em uma das velas apagadas para que a intenção possa ser enviada. Ao escolher uma vela apagada, o sistema convida o fiel, antes de continuar, a refletir “por um momento sobre seu motivo para acender uma vela”. Clicando em “Continue”, o fiel é convidado, então, a “adicionar algumas palavras como dedicatória” (que aparecerão quando algum outro internauta clicar na vela) e a colocar suas iniciais na vela (“para que você possa encontrá-la de novo, no meio das demais”). Clicando novamente em “Continue”, o sistema pede que o fiel insira ainda seu país e localização e assine a vela com seu nome. Em seguida, apresenta-se, então, o resultado final da vela (incluindo a intenção, o nome e a localização do fiel), solicitando que o fiel clique no pavio apagado para que a vela se acenda. Ao clicar, surge uma nova tela, exibindo a vela acesa, e o convite: “Permaneça aqui em silêncio, por quanto tempo desejar, antes de continuar”. Na nova página, o sistema questiona o internauta se ele deseja convidar um amigo para ver a vela acesa (ver Figura 52).



Figura 52 - Sequência de páginas para o acendimento da "Vela Virtual" no site das Apóstolas

Se o fiel desejar enviar a vela, surge uma nova página, com um novo formulário para o preenchimento de dados que possibilitarão o envio ao amigo desejado. Senão, o sistema informa que a vela “permanecerá acesa por 48 horas. Quando você voltar às velas, poderá também ver as mensagens deixadas por outros e acolher suas preocupações em seu coração”. Assim, esse grande número de operações e escolhas feitas pelo fiel buscam reconstruir, digitalmente, a experiência de

sagrado do ambiente offline, porém, com elementos novos, como os “toques” (cliques) ritmados pelo sistema e a opção de convidar, via sistema, um amigo para ver a vela.

O mesmo ritual online oferecido pela “Capela Virtual” do site do Pe. Reginaldo Manzotti²⁰⁰ segue o mesmo padrão, porém, contendo um formulário de preenchimento (nome, e-mail, estado, cidade, título e texto da vela), além de seis opções de cores de velas (ver Figura 53).

	O branco simboliza a alegria cristã e o Cristo vivo. Usada nas missas de Natal, Páscoa, etc... Nas grandes solenidades, pode ser substituída pelo amarelo ou, mais especificamente, o dourado.
	Simboliza a preparação, penitência ou conversão. Usada nas missas da Quaresma e do Advento.
	Simboliza o fogo purificador, o sangue e o martírio. Usada nas missas de Pentecostes e santos mártires.
	Raramente usada nos dias de hoje, simboliza uma breve “pausa” na tristeza da Quaresma e na preparação do Advento.
	Usa-se facultativamente na Solenidade da Imaculada Conceição; representa o manto azul de Nossa Senhora.
	Simboliza a esperança que todo cristão deve professar. Usada nas missas do Tempo Comum.

Figura 53 - Opções de "velas virtuais" no site do Pe. Manzotti

Após preencher o formulário e clicar em “Enviar”, o sistema apresenta uma janela pop-up confirmando o acendimento da vela “com sucesso” e informando que ela irá expirar em sete dias (ver Figura 54), seguindo o padrão das tradicionais velas de cera usadas em grande parte dos templos.

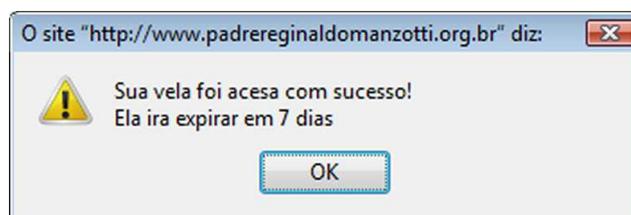


Figura 54 - Confirmação do acendimento de "vela virtual" no site do Pe. Manzotti

Por outro lado, em todos os sites, as orações dos demais fiéis podem ser visualizadas, desde que o fiel que enviou a oração tenha consentido com essa permissão. De outra forma,

²⁰⁰ Para se ter uma ideia da utilização do serviço, em apenas um dia, 27 de fevereiro de 2011, foram acesas mais de 700 velas.

constam apenas os nomes dos fiéis que acenderam suas velas naquele dia, sem a opção de ver seu conteúdo (intenção). Chama a atenção o caso da “Capela Virtual” das Apóstolas (ver Figura 55) e do site CatolicaNet (ver Figura 56), em que, ao se acessar as velas acesas, as imagens das velas mais antigas aparecem já “consumidas” pelo tempo.



Figura 55 - Detalhe das velas "consumidas pelo tempo" no site das Apóstolas

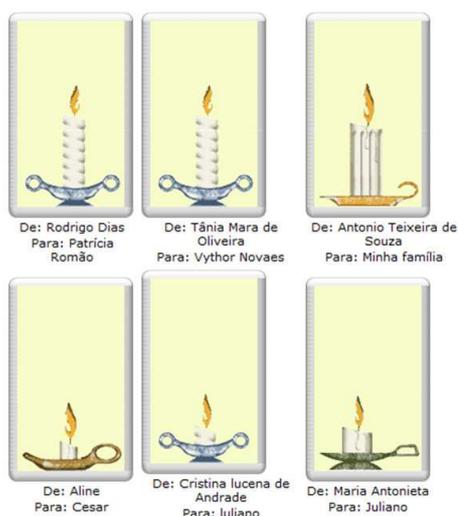


Figura 56 - Detalhe das velas "consumidas pelo tempo" no site CatolicaNet

Assim também se reconstrói a sensação de presença do fiel diante do sagrado, pois as “velas virtuais”, à semelhança das velas de cera, também “derretem” e vão se consumindo com o passar dos dias, até que sejam finalmente retiradas do sistema.

Em suma, nesses casos, diferentemente das interações rituais de fechamento, o fiel tem acesso ao interior do sistema, interfere nele e deixa ali a sua marca. O sistema abre-se a esse fiel, permite (ou convida, ordena) a interação – dentro de suas regularidades e em sua dinâmica própria (já que tende para a sua própria estabilidade e conservação, como víamos acima).

Assim, a partir dos exemplos analisados, o processo de abertura do sistema por meio das interações rituais se manifesta como uma *reconstrução* dos próprios conteúdos religiosos do sistema. Embora o fiel não tenha acesso ao software que comanda o sistema, sua interferência em seus conteúdos provoca alterações que irão afetar os usos do sistema por outros fiéis, o que não acontecia nas interações rituais de fechamento. O sistema *se expõe* a essa interferência, e o fiel constrói o seu sentido religioso no interior do sistema, que depois é reapropriado por este.

4.4.2.2 Manifestações de Interação Ritual de Abertura Externa

Analisaremos agora as *interações rituais de abertura externa*, ou seja, aquelas interações possibilitadas por rituais em que o sistema se abre à construção de sentido por parte do ambiente (fiel) em seu interior, mas permite posteriormente a saída de alguns desses elementos, ressignificados, para o exterior, possibilitando sua reconstrução simbólica no ambiente offline. Ou seja, rituais online que se estendem para o ambiente offline. Neste caso, a “matéria religiosa” inserida pelo fiel nos serviços online é remetida a ritos secundários offline: sai do sistema em direção ao ambiente.

No caso dos pedidos de oração, por exemplo, grande parte dos sites oferecem um “bônus”, informando que o pedido será levado ao altar da missa, ou ficará na capela (territorializada) do sacerdote que também irá rezar por essas intenções, ou será, enfim, “reutilizado” em outro ritual, fora do ambiente online.

No caso do site A12, informa-se que a mensagem inserida na seção “Intenção de Missa”²⁰¹ “será apresentada nas intenções comunitárias da celebração das 16h no Santuário Nacional de Nossa Senhor Aparecida”. Ou seja, uma comunidade, reunida no ambiente offline, irá utilizar (embora, talvez, sem saber) a “matéria religiosa” inserida no sistema digital para “alimentar” um ritual religioso offline, como a celebração das 16h.

Esse também é o caso do link “Peça uma Oração”²⁰² da “Capela Virtual” do site das Apóstolas, em que a oração inserida pelo fiel será colocada pelas religiosas “diante do Coração Eucarístico de Jesus”, em suas orações.

O Pe. Manzotti, por meio do serviço “Pedidos de Oração”, informa aos fiéis: “Eu levarei ao Altar do Senhor [o seu pedido]”. Ou seja, novamente, um ritual posterior e offline (as

²⁰¹ Disponível em <http://www.a12.com/santuاريو/capela/intencao_de_missa.asp>.

²⁰² Disponível em <http://200.195.151.19/apostolas/capela/cap_oracao.php>.

orações e celebrações ministradas pelo padre) terá como conteúdo a “matéria religiosa” inserida por um fiel-internauta por meio do sistema comunicacional católico online.

Reforça-se, assim, a *interpenetração* dos sistemas, conceito que será analisado no próximo item, já que o sistema-site, como subsistema de um sistema religioso mais amplo, reutiliza a matéria religiosa ofertada pelo fiel para alimentar também novas ações que não se desenvolvem no próprio sistema-site, mas sim em outras instâncias do sistema religioso. Ocorre, poderíamos dizer, um processo de *realimentação* das processualidades internas do sistema, o que favorece a sua auto-organização e autorregulação.

4.4.2.3 Análise da análise

Como pudemos observar, há um processo de abertura por parte do sistema. Para Bertalanffy (1977), um sistema aberto é “um sistema em troca de matéria com seu ambiente, apresentando importação e exportação, construção e demolição dos materiais que o compõem” (p.193). Nesse sentido, o sistema comunicacional católico online abre-se ao fiel, que, em seu interior, insere “matéria religiosa”. Ocorre, por isso, além de uma exportação fiel-sistema, também uma importação nesse mesmo sentido. O fiel, *constrói o religioso* no interior do sistema, que, por sua vez, reconstrói e remodela essa matéria, ou então demole e se desfaz dela. Esse processo de abertura, estática e dinamicamente, vai sendo construído a partir das perturbações, transações e irritações que o fiel causa no sistema devido a essa abertura.

Sistema aberto é ainda um sistema que, em certas condições e em determinado momento, chega a um “estado estável” (BERTALANFFY, 1977, p.194). E esse estado estável é alcançado “independente das condições iniciais e determinado somente pelos parâmetros do sistema” (Id.), aquilo que o autor chama de *equifinalidade*: um estado final que pode ser atingido partindo de diferentes condições iniciais e depois de o sistema passar por perturbações. Diferentemente do equilíbrio (em que o sistema não realiza mais trocas com o meio, fica em repouso, “descansa” fixamente), o sistema, ao alcançar a estabilidade, “permanece constante em sua composição, a despeito de contínuos processos irreversíveis, importação e exportação, construção e demolição, estarem em ação” (Ibid.). Ou seja, o que define um sistema aberto são as “interações entre múltiplas variáveis [...], uma organização dinâmica de processos” (Id., p.209).

Ao abordar sistemas vivos e sociais, Bertalanffy (1977) admite que a tendência dos organismos é chegar a um estado estável a partir de uma contínua destruição e síntese – regulada. Isso se dá, segundo o autor, por meio de uma tensão entre a questão *estática* (conservação do

sistema ao longo do tempo) e a questão *dinâmica* (variações do sistema ao longo do tempo). Nesse sentido, o fechamento de um sistema (enquanto “estado estável”) só é possível pela sua abertura. É essa abertura, entre assimilações e acomodações, que permite que o organismo evolua. Assim, o sistema comunicacional católico online também tende para essa estabilidade: o fluxo de interações com o fiel – a dinâmica de processos de “importação e exportação, construção e demolição” –, mesmo que perturbe o sistema por um determinado período de tempo, tenderá para a sua estabilidade. E isso independe das condições iniciais (pois, justamente por ser aberto, também estão sempre em dinâmica) e é “determinado somente pelos parâmetros do sistema”, que assimila e acomoda as interferências do fiel.

Em nossa observação, poderíamos dizer, assim, que ocorre um processo de *interpenetração* entre sistema e fiel. Interpenetração, em sentido luhmanniano, “não se trata da geral relação entre sistema e ambiente, mas de uma relação intersistêmica entre sistemas que pertencem reciprocamente um ao ambiente do outro” (LUHMANN, 1990, p.354)²⁰³, ou seja, quando um sistema insere no outro, reciprocamente, sua própria complexidade interna. Assim, conforme o autor, ocorre uma desordem em que os sistemas interpenetrantes permanecem como ambiente uns para os outros. É isso que ocorre nas interações rituais de abertura, pois sistema e fiel interpenetram-se, trocando e transacionando matéria religiosa, o que, como resultado final, causa uma alteração das condições anteriores ao início da interação em ambos os interagentes (ver Figura 57).

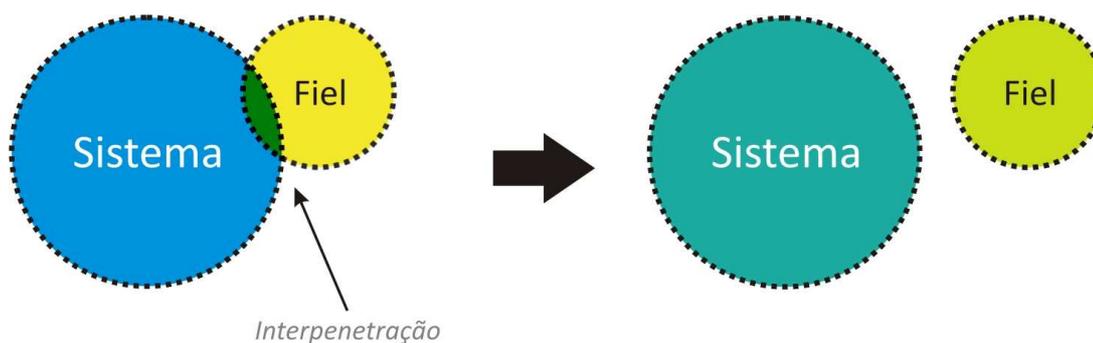


Figura 57 - Diagrama demonstrativo da "interação ritual de abertura"

Para Luhmann (1990, p.358), além disso, “a evolução é possível só por meio da *interpenetração*, isto é, só quando os sistemas se tornam *reciprocamente* possíveis”²⁰⁴. Ou seja,

²⁰³ “Non si tratta della generale relazione fra sistema ed ambiente, ma di una relazione intersistemica fra sistemi che appartengono reciprocamente l’uno all’ambiente dell’altro”.

²⁰⁴ “L’evoluzione è possibile solo attraverso l’*interpenetrazione*, cioè solo quando i sistemi si rendono *reciprocamente* possibili”.

quando os sistemas reconhecem-se enquanto tais, dentro de um mesmo ambiente. Em nosso caso, fiel e sistema comunicacional católico online coexistem em um mesmo ambiente, o da religião, e se interpenetram devido à existência e o reconhecimento desse ambiente comum. Um age e abre-se à retroação do outro, reforçando a dependência um do outro: o sistema-site precisa do ambiente-fiel, e o fiel-sistema precisa do ambiente-site.

Nas interações rituais de abertura, o sistema, em um processo de abertura, permite que o fiel penetre no sistema, que retroage a essa penetração, e assim ciclicamente. Assim se realiza, segundo Luhmann (1990), a comunicação.

Para comunicar e compreender, e muitas vezes também para produzir os dados de fato que funcionam como informações dentro do contexto comunicativo, é necessária a presença de homens. A interpenetração que implica uma contribuição de complexidade para a construção de um sistema emergente tem assim lugar na forma de comunicação; e, vice-versa, o concreto início de uma comunicação pressupõe uma relação de interpenetração (LUHMANN, 1990, p.358)²⁰⁵.

Isso também está em direta relação à noção de acoplamento estrutural (cf. LUHMANN, 1996), ou seja, a capacidade do sistema de utilizar elementos de outros sistemas (como, neste caso, o sistema dos fiéis), para possibilitar suas próprias operações internas, sem, no entanto, precisar modificar, para isso, suas próprias estruturas. Há, por isso, não uma determinação, mas sim uma *adaptação* entre ambos os sistemas, uma busca pela estabilidade anterior à interação. Por meio desse acoplamento, o sistema comunicacional católico online utiliza elementos de sagrado inseridos pelos fiéis para operar seus próprios processos comunicativos. São esses acoplamentos que permitem a coevolução dos sistemas.

Agora, portanto, é o fiel também que *diz e narra* o religioso. Um fiel que visitar a página onde se encontram as velas acesas poderá encontrar ali marcas dos demais fiéis, poderá se apropriar de uma matéria religiosa que não é construção própria do sistema, mas sim uma construção de outro fiel, que foi, então, assimilada pelo sistema (diferentemente das interações rituais de fechamento, em que a construção é feita pelo sistema e assimilada pelo fiel). Essa matéria religiosa criada pelo fiel e assimilada pelo sistema irá se tornar, por sua vez, matéria religiosa para outros fiéis que visitarem o site. Sua construção simbólica e sua experiência religiosa se dá, também, a partir das demais manifestações dos fiéis, agora já como parte do sistema. O sistema se abre para a interferência do fiel, que nele insere matéria religiosa. O sistema

²⁰⁵ “Per comunicare e comprendere, e spesso anche per produrre i dati di fatto che fungono da informazioni entro il contesto comunicativo, è necessaria la presenza di uomini. L’interpenetrazione che implica un contributo di complessità per la costruzione di un sistema emergente ha quindi luogo in forma di comunicazione; e viceversa, il concreto avvio di una comunicazione presuppone un rapporto di interpenetrazione”.

a processa e a assimila (ou mesmo a descarta), transformando essa matéria religiosa em conteúdo próprio do sistema, de acordo com seus moldes e protocolos. Outros fiéis, então, acolherão essa matéria (agora já parte do sistema), e inserirão novas, dando continuidade assim ao fluxo e circulação comunicacional.

Nossa tentativa até aqui foi a de realizar uma análise processual das relações e interações que se manifestam nos rituais online. Compreendendo o fenômeno religioso na Internet como um fluxo comunicacional entre um sistema (site) e um ambiente (fiel) (e às vezes entre um fiel-sistema e um ambiente-site), detectamos processos de fechamento e processos de abertura do sistema ao fiel, que tendem para uma estabilidade. Nesse sentido, o fluxo comunicacional, que tem início na oferta do sistema, é mais *centrífugo* nas interações rituais de fechamento, pois o sistema parece estar sempre *oferecendo* matéria religiosa ao fiel, que, por sua vez, tende a *acolher*. Por outro lado, o fluxo é mais *centrípeto* nas interações rituais de fechamento, pois o sistema parece estar sempre *acolhendo* matéria religiosa, que provém do fiel (ver Figura 58).

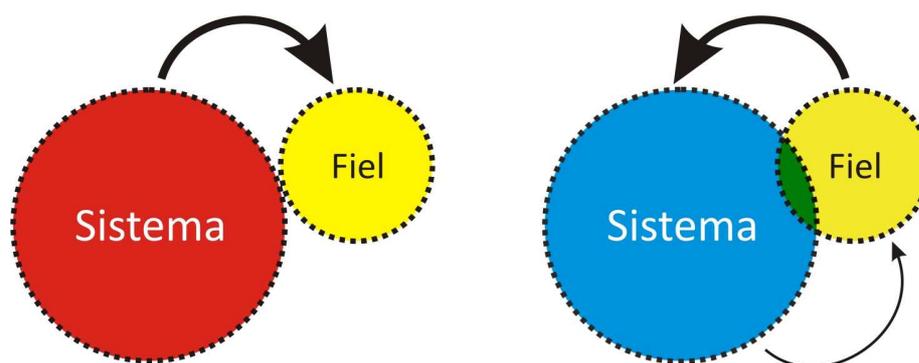


Figura 58 - Diagrama de fluxos de interação

Assim, buscamos ultrapassar uma análise de *partes* de um suposto *todo*, para uma análise mais ampla que se insere e se adequa melhor ao contexto de uma sociedade em midiaticização, como afirmávamos anteriormente. Tentamos, também, analisar nosso objeto não como elementos fixos e isolados, mas sim destacar um processo de fluxo contínuo, realimentável e auto-organizador, de sistemas, subsistemas e elementos em interação, mais aproximado das processualidades da comunicação, principalmente digital.

Uma das manifestações de mudança qualitativa na forma de rezar é que os rituais online são *assíncronos e ubíquos*, ou seja, são vivenciados em um ambiente online, disponíveis, por meio da Internet, em qualquer parte do planeta, podendo ser acessados em um momento conveniente para o fiel, sem requerer um encontro coletivo com os demais membros de uma

comunidade em um determinado espaço-tempo (cf. JACOBS, 2007). Por outro lado, o tempo, o espaço, as materialidades e a performance dos rituais online dependem da atualização e são tensionados pelo fiel-internauta. O sistema comunicacional católico online está *virtualmente* oferecendo sentido religioso sempre e em todo o lugar, e sob determinadas condições, mas quem efetivamente *atualizará e acionará* o ritual é o usuário, quando, onde e como quiser, direcionado e atraído pelos protocolos do sistema. Nesse ambiente espiritualizado comum que é construído a partir da e na Internet, ritual, fiel(éis) e instituição estão, portanto, em uma mesma *ambiência* digitalizada, complexidade reforçada pelas processualidades da midiatização.

4.4.2.4 Falhas de interface e escapes doutrinários

O acesso dos fiéis ao espaço religioso desses ambientes online se faz sob certas condições – *regras* – que tentam regular as modalidades discursivas e rituais. Às vezes essas regras são claras e evidentes, como víamos, em alguns sites em que existe um dispositivo regulatório sobre como os dados enviados ao sistema são selecionados e geridos. Outras vezes, por inferência, percebemos que há filtros (*gatekeepers*) que impedem a publicação de mensagens “heréticas” ou “blasfemas” – já que a grande maioria das mensagens e intenções publicadas possuem uma linha doutrinal mais ou menos condizente com o ensino católico.

Verifica-se, assim, que as manifestações discursivas dos fiéis não podem ocorrer de “qualquer maneira”, uma vez que o dispositivo interacional impõe certas regras. Esse tipo de regramento estabelece as modalidades da interação, mas também condições de acesso e de expressão por parte do fiel, para que não haja uma ruptura no contrato interacional, assim como falhas na interface interacional ou “escapes” ao espectro doutrinário católico (os chamados *breakdowns*, cf. SCOLARI, 2004).

Porém, o sistema comunicacional católico online não é totalmente livre e isento de lapsos causados pela palavra e pela ação dos fiéis. Aqui, examinamos dois tipos de lapsos provocados pelos fiéis no interior do sistema, a saber, falhas de interface e escapes doutrinários.

Com relação às falhas de interface, referimo-nos às rupturas na composição diagramática da interface interacional dos sites católicos aqui analisados, como nos casos abaixo, de “velas virtuais” observadas na “Capela Virtual” do site A12 (ver Figura 59) e no site do Pe. Manzotti (ver Figura 60).



Figura 59 - Falha de interface na "Capela Virtual" do site A12

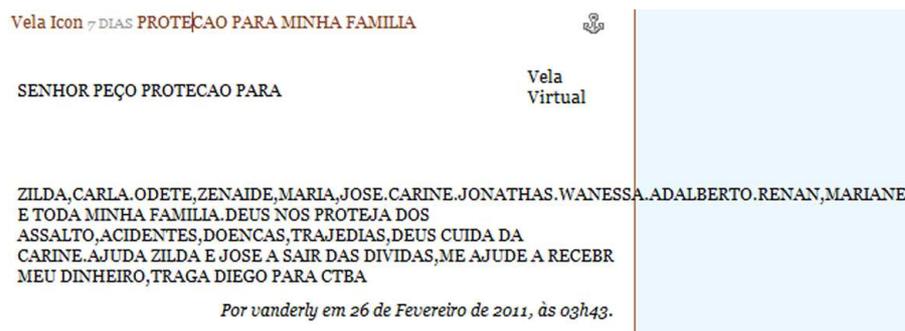


Figura 60 - Falha de interface na "Capela Virtual" do site do Pe. Manzotti

Nesses casos, o fiel provoca, em razão de sua inserção de matéria religiosa no interior do sistema, uma falha na composição gráfica da interface interacional, fazendo com que o texto introduzido ultrapasse o limite diagramático estabelecido pelo sistema. E, também, como no primeiro caso, o sistema permite que o fiel se manifeste inúmeras e repetidas vezes. Gera-se, assim, um desconforto aos demais fiéis-leitores, que percebem que “algo deu errado” no sistema.

Na situação abaixo, encontrada no ritual “Velas Virtuais” da “Capela Virtual” do site do Pe. Manzotti, a falha de interface se dá em razão de uma certa ineficácia regulatória do *gatekeeper* (ver Figura 61).

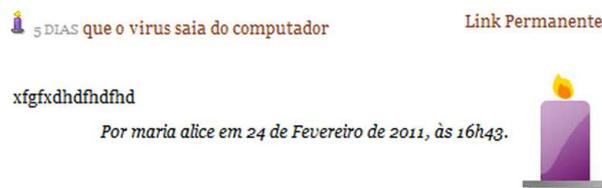


Figura 61 - Falha de interface na "Capela Virtual" do site do Pe. Manzotti

A fiel “Maria Alice”, mesmo com um propósito em sua intenção (“que o vírus saia do computador”), introduz um texto “sem sentido”, que, porém, indica algumas brechas regulatórias no sistema. Embora a grande maioria das intenções observadas contivesse conteúdo religioso dentro de parâmetros católicos, o sistema permite a inserção e construção de um discurso incógnito aos demais fiéis-leitores, que revela, no entanto, uma falha na seleção do conteúdo inserido ou a permissão do sistema a uma certa quantidade de “erros”, contanto que não o desestabilizem.

O que esses casos revelam, entretanto, é a percepção, por parte do fiel-leitor, da existência de uma técnica comunicacional que gere o sistema. Como dizíamos anteriormente, em muitos casos, a sensação de sagrado construída pelos sites faz com que o fiel se sinta interagindo *diretamente* com Deus, transparecendo a técnica comunicacional que se interpõe nessa interação. Porém, é justamente a partir dessas falhas de interface que é possível perceber que *existe algo que não funciona* ou não está cumprindo sua função corretamente, e, assim, pela sua ineficácia, é possível advertir a existência de uma técnica comunicacional que intermedia essas interações. Revelam-se, nesses momentos de crise, as propriedades dessa técnica e de suas processualidades, pois se tornam *visíveis* – e não mais transparentes – ao internauta. Por meio delas, é possível conhecer aspectos que não são evidentes quando o funcionamento é normal e a técnica é transparente. Graças a essas falhas, revelam-se características novas dos objetos, de suas propriedades e do domínio de ação que propõem (cf. SCOLARI, 2004).

Por parte do sistema, são essas rupturas que permitem aprimorar a técnica: somente com essas falhas é que o programador pode melhorar a interface comunicacional, identificando seus pontos frágeis, para evitar que seus processos internos se revelem. Nesse sentido, quando antes falávamos da coevolução da técnica, referíamos-nos também ao *desequilíbrio* e à *dialética* entre como o sistema é pensado e projetado e como ele é usado na prática pelo fiel. Esse é um dos motores que dinamiza a evolução das interfaces, pois ao se desviar dos usos previstos pelo programador – ou ao encontrar e promover falhas e escapes no sistema–, o usuário empírico está

efetuando um trabalho criativo, recriando e redesenhando *virtualmente* a interface (cf. SCOLARI, 2004) – já que a atualização dessa recriação caberá ao próprio sistema.

Em outros casos, podemos perceber também a ocorrência de alguns escapes doutrinários por parte dos fiéis nos sites de nosso corpus de pesquisa, ou seja, construções discursivas que se afastam do ensino católico tradicional, promovendo, assim, desvios ao sentido religioso ofertado pelo sistema. Vemos isso nos casos abaixo (ver Figuras 62 e 63).

http://www.catolicanet.com/modules/velas/view.php?id=103204

VELAS VIRTUAIS

SUA VELA: Está a cesa desde 25/02/2011



De: Daniel carla conceição katia kassia janaina cosme
E-mail: doscon@hotmail.com
Para: conceição
E-mail: cândida.cala@yahoo.com

Intenção:
*esta vela o ofereço a são cesário pedindo cura libertação saúde
proteção contra acidentes inveja praga ódio ocultismo doenças
falsas bruxarias macumbas e todos os malefícios dos espíritos
visíveis e invisíveis e de todos os poderes do maligno e seus sequaz
livrai do mal amem*

Figura 62 - Escape doutrinário presente no site CatolicaNet



maria lucileide oliveira de lima
26/02/11 00h07 salvador-BA
para que minha mae se cure dessa depressão, com a
intercessão de nossa senhora aparecida junto ao
vosso filho jesus cristo, e que afaste dela as energias
negativas, inveja, mal olhado, feitiços, doenças,
violencia, ocultismo, amém

Figura 63 - Escape doutrinário presente na "Capela Virtual" do site A12

Os fiéis pedem a São Cesário, no primeiro caso, e a Nossa Senhora Aparecida e Jesus Cristo, que lhes conceda proteção e libertação contra “praga”, “ocultismo”, “bruxarias”, “macumbas”, “todos os malefícios dos espíritos visíveis e invisíveis”, “energias negativas”, “mal olhado”, “feitiços”. Ao pedirem proteção, os fiéis manifestam sua crença em elementos religiosos que não fazem parte do universo católico. Embora na Igreja Católica creia-se na existência do

mal, do inferno e do Demônio, não se ensina a existência de “espíritos visíveis e invisíveis”, nem que eles possam provocar dano, como as “energias negativas” ou “mal olhado”, por meio de rituais de “bruxaria”, “macumba”, “feitiços”. Mesclam-se, portanto, por meio do sistema e da construção de sentido do fiel, elementos simbólicos de universos religiosos diferentes.

Nesses casos, percebe-se a manifestação de um “catolicismo plural”²⁰⁶, isto é, uma religiosidade complexa e plástica do campo católico no Brasil, muito marcado por um catolicismo santorial tradicional (como a intercessão de São Cesário). Revela-se aí uma combinação de devoções e crenças diversas, somada à experimentação de alternativas religiosas. Uma religiosidade, enfim, marcada pela pouca fidelidade institucional e doutrinal e pela fluidez dos símbolos, em um trânsito religioso. Pelo discurso utilizado nos rituais online analisados (como os inúmeros pedidos de “prosperidade”, de sucesso financeiro ou material, de libertação de espíritos), poderíamos até falar de uma “pentecostalização” do universo católico brasileiro: embora assumindo-se como católicos e recorrendo a serviços religiosos católicos, são fiéis que transitam e são afetados por referências neopentecostais.

Neste outro caso (ver Figura 64), a fiel “Daniela da Rosa de Souza” provoca um outro desvio de sentido religioso ao rezar a Deus para ser protegida “das fofocas e das pessoas fofoqueiras”.

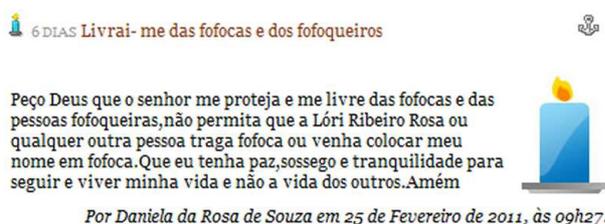


Figura 64 - Escape doutrinário presente na "Capela Virtual" do site do Pe. Manzotti

O que chama a atenção é a referência explícita e pública, por parte da fiel, à pessoa por ela considerada como fofoqueira (“Lóri Ribeiro Rosa”). Aqui, manifesta-se tanto um desvio de sentido religioso (pois a fiel, em oração, chama outra pessoa de fofoqueira), quanto uma ruptura do contrato interacional, que prevê que as velas sejam acesas “por alguém ou alguma causa” (e não contra alguém), e ainda uma “publicização negativa” de sentido religioso, como víamos também nos casos anteriores: para o fiel-leitor, essa intenção traz consigo elementos de sagrado que se desviam do propósito e do universo religiosos do sistema.

Em todos os casos analisados, a matéria religiosa que o sistema permite que seja inserida em seu interior por parte do fiel – mesmo que escape do espectro doutrinário católico – passa a ser, após sua “aprovação” e “confirmação”, um “construto próprio” do sistema, uma *autoirritação* permitida pelo sistema, proveniente de influxos do ambiente (fiel). Assim, esses escapes doutrinários no sistema ocorrem apenas a partir das próprias possibilidades ofertadas ao fiel. Se essa autoirritação chegasse a colocar em risco a estabilidade *estática* (conservação ao longo do tempo) e *dinâmica* (variações ao longo do tempo) do sistema, este poderia encontrar em si mesmo as causas dessa irritação e, assim, poderia removê-las (deletando, por exemplo, determinada mensagem herética) ou até mesmo cessá-las definitivamente (desativando, por exemplo, a possibilidade de publicação de conteúdo por parte do fiel, excluindo de seu interior algum determinado ritual online). Assim, reforçando seu processo de fechamento, o sistema poderia impedir a invasão total e desregulada do ambiente (fiel) em seu interior.

Porém, como pudemos observar, o sistema permitiu que essas mensagens permanecessem em seu interior e de forma pública, o que indica que estão, por assim dizer, dentro da “margem de manobra” do sistema com relação a conteúdos indesejados publicados pelos fiéis.

Enfim, reafirmamos, o vínculo entre fiel-sistema, por meio de interações rituais de abertura, favorece o desenvolvimento da coevolução da religiosidade online, pois é nesse jogo de poder discursivo, de interpenetração e de acoplamentos estruturais entre ambos que ocorrem as microalterações e metamorfoses da experiência religiosa midiaticizada.

* * *

Neste capítulo, portanto, pudemos ver que os rituais online se manifestam de formas diversas e são utilizados de maneiras diversas também. Apresentamos aqui uma categorização de três “modalidades” de interação – interface interacional, interação discursiva e interação ritual – que verificamos nos rituais online observados em nosso corpus de pesquisa. Buscamos, assim, tentar compreender *como se dão as interações entre fiel-Igreja-Deus para a experiência religiosa*, analisando estratégias desenvolvidas pelo sistema comunicacional católico online para a oferta do sagrado e estratégias de apropriação desenvolvidas por parte do fiel (em níveis de interface, discurso e ritual).

²⁰⁶ Esse conceito e algumas das ideias trabalhadas aqui referem-se à obra de Faustino Teixeira e Renata Menezes, “Catolicismo Plural: Dinâmicas contemporâneas” (Ed. Vozes, 2009).

Nessa observação, alguns fatos marcaram e afetaram a nossa percepção, visto que também fazem parte da nossa experiência, enquanto visitantes desses serviços, como potenciais “fiéis online”. Apesar de não serem nosso foco direto de pesquisa, é importante levarmos em consideração esses aspectos tangenciais, que afetam e podem até redirecionar a leitura do fiel dos discursos religiosos na Internet.

Enquanto fazíamos nossa observação, éramos constantemente atraídos e desviados de nossa atenção pela interferência de elementos relacionados ao computador ou à Rede (alertas de programas, mensagens instantâneas recebidas, lentidão da velocidade da Internet, possíveis complicações no computador etc.), e também por interferências externas (telefone que toca, movimentações e ruídos diversos no ambiente físico em que nos encontramos etc.). Isso, sem dúvida, afeta a oração e os rituais vivenciados pelo fiel ao utilizar a Internet, de uma forma nova em comparação com sua experiência offline.

Além disso, uma “tentação” muito presente nos ambientes online é a de realizar diversas outras atividades ao mesmo tempo (o que alguns autores chamam de *multitasking*), seja simplesmente navegando de link em link dentro do mesmo site, desviando-nos assim de nossa intenção inicial, seja sentindo-nos questionados por determinado dado ou afetações (por exemplo, algum termo desconhecido usado em algum texto ou mensagem espiritual). Seja como for, o fiel pode acabar “mudando de rota” nesse seu percurso comunicacional religioso, fomentado pelo fluxo infinito da Internet. Pouco ou muito, isso também influencia na forma como o fiel se relaciona, vivencia e participa dos rituais religiosos online.

No fundo, porém, o fiel, acompanhando os textos, falas, sons, vídeos e imagens ofertados pelo sistema, é levado por ele a *experienciar* uma vivência do sagrado, de Deus. Assim, como dizíamos, há um desvio do olhar do fiel dos templos tradicionais para os novos templos digitais, que estimulam, sob novos formatos e protocolos, a experimentação de uma mesma prática religiosa doutrinária e devocional da realidade offline. Nesse sentido, o que o indivíduo lê, vê, ouve etc. não é apenas uma “informação”, mas algo mais complexo. Ele participa, vive, age e interage em uma “ambiência”, uma “nova ecologia comunicacional” e religiosa, midiaticizada (cf. GOMES, 2009): um novo ambiente religioso, que o remeterá – qual seja a profundidade dessa experiência religiosa mediada pela técnica – independente também de quando e onde estiver – para Deus.

5 PISTAS DE CONCLUSÃO

*Vi então o céu aberto:
eis que apareceu um cavalo branco.
Seu cavaleiro chama-se Fiel e Verdadeiro.
Ele julga e combate com justiça.
Seus olhos são flamejantes.
Sobre sua cabeça há muitos diademas
e traz escrito um nome que ninguém conhece, exceto ele.
Veste um manto embebido de sangue,
e o seu nome é Verbo de Deus.
Apocalipse 19, 11-13*

Chegamos, aqui, ao momento de pôr um ponto final em nossa pesquisa. No entanto, sabemos que cada página aqui escrita já contém, *virtualmente*, aprofundamentos e ajustes, novas reflexões e questionamentos, que, por estarmos em um fluxo contínuo, é impossível reter e condensar por escrito. Nossa tentativa foi a de dar ao leitor uma imagem o máximo possível abrangente desse fluxo. Que, porém, não se deixa deter. Eis o paradoxo e o desafio de apresentar indicações de conclusão.

Entretanto, nossa intenção, nestas páginas, é a de retomar os principais pontos contemplados neste estudo e – como é a função e o propósito de uma pesquisa – apresentar pistas de resposta ao problema que nos desafiamos a refletir. Esse processo continua, posteriormente, com os nossos próximos passos de pesquisa, visando compatibilizar e corresponder às observações que surgirem no diálogo acerca deste texto. Só assim poderemos “prosseguir viagem”, indo sempre além na busca de argumentos e ideias mais consistentes. Por isso, também em nosso texto, buscamos um posicionamento de abertura constante e um caráter sempre plural de interpretações. Fazendo uma analogia ao nosso objeto de estudo, se Deus, na concepção cristã, é palavra e por essência é infinito, o conhecimento – constituído aqui fundamentalmente por palavras – também o é²⁰⁷.

Assim, retomando nossa trajetória de pesquisa aqui desenvolvida, a partir do problema proposto para ser estudado – a saber, como se dão as interações entre fiel-Igreja-Deus para a vivência, a prática e a experienciação da fé nos rituais online do ambiente digital católico brasileiro –, iniciamos contextualizando as interações comunicacionais possibilitadas, nas últimas décadas, pelo surgimento do computador e pelo desenvolvimento de redes digitais. Nesse

²⁰⁷ Essa reflexão, muito profunda e valiosa, é de Antoine Nouis, em artigo acerca da importância do diálogo, disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=33764>.

contexto, percebemos um grande emprego e uma apropriação da Internet transformada em meio de comunicação no âmbito das práticas religiosas. A religião, afirmávamos, em sua necessidade de dar a conhecer as suas verdades sobre o mundo, se apropria dos dispositivos digitais comunicacionais ao seu alcance, através das várias possibilidades desse serviço, para transmitir sua mensagem de fé.

Porém, nosso interesse de pesquisa foi se concentrando sobre as práticas religiosas católicas no ambiente digital, as formas pelas quais o fiel *pratica a sua fé* no âmbito digital, em interação com o que chamamos de sistema comunicacional católico online, ou seja, o complexo conjunto de estratégias discursivas dos sites institucionais ligados à Igreja Católica. Vimos, então, que as pessoas passam a encontrar uma oferta da fé não apenas nas igrejas de pedra, nos padres de carne e osso e nos rituais palpáveis, mas também na religiosidade existente e disponível nos bits e pixels da Internet. Ou seja, o indivíduo também vivencia, em níveis complexos, *experiências religiosas* por meio da Internet, ou seja, uma “percepção da presença do sagrado por parte do sujeito que a faz” (LIBÂNIO, 2002, p.92). Formam-se assim novos vínculos com o sistema – a Igreja e o transcendental por ela ofertado –, em novos ambientes de culto. Agora, diante de uma tela de um aparato conectado à Internet, o fiel passa a operar a construção de sentido religioso em novas formas e processualidades de louvor a Deus, como as orações, áudios e vídeos de celebrações e outros rituais católicos, as “capelas virtuais”, com suas “velas virtuais”, “Bíblias online”, pedidos de oração, testemunhos etc., disponibilizados na Internet. Isso possibilita uma nova forma de teofania, ou revelação e manifestação de Deus, agora midiaticizada – o que poderíamos chamar de *midiateofania* –, ou ainda uma nova forma de revelação e manifestação midiaticizada do sagrado em geral, como em Nossa Senhora, nos santos e anjos católicos – uma *midio-hierofania*.

A partir desse *desvio* do olhar do fiel dos templos tradicionais para os novos templos digitais, percebemos que a experiência religiosa é também ressignificada para o ambiente digital. E nisso vimos mais uma das facetas de uma sociedade em *mediatização*, pois a Internet passa a ser também uma ambiência social e discursiva de vivência, prática e experiência da fé. E as lógicas que fundamentam essas práticas religiosas na Internet encontram-se marcadas por esse processo, que não é simples, nem instantâneo, nem automático, ocasionando perdas e trocas de diversos níveis, assim como ganhos e acréscimos nessa “digitalização do sagrado”. Ou seja, as mídias não são mais apenas extensões dos seres humanos, mas sim o ambiente no qual tudo se move, ou um novo “bios virtual”, um “princípio, um modelo e uma atividade de operação de inteligibilidade social” (GOMES, 2008, p.21). Como afirmava McLuhan (1964), em um período pré-Internet,

“toda tecnologia gradualmente cria um ambiente humano totalmente novo”, ambientes que “não são envoltórios passivos, mas processos ativos” (p.10).

Em uma era midiática como a atual, marcada pela convergência dos meios de comunicação, da computação e das telecomunicações, segundo Scott (2005), não se trata apenas de um avanço tecnológico, mas sim de uma nova configuração social ampla, que gera novos sentidos e novos predicados sociais e humanos em escala complexa e dinâmica, a partir da tecnologia mas para além dela, em uma nova conformidade comunicacional geradora de sentidos (cf. FAUSTO NETO, 2005). Ocorre assim “revolução no fazer” religioso a partir das novas interações via computador (cf. BRASHER, 2004).

Isso nos levou a questionar, como problema de pesquisa, conforme apresentamos acima, como se dão as interações entre fiel-Igreja-Deus para a vivência, a prática e a experiencição da fé nos rituais online do ambiente digital católico brasileiro. Nossa preocupação era compreender quais são as estratégias desenvolvidas para a oferta do sagrado por parte do sistema comunicacional católico online e as estratégias de apropriação desenvolvidas por parte do fiel. Se a comunicação (suas lógicas, seus dispositivos, suas operações) está em constante evolução, dizíamos, a religião, ao fazer uso daquela, também acompanha essa evolução e é por ela impelida a algo diferente do que tradicionalmente era. Nesse contexto, buscamos perscrutar que religião resulta dessa manifestação de práticas religiosas a partir de operações digitais: que tipo de Igreja (instituição) e de igreja (templo) manifestam-se por meio desses rituais online, como esses diferentes âmbitos ou sistemas se inter-relacionam e interagem entre si, que fiel é esse, que Deus é esse. Assim, perguntamo-nos, em suma, se a Internet – e a mídia em geral – está mudando a nossa forma de fazer e viver a religião.

A partir disso, no capítulo 2, revimos alguns estudos e pesquisas que analisam esse fenômeno, abordando a interface comunicação e fenômeno religioso na Internet, especialmente em ambientes cristãos. Assim, analisamos as continuidades, rupturas e transformações na interface religião e internet; as novas formas de ser religioso na Internet; a prática religiosa na era das mídias digitais; e aquilo que chamamos de metamorfoses da fé midiaticizada, ou seja, algumas características de uma religião pós-Internet, a partir do olhar dos autores estudados.

Em seguida, aprofundamos no capítulo 3 a reflexão sobre alguns conceitos e perspectivas de análise para a investigação dos sites católicos institucionais brasileiros. Assim, discutimos a noção de midiaticização do fenômeno religioso, enquanto sistema complexo em que o fenômeno religioso passa a se manifestar na Internet. Vimos que as mídias passam a ser meios de vivência e prática da fé católica a partir de “estratégias desenvolvidas por instituições religiosas,

permeadas por lógicas e operações midiáticas” (FAUSTO NETO, 2004a, p.3), em que a Internet passa a ser uma plataforma virtual para a construção de novos gêneros de experiência religiosa. Essa nova religiosidade é marcada por modos de consciência e novas formas de vínculo possibilitados e promovidos pelas atuais tecnologias e práticas da comunicação.

Analisamos ainda o papel da técnica comunicacional nessas interações e no funcionamento desse fenômeno comunicacional, marcado pela perda do mistério do sagrado, que se reveste com a transparência da mídia (cf. GOMES, 2004), em que, embora mediado pela instituição e pela técnica, o fiel compreende a sua relação com o divino como sendo “direta”, sem mediações. Afirmávamos que o problema não é o que a religião faz com a mídia, mas sim que tipo de religião está nascendo da mídia, em especial da Internet, por meio das microalterações da fé, marcada por essa hibridização com o não humano (cf. MARCHESINI, 2009). Disso, nasce uma outra religião, a partir das interações entre o fiel e o sistema comunicacional católico online digital. Portanto, dizíamos, nem a técnica (Internet) determina o humano (religião), mas nem o humano determina a técnica: é a indeterminação do devir dessa interação que merece análise, ou seja, os processos pelos quais os sujeitos se apropriam dos modos de existência através dos quais as técnicas são oferecidas, em uma coevolução dos predicados comunicacionais e religiosos.

Procuramos, então, compreender como se dão essas microalterações da fé a partir das novas modalidades de experiência religiosa, por meio de três eixos conceituais – interface, discurso e ritual – que atuam como sinal e instrumento da interação comunicacional, a saber, da *ação-entre*, da *reação*, *transação*, *retroação*, das ações recíprocas, mediadas pelas processualidades da Internet, entre fiel-sistema. Em síntese, afirmávamos que a interface interacional do sistema comunicacional católico online promove novas configurações das materialidades da interação, já que o fiel acessa o sagrado online por meio de instrumentos e aparatos físicos (tela, teclado, mouse) e simbólicos presentes na linguagem computacional e online (navegadores, menus, ambientes). A interface, portanto, atua como o código simbólico que possibilita a interação e também a superfície de contato simbólico entre fiel-sistema. Já por discurso, formas que explicitam os enunciados da interação fiel-sistema, entendíamos o fluxo constante de construção de sentido religioso por meio da linguagem textual nas páginas da Internet. E o ritual, especificamente as operações realizadas nas interações, foram definidos como os atos e práticas de fé desenvolvidas pelo fiel por meio de ações e operações de construção de sentido em interação com o sistema comunicacional religioso da Internet para a busca de uma experiência religiosa.

Por último, ainda no capítulo 3, analisamos as novas configurações de tempo-espaco-materialidades da fé, por meio das noções de digitalidade (o sagrado moldado em bits), ubiquidade (o sagrado acessível em qualquer ponto da Rede a qualquer momento), conectividade (conexões/interações em rede entre o sagrado e o fiel e entre fiéis) e hiperdiscursividade (novas formas de discurso e narrativa sobre o sagrado a partir das lógicas digitais).

A partir desse mosaico conceitual, realizamos, no capítulo 4, uma análise dos materiais, de caráter descritivo e analítico, dessas interações entre fiel-sistema e de suas processualidades. O corpus aqui analisado – conforme sabemos – foi composto por um mosaico de quatro sites católicos institucionais brasileiros – a saber, o site CatolicaNet, o site das Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus – Província do Paraná, o site A12, do Santuário Nacional Nossa Senhora Aparecida, e o site do Pe. Reginaldo Manzotti. Se, como escrevia Italo Calvino, pela boca de Marco Polo, não interessa apenas esta ou aquela pedra que sustenta a ponte, mas sim a curva do arco que estas formam, sem, porém, ignorar que “sem as pedras o arco não existe”, procuramos utilizar um horizonte metodológico baseado no pensamento sistêmico e complexo (cf. BERTALANFFY, 1977; LUHMANN, 1990; CAPRA, 1996; MORIN, 1997), tentando entender não apenas “partes” de nosso objeto, mas sim o total de partes com as suas inter-relações e interações, já que “as propriedades das partes podem ser entendidas apenas a partir da organização do todo” (CAPRA, 1996, p.41).

Assim, buscamos ultrapassar o objeto em si para buscar a apropriação da totalidade dos processos midiáticos, através de manifestações de interações, não promovendo mais uma fragmentação em produtor, produção, conteúdo, veículo, público, receptor, recepção (cf. GOMES, 2009). Ou seja, não visamos analisar objetos concretos e separados, mas sim suas interações (cf. MANOVICH apud CABRAL, 2009), por meio de um processo de pesquisa analíticos qualitativos, com observações das estratégias e dos processos comunicacionais dos sites com seu público de fiéis e consultas a documentação que se focaliza sobre essa realidade de midiatização no ambiente digital. Assim, procuramos caminhar (navegar), coletar, montar, analisar e (d)escrever as interações entre fiel-sistema comunicacional católico online.

Dessa forma, em resposta ao nosso problema de pesquisa, destacamos e descrevemos três modalidades de estratégias de oferta de sentido religioso por parte do sistema e de apropriação por parte do fiel nos sites católicos brasileiros, a partir de inferências obtidas em nosso corpus de pesquisa: os níveis tecnológico e simbólico da *interface interacional*; quatro fluxos de *interações discursivas*; e dois fluxos, com dois subfluxos cada, de *interações rituais*.

Com relação à interface interacional, analisamos seus níveis tecnológicos e simbólicos que orientam a leitura, a construção de sentido e a experiência religiosa do fiel. A interface, vimos, indica ao usuário seus limites e possibilidades com relação ao sistema, e aquele, por meio da interface, comunica ao sistema suas intenções: assim, o sistema não apenas oferece ao fiel uma forma de ler o sagrado, mas também uma forma de *lidar* com o sagrado. Os elementos tecnológicos e simbólicos que estão a serviço das interações entre fiel-sistema, portanto, foram por nós estruturados em quatro níveis: 1) a tela; 2) periféricos como teclado e mouse; 3) a estrutura organizacional das informações (menus); e 4) a composição gráfica das páginas em que se encontram disponíveis os serviços e rituais católicos.

Já nas interações discursivas, buscamos compreender como, nos sites católicos por nós observados, o fiel coloca-se em meio à encruzilhada de “discursos” que lhe falam: principalmente o da própria Internet e de seus protocolos, e depois o das estruturas eclesiais (sistema). A Igreja, analisávamos, por meio do sistema, fala ao fiel, que também fala à Igreja ou, por meio dela, a Deus e aos demais fiéis. Por outro lado, a Internet também “fala” a ambos, quando determina seus limites e possibilidades de discurso. Também descrevemos como é administrada, regulada e gerida a participação do fiel dentro do sistema, quando esta lhe é possibilitada. Entretanto, além de um discurso *ao* fiel, existe também um discurso *do* fiel, *construído pelo* fiel, que é inserido no sistema e depois oferecido por este aos demais fiéis. Essa rede de interações realizadas e estimuladas no interior do sistema foi analisada e descrita a partir de três fluxos de discurso: o fiel-internauta em interação com um “Outro”, o destinatário último (Deus, Nossa Senhora ou os santos); o fiel em interação com um “outro” (por quem o fiel intercede ou a quem o fiel se dirige para que interceda por ele – como outro fiel-internauta ou o próprio sistema); o fiel em interação com um “outro”, mediado pelo “Outro”; e ainda o fiel em interação com o “Outro”, solicitando a mediação de “outro(s)”.

Nas interações rituais, a primeira modalidade (de fechamento) opera com uma tendência do sistema comunicacional católico online a se isolar do ambiente externo (a se fechar), pois o fiel não tem acesso ao seu interior. Para o sistema, o fiel apenas responde a um estímulo, sem interferir no sistema, embora saibamos que, em um contexto de circulação, a construção do sagrado pelo fiel existe e ocorre, portanto, a partir do âmbito das mídias. Essa modalidade de interação ritual, afirmávamos, é marcada por um processo de *diferenciação* entre o sistema comunicacional católico online e o ambiente (neste caso, fiel) e de *fechamento operacional* por parte do sistema (cf. LUHMANN, 1996). Dentro dessa modalidade, diferenciamos as interações de *fechamento externo* (rituais propriamente online, em que o sistema fecha-se a qualquer

interferência do ambiente-fiel, como terço online, Bíblia online etc.) das de *fechamento interno* (rituais online que são a extensão de rituais que ocorreram previamente no ambiente offline, como as missas online, veneração de imagens online etc.).

Na segunda modalidade (de abertura), ocorre uma *transação* entre sistema e fiel, provoca-se uma *alteração* do sistema do seu ponto original a partir de um *processo de abertura* de si mesmo ao fiel. Este *constrói o religioso* discursivamente no interior do sistema, que, por sua vez, reconstrói e remodela essa matéria, ou então demole e se desfaz dela. Percebemos, nessa modalidade, um processo de *interpenetração* entre sistema e fiel, ou ainda, uma relação intersistêmica entre sistemas que pertencem reciprocamente um ao ambiente do outro, que se constroem conjuntamente, marcada por *acoplamentos estruturais* (cf. LUHMANN, 1996). Também diferenciamos entre as *interações rituais de abertura interna* (rituais online que ocorrem por meio da ressignificação de elementos offline para o ambiente online, como as “velas virtuais”) e as de *abertura externa* (rituais online que se estendem para o ambiente offline, como os pedidos de oração feitos pela Internet que são depositados sobre o altar de algum templo para a celebração da missa). Por último, analisamos alguns exemplos de ruptura no contrato interacional, como as falhas na interface interacional ou os escapes doutrinários por parte dos fiéis

O que podemos perceber, a partir de nossas análises, tendo em vista que religião nasce daí, é que a fé vivenciada, praticada e experienciada nos ambientes digitais aponta para uma mudança na experiência religiosa do fiel e da manifestação do religioso, por meio de novas temporalidades, novas espacialidades, novas materialidades, novas discursividades e novas ritualidades. Se a Internet traz consigo novas formas de lidar com o tempo, o espaço, as materialidades do sagrado, o discurso e os rituais, é porque a religião como tradicionalmente a conhecemos também está mudando, e a “nova religião” que se descortina diante de nós nesse “odre novo” traz também “vinho novo” que caracteriza a midiatização digital (suas formas características de ser, existir, pensar, saber, agir etc. na era digital)²⁰⁸. Junto com o desenvolvimento de um novo meio, como a Internet, vai nascendo também um novo ser humano e, por conseguinte, um novo sagrado e uma nova religião – por meio de microalterações que caracterizam essa coevolução *antropotecnocomunicacional*.

Por um lado, *temporalmente*, os tempos e períodos tradicionais do ano cristão, divididos e organizados pela Igreja liturgicamente (Advento, Natal, Quaresma, Páscoa etc.) e na

²⁰⁸ Fazemos, aqui, referência ao trecho evangélico de Mateus 9, 17, que diz: “Também não se põe vinho novo em odres velhos, senão os odres se arrebentam, o vinho se derrama e os odres se perdem. Mas vinho novo se põe em odres novos, e assim os dois se conservam”.

vida cotidiana (missa dos domingos, às 9h, por exemplo), mudam radicalmente na Internet. Agora, o fiel pode assistir uma missa de Natal em plena Páscoa, ou mesmo a missa do domingo celebrada pela manhã pode ser assistida pelo fiel à hora em que desejar no serviço de vídeo online de sua paróquia. Uma adoração ao Santíssimo pode ser feita a qualquer hora do dia, independentemente dos horários dos demais membros da comunidade religiosa. O acompanhamento espiritual do fiel não precisa mais ter hora marcada com o sacerdote ou religioso, pois agora pode ser feito a qualquer momento, em casa, no horário de trabalho, ou mesmo em trânsito. O sistema se encarrega de mediar essa conversação, apesar do tempo offline da vida cotidiana. Ocorre um deslocamento, assim, da *autoridade* da Igreja sobre a vida de fé do fiel. Quando a Igreja, por meio do sistema, passa a permitir que o fiel organize sua vivência religiosa (seus tempos, suas regularidades), concedendo-lhe o “poder” de organizar sua vida espiritual e sua fé de acordo com suas próprias escolhas, selecionando o que faz parte e o que não lhe interessa, há uma nova cláusula no contrato de vínculo entre esses dois âmbitos da forma como era vivido anteriormente. Não afirmamos que essa autoridade desaparece. Mas agora o fiel passa a ser visto também como coprodutor de sua fé, e a Igreja, ao invés de exigir obediência estrita, concede-lhe uma autonomia regulada, lhe deixa fazer a fé, desde que dentro dos parâmetros do sistema. Ocorre, dessa forma, uma “emergência das pessoas” (ROSNAY, 2003b), permitida e mediada pelo sistema, em que uma nova carga de sentido é derramada sobre os fiéis enquanto atores diversificados, comunicadores e cocriadores potenciais do sagrado. O sistema reconhece-os não como usuários apassivados, mas sim como fiéis consumidores-produtores de sagrado, com capacidade de escolha e de apropriação. Estabelece-se, dessa forma, um novo regime de *hierarquia*, em que o fiel recebe do sistema uma corresponsabilidade pela sua fé, podendo exercer a sua proatividade nos rituais da Igreja, sem perceber, no entanto, os níveis de mediação e regularidade impostos pelo sistema. Por outro lado, os processos lentos, vagarosos e penosos da ascese espiritual (os “séculos dos séculos”, “até que a morte os separe”) vão sendo agora substituídos pela *lógica da velocidade* absoluta, por uma “eternidade intensiva” (SFEZ, 2003). Fomenta-se assim uma expectativa de onitemporalidade e de imediaticidade (BRASHER, 2004). A vastidão garantida pelo tempo para as antigas hierofanias e as reações do ser humano, o tempo que nos era ofertado para as reflexões profundas e necessárias para se tomar a decisão correta é agora substituído por microinstantes, “átomos temporais” em que o sistema nos exige reações instantâneas a eventos que ocorrem na velocidade da luz (cf. MANOVICH, 2000; VIRILIO, 2003).

Por outro lado, o deslocamento *espacial* da experiência religiosa é marcado por uma nova espacialidade trazida pelas processualidades da Internet: a celebração feita do outro lado do país ou do mundo pode ser agora assistida pelo fiel em seu quarto – e, diferentemente da TV, é ele quem escolhe quando a missa vai começar. Um fiel do interior da Amazônia não precisará se deslocar até o Santuário Basílica de Nossa Senhora Aparecida, em São Paulo, para fazer suas orações, prostrar-se diante da imagem e até mesmo acender sua vela, pois, pela Internet, a “capela virtual” acolhe seus pedidos e lhe oferece o “Nicho da Imagem” para venerar a santa via online, sem os “incômodos” do “mundo real”. Quando o fiel da Amazônia se sente ligado espiritual e concretamente aos fiéis de São Paulo, e interage com eles em oração; quando esse mesmo fiel, sem nunca ter posto seus pés nesse santuário, faz sua “peregrinação virtual” e venera a imagem de Nossa Senhora Aparecida, instaura-se uma nova forma de *presença*: uma “telepresença” (cf. MANOVICH, 2000). No ambiente online, o fiel desloca-se e teletransporta-se de um banco de dados a outro e, assim, de um ponto físico do espaço a outro, instantaneamente, em tempo real. Isso só é possível pela *produção de presença* encarnada nas construções, representações e simulações de sagrado ofertadas pelas processualidades do sistema, que oferece ao fiel ambiências em que este pode interagir, narrar e experienciar a fé. Para que essa produção de presença se efetive, solicita-se que o fiel-internauta acione um regime de percepção que passa por um *sensorium* específico do ambiente online, marcado pelo olhar e pelo tato, mediados pela técnica comunicacional. Por outro lado, a essência dessa nova modalidade de presença é a não presença, a “antipresença” (cf. MANOVICH, 2000): não é necessário que o fiel esteja lá fisicamente para estar lá digitalmente: o fiel pode agora *ver e agir à distância*, oferecendo-se como exemplo de novas modalidades de bilocação, ou seja, de estar presente simultaneamente em dois lugares, uma das históricas provas de santidade de muitos santos da Igreja. Com a diferença de que, agora, não é a santidade ou o sagrado que possibilita isso, mas sim a técnica comunicacional, e é somente nessa ambiência digital que o fiel mantém esse seu “poder” sobre o espaço.

Além disso, a fé digital traz consigo uma *materialidade* totalmente própria, numérica, de dígitos, que podem ser alterados, deletados, recombinaados de acordo com a vontade do sistema, embora com resquícios de uma religiosidade pré-midiática, como o uso de velas, por exemplo, que manifestam que a complexidade da técnica não pressupõe o abandono de tradições discursivas. Porém, elas são ressignificadas: na “capela virtual”, o sol sempre brilha, as flores sempre estão abertas, vivas e coloridas, as velas até se acendem sozinhas, e a cerimônia inicia assim que o fiel entra (adeus, preocupação com o atraso). Claro, algumas velas digitais também se “consomem”, até mesmo diminuem de tamanho com o passar dos dias, mas não há mais os

“incômodos” da cera derretida, dos vapores e fumaças, dos riscos de incêndio. Assim, ao invés de uma “desintermediação” (LÉVY, 2003) ou de uma relação “direta” com Deus, o fiel se depara – embora sem perceber – com novas intermediações – até mesmo *reintermediações* – com o sagrado: agora, o sistema e seus protocolos se colocam como novas camadas “intermediatórias” entre o fiel e o sagrado. Se antes o fiel fazia uso de uma vela, de um templo e dos protocolos da instituição para fazer seu ritual de oração, hoje se acrescentam novas camadas tecnocomunicacionais (aparatos como computador, teclado, mouse, interfaces, fluxos de interação comunicacional etc.) e acionadas pelo próprio fiel, por seu próprio interesse e desejo, a partir de uma oferta do sistema. Porém, toda essa racionalidade que se constrói a partir dessas novas práticas de sentido passam despercebidas pelo fiel, reforçando a *transparência* da técnica: a sensação de sagrado construída pelo sistema alimenta (ou reforça) a crença de que o fiel está *diante* de (e apenas de) Deus. E essa construção simbólica se dá por meio de códigos binários (bits), que buscam substituir digitalmente a vivência e a experiência do sagrado, códigos fluidos, suaves, *soft* (e por isso *software*), que podem ser reconstruídos e alterados constantemente de acordo com os interesses do sistema e do fiel-internauta. Assim, o ser humano, simbolicamente, substituiu o sentido do sagrado pelo fogo, do fogo pela vela, e da vela pela “vela virtual” hoje. Criando esses novos símbolos, resignificando outros símbolos tradicionais para o ambiente online, busca-se uma nova “mediação” entre ele e o mundo, para poder dar-lhe sentido.

E, se a Igreja é “o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (CONCÍLIO, 1964, online), na Internet, o fiel busca essa “íntima união”, ainda mediado pela instituição, mas também com a interposição da técnica, embora *transparente* aos seus olhos. *Discursivamente*, portanto, o fiel constrói sentido religioso *como se* se dirigisse *diretamente* a Deus, interagindo com um “outro” (internauta ou o próprio sistema) e também com o “Outro”, o sagrado. Porém, esse discurso é fluido, marcado por uma constante transformação, em que novas informações podem ser adicionadas, deletadas, corrigidas ou relacionadas segundo os protocolos da Internet. Isso acaba abrindo o texto original a inúmeras interpretações em uma “dança hermenêutica” infindável de leitura e criação de novos sentidos (cf. ESS, 2001). Instaura-se, assim, também, uma nova configuração *comunitária*. A comunidade de fé não desaparece: pelo contrário, o fiel a busca, dirige-se a ela, pede intercessão, partilha a sua vida com ela, porém, é uma nova forma de comunidade, segundo os protocolos do ambiente digital: fluida, “líquida”, virtual e, ao mesmo tempo, institucional (no site das Apóstolas, me dirijo a essa comunidade de fiéis específica; no site do Santuário, a comunidade será outra, marcada também por essa institucionalidade específica). Por isso, sem dúvida, as relações e vínculos nesse

ambiente são fragmentários, em que o fiel seleciona e escolhe a sua alteridade (terrena ou divina). O deslocamento, em suma, se dá em direção à *lógica do acesso*, em que o pertencimento-participação define-se pela “afiliação por navegação” (cf. MARCHESINI, 2009). As novas comunidades não se estruturam por uma localização geográfica, em que seus membros são definidos pela sua coexistência em um mesmo determinado espaço físico, mas sim por uma ambiência fluida em que só faz parte dessa comunidade quem a ela tem *acesso*. E são comunidades instauradas comunicacionalmente: ou, vice-versa, é a interação comunicacional que cria novas comunidades ao *tornar comum* entre os fiéis o que social, política, existencial e religiosamente não pode nem deve, a seu ver, ficar isolado (PEÑA, 2010). O que vemos é que o fiel não faz uma opção entre a comunidade off ou online, mas, ao contrário, adquire, para além de sua comunidade de fé offline, mais ambientes de interação, agora online, com seus pares religiosos. Por isso, os antigos vínculos do laço social e das comunidades tradicionais não podem servir de parâmetro ou régua para analisar o que ocorre no ambiente digital, marcado por novos protocolos e processualidades. Exigir dos vínculos e das comunidades que surgem no ambiente online características dos vínculos e comunidades tradicionais é não compreender a ambiência, aqui analisada, em que esses laços se conformam. Nem se pode afirmar, como Willer (2009, p.81), que a Internet é o ambiente para “uma fé individualizada que já não precisa da comunidade real”. Na Internet, as interações sociais e religiosas adquirem um novo suporte que passa a ser conatural a tais interações, um órgão fundamental para o estabelecimento dessas interações. Em última análise, as comunidades religiosas possibilitadas pelo ambiente digital significam o uso de um sistema comunicacional católico online que se torna constitutivo dessas interações e, portanto, em sua ausência ou desestabilização, desencadeia-se o debilitamento ou o rompimento desse vínculo (cf. GUTIÉRREZ, 2009). O que é importante destacar é que, a partir das interações possibilitadas pelo sistema, o fiel-internauta vive uma experiência de fé *sem uma presença objetiva*, mas sim com uma *ausência objetiva* do “outro” (seja ele uma pessoa ou um lugar de culto), o que, nem por isso, caracteriza uma fé vivida isolada e individualisticamente, como dizíamos anteriormente. A liturgia católica em geral “traz em seu bojo a proposta para uma nova sociedade, baseada na dignidade de cada ser humano e na vocação da humanidade para a comunhão e a participação (koinonia)” (BUYST, 2003, p.9). Por isso, podemos questionar, junto com a autora, até que ponto isso é expressado e operacionalizado na liturgia online. O fiel-internauta, após sua experiência religiosa, sai da celebração com a certeza de que uma nova sociedade é possível, aberto e disponível para a comunhão e a participação?

Por fim, *ritualisticamente*, os atos e práticas de fé desenvolvidas pelo fiel por meio de ações e operações de construção de sentido em interação com o sistema constroem-se agora na “vasta catedral da mente” (cf. CASEY, 2008) e da Internet. E novos fluxos começam a surgir: rituais offline reconstruídos midiaticamente, rituais online que são estendidos midiaticamente para o ambiente offline. Manifesta-se, assim, não apenas uma liturgia assistida pela mídia, mas também uma liturgia centrada, vivida, praticada e experienciada pela mídia, em que esta também oferece modelos para as práticas, o espaço e o imaginário litúrgicos. Assim, embora a Igreja ainda não admita a celebração de sacramentos²⁰⁹ midiaticamente (como no caso da consagração das espécies sagradas por meio da televisão, ou da realização da confissão via Internet), alguns rituais considerados “populares” passam a ser *sacramentalizados* via online, o que é reforçado pela inúmera participação por parte dos fiéis e pela *sensação de sagrado* criada pela interface interacional dos sites analisados. Assim, parece-nos, os fiéis, por inúmeras razões que ultrapassam o escopo desta pesquisa, buscam nessa sensação – imaginada e criada digital, interfacial, discursiva e ritualisticamente – uma forma de experienciar o sagrado de forma mais simples e acessível do que os rituais territorializados e os elementos “concretos” do “mundo real”²¹⁰. Entretanto, ao invés de uma dessacralização dos ritos (CARVAJAL, 2009), instaura-se uma nova *sacramentalidade*. O que fica escondido nos templos territorializados, como o ritual de acender velas, passa a ser exposto e oferecido com destaque nos ambientes online. Quando um fiel experiencia o sagrado no ambiente digital, faz-se uso de um *sensorium* específico para uma “materialidade” reconstruída digitalmente, marcada principalmente pela visão e pelo tato. Isso acarreta uma complexificação da intervenção divina e da manifestação do sagrado por meio de sinais (“velas virtuais”, “capelas virtuais” etc.) que agora são perpassados por uma sacramentalidade totalmente própria do ambiente digital. Se através dos tradicionais “sinais sensíveis” da liturgia e da corporeidade é possível ver, ouvir, tocar e ser tocado pelo mistério divino, e Deus se coloca sacramentalmente ao alcance de nossos ouvidos, olhos e mãos (cf. BUYST, 2003), até que ponto o ambiente online e seu novos “sinais sensíveis”, agora com uma materialidade digital própria, possibilitam também uma vivência “holística” (corpo/mente/coração/espírito) das ações litúrgicas, em que se possa ver, ouvir, sentir, cheirar, apalpar etc. o mistério divino (cf. BUYST, 2003)?

²⁰⁹ Segundo a doutrina tradicional, sacramento é um sinal visível de uma graça invisível. Assim, a água é a matéria do batismo, pão e vinho são matéria da eucaristia, em que a forma dos sacramentos é dada pelas palavras pronunciadas (discurso) pelo oficiante ordenado, pelo ritual, pelas ações litúrgicas.

²¹⁰ Mesmo que, pela complexidade das estratégias de linguagem da Internet, essa seja uma “religiosidade para poucos”, a saber, para quem *sabe dialogar* com essas estratégias, muitas vezes apenas para os chamados “nativos digitais”.

Nesse sentido, como vemos, o vínculo tradicional do fiel com a Igreja e seus rituais é “desconstruído” histórica, espacial, temporal e liturgicamente (senão ainda em outros aspectos). No âmbito restrito de sua manifestação, cremos que vai ocorrendo, a partir da midiatização digital do fenômeno religioso, uma *metamorfose da fé*, somada aos diversos outros âmbitos sociais e históricos que evidenciam esse processo. Para Morin (2010, online), metamorfose é a criação de uma metaorganização que surge a partir de um ponto de saturação da organização original, “que, embora tendo os mesmos aspectos físico-químicos, produz novas qualidades”. Como afirma o autor, uma metamorfose começa “por uma inovação, uma nova mensagem desviante, marginal, pequena, muitas vezes invisível para os contemporâneos”. Não seria esse o caso do fenômeno religioso que se manifesta nos ambientes digitais em rede? Sabemos que existe – e com a Internet se fortaleceu e se manifestou ainda mais – “uma efervescência criativa, uma multiplicidade de iniciativas locais” que ainda “estão isoladas”. Porém, não seriam elas “o viveiro [da fé e da religião] do futuro”? “São estes caminhos múltiplos que podem, através de um desenvolvimento conjunto, se combinar para formar o novo caminho que nos levaria em direção à metamorfose ainda invisível e inconcebível” (cf. MORIN, 2010, online).

Abrem-se, assim, grandes questionamentos para futuras pesquisas. Não para perscrutar apenas que religião nasce daí, mas também para explorar como está se dando esse nascimento a partir dos usos e das apropriações dos fiéis, nessa reconstrução do religioso que não tem um fruto estanque, já observável. Vemos, por enquanto, sinais e sombras daquilo que está para nascer. Se os fiéis de hoje, como o Moisés bíblico, “sobem a montanha digital” é porque, sem dúvida, viram uma “sarça ardente” em seu topo. Dessa forma, a religião católica como a conhecemos também está sendo reformulada e reconstruída coletivamente pelos fiéis que participam das manifestações da religião digital, nas interações acima explicitadas. Para Vattimo (1996, p.39), a secularização – enquanto dissolução das estruturas sagradas, passagem para uma ética da autonomia, literalidade menos rígida na interpretação dos dogmas – não é “um decréscimo ou uma despedida do cristianismo”, mas sim “uma realização mais plena da sua verdade que é [...] *kénosis*, o rebaixamento de Deus, o desmentir dos traços ‘naturais’ da divindade”. Por isso, é possível questionar se a Internet, como um dos diversos outros âmbitos sociais de construção do religioso, também não apontaria para essa “realização mais plena” do cristianismo, aumentando justamente o “jogo de interpretações” na “Babel do mass media” (VATTIMO, 1996, p.45), em que se dá a “dissolução ou [...] debilitamento de estruturas fortes” (Id., p.46) para que se realize “uma salvação em curso” e não uma salvação enquanto “verdade-objeto” (Id., p.41)?

Retomando o tema do sagrado, não podemos perder de vista que a hierofania nunca se restringe a um único âmbito do humano. cremos que, por meio da mediação, revelam-se algumas faces desse sagrado, que não se limita a essas manifestações. O sagrado escapa ao mediático. Por outro lado, outros âmbitos do humano também permitem entrever outras faces desse sagrado. Paralelamente aos ambientes online, continua-se vivendo, praticando e experienciando a fé nos tradicionais espaços de culto, em crescentes tensões e desdobramentos. A fé online convive, tensiona e é tensionada pelas dinâmicas e as transformações da religião e da religiosidade dentro das condições sociais, políticas e culturais da sociedade contemporânea em geral (cf. HØJSGAARD, 2005). No caldo cultural de uma sociedade em mediação, a religião é um fenômeno difuso, misturado a diversos outros movimentos associados a outros âmbitos sociais. A Internet, portanto, como vimos, tem um papel específico, dentre inúmeros outros fatores, em uma prática religiosa que se manifesta cada vez mais independentemente de filiações exclusivas a instituições, temporalidades, espacialidades e materialidades tradicionais.

Permitam-me fazer uma breve digressão teológica nesse sentido. cremos que é central a afirmação do título desta nossa pesquisa: o Verbo se fez bit. Já abordamos tudo o que a digitalização significa em termos de redução e simplificação. Porém, o trecho bíblico original afirma que “o Verbo se fez carne” (Evangelho de João 1, 14). Boff (1974) nos ajuda a compreender a concepção antropológica por trás dessa afirmação. Segundo ele,

a Bíblia vê o homem numa grande unidade. Ele é todo inteiro em cada uma de suas concretizações fundamentais. As Escrituras não possuem um termo para alma sem corpo, nem para corpo sem alma. Cada conceito que elas se fazem do homem compreende o homem todo inteiro (BOFF, 1974, p.86).

Portanto, “para a Bíblia tudo no homem é de alguma forma corporal. Pertence ao ser-homem a corporalidade. [...] O corporal é um sacramento do encontro com Deus. Em Jesus Cristo se mostrou que o corpo constitui o fim dos caminhos de Deus e do homem” (Id., p.89). Portanto, o Verbo se faz “carne” para integrar tudo o que é humano, seus órgãos, seus sentidos, a terra que o envolve. Em bits, o Verbo deixa de lado justamente o que é do ser-homem: a corporalidade. O homem-todo-inteiro acessa o sagrado apenas pela visão, pela ponta dos dedos, pela imaginação. O resto é suprido, por parte do sistema, por uma sensação de sagrado, que, na realidade, é construída digitalmente. Falta ao ser humano, nessa ambiência digitalizada, a corporalidade enquanto tal em sua relação com o sagrado. Assim, voltamos à ideia de que essa é uma “religião sem religião” (LAMBERT apud HØJSGAARD, 2005), isto é, sem o essencial à manifestação do sagrado, especialmente segundo a inspiração cristã: a “carne”, o corpo, isto é, toda a existência terrestre

que envolve todos os sentidos. De uma experiência multissensorial do sagrado, como a que vivenciamos de forma física e corporal, interpõe-se a técnica digital, que reduz sobremaneira essa experiência a um fenômeno que instiga principalmente a imaginação e o sentido visual.

Pessoalmente, por fim, esta pesquisa nos foi essencial para aprimorar nosso conhecimento no âmbito da Comunicação, preparando-nos para dar passos mais avançados tanto no aprendizado quanto no ensino desse campo de estudos que tanto nos desafia e estimula. Foi também um processo em que aprendemos ainda mais a *pensar o nosso pensamento, apreender o que íamos aprendendo*, para questionar, tensionar e rever nossas ideias a partir das conversas com nosso orientador, demais professores e colegas. E, sem dúvida, muito do que foi vivenciado por nós nessas conversas e encontros ultrapassa este texto. Foi também nesses espaços outros, não acadêmicos, que nossa vida acadêmica encontrava uma base firme para seguir avançando.

Mas é hora de dar um ponto final. E é agradável encerrar com muito mais “por que” do que “porquê” (cf. epígrafe de Millôr Fernandes que encabeça este texto). Como disse Leonardo Boff, “um navio está seguro no porto, mas não é para isso que foi construído. Foi para o mar alto para enfrentar as ondas e chegar então ao porto”²¹¹. Assim também é esta pesquisa. Este texto é apenas um porto inicial de nossa trajetória enquanto pesquisadores. Chegamos até aqui, a este porto da nossa navegação. Mas o mar alto e as ondas estão fora do que aqui está escrito – e já estaremos novamente navegando a partir deste ponto final.

²¹¹ A mensagem foi postada na página do teólogo no Twitter, em 27 jul. 2010, disponível em <<http://twitter.com/LeonardoBoff/status/19660546148>>.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AÑEZ, Edgar A. Galavís. Ciberreligiones: Aproximación al Discurso Religioso Católico y Afro-Americano en Internet. **Revista de Ciencias Humanas y Sociales**, vol. 19, n. 41, ago. 2003, p.85-106. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/310/31004104.pdf>>. Último acesso em 21 jun. 2010.
- AROLDI, Piermarco; SCIFO, Barbara. **Internet e l'Esperienza Religiosa in Rete**. Milão: Vita e Pensiero, 2002.
- BOFF, Leonardo. **A Ressurreição de Cristo: A Nossa Ressurreição na Morte**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1974.
- _____. **Experimentar Deus: A Transparência de Todas as Coisas**. Campinas: Verus, 2002.
- BARBERO, Jesús Martin et al. **Lo Sagrado y los Medios de Comunicación: Efímero y Transcendente**. Pueblo Libre: Fondo Editorial, 2009.
- BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BENDEZÚ, Juan Dejo. Ausencia, Realidad y Mediación: Variables de la Mística Cristiana em el Acceso del Cibernauta al Sagrado. In: BARBERO, Jesús Martin et al. **Lo Sagrado y los Medios de Comunicación: Efímero y Transcendente**. Pueblo Libre: Fondo Editorial, 2009, p.85-96.
- BERTALANFFY, Ludwig von. **Teoria Geral dos Sistemas**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1977.
- BRAGA, José Luiz. **Interatividade e Recepção**. Trabalho apresentado no IX Encontro Anual da Compós – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Porto Alegre, 2000.
- _____. **Sobre “Mediatização” como Processo Interacional de Referência**. Trabalho apresentado no XV Encontro Anual da Compós – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Bauru, 2006.
- _____. **Comunicação É Aquilo que Transforma Linguagens**. Trabalho apresentado no XVIII Encontro Anual da Compós – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Belo Horizonte, 2009.
- BRASHER, Brenda E. **Give Me That Online Religion**. Nova Jersey: Rutgers University Press, 2004.

- BUYST, Ione. Alguém me Tocou!: Sacramentalidade da Liturgia na Sacrosanctum Concilium (SC), Constituição Conciliar sobre a Sagrada Liturgia. **Revista de Liturgia**, São Paulo, nº 176, jul.-ago. 2003, p. 4-9.
- CABRAL, Rafael. Para Lev Manovich, Falar em “Cibercultura” é Negar a Realidade. **Link**. [Post]. 21 ago. 2009. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/link/para-lev-manovich-falar-em-cibercultura/>>. Último acesso em: 25 jul. 2010.
- CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida: Uma Nova Compreensão dos Sistemas Vivos**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1996.
- CARVAJAL, Pablo Ignacio Aburto. La Basílica de Guadalupe en la Internet: La Difusión de las Prácticas Religiosas en la Era de las Tecnologías de Información. **Revista Arbitrada en Ciencias Sociales y Humanidades – Renglones**, Guadalajara, nº. 61, set. 2009-mar. 2010, p.27-36. Disponível em: <http://renglones.iteso.mx/upload/archivos/pablo_aburto.pdf>. Último acesso em 21 jun. 2010.
- CASEY, Cheryl. Virtual Ritual, Real Faith: The Revirtualization of Religious Ritual in Cyberspace. **Heidelberg Journal of Religions on the Internet**, Heidelberg, vol. 02.1, 2006.
- _____. **Symbol and Ritual Online: Case Studies in the Structure of Online Religious Rituals**. XCIV Convenção Anual da National Communication Association. San Diego, 20 nov. 2008. Disponível em: <http://www.allacademic.com/meta/p260217_index.html>. Último acesso em 21 jun. 2010.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede: A Era da Informação – Economia, Sociedade e Cultura**. Vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. **A Galáxia da Internet: Reflexões Sobre a Internet, os Negócios e a Sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003a.
- _____. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, Dênis de (org.). **Por uma Outra Comunicação: Mídia, Mundialização Cultural e Poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003b.
- CHARTIER, Roger. **A Aventura do Livro: Do Leitor ao Navegador**. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO II DO VATICANO. **Instrução Pastoral “Communio et Progressio” sobre os Meios de Comunicação Social**. Publicada em 23 de maio de 1971. Disponível em <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_23051971_communio_po.html>. Último acesso em 24 fev. 2011.
- _____. **Constituição Dogmática “Lumen Gentium” sobre a Igreja**. Publicada em 21 de novembro de 1964. Disponível em <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/

ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html>. Último acesso em 24 fev. 2011.

CORTE REAL, Victor Kraide. **Festa do Divino na Internet**: Utilização de uma Nova Tecnologia de Comunicação na Divulgação de uma Tradicional Manifestação Popular. Trabalho apresentado no XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom. Curitiba, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0247-1.pdf>>. Último acesso em 21 jun. 2010.

COSTA E SILVA, Fernanda. Uma proposta de classificação das manifestações virtuais religiosas. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – E-Compós**, vol. 3, ago. 2005. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/40/40>>. Último acesso em: 20 jun. 2010.

DAWSON, Lorne L.; COWAN, Douglas E. **Religion Online**: Finding Faith on the Internet. Nova York: Routledge, 2004.

DAWSON, Lorne L. Religion and the Quest for Virtual Community. In: _____; COWAN, Douglas E. **Religion Online**: Finding Faith on the Internet. Nova York: Routledge, 2004, p.75-89.

_____. The Mediation of Religious Experience in Cyberspace. In: **Religion and Cyberspace**. Londres: Routledge, 2005, p.15-37.

DAWSON, Lorne L.; HENNEBRY, Jenna. New Religions and the Internet: Recruiting in a New Public Space. In: DAWSON, Lorne L.; COWAN, Douglas E. **Religion Online**: Finding Faith on the Internet. Nova York: Routledge, 2004, p.151-174.

DEBRAY, Régis. História dos Quatro “M”. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (orgs.). **Para Navegar no Século XXI**: Tecnologias do Imaginário e Cibercultura. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2003, p.128-149.

ESS, Charles. The Word Online? Text and Image, Authority and Spirituality in the Age of the Internet. **Mots Pluriels**. Perth: n° 19, out. 2001. Disponível em: <<http://motspluriels.arts.uwa.edu.au/MP1901ce.html>>. Último acesso em: 13 dez. 2009.

_____. **War and Peace, East and West** – Online: A Comparison of How Different World Religious Use the Internet. No prelo, 2006. Disponível em: <http://www.hf.ntnu.no/cofu/content/charles_%20ess.pdf>. Último acesso em: 10 jan. 2011.

FAUSTO NETO, Antônio. A Igreja Doméstica: Estratégias Televisivas de Construção de Novas Religiosidades. **Cadernos IHU**, São Leopoldo, n° 7, 2004a.

- _____. A Religião do Contato: Estratégias Discursivas dos Novos Templos Mediáticos. **Diálogos Possíveis**, Salvador, ano 4, nº 1, jul.-dez. 2004b, p.39-58.
- _____. **Midiatização, Prática Social – Prática de Sentido**. Trabalho apresentado no Seminário sobre Midiatização, Rede Prosul. São Leopoldo, 2005.
- _____. **Olhares sobre a Recepção Através das Bordas da Circulação**. Trabalho apresentado no XVIII Encontro Anual da Compós – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Belo Horizonte, 2009.
- FELINTO, Erick. **A Religião das Máquinas**: Ensaio sobre o Imaginário da Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- _____. Existe a “Cibercultura”? Indicações para uma Possível Cartografia do Mundo Digital. In: **Passeando no Labirinto**: Ensaio sobre as Tecnologias e as Materialidades da Comunicação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
- _____. **“Sem Mapas para esses Territórios”**: A Cibercultura como Campo de Conhecimento. Trabalho apresentado no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos, 2007.
- FERNBACK, Jan. Internet Ritual: A Case Study of the Construction of Computer-Mediated Neopagan Religious Meaning. In: **Practicing Religion in the Age of Media**: Explorations in Media, Religion, and Culture. Nova York: Columbia University Press, 2001, p. 254-275.
- FERREIRA, Cláudia Andréa Prata; FERREIRA, Paula Andréa Prata. **Do Púlpito à Web: Uma Eclésia no Mundo Virtual**. Trabalho apresentado no II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial – II Lihed. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/byprata/do-plpito-web-uma-eclsia-no-mundo-virtual>>. Último acesso em 21 jun. 2010.
- FERREIRA, Jairo. **Notas de uma Auto-Análise a Partir de um Olhar Sobre o Método**. Trabalho apresentado no XVIII Encontro Anual da Compós – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Belo Horizonte, 2009.
- FLUSSER, Vilém. **O Mundo Codificado**: Por uma Filosofia do Design e da Comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- _____. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- _____. **A Ordem do Discurso**: Aula Inaugural no Collège de France, Pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 2008.

- GASPARETTO, Paulo Roque. **Midiatização da Religião: Processos Midiáticos e a Construção de Novas Comunicades de Pertencimento: Estudo sobre a Recepção da TV Canção Nova.** 459 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2009.
- GOMES, Pedro Gilberto. Processos Midiáticos e Construção de Novas Religiosidades: Dimensões Históricas. **Cadernos IHU**, São Leopoldo, nº 8, 2004.
- _____. O Processo de Midiatização da Sociedade e sua Incidência em Determinadas Práticas Sociossimbólicas na Contemporaneidade: A Relação Mídia e Religião. In: FAUSTO NETO, Antônio et al. (orgs). **Midiatização e Processos Sociais na América Latina.** São Paulo: Paulus, 2008.
- _____. **Da Igreja Eletrônica à Sociedade em Midiatização.** São Paulo: Paulinas, 2010.
- _____. **Esboço para o Projeto de Pesquisa para 2010.** Buscando o objeto para encontrar a metodologia (ou fenomenologia da midiatização). São Leopoldo, 2009. No prelo.
- GRIENTI, Vincenzo. **Chiesa e Web 2.0: Pericoli e Opportunità in Rete.** Cantalupa: Effatà Editrice, 2009.
- GRIMES, Ronald L. Ritual and the Media. In: **Practicing Religion in the Age of Media: Explorations in Media, Religion, and Culture.** Nova York: Columbia University Press, 2001, p. 219-234.
- GUTIÉRREZ, Eduardo. Leer Digital: La Lectura en el Entorno de las Nuevas Tecnologías de la Información y la Comunicación. **Signo y Pensamiento**, Bogotá, nº. 54, vol. XXVIII, jan.-jul. 2009, p.144-163. Disponível em <http://recursostic.javeriana.edu.co/cyl/syp/index.php?option=com_booklibrary&task=view&id=123&catid=29&Itemid=48>. Último acesso em 25 fev. 2011.
- HARTMANN, Atílio. Religiosidade Midiática: Uma Nova Agenda Pública na Construção de Sentidos?. **Cadernos IHU**, São Leopoldo, nº 9, 2004.
- HERRING, Debbie. Virtual as Contextual: A Net News Theology. In: **Religion and Cyberspace.** Londres: Routledge, 2005, p.149-165.
- HOOVER, Stewart M.; CLARK, Lynn Schofield. **Practicing Religion in the Age of Media: Explorations in Media, Religion, and Culture.** Nova York: Columbia University Press, 2001.
- HØJSGAARD, Morten T. Cyber-religion: On the Cutting Edge Between the Virtual and the Real. In: **Religion and Cyberspace.** Londres: Routledge, 2005, p.50-63.
- HØJSGAARD, Morten T.; WARBURG, Margit. **Religion and Cyberspace.** Londres: Routledge, 2005a.

- _____. Introduction: Waves of Research. In: **Religion and Cyberspace**. Londres: Routledge, 2005b, p.1-11.
- JACOBS, Stephen. Virtually Sacred: The Performance of Asynchronous Cyber-Rituals in Online Spaces. **Journal of Computer-Mediated Communication**, 12 (3), artigo 17, 2007. Disponível em <<http://jcmc.indiana.edu/vol12/issue3/jacobs.html>>. Último acesso em 26 jul. 2010.
- JUNGBLUT, Airton Luiz. Os evangélicos brasileiros e a colonização da internet. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano IV, nº. 4, p. 149-166, out. 2002. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaiseReligiao/article/view/2250/955>>. Último acesso em 21 jun. 2010.
- KERCKHOVE, Derrick de. **A Pele da Cultura**: Investigando uma Nova Realidade Eletrônica. São Paulo: Anablume, 2009.
- _____. Prólogo. In: _____. **Inteligencias en Conexión**: Hacia Una Sociedad de la Web. Barcelona: Gedisa, 1999, p.17-28.
- LAWRENCE, Bruce B. Allah On-Line: The Practice of Global Islam in the Information Age. In: **Practicing Religion in the Age of Media**: Explorations in Media, Religion, and Culture. Nova York: Columbia University Press, 2001, p. 237-253.
- LIBÂNIO, João Batista. **A Religião no Início do Milênio**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- LEMONS, André. Ciber-Flânerie. In: SILVA, Dinorá Fraga da; FRAGOSO, Suely. **Comunicação na Cibercultura**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.
- LENOIR, Timothy. Biotécnica, Nootécnica e Nanotécnica: Desafios para as Ciências Humanas. In: NEUTZLING, Inácio; ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de (orgs.). **Uma Sociedade Pós-Humana**: Possibilidades e Limites das Nanotecnologias. São Leopoldo: Unisinos, 2009, p.153-182.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- _____. A Revolução Contemporânea em Matéria de Comunicação. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (orgs.). **Para Navegar no Século XXI**: Tecnologias do Imaginário e Cibercultura. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2003, p.183-204.
- LUHMANN, Niklas. **Sistemi Sociali**: Fondamenti di una Teoria Generale. Bolonha: Il Mulino, 1990.
- LUHMANN, Niklas; DE GIORGI, Raffaele. **Teoria della Società**. Milão: Franco Angeli, 1996.
- MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

- MANOVICH, Lev. **The Language of New Media**. London: The MIT Press, 2000.
- MARCHESINI, Roberto. Uma Hermenêutica para a Tecnociência. In: NEUTZLING, Inácio; ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de (orgs.). **Uma Sociedade Pós-Humana: Possibilidades e Limites das Nanotecnologias**. São Leopoldo: Unisinos, 2009, p.153-182.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. In: **Línguas e Instrumentos Lingüísticos**, v. 3, Campinas, 1999. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/~fontes/ln2sem2006/17Marcus.pdf>>. Último acesso em: 25 jul. 2010.
- MARTELLI, Stefano. **A Religião na Sociedade Pós-Moderna: Entre Secularização e Dessecularização**. São Paulo: Paulinas, 1995.
- MATA, Maria Cristina. De la Cultura Masiva a la Cultura Mediatica. **Dialogos de la Comunicación**, Lima, n. 56, out. 1999, p. 80-91.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **De Máquinas e Seres Vivos: Autopoiese, a Organização do Vivo**. 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- MORIN, Edgar. **O Método 1: A Natureza da Natureza**. 3ª ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1997.
- _____. Da necessidade de um pensamento complexo. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (orgs.). **Para navegar no século XXI: Tecnologias do Imaginário e Cibercultura**. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2003, p.13-36.
- _____. **Elogio da metamorfose**. Le Monde, Paris, 09 jan. 2010. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=28829>. Último acesso em 28 jul. 2010. Tradução do original em francês.
- _____. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 5ª ed. Lisboa: Instituto Piaget Editora, 2008.
- O'LEARY, Stephen D. Cyberspace as Sacred Space: Communicating Religion on Computer Networks. In: DAWSON, Lorne L.; COWAN, Douglas E. **Religion Online: Finding Faith on the Internet**. Nova York: Routledge, 2004, p.37-58.
- _____. Utopian and Dystopian Possibilities of Networked Religion in the Mew Millennium. In: **Religion and Cyberspace**. Londres: Routledge, 2005, p.38-49.
- OLIVEIRA, Luiz Alberto. Cibercentauros: Sobre a Possível Hibridização entre Homens e Máquinas. In: NEUTZLING, Inácio; ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de (orgs.). **Uma Sociedade Pós-Humana: Possibilidades e Limites das Nanotecnologias**. São Leopoldo: Unisinos, 2009, p.101-122.

- PEIRANO, Mariza G.S. **A Análise Antropológica de Rituais**. In: _____. (org.) **O Dito e o Feito**. Ensaios de Antropologia dos Rituais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. Disponível em: <<http://vsites.unb.br/ics/dan/Serie270empdf.pdf>>. Último acesso em: 26 jul. 2010.
- PEÑA, Luis Alfonso Ramírez. Las Limitaciones de la Comunicación y la Interpretación. Discurso y Hermenéutica. **Signo y Pensamiento**, Bogotá, n°. 57, vol. XXIX, jul.-dez. 2010, p.142-161. Disponível em <http://recursostic.javeriana.edu.co/cyl/syp/index.php?option=com_booklibrary&task=view&id=279&catid=37&Itemid=48>. Último acesso em 25 fev. 2011.
- _____. **Rituais Ontem e Hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2003.
- PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. **Igreja e Internet**. Disponível em <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20020228_church-internet_po.html>. Último acesso em 03 abr. 2010.
- RAMONET, Ignacio. Una Gran Mutación. In: _____. **La Post-Televisión**. Multimedia, Internet y Globalización Económica. Barcelona: Içaria Antrazyt, 2003, p.7-15.
- RORTY, Richard; VATTIMO, Gianni; ZABALA, Santiago (Orgs.). **O Futuro da Religião: Solidariedade, Caridade e Ironia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2006.
- ROSNAY, Joël de. Un Cambio de Era. In: _____. **La Post-Televisión**. Multimedia, Internet y Globalización Económica. Barcelona: Içaria Antrazyt, 2003a, p.17-32.
- _____. O Salto do Milênio. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (orgs.). **Para Navegar no Século XXI: Tecnologias do Imaginário e Cibercultura**. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2003b, p.205-211.
- RÜDIGER, Francisco. **Elementos para a Crítica da Cibercultura**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.
- _____. **Introdução às Teorias da Cibercultura: Perspectivas do Pensamento Tecnológico Contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- SANCHOTENE, Carlos. **Religi@o 2.0: A Construção do Ethos Discursivo da IURD e dos Fiéis por meio da Circulação de Sentidos Religiosos na Internet**. 114 p. Trabalho apresentado para o Exame de Qualificação (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2010.
- SANTAELLA, Lucia. Substratos da Cibercultura. In: **Culturas e Artes do Pós-Humano: Da Cultura das Mídias à Cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

- _____. **Navegar no Ciberespaço: O Perfil Cognitivo do Leitor Imersivo.** São Paulo: Paulus, 2004.
- SBARDELOTTO, Moisés. **Do Papel aos Bits: As Alternativas do Jornalismo Independente Contemporâneo.** 2006. 96 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo). Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, RS, 2006.
- _____. **A religião e as eleições: Um debate medieval. Entrevista especial com Moisés Sbardelotto.** São Leopoldo, 2010. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=37547>. Último acesso em 30 abr. 2011.
- _____. Um Mundo de Religiões: As Possibilidades para um Convívio Pacífico. **Cadernos IHU em Formação**, São Leopoldo, v. 39, p. 4-5, 2010.
- _____. **Entre Bits e Pixels: Uma Análise Processual e Sistêmica da Comunicação em Rituais Católicos Online.** In: XXXIII Congresso Nacional de Ciências da Comunicação - Intercom, 2010, Caxias do Sul - RS. Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom, 2010.
- _____. **Interações em Rituais Online: A Mídiação do Fenômeno Religioso na Internet.** In: XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 2010, Novo Hamburgo - RS. Anais do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 2010.
- SCOLARI, Carlos. **Hacer Clic: Hacia una Sociosemiótica de las Interacciones Digitales.** Barcelona: Gedisa, 2004.
- SCOTT, Lasch. Formas Tecnológicas de Vida; Teoria Mediática. In: _____. **Crítica de La Información.** Buenos Aires: Amorrortu, 2005, p.39-58; p.119-138.
- SIBILIA, Paula. A Tecnociência Contemporânea e a Ultrapassagem de Limites: Uma Mutação Antropológica?. In: NEUTZLING, Inácio; ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de (orgs.). **Uma Sociedade Pós-Humana: Possibilidades e Limites das Nanotecnologias.** São Leopoldo: Unisinos, 2009, p.123-140.
- SÍNODO DOS BISPOS. XII Assembleia Geral Ordinária. **A Palavra de Deus na Vida e na Missão da Igreja.** Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20070427_lineamenta-xii-assembly_po.html>. Último acesso em 13 jan. 2009.
- VATTIMO, Gianni. **Acreditar em Acreditar.** Lisboa: Relógio D'Água, 1996.

- VERÓN, Eliséo. Esquema para el Analisis de la Mediatización. **Diálogos de la Comunicación**. Lima, nº. 48, out. 1997.
- _____. Conversación sobre el futuro. In: **Espacios Mentales: Efectos de Agenda 2**. Barcelona: Gedisa, 2002.
- _____; BOUTAUD, Jean-Jacques. Del Sujeto a los Actores: La Semiótica Abierta a las Interfaces. In: **Sémiotique Ouverte: Itinéraires Sémiotiques em Communication**. Tradução de Gastón Cingolani. Paris: Lavoisier, Hermès Science, 2007.
- VIRILIO, Paul. O Resto do Tempo. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (orgs.). **Para navegar no século XXI: Tecnologias do Imaginário e Cibercultura**. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2003, p.105-110.
- WILLER, Hildegard. Santuarios Virtuales: La Mediatización del Espacio Sagrado en Internet. Tras las Huellas (Digitales) de Dos Santos Peruanos. In: BARBERO, Jesús Martin et al. **Lo Sagrado y los Medios de Comunicación: Efímero y Transcendente**. Pueblo Libre: Fondo Editorial, 2009, p.73-84.
- YOUNG, Glenn. Reading and Praying Online: The Continuity of Religion Online and Online Religion in Internet Christianity. In: DAWSON, Lorne L.; COWAN, Douglas E. **Religion Online: Finding Faith on the Internet**. Nova York: Routledge, 2004, p.93-106.

ANEXOS

UOL ASSINE 0800 703 3000 BUSCAR BATE-PAPO E-MAIL SAC SHOPPING ÍNDICE PRINCIPAL


 quem somos
 cadastro
 anuncie
 loja

projetos sociais
 balanço social
 parceiros
 fale conosco


O SUBMARINO ESTÁ PRESENTE NO MAIOR FESTIVAL DE MÚSICA DO MUNDO




LIGUE AMAI-VOS
 (21)2507-1700

Jornalismo Cultura Serviços

Busca

PADRE ON-LINE

Cadastre-se!

Serviços Culturais e Religiosos

Orientações On-line

- Afrodscendentes
- Ateu
- Budismo
- Espiritual
- Indígenas
- Judaísmo
- Padre
- Pastor
- Sheikh
- Vocacional

Outros Serviços

- Acorão Online
- Bíblia Online
- Oratório Online
- Paróquias
- Torá Online

Serviços Sociais

Colunistas

Jornalismo

COLUNAS
 André Urani
 Dom Eugênio Sales
 Dom Eusébio Sheid
 Dom Orani Tempesta
 Eduardo Machado
 Faustino Teixeira
 Frei Betto
 Leonardo Boff
 Luis Eduardo Soares
 Luiz Alberto Gómez de Souza
 Luiz Paulo Horta
 Marcelo Barros
 M^ã Clara Bingemer
 Pastor Eduardo R. Pedreira
 Rabino Nilton Bonder
 Rodrigo Torres

Pergunta:
Moro longe da igreja 85km, assisto a Santa Missa todo domingo pela TV Aparecida, gostaria de participar da santa Missa todo dia mas é impossível então comprei um pacote de hostias e um litro de vinho, então coloco 5 hostias para mim, meus pais e avós e uma taçinha com um pouquinho de vinho e uma gota de agua, oferecendo este sacrificio junto com o celebrante da TV. Gostaria de saber se o meu sacrificio é valido e se pela fé a nossa hostia tambem se tranforma no Santissimo Sacramento como a da TV. Nós nos confessamos e temos o maior respeito e carinho com a nossa celebração em casa, com sanguineo, corporal e muito respeito e fé. Muito Obrigado Fabio Santana.

Resposta:
 Caro amigo, comoveu-me seu depoimento. Voce simplesmente está experimentando o que os primeiros cristãos faziam. A Eucaristia, nos primeiros séculos era mais ou menos como vocês estão fazendo. "Fazei isto em memória de mim, ou seja, para celebrar minha memória", é a memória da Santa Ceia, quando Jesus pegou o pão... depois pegou o vinho... Só tem uma coisa, é que o gesto de vocês é realmente apenas uma memória, e a eucaristia celebrada na comunidade, com o ministro consagrado (sacerdote) é memória e é presença. Ou seja, falando claro, vocês vivem uma representação, na fé, muito bonita e louvável, mas não comungam sacramentalmente. Comungam sim, espiritualmente, com toda a comunidade dos cristãos que celebram a eucaristia da tradição apostólica, de Pedro, dos doze, e dos bispos e sacerdotes consagrados. Mas, estou certo, vocês estão antecipando a Igreja do futuro. Só Deus sabe... só quem viver vai ver. Misteriosamente a nossa Igreja dá passos seguros e lentos para estas coisas. Felizmente por um lado, mas poderia acompanhar melhor o "sinal dos tempos". Hoje em dia até operações delicadas são feitas através da TV... da Internet... Enquanto não tivermos a humildade de aceitar as mediações da técnica, estaremos empre a reboque da história. E a história hoje progride cinquenta anos em um ano. Gostaria de continuar este papo, pois acho que vocês realmente estão abrindo uma esperança de sacramentalidade diferente nos estilos mas igualzinho na essência.

Anexo A – Pergunta de leitor no serviço “Padre Online” do site Amai-voS